

ENSINO MÉDIO
PRÉ-VESTIBULAR

INT

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

2



Poliedro
Sistema de Ensino

COLEÇÃO PV

Copyright © Editora Poliedro, 2022.

Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal, Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ISBN 978-65-5613-200-6

Presidente: Nicolau Arbex Sarkis

Autoria: Cesar Ceneme

Edição de conteúdo: Juliana Grassmann dos Santos, Ana Paula Enes, Julia da Rosa Silva, Letícia Mariane S. Paiva e Mariana Castelo Queiroz Toledo

Edição de arte: Christine Getschko, Daniella de Romero Pecora, Bruna Fava, Lourenzo Acunzo, Jaime Xavier, Nathalia Laia e Alexandre Bueno

Design: Adilson Casarotti

Licenciamento e multimídia: Leticia Palaria de Castro, Danielle Navarro Fernandes e Vitor Hugo Medeiros

Revisão: Rosangela Carmo Muricy, Bianca da Silva Rocha, Bruno de Oliveira Freitas, Ellen Barros de Souza, Ingrid de Souza Lourenço, Sara de Jesus Santos e Thiago Marques

Impressão e acabamento: PifferPrint

Créditos de capa e frontis: Luciano Joaquim/Shutterstock.com

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as imagens presentes nesta obra didática. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos, colocamo-nos à disposição para avaliação e consequentes correção e inserção nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos no Art. 28 da Lei 9.610/98.



Poliedro Sistema de Ensino

T. 12 3924-1616

sistemapoliedro.com.br

Sumário

5 Relações de sentido textual 5

- Sentido implícito, **6**
- Ambiguidade textual, **7**
- Elementos geradores de humor, **12**
- Revisando, **15**
- Exercícios propostos, **19**
- Texto complementar, **31**
- Resumindo, **32**
- Quer saber mais?, **32**
- Exercícios complementares, **33**
- BNCC em foco, **42**

6 Relações de intertextualidade 43

- Intertextualidade, **44**
- Provérbios e ditados populares, **48**
- Relações entre linguagem verbal e não verbal, **49**
- Revisando, **50**
- Exercícios propostos, **56**
- Texto complementar, **68**
- Resumindo, **68**
- Quer saber mais?, **69**
- Exercícios complementares, **69**
- BNCC em foco, **78**

7 Variação linguística 79

- Variedades linguísticas, **80**
- Oralidade, **81**
- Tipos de variação linguística, **83**
- Preconceito linguístico, **85**
- Revisando, **87**
- Exercícios propostos, **89**
- Texto complementar, **96**
- Resumindo, **97**
- Quer saber mais?, **97**
- Exercícios complementares, **97**
- BNCC em foco, **106**

8 Tipos de questões 107

Tipos de questões, **108**

Relações de leitura, **108**

Revisando, **114**

Exercícios propostos, **117**

Texto complementar, **122**

Resumindo, **122**

Quer saber mais?, **122**

Exercícios complementares, **123**

BNCC em foco, **129**

Gabarito 131



FRETE ÚNICA

CAPÍTULO

5

Relações de sentido textual

A charge é um texto multissemiótico que frequentemente utiliza a crítica para ampliar sua capacidade persuasiva. Na charge de Angeli, uma leitura superficial possibilita ao leitor perceber uma das críticas presentes nela: há muitas pessoas em situação de rua no Brasil. Uma leitura mais atenta permite ao leitor perceber uma segunda crítica feita pelo autor: ao dizer que não terão “mais problemas de moradia”, é possível concluir que a situação de abandono vivida pelo personagem é tão desumanizadora que ele chega a dizer que pontes e viadutos representam uma opção viável para abrigar sua família. Essa segunda crítica exige que o leitor infira a mensagem implícita na fala da personagem. Neste capítulo, estudaremos os sentidos implícitos e como eles atribuem sentido, ambiguidade e humor a um texto.

Sentido implícito

Imagine a seguinte situação: você está em um ponto de ônibus e uma pessoa que aparenta ter pressa se aproxima. Em seguida, ela pergunta se você possui relógio. Provavelmente, você não irá responder algo como “sim, eu tenho” ou “como você sabe?”. Considerando o contexto da pergunta, você irá concluir que a pessoa quer saber a hora, mesmo que ela não tenha perguntado isso de forma direta. Embora se trate de uma situação banal, isso nos ajuda a compreender o que é o sentido implícito em uma mensagem.

Considera-se que implícito é aquele sentido que não está dito, ou seja, não está enunciado claramente, mas foi transmitido no discurso. Muitas vezes, há informações implícitas que são um pouco menos subentendidas ou mais facilmente percebidas, como no caso da primeira crítica feita na charge apresentada na abertura do capítulo. Em outras situações, porém, as ideias implícitas são fundamentais para a compreensão de uma mensagem e, sem inferi-las, pode parecer que o texto não tem sentido ou que é impossível compreendê-lo completamente. Pensando nisso, veja a seguinte tirinha de André Dahmer:



O efeito de humor da tirinha nasce na passagem do segundo para o terceiro quadro. A resposta para a pergunta feita pela personagem do primeiro quadro está implícita no contexto e sem reconhecê-la é impossível compreender completamente o sentido do texto. Considerando o contexto e munido de certos conhecimentos prévios (história do Brasil, do avião, das invenções), o leitor pode se lembrar de que o avião foi inventado por um brasileiro, Santos Dumont. Tal informação implícita reforça a tese levantada pela personagem do primeiro quadro e é um contraponto à resposta da personagem do segundo quadro.

Assim, é possível perceber como o sentido implícito pode ser usado para produzir humor no texto. Há outros efeitos de sentido gerados por ele, e eles serão explorados a seguir.

Tipos de sentido implícito

Pressuposto

É o sentido implícito mais facilmente percebido em uma sentença, na maioria dos casos. É gerado pelo emprego de uma palavra ou expressão no enunciado e, por conta disso, o enunciador da mensagem não pode negar que o tenha comunicado. Para compreender o pressuposto, analise os exemplos a seguir.

Exemplo 1:

Um professor se aproxima do aluno e pergunta:

– Você está fora da sala de aula **novamente**?

Exemplo 2:

Apressados, dois jovens arrumam as malas para uma viagem. Um deles diz:

– Precisamos sair, porque o motorista **ainda** está nos aguardando. Não podemos fazê-lo esperar **mais uma vez**.

Nos dois exemplos, os termos destacados carregam sentidos implícitos fundamentais para a interpretação dos enunciados. No primeiro, o advérbio **novamente** transmite a ideia de que aquele aluno já havia deixado de assistir às aulas outras vezes e de que o professor tinha ciência disso. No segundo, o advérbio **ainda** transmite a ideia de que o motorista está aguardando os jovens há certo tempo; por sua parte, a locução adverbial **mais uma vez** permite ao leitor interpretar que ambos já o tinham feito esperar em pelo menos uma outra ocasião. Nenhuma dessas informações está expressa nos exemplos, mas é possível inferi-las com razoável facilidade.

Em todos os exemplos vistos até aqui, os enunciadores das mensagens não podem negar os pressupostos nelas comunicados, pois eles estão marcados textualmente no enunciado. Tendo compreendido como os mecanismos internos de uma sentença produzem o sentido pressuposto, veja o exercício resolvido a seguir.

Exercício resolvido

1. Fuvest-SP 2014 (Adapt.)

No poema “Sentimento do mundo”, que abre o livro homônimo de Carlos Drummond de Andrade, dizem os versos iniciais:

Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,

Considerando esses versos no contexto da obra a que pertencem, responda ao que se pede.

Que desejo do poeta fica pressuposto no verso “Tenho apenas duas mãos”?

Resolução:

A correta interpretação do poema requer a interpretação de um advérbio fundamental por carregar sentido pressuposto: apenas.

Esse vocábulo é usado para expressar um sentimento de solidão experimentado pelo eu lírico, que reconhece as próprias limitações e revela o desejo de que mais pessoas se unam a ele. Desse modo, o sentido pressuposto mostra-se como um importante mecanismo de compreensão do poema, pois nos permite interpretar o sentimento de impotência do eu lírico ao mesmo tempo que reforça a necessidade de união e cooperação entre as pessoas.

Estabelecendo relações

Embora a resolução da questão anterior seja elaborada considerando-se o advérbio “apenas”, é possível compreender de forma mais aprofundada o poema a partir do seu contexto histórico.

Escrito em um período bastante conturbado da história mundial, o livro *Sentimento do mundo* nasce em meio a uma sensação de pessimismo muito forte que crescia na sociedade, sobretudo na visão de Drummond. Esse sentimento se devia principalmente ao início da Segunda Guerra Mundial, sendo que o livro foi publicado em 1940, momento em que o conflito se intensificava e trazia consequências inomináveis em todos os continentes. Além de *Sentimento do mundo*, outros textos do Modernismo brasileiro basearam-se nesse triste capítulo da história humana e o verteram em um tecido literário capaz de sensibilizar profundamente as pessoas, como os poemas “Os homens gloriosos” e “Guerra”, ambos de Cecília Meireles.

Tendo visto todos esses exemplos, pode-se concluir que os advérbios e as locuções adverbiais são os principais mecanismos para criar uma informação pressuposta. Veja, então, a tabela a seguir com mais alguns exemplos:

Advérbio	Exemplo	Análise
Hoje	Não estou me sentido bem hoje.	Provavelmente ontem eu me sentia bem e devo me sentir melhor amanhã.
Sempre	Pode contar sempre comigo.	Você pôde contar comigo até hoje e poderá fazê-lo no futuro.
Jamais	Eu jamais iria dizer não para você.	Até hoje, nunca te disse “não” e garanto continuar agindo da mesma forma.
Aqui	Aqui no bairro todas as esquinas são arborizadas.	Em outros bairros, as esquinas provavelmente não são arborizadas.
Felizmente	Ele conseguiu parar de fumar, felizmente.	Eu não gostava que ele fumasse e estou feliz por ele ter conseguido parar.

Subentendido

Diferentemente do pressuposto, o subentendido não é marcado em uma palavra ou expressão do enunciado e surge apenas em contexto. Por esse motivo, é mais difícil percebê-lo e sua interpretação exige mais atenção do leitor. Considerando esses aspectos, pode-se dizer que o subentendido pode ser negado pelo enunciador. Veja os exemplos a seguir.

Exemplo 1

Um jovem se aproxima de outro no corredor de uma faculdade e pergunta:

- Você tem isqueiro?
- Não, não tenho. E não é permitido fumar em lugares fechados.
- Eu não fumo. Quero o isqueiro para levar ao laboratório de química.

Esse desencontro dialogal ocorre porque o segundo rapaz subentende, a partir da pergunta inicial, que o primeiro

precisava do isqueiro para acender um cigarro. O desfecho, porém, gera um aspecto de ambiguidade: pode-se dizer que o primeiro rapaz realmente queria o isqueiro para uma aula de química ou que ele disse isso apenas porque se sentiu afrontado pela advertência do colega.

Exemplo 2

Dois amigos se dirigem a uma loja de roupas. Um deles se interessa por uma camiseta e prova a peça com a intenção de comprá-la. Em seguida, pede uma opinião ao colega:

- Acho que ela está muito apertada. O que você acha? Ficou muito justa?
- A cor dela é linda.
- Como assim? Não precisa desconversar... Se você acha que ficou muito apertada, pode me falar.

De modo semelhante à sentença anterior, o sentido implícito gera uma ambiguidade. Pode-se subentender que a resposta do rapaz foi esquivada porque ele julgou que a camiseta era muito apertada, mas não queria ofender o colega. Ou, ainda, é possível imaginar que sua resposta foi, na realidade, sarcástica porque a roupa estava demasiadamente justa. Finalmente, há ainda uma terceira opção interpretativa: talvez o rapaz tenha respondido isso apenas porque realmente gostou tanto da cor que sequer prestou atenção ao tamanho da peça. Em qualquer uma das opções, entretanto, o rapaz pode negar que quis dizer que a roupa era apertada.

Esses exemplos, portanto, nos ajudam a diferenciar pressuposto e subentendido da seguinte forma:

Tipos de implícito	
Pressuposto	Subentendido
É marcado pela presença de uma ou mais palavras (quase sempre, um advérbio ou uma locução adverbial).	É marcado pelo contexto da sentença, o que pode gerar diversas possibilidades de interpretação.
Por se tratar de um sentido gerado na própria sentença, não pode ser negado pelo enunciador.	Por se tratar de um sentido gerado apenas no contexto, pode ser negado pelo enunciador.

Atenção

Subentendidos são criados no campo da insinuação. Por esse motivo, é muito comum que, ao flertar com alguém, as pessoas façam uso desse tipo de implícito. Assim, se o flerte não for aceito, é possível não se sentir desconfortável com a negativa da outra pessoa.

Ambiguidade textual

A ambiguidade textual corresponde a uma construção que permite ao leitor **duas ou mais** interpretações de um mesmo enunciado, que podem ou não ser verossímeis. Há diversas construções ambíguas que desafiam a lógica e, assim, possibilitam ao leitor descartar um dos seus sentidos. É o caso das sentenças ficcionais a seguir:

Sentença 1 – Manchete de um grande jornal digital:
Jovem procura filho sequestrado **pela internet**.

Sentença 2 – Placa de um pensionato na cidade de São Paulo:

Temos vagas para rapazes **com refeição**.

As duas sentenças geram sentidos bastante absurdos, que chegam a ser cômicos. Vamos interpretá-las com cuidado.

Na sentença 1, o que o jornalista pretendeu dizer é que, pela internet, um jovem tem procurado seu filho sequestrado. Porém, a ordem dos termos possibilita interpretar que o rapaz foi sequestrado pela internet, ou seja, o sequestrador é a internet! Na sentença 2, ocorre algo semelhante: a intenção do anunciante é dizer que as vagas oferecidas contemplam refeições para os locatários. O problema surge, novamente, pela má ordenação dos termos, o que viabiliza interpretar que a vaga é exclusiva para pessoas que tragam refeições consigo!

Em ambos os casos, as sentenças podem ser interpretadas de duas formas, ainda que uma dessas formas seja absurda e inverossímil. Mesmo assim, o enunciado é considerado ambíguo. Por isso, lembre-se: a ambiguidade pode gerar múltiplos sentidos, ainda que algum deles seja descartado pelo contexto. Nesses casos, a **ambiguidade não foi intencional** e caracteriza, portanto, um **problema textual**.

Há casos, porém, em que a **ambiguidade é intencional** e surge determinado efeito de sentido no enunciado – como humor, ênfase, crítica, entre outros. Em situações como essas, ela deve ser considerada como uma **virtude textual**. Para exemplificar, leia a propaganda a seguir, criada por uma empresa da área de logística:

A gente anda na linha para levar sua empresa mais longe
Mudamos o jeito de transportar contêineres no Brasil e no Mercosul. Através do modal ferroviário, oferecemos soluções logísticas econômicas, seguras e sustentáveis.

A **expressão andar na linha**, dentro desse contexto, pode ser interpretada de duas formas diferentes: em sentido literal, faz menção ao ramo de logística do anunciante e significa “mover-se por trilhos”; em sentido figurado e informal, porém, é equivalente a “comportar-se de modo adequado”, o que gera humor no texto.

Na maioria dos casos, ambiguidades estruturadas propositalmente são criadas pela **semântica** da sentença. Quando geradas acidentalmente, a estrutura **sintática** da sentença foi mal formulada. Esses dois tipos de ambiguidade serão abordados a seguir.

Ambiguidade semântica

A ambiguidade semântica é criada a partir do contexto do enunciado. Muitas vezes, o enunciador pretende criar esse tipo de ambiguidade e busca um efeito de sentido com ela. Por conta disso, certos gêneros textuais, como a tirinha, a charge e a propaganda, por exemplo, costumam fazer uso desse tipo de ambiguidade. Para compreender esse conceito, leia o exercício resolvido a seguir o qual apresenta uma charge que faz uso da ambiguidade de modo proposital.

Exercício resolvido

2. Enem 2012



Disponível em: www.ivancabral.com.
Acesso em: 27 fev. 2012.

O efeito de sentido da charge é provocado pela combinação de informações visuais e recursos linguísticos.

No contexto da ilustração, a frase proferida recorre à

- polissemia, ou seja, aos múltiplos sentidos da expressão “rede social” para transmitir a ideia que pretende veicular.
- ironia para conferir um novo significado ao termo “outra coisa”.
- homonímia para opor, a partir do advérbio de lugar, o espaço da população pobre e o espaço da população rica.
- personificação para opor o mundo real pobre ao mundo virtual rico. E antonímia para comparar a rede mundial de computadores com a rede caseira de descanso da família.

Resolução: A

Perceba que o humor da tirinha, repleto de sarcasmo, é originado na palavra **rede**. Isso porque ela pode ser associada a páginas de internet em que as pessoas criam perfis para se relacionar, ou ao tecido de pano em que toda a família está deitada na imagem. Pode-se dizer que o aspecto crítico surge da denúncia da desigualdade social feita pelo autor: há muitas pessoas que vivem privadas daquilo que todos deveriam possuir, como conforto, segurança, estabilidade, enquanto apenas uma parte da sociedade pode usufruir livremente de outros bens e serviços, como o acesso à internet. Na charge, portanto, o efeito ambíguo foi intencionado pelo autor e foi possível pela relação contextual da palavra **rede** com a imagem apresentada e pelos diferentes sentidos que a palavra **rede** pode ter. Temos, portanto, uma **ambiguidade semântica**.

A seguir, analisaremos as ferramentas usadas para criar esse tipo de ambiguidade.

Ferramentas da ambiguidade semântica

DUPLO SENTIDO

O duplo sentido corresponde a uma dupla articulação criada em uma palavra ou expressão. Essa dupla articulação pode ser criada em sentido literal ou figurado, dependendo do contexto em que ocorre. Analise a sentença a seguir:

Vejo você na primavera.

Nesse exemplo, a oração inteira pode ser duplamente articulada: em sentido literal, podemos dizer que o enunciador pretende encontrar o interlocutor nos meses da estação de primavera; entretanto, atribuindo à sentença um valor figurado, podemos concluir que essa estação do ano, em que renascem as flores, faz com que o enunciador sinta a presença do interlocutor. A segunda interpretação, portanto, possui um valor poético.

Na maioria das vezes, porém, o duplo sentido é criado com finalidade sarcástica e carrega um aspecto crítico. Para exemplificar, leia a seguinte anedota de Millôr Fernandes:

Ditadura / Democracia

A diferença entre uma democracia e um país totalitário é que numa democracia todo mundo reclama, ninguém vive satisfeito. Mas se você perguntar a qualquer cidadão de uma ditadura o que acha do seu país, ele responde sem hesitação: “Não posso me queixar”.

Millôr Fernandes, *Millôr definitivo: a bíblia do caos*.

Observe que, diferentemente do exemplo anterior, a dupla articulação de sentido pode ser feita com duas interpretações literais: na primeira, podemos dizer que a sentença “não posso me queixar” traduz uma satisfação genuína com o desempenho do governo; na segunda, essa mesma sentença reflete uma opressão ditatorial que impede opiniões negativas dos cidadãos. Ambas, portanto, podem ser lidas literalmente e mesmo assim carregam duplo sentido.

Saiba mais

Considerado um dos maiores produtores de conteúdo cultural do Brasil, Millôr Fernandes tornou-se conhecido do público principalmente por suas colunas de humor peculiar e satírico, embora possua uma extensa produção que abrange desde peças de teatro a roteiros cinematográficos. Uma de suas principais obras, *Guia Millôr da história do Brasil*, pode ser considerada essencial para compreender a visão desse prestigiado autor sobre a formação da sociedade brasileira.

POLISSEMIA

A polissemia corresponde à propriedade de um mesmo vocábulo apresentar dois ou mais sentidos previstos pelo dicionário em um mesmo verbete. Na maioria das vezes, as diferentes acepções da palavra possuem alguma ideia em comum.

Para exemplificar esse conceito, analise a tirinha de Mafalda a seguir:



Veja que o humor, de caráter crítico, é gerado a partir da palavra **veículo**. Esse vocábulo pode ter o sentido de “meio de transmissão” ou de “meio de divulgação”. Ele também pode ter o sentido de “automóvel”, “meio de locomoção”, como na sentença “Uso meu veículo para ir ao mercado”. É, portanto, uma palavra polissêmica, e a graça da tira reside no fato de que as personagens a empregam com essas acepções distintas. Veja que, independentemente do sentido da palavra, as duas acepções possuem uma ideia comum, a noção de movimento.

Na tabela a seguir, exploramos mais alguns exemplos da polissemia.

Vocábulos polissêmicos	
Farol	<p>Sentido 1: parte de um veículo. Usado para iluminar uma pista.</p> <p>Sentido 2: torre de vigia. Usado para auxiliar a navegação em regiões costeiras.</p> <p>Sentido 3: pessoa que guia outras por meio da sabedoria ou por outra virtude.</p>
Boca	<p>Sentido 1: parte do corpo de um ser humano.</p> <p>Sentido 2: parte tubular de uma garrafa.</p> <p>Sentido 3: ponto de vendas e consumo de drogas.</p>
Espaço	<p>Sentido 1: a região que corresponde ao universo.</p> <p>Sentido 2: distância finita que separa dois objetos.</p> <p>Sentido 3: intervalo de tempo entre dois momentos distintos.</p>

HOMONÍMIA

A homonímia corresponde a uma igualdade entre palavras, sendo que estas podem apresentar o mesmo som, a mesma grafia, ou ambos ao mesmo tempo. Por serem palavras diferentes, encontram-se em verbetes distintos do dicionário.

Para compreender esse conceito, pode-se dividir o estudo das homonímias em três partes: palavras que apresentam o mesmo som, mas possuem grafias diferentes; palavras que possuem a mesma grafia, mas sons distintos; e, por fim, palavras em que o som e a grafia são iguais.

- **Homonímias por homofonia**

São vocábulos que têm o som idêntico. A forma de escrevê-los sempre é distinta. Veja a tabela com exemplos.

Homofonias	
Vocábulos	Exemplificação
Sessão / seção	<p>Sessão: espaço de tempo. Fui à sessão de cinema sozinho.</p> <p>Seção: departamento. Precisamos pedir o documento na seção de estudantes.</p>
Cela / sela	<p>Cela: cômodo de uma prisão. Coloque o prisioneiro na cela.</p> <p>Sela: assento acomodado nas costas de um cavalo. Coloque a sela no cavalo e vamos cavalgar!</p>
Assento / acento	<p>Assento: espaço reservado para sentar-se. Respeite o assento preferencial. Tenha o mínimo de educação.</p> <p>Acento: sinal gráfico usado para representar sons tônicos. Coloque o acento agudo na palavra.</p>

- **Homonímias por homografia**

São vocábulos que têm somente a grafia idêntica. O som sempre é distinto. Veja os exemplos a seguir.

Homografias	
Vocábulos	Exemplificação
Gosto	<p>Gosto: substantivo associado ao paladar. Tente mudar seu gosto para consumir menos carne vermelha.</p> <p>Gosto: flexão do verbo gostar. Gosto de ensinar a importância do vegetarianismo.</p>
Força	<p>Força: substantivo associado à robustez, ao esforço. Com força podemos conseguir!</p> <p>Força: flexão do verbo forçar. Força a tranca e ela irá quebrar.</p>

- **Homonímias perfeitas**

São vocábulos que têm tanto o som quanto a grafia idênticos. É bastante comum que gêneros como a tirinha, a charge, a propaganda, entre outros, façam uso de homonímias perfeitas. Para compreender o conceito, veja a seguir um ditado popular bastante conhecido:

Quem casa quer casa.

Esse provérbio pode ser interpretado de duas formas distintas: podemos compreender que aqueles que passam pelo matrimônio desejam possuir a própria residência, como também que aqueles que chegam à vida adulta querem liberdade para vivê-la. Em qualquer uma das leituras, porém, é importante destacar que o sentido de **casa** pode ser articulado de modos distintos. Essa articulação, inclusive, é criada a partir de classes de palavras diferentes, já que o vocábulo pode ser sinônimo do substantivo **residência** e, também, uma flexão do verbo **casar**. Assim, por uma questão de coincidência, o substantivo apresenta o mesmo som e a mesma grafia da flexão de um verbo.

Para facilitar esse conceito, veja a tabela a seguir.

Homônimos perfeitos	
Verão	Sentido 1: estação do ano em que há elevação da temperatura. Sentido 2: flexão do verbo ver .
Cola	Sentido 1: substantivo que se refere a uma substância usada para grudar partes diferente de um mesmo objeto ou de objetos distintos. Sentido 2: flexão do verbo colar .
Amo	Sentido 1: substantivo sinônimo de senhor . Sentido 2: flexão do verbo amar .

Ambiguidade sintática

A ambiguidade sintática é criada por meio da estrutura do enunciado. Geralmente o enunciador não pretende criar esse tipo de ambiguidade e, por esse motivo, ela costuma ser relacionada a um defeito textual, como visto anteriormente.

Em exames vestibulares, a ambiguidade acidental é frequentemente ilustrada em gêneros não literários, como notícias jornalísticas, artigos acadêmicos e manuais de instrução, por exemplo. Isso porque esses gêneros buscam, na maior parte das vezes, apresentar informações de forma concisa e objetiva, o que pode resultar em imprecisões textuais.

Leia, a seguir, uma manchete hipotética e tente reconhecer quais os sentidos ambíguos criados acidentalmente:

Preso vigia acusado de vazar dados sigilosos

Pode-se interpretar essa manchete de duas formas distintas: um presidiário está vigiando uma pessoa acusada, ou um vigilante foi preso sob a acusação de vazar dados sigilosos. Embora a primeira leitura pareça absurda, a sentença deve ser considerada mal estruturada. A ambiguidade, portanto, foi criada acidentalmente por imprecisão na sentença.

Compreendendo isso, veja agora quais são as estruturas imprecisas que comumente criam ambiguidade sintática.

Imprecisões da ambiguidade sintática

POSIÇÃO DE TERMOS QUALIFICADORES

Considere-se que termos qualificadores podem ser formados por adjetivos, advérbios e suas locuções. Usualmente, esse tipo de ambiguidade é criado porque dois substantivos estão antepostos a um qualificador, que pode se ligar a ambos. Veja as sentenças a seguir:

Sentença 1

O menino viu a menina **com jaqueta**.

Nessa sentença, podemos ligar o qualificador **com jaqueta** à **menina** ou ao **menino**.

Sentença 2

O prefeito foi flagrado pelo jornalista **de toalha**.

Nessa sentença, considerando apenas a sentença, não é possível concluir quem estava de toalha, se o jornalista ou o prefeito.

Sentença 3

A crise de diálogo com a China preocupa. Ela é **assunto** de economistas no mundo todo.

Nessa sentença, não é possível concluir o assunto dos economistas, pois pode ser **a China** ou **a crise de diálogo**.

POSIÇÃO PRONOMINAL

Muito semelhante à ambiguidade anterior, este tipo surge porque um pronome pode se referir simultaneamente a dois substantivos.

Veja os exemplos a seguir.

Sentença 1

O jornalista foi acusado pelo entrevistado. **Ele** estava furioso!

Nessa sentença, quem estava furioso? O jornalista ou o entrevistado?

Sentença 2

A filha da professora, **que** estudou Biologia, virá à aula.

Nessa sentença, quem estudou Biologia? A professora ou a filha dela?

Sentença 3

O jornalista perguntou ao entrevistado qual o **seu** motivo para ser feliz.

Nessa sentença, não é possível dizer com certeza se a pergunta se refere ao motivo de o entrevistado ser feliz ou se o jornalista se refere à felicidade de si mesmo.

ELIPSE

Eventualmente, elipses mal organizadas podem criar ambiguidade. Leia alguns exemplos a seguir.

Sentença 1

Nos tornamos amigos quando era chefe de cozinha.

Nessa sentença, quem era chefe de cozinha? **Eu** ou **ele**?

Sentença 2

Igual ao meu pai, tenho um sonho muito grande na vida: ser milionário.

Nessa sentença, o pai tem o mesmo sonho ou o pai é milionário?

Reorganização das ambiguidades sintáticas

É bastante comum que os exames peçam, sobretudo em questões discursivas, uma reorganização estrutural que elimine a ambiguidade da sentença.

Nos casos de imprecisão de qualificadores, deslocar os termos ambíguos já é o bastante para desfazer um dos sentidos. Reescrever a sentença com sujeito passivo também é uma saída.

Nos casos de imprecisão pronominal, porém, o mais adequado é fazer uso de sinônimos ou pronomes demonstrativos. Quando nenhuma dessas opções for viável, ainda é possível eliminar a ambiguidade com pequenas mudanças nas sentenças. Para exemplificar, veja as tabelas adiante.

Imprecisão de termos qualificadores	
Sentença 1 O menino viu a menina de jaqueta .	Primeira opção: O menino de jaqueta viu a menina. Segunda opção: A menina de jaqueta foi vista pelo menino.
Sentença 2 A crise de diálogo com a China preocupa. Ela é assunto de economistas no mundo todo.	Primeira opção: A China, assunto de economistas no mundo todo, preocupa pela crise de diálogo. Segunda opção: A crise de diálogo com o governo chinês preocupa. Ela é assunto de economistas no mundo todo.

Imprecisão pronominal	
Sentença 1 O jornalista foi acusado pelo entrevistado. Ele estava furioso!	Primeira opção: O jornalista foi acusado pelo entrevistado. Este estava furioso! Segunda opção: O jornalista foi acusado pelo entrevistado. Aquele (ou esse) estava furioso! Terceira opção: O jornalista foi acusado pelo entrevistado. O profissional estava furioso!
Sentença 2 A filha da professora, que estudou Biologia, virá à aula.	Primeira opção: A filha da professora estudou Biologia e virá à aula. Segunda opção: A professora, cuja filha virá à aula, estudou Biologia.

Elementos geradores de humor

Muitas vezes, o sentido implícito e a ambiguidade são usados para criar um efeito humorístico no texto, como em alguns exemplos vistos anteriormente. Há, porém, outros mecanismos que podem buscar o mesmo efeito, e eles serão estudados a seguir.

Antes de vê-los, entretanto, é fundamental conceituar **humor**. Grande parte das vezes essa palavra é considerada como sinônimo de comicidade, mas nem sempre essa associação é a mais adequada. Tirinhas e charges, por exemplo, sempre buscam um efeito humorístico no texto, mas nem sempre pode-se dizer que elas induziram o interlocutor ao riso. Isso ocorre porque humor não é necessariamente cômico.

Imagine uma situação em que você vai a uma consulta médica e recebe um diagnóstico de estado pré-diabético, por exemplo. Ao informar sobre o diagnóstico, a médica que conduz a consulta pode alertar sobre a importância de melhorar sua alimentação, responsabilizando-o por uma mudança de postura. Ela pode, entretanto, encerrar o atendimento de modo bem-humorado, dizendo algo como “na próxima consulta quero que você me traga uma corda, pois iremos pular juntos para testar a melhoria da sua resistência. Quero ver você ganhar de mim!”. Provavelmente, você irá sorrir após ouvir isso, mas dificilmente dará risada ao sair do consultório. Chegando em casa, você pode dizer que a médica se comportou de modo exemplar, pois deu um diagnóstico sério de modo claro, incisivo, profissional, mas bem-humorado. O motivo que o levou a sorrir no final do atendimento foi a ruptura comportamental da médica, pois ela agiu de forma respeitosa, porém inesperada, ao se despedir.

Sendo assim, considera-se que humor, nos vestibulares, poderá ou não estar associado à comicidade. Portanto, trabalha-se com a ideia de que ele é, na verdade, o resultado de uma mensagem transmitida de forma descontraída, na qual o tema abordado sofre um relaxamento por parte do enunciador. É importante ressaltar que esse efeito sempre é gerado quando não esperamos uma ruptura comportamental.

Para que esse conceito fique mais claro, veja, a seguir, a tirinha de Mafalda.



© Sucesores de Joaquín S. Lavado Tejon (QUINO), TODA MAFALDA/Fotograma

Após a leitura, dificilmente podemos acreditar que alguém esteja, de fato, rindo da tirinha. Isso porque o assunto abordado é bastante severo, tendo em vista que a falha na aplicação da democracia criou diversas desigualdades no mundo. Ao mesmo tempo, porém, é pouco provável que alguém se sinta chocado ou constrangido com o texto, visto que o assunto foi tratado de modo bem-humorado. Finalmente, podemos dizer que o efeito humorístico do texto nasceu justamente da quebra de expectativa gerada na passagem dos quadrinhos, tendo em vista que o leitor provavelmente não esperava que Mafalda passasse o restante do dia gargalhando da definição, como se fosse uma piada.

Compreendendo a forma como o humor é abordado nos exames, veja a seguir os principais mecanismos usados para criá-lo.

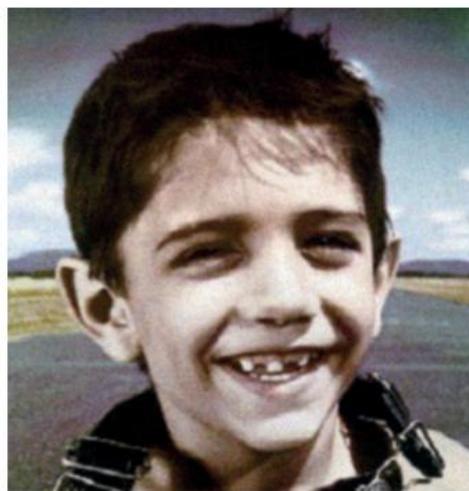
Quebra de expectativa

A quebra de expectativa é a ferramenta humorística mais comum. Trata-se do mesmo mecanismo usado na história hipotética da consulta médica e na última tirinha apresentada. Corresponde a uma ruptura na linha de raciocínio esperada pelo leitor. Ao surpreendê-lo, o texto pode gerar humor e comicidade e quanto menos esperada for a quebra, provavelmente mais efeito de humor ela terá. Na prática, qualquer elemento usado para gerar humor incorrerá em uma quebra de expectativa.

Para exemplificar, veja o exercício resolvido a seguir.

Exercício resolvido

3. Fuvest-SP



Business Intercontinental da Iberia.
Mais espaço entre as poltronas.

Viajar virou sinônimo de relaxar. Principalmente quando você tem à sua disposição uma poltrona de design ergonômico com maior capacidade para reclinar e 132 cm de espaço entre a sua poltrona e a da frente. Além disso, você conta com mais de 300 salas VIP em aeroportos no mundo todo e pode acumular e utilizar pontos no seu programa de milhagens voando com qualquer linha aérea da aliança oneworld. Business Intercontinental da Iberia. Sorria.

Neste anúncio, a imagem fotográfica associa-se mais diretamente à palavra sorria e à expressão

- a) “mais de 300 salas VIP”.
- b) “acumular e utilizar pontos”.
- c) “Mais espaço entre as poltronas”.
- d) “aeroportos no mundo todo”.
- e) “programa de milhagens”.

Resolução: C

Se o leitor não prestar muita atenção à análise da imagem, dificilmente irá compreender o motivo pelo qual a publicidade é acompanhada pela foto de uma criança sorrindo. Ao analisar a imagem com cuidado, todavia, é fácil interpretar a relação dela com o texto verbal: o menino da foto, ainda uma criança pequena, é “banguela”, ou seja, seus “dentes de leite” começaram a cair, dando lugar para os definitivos. Assim, a imagem dialoga diretamente com o título da propaganda: “Mais espaço entre as poltronas”.

Infame. Divertido. Inesperado. Independentemente do adjetivo usado para caracterizar o anúncio, não se espera uma imagem como essa acompanhando um assunto sério e, ao inseri-la, o autor produziu uma quebra de expectativa muito bem-humorada.

Leia, abaixo, mais um exemplo de como a quebra de expectativa pode levar ao humor:



Na tirinha, a quebra de linearidade textual se dá, principalmente, na passagem do segundo para o terceiro quadro, pois é inesperado a razão que o pai de Armandinho dá para a mulher que alertava contra as mudanças climáticas e que, inicialmente, ele chama de “maluca” (quadro 1). Naturalmente, a tirinha esconde um sentido crítico implícito: as pessoas não se preocuparam com as mudanças ambientais anteriormente, mesmo tendo sido alertadas há algum tempo, agora, já é possível sentir os primeiros sinais de que essas mudanças são, de fato, reais.

Os demais elementos geradores de humor que serão vistos a seguir sempre estarão subordinados à quebra de expectativa. Iremos ordená-los para facilitar sua interpretação.

Ironia

Bastante comum nos efeitos de humor é o emprego da ironia. Geralmente textos humorísticos irônicos são muito bem estruturados e revelam cuidado na produção da mensagem. Analise, a seguir, o trecho de um texto chamado “Como escrever legal”, originalmente veiculado na internet e retirado de uma questão da prova da Unicamp:

1. Evite lugares comuns como o diabo foge da cruz.
2. Nunca generalize: generalizar é sempre um erro.
3. A voz passiva deve ser evitada.

Unicamp. Caderno de questões 99. A Unicamp comenta suas provas. Disponível em: https://www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/1999/download/comentadas/LPortuguesa.pdf. Acesso em: 27 nov. 2021.

O efeito desse texto pode ser considerado cômico. Isso porque as sentenças fazem justamente o oposto do que afirmam. Temos, portanto, um comportamento irônico do autor, feito propositalmente.

Sentido implícito

Grande parte dos textos que empregam humor buscam criá-lo no plano do sentido implícito, sobretudo do subentendido. Isso ocorre porque perceber a carga implícita de um texto requer atenção do leitor, o que revela uma espécie de refinamento estrutural do texto. Considerando isso, avalie a seguinte anedota:

Um rapaz se aproxima de um caixa de uma loja de brinquedos com uma boneca em mãos. Após pagar pelo produto, ele diz ao caixa:

– Vocês podem embrulhar para presente, por favor?

- Claro. Qual a cor que o senhor deseja para o embrulho?
- É para menina.
- Sim. Mas qual a cor que o senhor quer para o embrulho?

O efeito humorístico e crítico do texto só é percebido se o leitor levar em consideração dois subentendidos: primeiro, o rapaz acredita que, por ser um presente para uma menina, a cor do embrulho precisa ser necessariamente rosa; segundo, o atendente despreza esse subentendido e surpreende o consumidor deixando implícito que não existe uma única cor de embrulho para um presente que será dado a uma garota. Com isso, a atitude do funcionário desconstrói essa imagem preconceituosa.

Ambiguidade

Outro mecanismo comum na produção do humor é a construção ambígua, sobretudo em nível semântico. Ela pode ser gerada, principalmente, por duplo sentido, embora nada impeça que uma polissemia ou homonímia seja usada para criá-la. Observe:



A construção utiliza a polissemia como elemento gerador de humor, causando o efeito cômico do texto: o menino escreveu na placa “vendo pôr do sol”, com o sentido de que ele estaria observando este momento, e o outro personagem interpreta como se a placa fosse um anúncio de venda. Essa ambiguidade, além de apresentar a comicidade do texto, também demonstra sua crítica: dar valor às coisas do dia a dia que são importantes e gratuitas.

Revisando

1. Leia a manchete e, em seguida, responda aos itens a) e b).

Antes de terminar, abril já tem recordes de mortes por Covid-19 em 8 unidades federativas

PINHEIRO, Lara. Portal G1. Bem-estar. Antes de terminar, abril já tem recordes de mortes por Covid-19 em 8 unidades federativas. 25 abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/25/antes-de-terminar-abril-ja-tem-recordes-de-mortes-por-covid-19-em-8-unidades-federativas.ghtml>. Acesso em: 23 nov. 2021.

- a) Algumas palavras geram sentidos implícitos na manchete. Indique ao menos um sentido implícito e uma das palavras responsáveis por esse efeito.

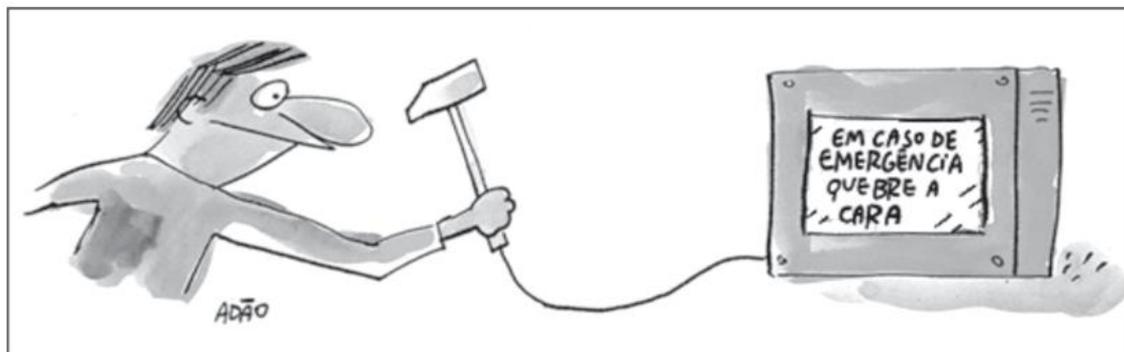
- b) Os sentidos implícitos na manchete correspondem a pressupostos ou subentendidos? Justifique sua resposta.

2. A ambiguidade é um recurso utilizado em muitas peças de publicidade, que exploram a linguagem verbal e a visual de modo a obter mais engajamento na mensagem. O exemplo a seguir é um cartaz do “Dia Mundial da Luta contra a Aids”, veiculado no ano de 2017.

Qual tipo de ambiguidade a agência de publicidade responsável pelo cartaz pretendeu com a frase “Vamos combinar?”. Explique sua resposta.



Examine o cartum para responder à questão 3.



ITURRUSGARAI, Adão. A vida como ela yeah. **Folha de S. Paulo**, ago. 2018.

3. Fuvest-SP 2019 O efeito de humor que se obtém no cartum decorre, principalmente,

- a) da expressão facial da personagem.
- b) do uso de uma ferramenta fora de contexto.
- c) da situação rotineira exposta pela imagem.
- d) da ambiguidade presente na expressão “quebre a cara”.
- e) do emprego de linguagem popular.

4. Como foi estudado neste capítulo, a homonímia também é uma importante ferramenta para a promoção de ambiguidade semântica. Julgue os casos a seguir, classificando os tipos de homonímia utilizados e identificando a classe gramatical dos homônimos.

1. Homonímias por homofonia
2. Homonímias por homografia
3. Homonímias perfeitas

■ Você sabe o **caminho** para o bloco D? _____

No verão, **caminho** na praia todos os dias. _____

■ Com o corte na verba do **censo**, a implementação de políticas públicas importantíssimas será comprometida por falta de dados. _____

O **senso** de humor do brasileiro é bastante peculiar. _____

■ Naquela manhã eu havia chegado **cedo** em casa. _____

No ônibus, **cedo** meu lugar para idosos e mulheres grávidas. _____

■ Seu **gosto**, às vezes, é muito duvidoso. _____

Eu **gosto** mais de cães do que de gatos. _____

■ Nada melhor do que um banho de **rio**, mas é preciso cuidado. _____

Eu **rio** sempre das piadas mais óbvias. _____

■ A poesia é um lindo **jogo** de palavras. _____

Eu **jogo** truco às terças-feiras com as garotas do Centro Acadêmico. _____

■ Marcamos de nos encontrar antes da **sessão** das onze. _____

Desde as eleições passadas, não descobri onde fica minha **seção** eleitoral. _____

A **cessão** de direitos autorais é regulamentada por lei. _____

■ Seu **olho** é castanho e encantador. _____

Eu sempre **olho** pela janela na hora quando pego o ônibus para a Central do Brasil. _____

■ Hoje começa o **verão** no hemisfério Norte _____

Será que eles **verão** o filme amanhã conosco? _____

■ Depois que ela partiu, após alguns metros, olhou para **trás**. _____

Ela **traz** o material enquanto os outros estudantes preparam o espaço da apresentação. _____

■ A dificuldade é achar o ponto de consistência perfeito no **molho** bechamel. _____

Eu me **molho** sempre que me meto a lavar louça sem avental. _____

■ As flores ficarão belíssimas naquele **vaso** encostado na parede. _____

“Eu **vazo** a gasolina adulterada do tanque, enquanto você limpa os bicos da injeção eletrônica”, disse o mecânico ao encarregado da oficina. _____

5. Leia com atenção os textos das manchetes e, em seguida, responda às questões.

I. Polícia prende suspeito de guardar droga em casa no Capão Redondo

LOURENÇO, Lara. Polícia prende suspeito de guardar droga em casa no Capão Redondo. *R7*, 23 jan. 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/policia-prende-suspeito-de-guardar-droga-em-casa-no-capao-redondo-23012020>. Acesso em: 24 nov. 2021.

II. Suspeito de matar jovem é preso dentro de fórum no Piauí

CARPASO, Carlienne. Suspeito de matar jovem é preso dentro do fórum no Piauí. *Cidadeverde.com*, 21 fev. 2020. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/318373/suspeito-de-matar-jovem-e-presos-dentro-de-forum-no-piaui>. Acesso em: 24 nov. 2021.

III. Marina Silva dá aval ao PSB para encaminhar candidatura

PERON, Isadora. Marina Silva dá aval ao PSB para encaminhar candidatura. *A Tarde*, 16 ago. 2014. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/politica/noticias/marina-silva-da-aval-ao-psb-para-encaminhar-candidatura-1614815>. Acesso em: 24 nov. 2021.

IV. SP: manifestantes entram em confronto com a polícia em ato pró-democracia

Paranhos, Tháís. SP: manifestantes entram em confronto com a polícia em ato pró-democracia. *Metrópoles*, 31 maio 2020. São Paulo, 31 maio. 2020.

a) Todos os textos têm mais de uma interpretação possível. Explique por que isso acontece em cada caso.

b) Na sua opinião, por qual motivo grandes veículos jornalísticos permitiram a publicação de construções com ambiguidades que podem ser relacionadas a defeitos textuais?

6. Reorganize as sentenças analisadas no exercício anterior de modo que as ambiguidades sejam eliminadas.



Leia a charge para responder à questão 7.

ONDE ESTÁ O SUJEITO?



(www.newtonsilva.com)

7. Unifesp É correto afirmar que a charge visa:

- a) apoiar a atitude dos alunos e propor a liberação geral da frequência às aulas.
- b) enaltecer a escola brasileira e homenagear o trabalho docente.
- c) indicar a deflagração de uma greve e incentivar a adesão a ela.
- d) recriminar os alunos e declarar apoio à política educacional.
- e) criticar a situação atual do ensino e denunciar a evasão escolar.

8. ESPM-SP 2014



A graça da tira decorre:

- a) da existência de “ruído” na comunicação efetuada pela esposa Helga e não entendida pelo amigo Ed Sortudo.

- b) de uma fala inabitual de Helga que, ao dirigir-se diretamente ao próprio marido, refere-se às qualidades de uma terceira pessoa.
- c) do não entendimento de um discurso ambíguo bastante comum, no qual se dirige à própria pessoa, questionando-a como se fosse uma outra.
- d) da diferença do nível de linguagem usado pelo emissor para se dirigir aos interlocutores, fato que fez sugerir a existência de dois maridos.
- e) da dificuldade de compreensão, por parte do amigo Ed Sortudo, devido aos traços de informalidade no discurso de Helga.



Leia o soneto “Nasce o Sol, e não dura mais que um dia”, do poeta Gregório de Matos (1636-1696), para responder à questão 9.

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sinta-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.

(Poemas escolhidos, 2010.)

9. **Unesp 2018** Verifica-se a ocorrência de um termo subentendido, mas citado no verso anterior, em:
- a) “Se é tão formosa a Luz, por que não dura?” (2ª estrofe)
 - b) “Como o gosto da pena assim se fia?” (2ª estrofe)
 - c) “Em contínuas tristezas a alegria.” (1ª estrofe)
 - d) “Na formosura não se dê constância,” (3ª estrofe)
 - e) “Depois da Luz se segue a noite escura,” (1ª estrofe)

10. **Fuvest-SP 2021**



Mafalda, Quino.

O efeito de humor presente nas falas das personagens decorre

- a) da quebra de expectativa gerada pela polissemia.
- b) da ambiguidade causada pela antonímia.
- c) do contraste provocado pela fonética.
- d) do contraste introduzido pela neologia.
- e) do estranhamento devido à morfologia.

Exercícios propostos

1. **Enem PPL 2019**

Slow Food

A favor da alimentação com prazer e da responsabilidade socioambiental, o *slow food* é um movimento que vai contra o ritmo acelerado de vida da maioria das pessoas hoje: o ritmo *fast-food*, que valoriza a rapidez e não a qualidade. Traduzido na alimentação, o *fast-food* está nos produtos artificiais, que, apesar de práticos, são péssimos à saúde: muito processados e muito distantes da sua natureza — como os lanches cheios de gorduras, os salgadinhos e biscoitos convencionais etc. etc.

Agora, vamos deixar de lado o *fast* e entender melhor o *slow food*. Segundo esse movimento, o alimento deve ser:

- bom: tão gostoso que merece ser saboreado com calma, fazendo de cada refeição uma pausa especial do dia;
- limpo: bom à saúde do consumidor e dos produtores, sem prejudicar o meio ambiente nem os animais;
- justo: produzido com transparência e honestidade social e, de preferência, de produtores locais.

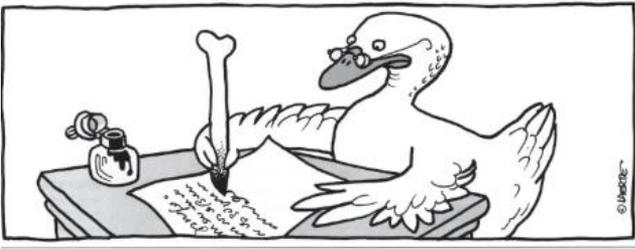
Deu pra ver que o *slow food* traz muita coisa interessante para o nosso dia a dia. Ele resgata valores tão importantes, mas que muitas vezes passam despercebidos. Não é à toa que ele já está contagiando o mundo todo, inclusive o nosso país.

Disponível em: www.maeterra.com.br. Acesso em: 5 ago. 2017.

Algumas palavras funcionam como marcadores textuais, atuando na organização dos textos e fazendo-os progredir. No segundo parágrafo desse texto, o marcador **agora**

- a) define o momento em que se realiza o fato descrito na frase.
- b) sinaliza a mudança de foco no tema que se vinha discutindo.
- c) promove uma comparação que se dá entre dois elementos do texto.
- d) indica uma oposição que se verifica entre o trecho anterior e o seguinte.
- e) delimita o resultado de uma ação que foi apresentada no trecho anterior.

2. **UEL-PR** Leia a charge e o texto a seguir e responda à questão.



(LAERTE. *Brasil: Almanaque de Cultura Popular*. São Paulo: Andreato Comunicação e Cultura, nº112, p. 34, ago. 2008.)

Para fazer parar o choro

Apesar de áspera e grossa, não há nada melhor para enxugar as lágrimas de uma mulher que uma bolsa de crocodilo.

(TORELLI, A. (Barão de Itararé). *Para fazer parar o choro*. Brasil: Almanaque de Cultura Popular. São Paulo: Andreato Comunicação e Cultura, nº 97, p. 34, maio. 2007.)

Considere as afirmativas a seguir:

- I. Um texto pode trazer, além dos enunciados explícitos, outras informações implícitas que também contribuem para a construção dos sentidos.
- II. A compreensão de um texto consiste na apreensão de suas significações possíveis, representadas, em grande parte, por meio de marcas linguísticas.
- III. Os implícitos, apesar de participarem da organização textual, não constituem aspectos importantes para a construção de sentido do texto.
- IV. Inferir é produzir informações novas a partir de informações prévias, sejam elas textuais ou não.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- b) Somente as afirmativas II e III são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.

3. Unisinos-RS

Livro bom, mesmo, é aquele de que, às vezes, interrompemos a leitura para seguir – até onde? – uma entrelinha... Leitura interrompida? Não. Essa é a verdadeira leitura continuada.

Mário Quintana

Pensamento extraído do livro “Do Caderno H”, Porto Alegre: Globo, 1973, páginas diversas. (Disponível em http://www.releituras.com/mquintana_cadernoh.asp. Acesso em 26 abr. 2012).

Considerando o conteúdo do texto e os recursos linguísticos empregados pelo autor, analise as seguintes afirmações.

- I. Para Mário Quintana, a verdadeira leitura continuada é aquela em que, às vezes, paramos para refletir sobre os implícitos que o livro apresenta.
- II. A oração “de que, às vezes, interrompemos a leitura” (...) poderia ser assim reescrita, sem prejuízo ao sentido nem infração às normas gramaticais da variante linguística culta: “de cuja leitura, às vezes, interrompemos”.

- III. As três últimas frases poderiam ser assim encadeadas, sem prejuízo ao sentido nem infração às regras da variante linguística culta: “Essa não é uma leitura interrompida, mas a verdadeira leitura continuada.”

Sobre as proposições acima, pode-se afirmar que

- a) apenas I está correta.
- b) apenas II está correta.
- c) apenas III está correta.
- d) apenas I e III estão corretas.
- e) apenas II e III estão corretas.

4. UFRGS-RS 2015

Hoje os conhecimentos se estruturam de modo fragmentado, separado, compartimentado nas disciplinas. Essa situação impede uma visão global, uma visão fundamental e uma visão complexa. “Complexidade” vem da palavra latina *complexus*, que significa a compreensão dos elementos no seu conjunto.

- 5 latina *complexus*, que significa a compreensão dos elementos no seu conjunto.
- 10 As disciplinas costumam excluir tudo o que se encontra fora do seu campo de especialização. A literatura, no entanto, é uma área que se situa na inclusão de todas as dimensões humanas. Nada do humano lhe é estranho, estrangeiro.

A literatura e o teatro são desenvolvidos como meios de expressão, meios de conhecimento, meios de compreensão da complexidade humana. Assim, podemos ver o primeiro modo de inclusão da literatura: a inclusão da complexidade humana. E vamos ver ainda outras inclusões: a inclusão da personalidade humana, a inclusão da subjetividade humana e, também, muito importante, a inclusão do estrangeiro, do marginalizado, do infeliz, de todos que ignoramos e desprezamos na vida cotidiana.

- 20 A inclusão da complexidade humana é necessária porque recebemos uma visão mutilada do humano. Essa visão, a de *homo sapiens*, é uma definição do homem pela razão; de *homo faber*, do homem como trabalhador; de *homo economicus*, movido por lucros econômicos. Em resumo, trata-se de uma visão prosaica, mutilada, que esquece o principal: a relação do *sapiens/demens*, da razão com a demência, com a loucura.

Na literatura, encontra-se a inclusão dos problemas humanos mais terríveis, coisas insuportáveis que nela se tornam suportáveis. Harold Bloom escreve: “Todas as grandes obras revelam a universalidade humana através de destinos singulares, de situações singulares, de épocas singulares”. É essa a razão por que as obras-primas atravessam séculos, sociedades e nações.

- 30 Agora chegamos à parte mais humana da inclusão: a inclusão do outro para a compreensão humana. A compreensão nos torna mais generosos com relação ao outro, e o criminoso não é unicamente mais visto como criminoso, como o Raskolnikov de Dostoiévsky, como o Padrinho de Copolla.

40 A literatura, o teatro e o cinema são os melhores meios de compreensão e de inclusão do outro. Mas a compreensão se torna provisória, esquecemo-nos depois da leitura, da peça e do filme. Então essa compreensão é que deveria ser introduzida e desenvolvida em nossa vida pessoal e social, porque serviria para melhorar as relações humanas, para melhorar a vida social.

Adaptado de: MORIN, Edgar. *A inclusão: verdade da literatura*. In: RÓSING, Tânia et al. Edgar Morin: religando fronteiras. Passo Fundo: UPF, 2004. p.13-18

Considere as seguintes afirmações referentes às marcas de pessoa e de tempo no texto.

- I. O emprego de primeira pessoa do plural, em referência exclusiva ao autor, produz um efeito de neutralidade.
- II. O emprego do advérbio **hoje** (linha 1) permite inferir que a argumentação proposta não é válida para todo e qualquer tempo.
- III. O advérbio **agora** (linha 35) sinaliza a progressão dos argumentos apresentados no texto.

Quais estão corretas?

- | | |
|-------------------|---------------------|
| a) Apenas I. | d) Apenas II e III. |
| b) Apenas II. | e) I, II e III. |
| c) Apenas I e II. | |

5. Uepa 2013



Tomando por base a charge, analise as afirmativas [...] e, a seguir, assinale a alternativa que contém a opção correta.

- I. O advérbio **agora** foi empregado para indicar uma sequenciação nas ações feitas por uma das personagens.
 - II. Os elementos não-verbais contribuem para a comichidade do texto.
 - III. Pelo uso das maiúsculas, nos balões, pode-se afirmar que as duas personagens estão falando alto uma com a outra.
 - IV. No diálogo, as personagens utilizam vocábulos característicos da linguagem informal.
- a) Apenas as afirmativas I e II estão corretas.
 - b) Apenas as afirmativas II e III estão corretas.
 - c) Apenas as afirmativas III e IV estão corretas.
 - d) Apenas as afirmativas I, II e IV estão corretas.
 - e) Todas as afirmativas estão corretas.

6. Enem 2ª aplicação 2016



Disponível em: www.superplacas.com.br. Acesso em: 3 ago. 2012.

A presença desse aviso em um hotel, além de informar sobre um fato e evitar possíveis atos indesejados no local, tem como objetivo implícito

- a) isentar o hotel de responsabilidade por danos causados aos hóspedes.
- b) impedir a destruição das câmeras como meio de apagar evidências.
- c) assegurar que o hotel resguardará a privacidade dos hóspedes.
- d) inibir as pessoas de circularem uma área específica do hotel.
- e) desestimular os hóspedes que requisitem as imagens gravadas.

7. Unir-RO

EU NÃO DEIXO A DENGUE ENTRAR AQUI!



(In CERREJA, W. e COCHAR, T. Gramática Reflexiva. São Paulo: Atual, 2009.)

Sobre a construção do anúncio, analise as afirmativas.

- I. As falas das personagens do anúncio mostram consequências em relação ao enunciado principal.
- II. A presença de advérbios nas falas serve para indicar a circunstância em que acontece a ação verbal.
- III. A relação entre a linguagem verbal e a não verbal, além de ser intencional, traz implícito um conhecimento prévio de mundo.
- IV. A conclamação da sociedade para o combate à dengue é revelada pela linguagem não verbal, como a presença de personagens de diferentes faixas etárias, classes sociais, sexo, profissão.

Estão corretas as afirmativas

- a) I, III e IV, apenas. d) I, II, III e IV.
b) II e IV, apenas. e) II, III e IV, apenas.
c) I e III, apenas.

8. IFG-GO



(QUINO. *Toda Mafalda*. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.p.82.)

Tendo em vista os significados implícitos na tira, assinale a afirmação incorreta.

- a) Ao referir-se ao mesmo tempo à infância e à guerra, o cartunista chama atenção para o fato de que as crianças não são imunes à influência de complexas conjunturas sociais e políticas.
b) Ao representar uma brincadeira infantil com a guerra nuclear, o texto sugere que as crianças devem conviver com armas durante a infância.
c) O mundo moderno avança rápido, condicionando as pessoas a usar táticas e estratégias cada vez mais abruptas.
d) No universo infantil, o imaginário distingue-se pouco da realidade, o que permite à tirinha explorar, pela comicidade, a tragédia da guerra nuclear em uma brincadeira.
e) A narrativa traz à tona a irracionalidade de uma guerra nuclear, que destrói a continuidade de qualquer forma de existência.



A questão 9 toma por base os parágrafos iniciais e alguns fragmentos de um artigo assinado por Wilson Weigl na revista *Conhecer*, edição de número 20, de 2011.

Raça, suor e tecnologia

Quem é o maior craque do mundo na sua opinião? O argentino Messi? O português Cristiano Ronaldo? Xavi, do Barcelona? Ou você elege a prata da casa, como Kaká, Neymar ou Ganso? São jogadores que esbanjam talento, forma física e técnica. Mas o momento em que esses ídolos entram em campo representa a finalização de um processo envolvendo milhões de dólares em pesquisas de ponta.

Porque, além da qualidade individual e do nível tático da equipe, hoje também os uniformes e a bola podem influir no placar final.

Não é exagero. Grandes empresas fabricantes de material esportivo trabalham em parceria com universidades e laboratórios em todo o mundo para desenvolver e aplicar as mais inovadoras tecnologias em chuteiras, camisetas, calções, meias e luvas, visando melhorar o rendimento dos jogadores. O objetivo é amplo: maximizar a performance dos atletas durante os 90 minutos da partida, diminuir o impacto do esforço e encurtar o tempo de recuperação após o jogo. “Os craques da elite do futebol mundial não são apenas garotos-propaganda, mas pilotos de testes no desenvolvimento dos produtos que podem demorar até dois anos antes de chegar às prateleiras das lojas”, diz Daniel Schmidt, gerente de futebol da Adidas no Brasil. E, como não poderia deixar de ser, os grandes campeonatos internacionais são as principais vitrines desses novos produtos.

Entretanto, nenhuma chuteira ou camisa proporcionaria significativo aumento de rendimento dos atletas não fossem as recentes descobertas médicas sobre os processos fisiológicos e as variáveis que influenciam o desempenho esportivo. Conceitos que hoje estão na boca de todos os frequentadores de academia — como biótipo, zona de frequência cardíaca e índice de massa corporal, por exemplo — surgiram nos estudos dos profissionais de medicina esportiva. “Essas descobertas se aceleraram a partir dos anos 80”, conta Miguel de Arruda, diretor associado da Faculdade de Educação Física da Universidade de Campinas (Unicamp), que presta assessoria para times de futebol. Hoje, já é corriqueiro o treinamento de atletas levar em conta informações sobre a influência de marcadores bioquímicos (como atividade hormonal e concentração enzimática). Nada disso era conhecido na época dos gloriosos dias de Garrincha, Pelé e Ademir da Guia.

Produtos desenvolvidos pelas grandes marcas vão chegar primeiro às mãos (ou aos pés) dos astros do esporte. [...]

Os uniformes atuais, por exemplo, são capazes de baixar a temperatura corporal, facilitar a evaporação do suor e tonificar a musculatura, melhorando a força. Pois tanto o tecido quanto a modelagem das camisetas e dos calções influem no melhor aproveitamento de energia pelo jogador ou, por outro lado, no desperdício dela.

[...]

Há chuteiras que proporcionam mais potência nos chutes, maior controle da bola ou precisão nos passes.

Os modelos atuais são cada vez mais leves e confortáveis; quase sapatilhas de corrida, alguns chegam a pesar meros 165 gramas — menos da metade do peso que Pelé carregava na Copa de 1970, no México. Uma chuteira daquela época pesava cerca de 500 gramas.

9. **Unesp 2012** Embora o artigo tenha por finalidade enfatizar a utilidade dos produtos da tecnologia e das conquistas da medicina para a prática do futebol, a menção em destaque a grandes jogadores como Pelé, Garrincha, Ademir da Guia, Messi, Cristiano Ronaldo, Xavi, Kaká, Neymar e Ganso deixa implícito que:

- a) no futebol não é importante ser um grande jogador, mas ter o melhor equipamento.
- b) sem tecnologia e atenção médica, esses jogadores não seriam tão grandes como a imprensa propaga.
- c) a imprensa é que cria ídolos, pois todos os jogadores jogam praticamente do mesmo modo.
- d) os grandes jogadores perdem a confiabilidade, na medida em que “se vendem” para empresas como testadores de produtos e garotos-propaganda.
- e) com ou sem tecnologia ou progressos científicos, são os grandes talentos a principal referência do futebol e dos esportes em geral.



Para responder à questão **10**, leia o seguinte verbete do *Dicionário de comunicação* de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa:

Crônica

Texto jornalístico desenvolvido de forma livre e pessoal, a partir de fatos e acontecimentos da atualidade, com teor literário, político, esportivo, artístico, de amenidades etc. Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a crônica é um meio-termo entre o jornalismo e a literatura: “do primeiro, aproveita o interesse pela atualidade informativa, da segunda imita o projeto de ultrapassar os simples fatos”. O ponto comum entre a crônica e a notícia ou a reportagem é que o cronista, assim como o repórter, não prescinde do acontecimento. Mas, ao contrário deste, ele “paira” sobre os fatos, “fazendo com que se destaque no texto o enfoque pessoal (onde entram juízos implícitos e explícitos) do autor”. Por outro lado, o editorial difere da crônica, pelo fato de que, nesta, o juízo de valor se confunde com os próprios fatos expostos, sem o dogmatismo do editorial, no qual a opinião do autor (representando a opinião da empresa jornalística) constitui o eixo do texto.

(Dicionário de comunicação, 1978.)

- 10. Unesp 2016** O termo **dogmatismo**, no contexto do verbete, significa:
- a) desprezo aos acontecimentos da atualidade.
 - b) obediência à constituição e às leis do país.
 - c) ausência de ideologia nas manifestações de opinião.
 - d) opiniões assumidas como verdadeiras e imutáveis.
 - e) conjunto de verdades religiosas.



Com base no texto a seguir, responda à questão **11**.

Crítica: O dia em que a Terra parou

O *remake* *O dia em que a Terra parou*, filme estrelado por Keanu Reeves e com um orçamento de US\$ 80 milhões, é um prato cheio para os aficionados da ficção científica. O primeiro *O dia em que a Terra parou*, dirigido

- 5 por Robert Wise, rodado em 1951, foi um apelo ao fim da Guerra Fria. O recente, dirigido por Scott Derrickson, um apelo ao desmatamento, guerras insanas, violência, etc. O que muitos não sabem é que o filme foi baseado no conto *Farewell to the Master*, do escritor Harry Bates.

- 10 Relevante no aspecto “conscientização”, mas infantil em

outros. Os efeitos especiais são incríveis, e o gigante robô biológico Gort, que acompanha o alienígena Klaatu, mesmo sem pronunciar palavra e ficando estático quase todo o tempo, dá um show. O pequeno Jaden Smith, filho do ator Will Smith, fez boa interpretação, e tenho certeza do promissor sucesso. Mas, como apaixonado por FC [ficção científica], sou suspeito pra falar deste gênero. Confesso que, em “longos” momentos, o filme foi parado: sem ação alguma. Já no termo da lógica: se realmente existirem alienígenas, será que se preocupariam com o nosso planeta? Por quê? Acredito que não. O universo pode ter milhões de outros planetas habitados, segundo o consagrado doutor em cosmologia e físico teórico Stephen Hawking. Por que se interessariam em salvar justamente o nosso?

- 25 No filme, o alienígena Klaatu, diferente do que parece, não tem boas intenções com os seres humanos. Sua única intenção é salvar o planeta Terra de nós, que o estamos destruindo aos poucos, o que não deixa de ser verdade.

- 30 Interessante, com menos ação e violência que *Guerra dos mundos*, mas igualmente impactante. Recomendo.

Ademir Pascale www.cranik.com

- 11. Uerj** As formas interrogativas podem assumir diversas funções ou sentidos, dependendo do contexto. No texto, a frase *Por que se interessariam em salvar justamente o nosso?* (linhas 23-24) traz implícito um sentido de:
- a) negação.
 - b) indecisão.
 - c) concessão.
 - d) reafirmação.



Textos para responder à questão **12**.

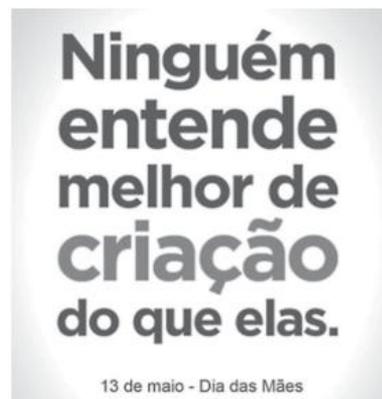
Texto I

Criatividade em publicidade: teorias e reflexões

Resumo: O presente artigo aborda uma questão primordial na publicidade: a criatividade. Apesar de aclamada pelos departamentos de Criação das agências, devemos ter a consciência de que nem todo anúncio é, de fato, criativo. A partir do resgate teórico, no qual os Conceitos são tratados à luz da publicidade, busca-se estabelecer a compreensão dos temas. Para elucidar tais questões, é analisada uma campanha impressa da marca XXXX. As reflexões apontam que a publicidade criativa é essencialmente simples e apresenta uma releitura do cotidiano.

Depexe, S D. *Travessias: Pesquisas em Educação, Cultura, Linguagem e Artes*, n. 2, 2008.

Texto II



12. **Enem 2017** Os dois textos apresentados versam sobre o tema criatividade. O Texto I é um resumo de caráter científico e o Texto II, uma homenagem promovida por um *site* de publicidade. De que maneira o Texto II exemplifica o conceito de criatividade em publicidade apresentado no Texto I?
- Fazendo menção ao difícil trabalho das mães em criar seus filhos.
 - Promovendo uma leitura simplista do papel materno em seu trabalho de criar os filhos.
 - Explorando a polissemia do termo “criação”.
 - Recorrendo a uma estrutura linguística simples.
 - Utilizando recursos gráficos diversificados.
13. **UERJ 2014** O sentido da charge se constrói a partir da ambiguidade de determinado termo.



O termo em questão é:

- fora
- agora
- sistema
- protestar

Leia a charge a seguir para responder à questão 14.



(BENNETT. Nova Escola. São Paulo: Ed. Abril. jun./jul. 2013, n.263, p.18.)

14. **Unicentro-PR 2014** Acerca do texto presente na charge, considere as afirmativas a seguir.
- O uso do pronome **me** está inadequado para o texto em questão.
 - O verbo no imperativo atenua o pedido feito pelo garoto.
 - A palavra **só** denota exclusão de uma ideia.
 - A palavra **cola** gera ambiguidade no texto.

Assinale a alternativa correta.

- Somente as afirmativas I e II são corretas.
- Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

Leia o texto para responder à questão 15.

Quando Milton Campos foi governador de Minas Gerais, teve como secretário o Sr. Pedro Aleixo. Contam os mineiros que, para qualquer providência, Sua Excelência anunciava: “Preciso falar com o Pedro, primeiro”. O Dr. Milton quase foi eleito vice-presidente da República. Se tivesse chegado à presidência, estaríamos, no mínimo, com a monarquia instaurada no Brasil, pois os brasileiros que pretendessem realizar qualquer empreendimento teriam que falar com Pedro, primeiro.

15. **Cefet-PR** O texto acima trabalha com a possibilidade da ambiguidade obtida devido à:
- semelhança sonora entre numeral e adjetivo.
 - posposição do adjetivo.
 - leitura do advérbio como numeral.
 - leitura do numeral como advérbio.
 - utilização da vírgula antes do numeral.

 A questão 16 refere-se ao folheto que segue.



16. **UFRN** No folheto, constata-se uma ambiguidade intencional quanto ao emprego da palavra
- ligação*, que pode ser interpretada como combinação ou telefonema.
 - direção*, que pode ser interpretada como volante ou orientação.
 - perigosa*, que pode ser interpretada como arriscada ou deliberada.
 - celular*, que pode ser interpretada como telefone ou tecnologia.

17. **Uece 2015**

O amigo da casa

A própria menina se prende muito a ele, que ainda lhe trouxe a última boneca, embora agora ela se ponha mozinha: encolhe-se na poltrona da sala sob a luz do abajur e lê a revista de quadrinhos. Ele é alemão como o dono da casa. Tem apartamento no hotel da praia e joga tênis no clube, saltando com energia para dentro do campo, a

raquete na mão. Assiste às partidas girando no copo de uísque os cubos de gelo. É o amigo da casa. Depois do jantar, passeia com a mãe da menina pelo caminho de pedra do jardim: as duas cabeças – a loira e a preta de cabelos aparados – vão e vêm, a dele já com entradas da calva. Ele chupa o cachimbo de fumo cheiroso, que o moço de bordo vai deixar no escritório.

O dono da casa é Seu Feldmann. Dirige o seu pequeno automóvel e é muito delicado. Cumprimenta sempre todos os vizinhos, até mesmo os mais canalhas como Seu Deca, fiscal da Alfândega.

Seu Feldmann cumprimenta. Bate com a cabeça. Compra marcos a bordo e no banco para a sua viagem regular à Alemanha. Viaja em companhia do comandante do cargueiro, em camarote especial. Então respira o ar marítimo no alto do convés, os braços muito brancos e descarnados, na camisa leve de mangas curtas.

A fortuna de origem é da mulher: as velhas casas no centro da cidade, os antigos armazéns, o sítio da serra, de onde ela desce aos domingos em companhia do outro, que é o amigo da casa, e da menina.

Saem os dois à noite e ele para o seu próprio automóvel sob os coqueiros na praia. Decerto brigaram mais uma vez, porque ela volta para casa de olhos vermelhos, enrolando nos dedos o lençinho bordado. Recolhe-se a seu quarto (ela e seu Feldmann dormem em quartos separados). Trila o apito do guarda. Os faróis do automóvel na rua pincelam de luz as paredes, tiram reflexo do espelho. Ela permanece insone: o vidro de sua janela é um retângulo de luz na noite.

(Moreira Campos. In *Obra Completa – contos II*. 1969. p. 120-122. Originalmente publicado na obra *O puxador de terço*. Texto adaptado.)

O título de um texto é um ingrediente importante para o processo da leitura. Um bom título deve ter a força de atrair o leitor, de causar-lhe algum estranhamento. Pode dar pistas sobre o conteúdo do texto, mas não deve ser muito explícito. A ambiguidade também é um ingrediente que pode ter efeito positivo num título. Atente à análise do título do texto.

- O título do conto (Texto) deve surpreender o leitor, que tem arquivada na memória linguística a expressão “o amigo” sempre relacionada ao homem e, raramente, a um animal irracional (como o cachorro), portanto a um ser vivo. O estranhamento causado pelo título pode ser um incentivo à leitura.
- Ao intitular o conto de “O amigo da casa”, o enunciador empregou uma estrutura metonímica. A metonímia é uma “figura de retórica que consiste no uso de uma palavra fora de seu contexto semântico normal por ter uma significação de relação objetiva, de contiguidade, material ou conceitual, com o conteúdo ou referente ocasionalmente pensado” (Houaiss).
- A outra qualidade do título consiste em ser ambíguo: o vocábulo “amigo”, além de significar aquele “que ama, que demonstra afeto, amizade”, pode significar, no uso informal da língua, “amante, amásio”. Essa ambiguidade poderá despertar a curiosidade do leitor e levá-lo à leitura.

Está correto o que se diz em

- a) I e II apenas.
- b) II e III apenas.
- c) I e III apenas.
- d) I, II e III.

18. Unicentro-PR 2012

Somos muito atrasados (literalmente)

As estatísticas mostram que a ineficiência dos serviços públicos e privados no país rouba horas preciosas dos cidadãos.

A origem disso é também cultural: o Brasil tem um dos povos menos pontuais do mundo

Kalleo Coura

Esperar é sofrer. Tanto pela ansiedade associada à expectativa de ver algo se realizar como pela sensação, na maioria das vezes correta, de que se está desperdiçando algo valioso: tempo. Estima-se que um americano médio gaste cinco anos de sua vida parado em filas e seis meses esperando semáforos se abrirem. Se o mesmo estudo fosse feito no Brasil, as conclusões seriam ainda mais desanimadoras. A burocracia, a ineficiência de alguns serviços e o trânsito sobrecarregado fazem com que os brasileiros percam uma parcela muito maior de sua vida em atividades improdutivas do que, por exemplo, os americanos. Como a jornada de trabalho no Brasil também é maior, o resultado é que sobra menos tempo para a diversão. A cena de aeroportos abarrotados por causa do atraso de voos retrata o confisco de tempo livre a que os brasileiros costumam ser submetidos. Na quinta-feira 19, as companhias aéreas registraram um pico de 23% de voos com mais de trinta minutos de atraso. A média de outubro, que já foi alta, chegou a 14%. A população lida com essa realidade das duas únicas maneiras possíveis: ou incorpora a lentidão ao seu ritmo de vida, ou se exalta e perde a paciência. “A primeira postura é a que predomina no Brasil”, diz o psicólogo social americano Robert Levine, autor do livro *Uma Geografia do Tempo*, inspirado na sua experiência como professor visitante em Niterói.

No fim da década de 90, atormentado pelos chás de cadeia que enfrentou no Brasil, Levine resolveu fazer um levantamento em grandes cidades de 31 países para descobrir como diferentes culturas lidam com a questão do tempo. A conclusão foi que os brasileiros estão entre os povos mais atrasados – do ponto de vista temporal, bem entendido – do mundo. Foram analisadas a velocidade com que as pessoas percorrem determinada distância a pé no centro da cidade, o número de relógios corretamente ajustados e a eficiência dos correios. Os brasileiros pontuaram muito mal nos dois primeiros quesitos. No ranking geral, os suíços ocupam o primeiro lugar. O país dos relógios é, portanto, o que tem o povo mais pontual. Já as oito últimas posições no ranking são ocupadas por países pobres.

O estudo de Robert Levine associa a administração do tempo aos traços culturais de um país. “Nos Estados Unidos, por exemplo, a ideia de que tempo é dinheiro tem um alto valor cultural. Os brasileiros, em

comparação, dão mais importância às relações sociais e são mais dispostos a perdoar atrasos”, diz o psicólogo. Uma série de entrevistas com cariocas, por exemplo, revelou que a maioria dos brasileiros considera aceitável que um convidado chegue mais de duas horas depois do combinado a uma festa de aniversário. Pode-se argumentar que os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda. Como ser pontual se o trânsito é um pesadelo e não se pode confiar no transporte público? Ou se, antes de ir a uma reunião, foi necessário gastar um tempo excessivo na fila de um posto de atendimento de uma operadora de celular para resolver um problema qualquer? Pôr a culpa apenas na burocracia e nos atrasos causados pelo subdesenvolvimento é compreensível só até certo ponto. Afinal de contas, as companhias aéreas, as empresas de telefonia e o sistema de tráfego são comandados e operados por indivíduos cuja melhor qualidade também não é a pontualidade – brasileiros, portanto. É impossível saber o que veio primeiro: a cultura do atraso ou a infraestrutura que provoca atrasos. Conclui-se daí que o Brasil está preso num círculo vicioso. A relação flexível com o relógio afeta a qualidade dos serviços do dia a dia, o que, por sua vez, rouba tempo da população e, assim, perpetua o desprezo generalizado pela pontualidade.

Nos consultórios médicos, em especial, a permissividade com os horários é um espanto – e enseja situações desagradáveis. O infectologista Esper Georges Kallás, do Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, diz aceitar bem o atraso de seus pacientes, porque ele reconhece que às vezes não os atende no horário combinado. “Nem todos, porém, entendem isso. Certa vez, uma senhora se irritou porque eu me atrasei por mais de uma hora, brigou com a secretária e foi embora antes de ser atendida”, diz Kallás. O descompasso entre a maioria que se conforma com – e causa – atrasos e a minoria que se esforça em planejar melhor o seu tempo é uma grande fonte de stress para os brasileiros. Uma pesquisa feita pela International Stress Management Association (Isma-Brasil) com 1000 executivos mostra que 62% deles consideram a dificuldade em administrar seu tempo o principal fator de stress. “Como a síndrome de *burnout*, o grau extremo de stress, é mais comum entre os brasileiros do que entre os ingleses ou americanos, povos com uma relação mais rígida com o tempo, isso indica que nossa condescendência com a imp pontualidade não nos torna mais relaxados”, diz a psicóloga Ana Maria Rossi, presidente da Isma-Brasil. Perder tempo, assim, é um atraso de vida em todos os sentidos.

Texto adaptado de <<http://veja.abril.com.br/021209/somos-muitoatrasados-literalmente-p-110.shtml>>. Acesso em 20 dez 2009.

Qual a palavra do título/subtítulo que, se subtraída, causaria ambiguidade para o entendimento do texto?

- a) Públicos
- b) Literalmente
- c) Privados
- d) Origem
- e) Ineficiência



Leia os textos e analise as afirmações para responder à questão 19.

Texto 1



(www.custodio.net. Adaptado.)

Texto 2

ra terra ter
rat erra ter
rate rra ter
rater ra ter
raterr a ter
raterra terr
arattera ter
rarattera te
rrarattera t
errarattera
terrarattera

(Décio Pignatari.)

19. Unifesp

- I. A graça do texto 1 decorre da ambiguidade que assume o termo concreta na situação apresentada.
- II. O texto 2 é exemplo de poesia concreta, relacionada ao experimentalismo poético, no qual o poema rompe com o verso tradicional e transforma-se em objeto visual.
- III. Para a interpretação do texto 2, pode-se prescindir dos signos verbais.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) III, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) I e III, apenas.
- e) I, II e III.

20. FGV-SP 2018 Com base nas regras atuais de acentuação da língua, considere que as frases das alternativas possam ser manchetes jornalísticas e assinale aquela em que o enunciado apresenta ambiguidade no uso do termo em destaque.

- a) Cientistas **preveem** novas catástrofes ambientais.
- b) Novas **ideias** mudam a economia do país.
- c) Nova lei em vigor **para** o trânsito da capital paulista.
- d) É preciso que se **apazigue** o investidor no Brasil.
- e) **Pelo** de gato pode mesmo causar alergia?

21. UFSM-RS 2012

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
que viva de guardar alheio gado,
e tosco trato, de expressões grosseiro,
dos frios gelos e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal e nele assisto;
dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
das brancas ovelhinhas tiro o leite
e mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

[...]

Mas tendo tantos dotes da ventura,
só apreço lhes dou, gentil pastora,
depois que o teu afeto me segura
que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marília, é bom ser dono
de um rebanho, que cubra monte e prado;
porém, gentil pastora, o teu agrado
vale mais que um rebanho e mais que um trono.

Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

Marília de Dirceu, poema árcade de Tomás Antônio Gonzaga, evoca a Antiguidade greco-latina, sobretudo na retomada do modelo clássico, marcado pelo equilíbrio, pela relação entre razão e natureza, pelo bucolismo, dentre outros aspectos. Nessas duas estrofes da Lira 53, é correto afirmar:

- I. Os versos da primeira estrofe evocam o contexto dos pastores, elemento que o Arcadismo revive da antiga poesia greco-romana.
- II. A exaltação comedida do amor e da beleza de Marília resulta na harmonia idílica que o eu lírico constrói em ambas as estrofes destacadas.
- III. O refrão indica a admiração de Dirceu por Marília, mas abriga uma ambiguidade, pois, em “graças à minha estrela”, estrela tanto pode ser metáfora da amada quanto sinônimo de sorte, destino.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.

22. Acafe-SC 2018 Analise as afirmativas a seguir.

- I. Na frase “Quando eu _____ um, dois, três, _____ correndo”, as lacunas podem ser corretamente preenchidas, respectivamente, com os verbos “disser” e “saía”.
- II. No texto “Encontraram-_____ morto antes mesmo de conseguir vê-_____ preso”, as lacunas podem ser corretamente preenchidas, respectivamente, por **lhe** e **lo**.
- III. Na frase “Era, de fato, um gol **que não se defende**”, o termo destacado é uma oração adjetiva, equivalente ao adjetivo **indefensável**.
- IV. Na frase “Entrega essa caixa de tomates para a irmã de Maria Rosa, que mora perto da ponte”, existe ambiguidade de sentido, pois a oração “que mora perto da ponte” pode tanto se referir tanto a Maria Rosa quanto à irmã dela.
- V. Em “O governo cede a pressão e envia o projeto de lei a Câmara dos Deputados sem, ao menos, submetê-lo a revisão jurídica”, faltou indicar apenas duas ocorrências de crase.
- VI. A frase “Informei-lhes que não viria na próxima reunião por motivo de viagem” pode ser reescrita, em conformidade com a norma padrão de língua portuguesa, como: “Informei-os de que não viria na próxima reunião por motivo de viagem”.

É correto o que se afirma em:

- | | |
|----------------|----------------------|
| a) II – V – VI | c) I – III – IV – VI |
| b) II – IV – V | d) I – III – V – VI |

23. EsPCEX-SP 2018

Noruega como modelo de reabilitação de criminosos

O Brasil é responsável por uma das mais altas taxas de reincidência criminal em todo o mundo. No país, a taxa média de reincidência (amplamente admitida, mas nunca comprovada empiricamente) é de mais ou menos 70%, ou seja, 7 em cada 10 criminosos voltam a cometer algum tipo de crime após saírem da cadeia.

Alguns perguntariam “Por quê?”. E eu pergunto: “Por que não?” O que esperar de um sistema que propõe reabilitar e reinserir aqueles que cometerem algum tipo de crime, mas nada oferece, para que essa situação realmente aconteça? Presídios em estado de depredação total, pouquíssimos programas educacionais e laborais para os detentos, praticamente nenhum incentivo cultural, e, ainda, uma sinistra cultura (mas que diverte muitas pessoas) de que bandido bom é bandido morto (a vingança é uma festa, dizia Nietzsche).

Situação contrária é encontrada na Noruega. Considerada pela ONU, em 2012, o melhor país para se viver (1º no ranking do IDH) e, de acordo com levantamento feito pelo Instituto Avante Brasil, o 8º país com a menor taxa de homicídios no mundo, lá o sistema carcerário chega a reabilitar 80% dos criminosos, ou seja, apenas 2 em cada 10 presos voltam a cometer crimes; é uma das menores taxas de reincidência do mundo. Em uma prisão em Bastoy, chamada de ilha paradisíaca, essa reincidência é de cerca de 16% entre os homicidas, esturpadores e traficantes que por ali passaram.

Os EUA chegam a registrar 60% de reincidência e o Reino Unido, 50%. A média europeia é 50%.

A Noruega associa as baixas taxas de reincidência ao fato de ter seu sistema penal pautado na reabilitação e não na punição por vingança ou retaliação do criminoso. A reabilitação, nesse caso, não é uma opção, ela é obrigatória. Dessa forma, qualquer criminoso poderá ser condenado à pena máxima prevista pela legislação do país (21 anos), e, se o indivíduo não comprovar estar totalmente reabilitado para o convívio social, a pena será prorrogada, em mais 5 anos, até que sua reintegração seja comprovada.

O presídio é um prédio, em meio a uma floresta, decorado com grafites e quadros nos corredores, e no qual as celas não possuem grades, mas sim uma boa cama, banheiro com vaso sanitário, chuveiro, toalhas brancas e porta, televisão de tela plana, mesa, cadeira e armário, quadro para afixar papéis e fotos, além de geladeiras. Encontra-se lá uma ampla biblioteca, ginásio de esportes, campo de futebol, chalés para os presos receberem os familiares, estúdio de gravação de música e oficinas de trabalho. Nessas oficinas são oferecidos cursos de formação profissional, cursos educacionais, e o trabalhador recebe uma pequena remuneração. Para controlar o ócio, oferecer muitas atividades, de educação, de trabalho e de lazer, é a estratégia.

A prisão é construída em blocos de oito celas cada (alguns dos presos, como esturpadores e pedófilos, ficam em blocos separados). Cada bloco tem sua cozinha. A comida é fornecida pela prisão, mas é preparada pelos próprios detentos, que podem comprar alimentos no mercado interno para abastecer seus refrigeradores.

Todos os responsáveis pelo cuidado dos detentos devem passar por no mínimo dois anos de preparação para o cargo, em um curso superior, tendo como obrigação fundamental mostrar respeito a todos que ali estão. Partem do pressuposto que, ao mostrarem respeito, os outros também aprenderão a respeitar.

A diferença do sistema de execução penal norueguês em relação ao sistema da maioria dos países, como o brasileiro, americano, inglês, é que ele é fundamentado na ideia de que a prisão é a privação da liberdade, e pautado na reabilitação e não no tratamento cruel e na vingança.

O detento, nesse modelo, é obrigado a mostrar progressos educacionais, laborais e comportamentais, e, dessa forma, provar que pode ter o direito de exercer sua liberdade novamente junto à sociedade.

A diferença entre os dois países (Noruega e Brasil) é a seguinte: enquanto lá os presos saem e praticamente não cometem crimes, respeitando a população, aqui os presos saem roubando e matando pessoas. Mas essas são consequências aparentemente colaterais, porque a população manifesta muito mais prazer no massacre contra o preso produzido dentro dos presídios (a vingança é uma festa, dizia Nietzsche).

LUIZ FLÁVIO GOMES, jurista, diretor-presidente do Instituto Avante Brasil e coeditor do Portal <atualidadesdodireito.com.br>. Estou no blogdolg.com.br.

** Colaborou Flávia Mestriner Botelho, socióloga e pesquisadora do Instituto Avante Brasil.

FONTE: Adaptado de <http://institutoavantebrasil.com.br/noruega-como-modelo-dereabilitacao-de-criminosos/> Acessado em 17 de março de 2017.

Mas essas são consequências aparentemente colaterais, porque a população manifesta muito mais prazer no massacre contra o preso produzido dentro dos presídios.

Há um trecho, dentro do período destacado acima, que provoca ambiguidade. Marque-o:

- a) aparentemente colaterais
- b) produzido dentro dos presídios
- c) contra o preso
- d) manifesta mais prazer
- e) no massacre



Leia a tirinha, a seguir, e responda à questão.



(Gazeta do Povo. Opinião. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/benett/>>. Acesso em: 14 ago. 2015.)

24. UEL-PR 2016 Em relação aos recursos linguísticos utilizados na tirinha, considere as afirmativas a seguir.

- I. A locução “vou ficar” caracteriza-se como um gerundismo que enfatiza a resignação contínua da personagem.
- II. Em “promovida a felicidade”, a ausência de crase cria uma ambiguidade proposital devido à presença de dois substantivos femininos na frase.
- III. Na oração “em que me encontro”, a presença da preposição “em” deve-se à exigência feita pelo verbo, segundo a norma padrão.
- IV. Na oração “faz tempo”, o verbo está flexionado no Presente, mas indica passado.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

25. Uece 2017

Grito

Quadro que fundou o expressionismo nasceu de um ataque de pânico.

Edvard Munch nasceu em 1863, mesmo ano em que *O piquenique no bosque*, de Édouard Manet, era exposto no Salão dos Rejeitados, chamando a atenção para um movimento que nem nome tinha ainda. Era o impressionismo, superando séculos de pintura acadêmica. Os impressionistas deixaram o realismo para a fotografia e se focaram no que ela não podia mostrar: as sensações, a parte subjetiva do que se vê.

- 5 Crescendo durante essa revolução, Munch – que, aliás, também seria fotógrafo – achava a linguagem dos impressionistas superficial e científica, discreta demais para expressar o que sentia. E ele sentia: Munch tinha uma história familiar trágica: perdeu a mãe e uma irmã na infância, teve outra irmã que passou a vida em asilos psiquiátricos. Tornou-se artista sob forte oposição do pai, que morreria quando Munch tinha 25 anos e o deixaria na pobreza. O artista sempre viveu na boemia, entre bebedeiras, brigas e romances passageiros, tornando-se amigo do filósofo niilista Hans Jæger, que acreditava que o
- 10 suicídio era a forma máxima da libertação.

Fruto de suas obsessões, *O Grito* não foi seu primeiro quadro, mas o que o tornaria célebre. A inspiração veio do que parece ter sido um ataque de pânico, que ele escreveu em seu diário, pouco mais de um ano antes do quadro: “Estava andando por um caminho com dois amigos – o sol estava se pondo – quando, de repente, o sol tornou-se vermelho como o sangue. Eu parei, sentindo-me exausto, e me encostei na cerca – havia sangue e línguas de fogo sobre o fiorde negro e a cidade. Meus

15 amigos continuaram andando, e eu fiquei lá, tremendo de ansiedade – e senti um grito infinito atravessando a natureza”.

Ali nasceria um novo movimento artístico. O Grito seria a pedra fundadora do expressionismo, a principal vanguarda alemã dos anos 1910 aos 1930.

(Aventuras na História)

Atente ao que se diz sobre os seguintes excertos:

- I. “Era o impressionismo, superando séculos de pintura acadêmica” (linhas 2-3). Substituindo-se o gerúndio por uma forma não nominal, teremos: *Era o impressionismo que superava séculos de pintura acadêmica*.
- II. “Crescendo durante essa revolução, Munch – que, aliás, também seria fotógrafo – achava a linguagem dos impressionistas superficial e científica” (linhas 5-6). A oração intercalada – **que, aliás, também seria fotógrafo** – está isolada por ser uma oração adjetiva explicativa.

- III. “[...] perdeu a mãe e uma irmã na infância, teve outra irmã que passou a vida em asilos psiquiátricos” (linha 7). No excerto transcrito, constata-se uma ambiguidade: o leitor não tem certeza sobre quem está na infância, se Munch ou a irmã.

Está correto o que se diz em

- a) I e II apenas.
- b) II e III apenas.
- c) I, II e III.
- d) I e III apenas.

26. **ESPM-SP 2016** Das manchetes de jornais abaixo, uma apresenta ambiguidade. Assinale-a:

- a) Juro de banco público já se iguala ao de banco privado.
- b) Objetos de neto de Chico Anysio que desapareceram são encontrados no Rio.
- c) Brasil estuda ajuda privada a refugiados da Síria.
- d) Estudo aponta que zika causa dano ao feto em qualquer fase da gravidez.
- e) Cientistas japoneses descobrem bactéria que devora garrafa PET.

27. **Fuvest-SP** Na posição em que se encontram, as palavras assinaladas nas frases abaixo geram ambiguidade, **EXCETO** em:

- a) Pagar o FGTS já custa R\$13,3 bi, diz o consultor.
- b) Pais rejeitam menos crianças de proveta.
- c) Consigo me divertir também aprendendo coisas antigas.
- d) É um equívoco imaginar que a universidade do futuro será aquela que melhor lidar com as máquinas.
- e) Não se eliminará o crime com burocratas querendo satisfazer o apetite por sangue do público.

28. **Fuvest-SP** Assinale a única frase em que a ordem de colocação das palavras **NÃO** produz ambiguidade.

- a) Rossi pede ao STF processo por calúnia contra Motta.
- b) É só colocar as moedas, girar a manivela e ter a escova já com a pasta embalada nas mãos.
- c) Casal procura filho sequestrado via internet.
- d) Câmara torna crime porte ilegal de armas.
- e) Regressou a Brasília depois de uma cirurgia cardíaca com cerimonial de chefe de Estado.

29. **ESPM-SP 2016** As frases abaixo apresentam ambiguidade, ou dupla leitura, exceto uma. Assinale-a:

- a) Paternidade: o desafio para os pais que cuidam dos filhos sozinhos.
- b) Ciências sem Fronteiras: verbas para estudantes atrasadas.
- c) Dilma afirma que Petrobras é maior que seus problemas.
- d) Mesmo sem revogar dogmas, Papa vira alvo dos conservadores.
- e) Deputados insatisfeitos passaram a criticar abertamente erros do governo.

30. UNB-DF 2012 (Adapt.)

A Terceira Margem do Rio

Trecho I

[...] Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cor-
dura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que
não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de
poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso
pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia
doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de
existir, perto e longe de sua família dele. [...] A estranheza
dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo
que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conheci-
dos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho. [...]

Trecho II

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha
tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e
o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo
de velhice — esta vida era só o demoramento. [...] E ele?
Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia,
mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa
emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio,
para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo
da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava
o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o
culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Sou-
besse — se as coisas fossem outras. E fui tomando ideia. [...]

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n’água,
proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de re-
pente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito
um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos
anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados
os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento
desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte
de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém
soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o
que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo
abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao me-
nos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem
também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de
longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.

João Guimarães Rosa: *Primeiras histórias: A terceira margem do rio*.

In: João Guimarães Rosa. *Ficção Completa*, v. II. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, p. 410-11.

Com base nos dois trechos de **A Terceira Margem do Rio**, de Guimarães Rosa, julgue os itens a seguir.

- No trecho “a razão em que não queriam falar”, o termo “em que” equivale a **sobre a qual**.
- A palavra **entanto** em “Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa”, empregada por Guimarães Rosa como substantivo, designa, entre outros sentidos, os de oposição e restrição.
- No trecho “nosso pai [...] se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele”, há uma antítese e o emprego de dois pronomes possessivos referindo-se a um único núcleo nominal, duplicação que desfaz a ambiguidade do emprego do pronome **sua** no contexto.

Coloque **V** para Verdadeiro e **F** para Falso e assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.

- a) V – V – V
- b) V – V – F
- c) F – V – V
- d) F – V – F

31. UFPR Todas as sentenças abaixo apresentam ambiguidades. Assinale a alternativa em que a ambiguidade não pode ser desfeita com a simples alteração na ordem das palavras.

- a) As crianças comeram bolo e sorvete de chocolate.
- b) Ele viu a moça com um binóculo.
- c) Ela saiu da loja de roupa.
- d) As crianças esconderam os brinquedos que encontraram no porão.
- e) Acabaram de roubar o banco da entrada da universidade.

32. Enem 2019

Ed Mort só vai

Mort. Ed Mort. Detetive particular. Está na plaqueta. Tenho um escritório numa galeria de Copacabana entre um flipperama e uma loja de carimbos. Dá só para o essencial, um telefone mudo e um cinzeiro. Mas insisto numa mesa

e numa cadeira. Apesar do protesto das baratas. Elas não vencerão. Comprei um jogo de máscaras. No meu trabalho o disfarce é essencial. Para escapar dos credores. Outro dia entrei na sala e vi a cara do King Kong andando pelo chão. As baratas estavam roubando as máscaras. Espisoteei meia dúzia. As outras atacaram a mesa. Consegui salvar a minha Bic e o jornal. O jornal era novo, tinha só uma semana. Mas elas levaram a agenda. Saí ganhando. A agenda estava em branco. Meu último caso fora com a funcionária do Erótica, a primeira ótica da cidade com balconista topless. Acabara mal. Mort. Ed Mort. Está na plaqueta.

VERISSIMO, L. F. *Ed Mort: todas as histórias*.
Porto Alegre: L&PM, 1997 (adaptado).

Nessa crônica, o efeito de humor é basicamente construído por uma

- a) segmentação de enunciados baseada na descrição dos hábitos do personagem.
- b) ordenação dos constituintes oracionais na qual se destaca o núcleo verbal.
- c) estrutura composicional caracterizada pelo arranjo singular dos períodos.
- d) sequenciação narrativa na qual se articulam eventos absurdos.
- e) seleção lexical na qual predominam informações redundantes.

Texto complementar

Quino, criador de Mafalda, disse à Folha que humoristas estavam em extinção

Cartunista argentino, morto nesta quarta-feira, falou que gostaria de voltar a desenhar e explicou o motivo da pausa

Tarso Araujo

30. set. 2020 às 13h09

SÃO PAULO

O cartunista Joaquín Salvador Lavado Tejón, conhecido como Quino, criador da personagem Mafalda, morto nesta quarta-feira (30), disse em sua última entrevista à Folha, publicada em 30 de maio de 2010, que gostaria de voltar a desenhar e que os humoristas são uma “raça em extinção”.

O pintor e desenhista argentino ficou famoso por criar uma das meninas mais amadas do quadrinhos latino-americanos. Ele morreu aos 88 anos e havia sofrido um AVC na semana passada.

Veja a seguir a entrevista na íntegra.

Quando fazia a Mafalda, tinha esperança de que o mundo ficasse melhor? Sim, ela lutava para que o mundo melhorasse.

Mas, lendo alguns de seus cartuns, parece que o mundo está pior ... Acho que sim. Crise econômica, bancos, desemprego... Está muito pior. Bem, mas lemos no “Velho Testamento” que a humanidade sempre esteve mal. Repare que de Adão e Eva saiu um filho assassino. Logo, de quatro pessoas que existiam no mundo, um quarto eram delinquentes. Então, não mudou nada. Somos assim.

Por que parou de desenhar? Porque parecia que estava dizendo desde sempre que o mundo ia mal. E que tinha que parar para pensar e ver se achava argumentos diferentes.

Tem planos de voltar? Quero voltar, mas não há planos. Porque depois muda sua situação, seu estado de ânimo, sua saúde, as coisas mudam muito.

E como está sua saúde? Anda mais ou menos.

O que está de mais e o que está de menos? Bem, demais estão os anos... De menos, a juventude.

Picasso costumava dizer que era preciso muito tempo para se tornar jovem ... Isso era o incrível desse velho. Cada dia inventava uma coisa diferente. Mas quantos Picassos há no mundo? Pouquíssimos.

Como foi a entrada do computador em sua vida profissional? Não entrou nunca.

Você se sente de alguma forma excluído pelas novas tecnologias? Sim. Porque, por exemplo, na Europa é muito comum que você vá ao correio e não haja uma pessoa para o atender. Você vai a uma máquina, pesa a carta, vê quanto tem que pagar e tudo o mais, sem encontrar uma pessoa para lhe dizer que gostou do seu penteado hoje.

Acompanha os humoristas de hoje em dia? Somos uma raça em extinção. Nós, humoristas, éramos as pessoas que denunciavam situações que nem todo mundo se dava conta. Agora, o que se vai denunciar? Há vários livros denunciando de tudo na política e nada acontece. Antigamente, você desenhava algo e ia preso. Agora, nada importa.

Como cidadão de Mendoza, gosta de um vinho? Gosto muito. Apesar de um senhor que se chama Michel Roland [consultor de vinícolas francês], que impõe um tipo de vinho que tem o mesmo gosto em todo lugar.

Mafalda não suportava sopa. E você? Eu gosto. Isso era uma alegoria dos governos militares, algo de que ela não gostava, mas que tinha que suportar.

Há trabalhos seus feitos há muito tempo que ainda estão atuais. Isso é sinal da genialidade do Quino ou da dos nossos políticos? A realidade muda pouco, os temas são recorrentes. Você lê “Hamlet” e tudo o que se passava naquele castelo é o que se passa na Casa Branca ou em qualquer palácio de governo. Intrigas, assassinatos. Não muda nada.

Os humoristas estão fadados a se repetir? Enquanto nos ocuparmos sobre como funciona a sociedade, sim, porque ela se repete. O ser humano segue tão mal como sempre.

ARAUJO, Tarso. Quino, criador de Mafalda, disse à Folha que humoristas estavam em extinção. *Folha de S.Paulo*, 30 set. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/09/quino-criador-de-mafalda-disse-a-folha-que-humoristas-estavam-em-extincao.shtml?origin=folha>. Acesso em: 26 nov. 2021.

Resumindo

Sentido implícito

Implícito: corresponde a algo não dito claramente na sentença, mas pretendido pelo enunciador.

Pressuposto: tipo de implícito criado a partir de uma palavra ou expressão. Não pode ser negado pelo enunciador.

Subentendido: tipo de implícito criado em um determinado contexto. Pode ser negado pelo enunciador.

Ambiguidade textual

Ambiguidade: construção que permite ao leitor duas ou mais interpretações de um mesmo enunciado. Pode ser gerada proposital ou acidentalmente.

- **Ambiguidade semântica:** criada, geralmente, por intenção do enunciador. É relacionada ao contexto do enunciado. Pode ser feita por:
 - a) *Duplo sentido:* articulação dupla de uma palavra ou expressão, em sentido literal ou figurado.
 - b) *Polissemia:* capacidade um mesmo vocábulo apresentar diversos significados.
 - c) *Homonímia:* relação de igualdade sonora e/ou gráfica entre palavras diferentes.
- **Ambiguidade sintática:** criada, geralmente, sem a intenção do enunciador. É relacionada à estrutura do enunciado. Pode ser feita por:
 - a) *Posição de termos qualificadores:* comum quando dois substantivos estão antepostos a um qualificador.
 - b) *Posição pronominal:* originada em um pronome posposto a dois substantivos.
 - c) *Elipse:* ocorre quando o apagamento de uma ideia na sentença permite as duas leituras.

Elementos geradores de humor

Quebra de expectativa: corresponde a uma ruptura criada no texto para surpreender o leitor. Qualquer mensagem humorística irá usar essa quebra, que pode ser desdobrada com os demais elementos vistos no capítulo.

Ironia: muito comum em tirinhas e charges, corresponde a uma ruptura que carrega consigo sarcasmo.

Sentido implícito: pode ser considerado como um elemento de humor que exige maior atenção do leitor, considerando que a ruptura não está aparente e deve ser vista pelo contexto.

Ambiguidade: gerador de humor em esfera semântica, é originada por duplo sentido, polissemia e homonímia.

Quer saber mais?



Site

malvados.com.br

Webpage que reúne as tirinhas feitas por André Dahmer. A consulta é gratuita e auxilia na interpretação do humor, além de ampliar o conhecimento de eventos da atualidade, tendo em vista que o autor ainda se encontra em atividade e usa seu trabalho para comentar indiretamente eventos de importância pública.



Livro

Mafalda: todas as tiras (Ed. Martins Fontes)

Compilação de todas as tirinhas de Mafalda produzidas por Quino. Auxilia na interpretação de implícitos, bem como de construções ambíguas, recursos amplamente usados pelo autor. Suas tirinhas promovem, frequentemente, uma reflexão sobre política e sociedade.

Exercícios complementares

1. Unifesp Considere a charge e as afirmações.



(www.acharge.com.br)

- I. O advérbio *já*, indicativo de tempo, atribui à frase o sentido de mudança.
- II. Entende-se pela frase da charge que a população de idosos atingiu um patamar inédito no país.
- III. Observando a imagem, tem-se que a fila de velhinhos esperando um lugar no banco sugere o aumento de idosos no país.

Está correto o que se afirma em

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) I e II apenas.
- d) II e III apenas.
- e) I, II e III.

2. Uncisal 2016



Disponível em: <<https://ospassarinhos.wordpress.com/category/noticias/>>. Acesso em: 22 out. 2015.

Dadas as afirmativas a respeito dos recursos expressivos empregados nos discursos do personagem da tira,

- I. O personagem usa a conjunção conformativa, na primeira fala (1º quadrinho) e, logo em seguida, questiona sua afirmação, colocando-a em oposição à ideia inicial.
- II. Em: "Mas eu não posso pensar nisso como algo ruim" (2º quadrinho) aparece, para enfatizar a ideia, uma ação executada num presente momentâneo, uma vez que o personagem utilizou o verbo auxiliar "poder" unido a uma forma nominal do verbo "pensar".
- III. No último quadrinho, a característica atribuída a "livros" foi intensificada por um advérbio.

Verifica-se que está(ão) correta(s)

- a) I, II e III.
- b) II e III, apenas.
- c) III, apenas.
- d) II, apenas.
- e) I, apenas.



As questões de números **3** a **6** tomam por base uma passagem de um conto de Machado de Assis (1839-1908) e uma tira da cartunista Laerte (Laerte Coutinho, 1951-).

Um homem superior

Quis a desgraça de Medeiros [patrão de Clemente] que os negócios lhe corresse mal; duas ou três catástrofes comerciais o puseram às portas da morte.

Clemente Soares fez quanto pôde para salvar a casa de que dependia o seu futuro, mas nenhum esforço era possível contra um desastre marcado pelo destino, que é o nome que se dá à tolice dos homens ou ao concurso das circunstâncias.

Achou-se sem emprego nem dinheiro.

(...)

No pior da sua posição, recebeu Clemente uma carta em que o comendador o convidava a ir passar algum tempo na fazenda.

Sabedor da catástrofe de Medeiros, queria o comendador naturalmente dar a mão ao rapaz. Este não esperou que repetisse o convite. Escreveu logo dizendo que daí a um mês se poria em marcha.

Efetivamente um mês depois saía Clemente Soares em caminho do município de***, onde era a fazenda do comendador Brito.

O comendador esperava-o ansioso. E não menos ansiosa estava a moça, não sei se porque já lhe tivesse amor, se porque ele fosse uma distração no meio da monótona vida rural.

Recebido como amigo, tratou Clemente Soares de pagar a hospitalidade, fazendo-se conviva alegre e divertido. Ninguém o poderia melhor do que ele.

Dotado de grande perspicácia, compreendeu em poucos dias como entendia o comendador a vida do campo, e tratou de o lisonjear por todos os modos.

Infelizmente, dez dias depois da sua chegada à fazenda, adoeceu gravemente o comendador Brito, por maneira que o médico poucas esperanças deu à família.

Era ver o zelo com que Clemente Soares servia de enfermeiro do doente, procurando por todos os meios

suavizar-lhe os males. Passava noites em claro, ia aos povoados quando era necessário fazer alguma coisa mais importante, consolava o doente já com palavras de esperanças, já com animada conversa, cujo fim era distraí-lo de pensamentos lúgubres.

— Ah! dizia o pobre velho, que pena que eu o não conhecesse há mais tempo! Bem vejo que é um verdadeiro amigo.

— Não me elogie, comendador, dizia Clemente Soares, não me elogie, que é tirar o mérito, se o há, destes deveres agradáveis ao meu coração.

O procedimento de Clemente influenciou no ânimo de Carlotinha, que nesse desafio de solicitude soube mostrar-se esposa dedicada e reconhecida. Ao mesmo tempo fez com que em seu coração se desenvolvesse o germen de afeto que Clemente de novo lhe lançara.

Carlotinha era uma moça frívola; mas a doença do marido, a perspectiva da viuvez, o desvelo do rapaz, tudo fez nela uma profunda revolução.

E mais que tudo, a delicadeza de Clemente Soares, que, durante esse tempo de tão graves preocupações para ela, nenhuma palavra de amor lhe dirigiu.

Era impossível que o comendador escapasse à morte.

(Machado de Assis. *Contos fluminenses*, vol. II. São Paulo: Editora Mérito, 1962, p. 103-105.)



(Laerte [Laerte Coutinho]. *Fagundes: um puxa-saco de mão-cheia*. Porto Alegre: L&PM, 2007, p.16.)

3. Unesp 2012

Dotado de grande perspicácia, compreendeu em poucos dias como entendia o comendador a vida do campo, e tratou de o lisonjejar por todos os modos.

Explique em que medida o verbo “lisonjejar”, empregado na frase, representa uma síntese da atitude de Clemente Soares ante o comendador, na passagem apresentada.

4. Unesp 2012 O que sugere com certa malícia o narrador, ao empregar a forma verbal *soube* no fragmento apresentado, dizendo que Carlotinha *soube mostrar-se esposa dedicada e reconhecida*, quando poderia ter dito que ela “mostrou-se esposa dedicada e reconhecida”?

5. Unesp 2012 Releia o segundo parágrafo do conto de Machado de Assis e explique o que deixa implícito o narrador a respeito da noção usual de destino.

6. Unesp 2012 Na tira de Laerte, aponte o que o aluno não percebeu de imediato como primeira lição de Fagundes.

7. UEL-PR



Em relação aos quadrinhos, considere as seguintes afirmativas:

- I. Brincar e explorar o lado lúdico são expressões apresentadas como formas variantes do mesmo significado.
- II. Lúcio não aceita o convite para brincar de astronauta porque se considera um intelectual.
- III. Nas falas de Lúcio, há, implícito, um conceito de intelectual: aquele que fala difícil ou complica o que é simples.

É correto afirmar:

- a) Apenas as afirmativas II e III são verdadeiras.
- b) Apenas as afirmativas I e III são verdadeiras.
- c) Apenas a afirmativa I é verdadeira.
- d) Apenas as afirmativas I e II são verdadeiras.
- e) Todas as afirmativas são verdadeiras.

8. Fuvest-SP (Adapt.)

Diálogo ultra-rápido

- Eu queria propor-lhe uma troca de ideias...
— Deus me livre!

(Mário Quintana)

No diálogo acima, a personagem que responde: — Deus me livre! cria um efeito de humor com o sentido implícito de sua frase fulminante.

Continue a frase — “Deus me livre!”, de modo que a personagem explicita o que estava implícito nessa frase.



Texto para responder à questão 9.

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati “pra cortar a friagem”.

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevisíveis e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abrazeira-se. (...)

E o curioso é que, quanto mais ia ele caindo nos usos e costumes brasileiros, tanto mais os seus sentidos se apuravam, posto que em detrimento das suas forças físicas. Tinha agora o ouvido menos grosseiro para a música, compreendia até as intenções poéticas dos sertanejos, quando cantam à viola os seus amores infelizes; seus olhos, dantes só voltados para a esperança de tornar à terra, agora, como os olhos de um marujo, que se habituaram aos largos horizontes de céu e mar, já se não revoltavam com a turbulenta luz, selvagem e alegre, do Brasil, e abriam-se amplamente defronte dos maravilhosos despenhadeiros ilimitados e das cordilheiras sem fim, donde, de espaço a espaço, surge um monarca gigante, que o sol veste de ouro e ricas pedrarias refulgentes e as nuvens toucam de alvos turbantes de cambraia, num luxo oriental de arábigos príncipes voluptuosos.

Aluísio Azevedo, *O cortiço*.

9. **Fuvest-SP 2012** Um traço cultural que decorre da presença da escravidão no Brasil e que está implícito nas considerações do narrador do excerto é a

- desvalorização da mestiçagem brasileira.
- promoção da música a emblema da nação.
- desconsideração do valor do trabalho.
- crença na existência de um caráter nacional brasileiro.
- tendência ao antilusitanismo.

10. Fuvest-SP

O que dói nem é a frase (Quem paga seu salário sou eu), mas a postura arrogante. Você fala e o aluno nem presta atenção, como se você fosse uma empregada.

(Adaptado de entrevista dada por uma professora. “Folha de S. Paulo”, 03/06/01)

- A *quem* se refere o pronome **você**, tal como foi usado pela professora? Esse uso é próprio de que variedade linguística?
- No trecho *como se você fosse uma empregada*, fica pressuposto algum tipo de discriminação social? Justifique sua resposta.



Examine este cartum para responder à questão.



“As crianças não passam de substitutos patéticos para as pessoas que não podem ter bichos”.

Robert Mankoff, *New Yorker/Veja*.

11. **Fuvest-SP 2016** Para obter o efeito de humor presente no cartum, o autor se vale, entre outros, do seguinte recurso:

- utilização paródica de um provérbio de uso corrente.
- emprego de linguagem formal em circunstâncias informais.
- representação inverossímil de um convívio pacífico de cães e gatos.
- uso do grotesco na caracterização de seres humanos e de animais.
- inversão do sentido de um pensamento bastante repetido.



Leia o poema de Manuel Bandeira (1886-1968) para responder à questão 12.

Poema só para Jaime Ovalle¹

Quando hoje acordei, ainda fazia escuro
(Embora a manhã já estivesse avançada).
Chovia.
Chovia uma triste chuva de resignação.
Como contraste e consolo ao calor tempestuoso da noite.
Então me levantei,
Bebi o café que eu mesmo preparei,
Depois me deitei novamente, acendi um cigarro e
fiquei pensando...
— Humildemente pensando na vida e nas mulheres
que amei.

(*Estrela da vida inteira*, 1993.)

¹**Jaime Ovalle (1894-1955):** compositor e instrumentista. Aproximou-se do meio intelectual carioca e se tornou amigo íntimo de Villa-Lobos, Di Cavalcanti, Sérgio Buarque de Holanda e Manuel Bandeira. Sua música mais famosa é “Azulão”, em parceria com o poeta Manuel Bandeira. (*Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira*)

12. **Unesp 2016** Por oscilar entre duas classes de palavras, o termo **só** confere ambiguidade ao título do poema. Identifique estas duas classes de palavras e o sentido que cada uma delas confere ao título.

13. **Unicamp-SP** Uma revista semanal brasileira traz a seguinte nota em sua seção A SEMANA:

O homem das bexigas

O britânico Ian Ashpole bateu no domingo, 28, o recorde de altitude em voo com bexigas: subiu 3.350 metros amarrado a 600 balões, superando sua marca de 3 mil metros. Ian subiu de bexiga e voltou de paraquedas. “Quando eu era criança, assisti a um filme chamado Balão vermelho. Desde então me apaixonei por esse esporte”, disse ele.

(ISTOÉ, 7/11/2001.)

- O título poderia ser considerado ambíguo, dado que a palavra **bexiga** tem vários sentidos em português. Cite pelo menos dois desses sentidos.
- Em que passagem do texto se desfaz a ambiguidade do título?
- Dada a modalidade esportiva que Ian pratica, qual poderia ser o tema do filme mencionado?

14. Enem 2013

Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. [...]

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. [...]

BRASIL. Lei n. 8 069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da criança e do adolescente**. Disponível em: www.planalto.gov.br (fragmento)

Para cumprir sua função social, o *Estatuto da criança e do adolescente* apresenta características próprias desse gênero quanto ao uso da língua e quanto à composição textual. Entre essas características, destaca-se o emprego de

- repetição vocabular para facilitar o entendimento.
- palavras e construções que evitem ambiguidade.
- expressões informais para apresentar os direitos.
- frases na ordem direta para apresentar as informações mais relevantes.
- exemplificações que auxiliem a compreensão dos conceitos formulados.

15. Insper-SP 2015



<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/50/avaliar-ou-examinar-olhando-esta-imagem-de-uma-agulha-335152-1.asp>

A crítica bem-humorada presente na charge sugere que:

- é impossível atingir êxito nos exames escolares.
- os professores são insensíveis às necessidades de seus alunos.
- a escola reproduz as injustiças existentes na sociedade em geral.
- exames de seleção privilegiam um tipo específico de habilidade.
- o esforço dos alunos deve ser sempre estimulado.

16. **Unicamp-SP** Nessa propaganda do dicionário Aurélio, a expressão “bom pra burro” é polissêmica, e remete a uma representação de dicionário.



Retirada de www.eitapiula.net/2009/09/aurelio.jpg

- Qual é essa representação? Ela é adequada ou inadequada? Justifique.
- Explique como o uso da expressão “bom pra burro” produz humor nessa propaganda.

17. **UFMG** Analise este *slogan* de uma empresa gráfica:

O NOSSO PRODUTO É UMA BOA IMPRESSÃO

Explique de que modo se explora, nesse *slogan*, a polissemia.

18. **UFRJ** Da euforia à depressão... Muitos são os estados de espírito que experimentamos, ao longo de nossas vidas, seja individualmente, seja na relação com o outro. Leia com atenção os textos, que, direta ou indiretamente, apresentam matizes diversos de humor.

Texto I

Mau humor crônico é doença e exige tratamento

Mau humor pode ser doença – e grave! Um transtorno mental que se manifesta por meio de uma rabugice que parece eterna. Lembra muito o estado de espírito do Hardy Har Har, a hiena de desenho animado famosa por viver resmungando “Oh dia, oh céu, oh vida, oh azar”.

Distímia é o nome dessa doença. Reconhecida pela medicina nos anos 80, é uma forma crônica de depressão, com sintomas mais leves. “Enquanto a pessoa com depressão grave fica paralisada, quem tem distímia continua tocando a vida, mas está sempre reclamando”, diz o psiquiatra Márcio Bernik, coordenador do Ambulatório de Ansiedade do Hospital das Clínicas (HC).

O distímico só enxerga o lado negativo do mundo e não sente prazer em nada. A diferença entre ele e o resto dos mal-humorados é que os últimos reclamam de um problema, mas param diante da resolução. O distímico reclama até se ganha na loteria. “Não fica feliz, porque começa a pensar em coisas negativas, como ser alvo de assalto ou de sequestro”, diz o psiquiatra Antônio Egídio Nardi, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

(...) E, se o mau humor patológico tem remédio, o mau humor “natural” também. Vários fatores interferem no humor. O cheiro, por exemplo, que é capaz de abrir o sorriso no rosto de um trombudo. E mais: ao contrário do que se pensa, o humor melhora com a idade!

(KLINGER, Karina. *Folha on-line* – www.folha.com.br, 15/07/2004.)

Texto II

Deus quer otimismo

Procópio acordava cedinho, abria a janela, exclamava:
– Que dia maravilhoso! O dia mais belo da minha vida!

Às vezes, realmente, a manhã estava lindíssima, porém outras vezes a natureza mostrava-se carrancuda. Procópio nem reparava. Sua exclamação podia variar de forma, conservando a essência:

– Estupendo! Sol glorioso! Delícia de vida!

Choveu o mês inteiro e Procópio saudou as trinta e uma cordas-d’água com a jovialidade de sempre. Para ele não havia mau tempo.

A família protestava contra a sua disposição fagueira e inalterável. A população erguia preces ao Senhor, rogando que parasse com o dilúvio. Um dia Procópio abriu a janela e foi levado pelas águas. Ia exclamando:

– Sublime! Agora é que sinto realmente a beleza do bom tempo integral! O azul é de Sèvres! Chove ouro líquido! Sou feliz!

Os outros, que não acreditavam nisto, submergiram, mas Procópio foi depositado na crista de um pico mais alto que o da Neblina, onde faz sol para sempre. Merecia.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.)

Conforme declara o narrador, para Procópio “não havia mau tempo”.

a) Considerando essa declaração, **identifique** a passagem em que a percepção do narrador em relação aos fatos narrados não coincide com a do personagem.

b) Levando em conta o sentido integral do texto, **explícite** a ambiguidade da expressão **mau tempo**.



Leia o texto para responder à questão 19.

Million Dollar Baby (a menina de um milhão de dólares) não entrega o ouro de cara: descreve a protagonista que tenta sair da sarjeta por meio do boxe. Emite a ideia de um prêmio a coroar a obstinação da heroína, que vive sentimentos crus e sem afagos. O título em inglês nos induz a uma expectativa que será redefinida. *Menina de ouro* esvazia a ambiguidade original e confere uma afetuosidade à personagem que não é a tônica da história.

REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Segmento, n. 5, 2006, p. 31-32.

19. **UFG-GO (Adapt.)** Com base na leitura do texto, pode-se afirmar que “*Million Dollar Baby* não entrega o ouro de cara” porque o título expressa

- a) a ambiguidade que induz a uma interpretação que será reformulada.
- b) a ideia de contraposição que sugere o caráter obstinado da personagem.
- c) a ironia que remete ao estado de pobreza incorporado pela protagonista.
- d) o sentido de afetuosidade que revela um tipo complexo de personagem.
- e) o pressuposto que conduz a uma expectativa que será comprovada.



Textos para responder à questão 20.

Texto 1

Entre o espaço público e o privado

Excluídos da sociedade, os moradores de rua ressignificam o único espaço que lhes foi permitido ocupar, o espaço público, transformando-o em seu “lugar”, um espaço privado. Espalhados pelos ambientes coletivos da cidade, fazendo comida no asfalto, arrumando suas camas, limpando as calçadas como se estivessem dentro de uma casa: assim vivem os moradores de rua. Ao andar pelas ruas de São Paulo, vemos essas pessoas dormindo nas calçadas, passando por situações constrangedoras, pedindo esmolas para sobreviver. Essa é a realidade das pessoas que fazem da rua sua casa e nela constroem sua intimidade. Assim, a ideia de individualização que está nas casas, na separação das coisas por cômodos e quartos que servem para proteger a intimidade do indivíduo, ganha outro sentido. O viver nas ruas, um lugar aparentemente inabitável, tem sua própria lógica de funcionamento, que vai além das possibilidades.

A relação que o homem estabelece com o espaço que ocupa é uma das mais importantes para sua sobrevivência. As mudanças de comportamento social foram sempre precedidas de mudanças físicas de local. Por mais que a rua não seja um local para viver, já que se trata de um ambiente público, de passagem e não de permanência, ela acaba sendo, senão única, a mais viável opção. Alguns pensadores já apontam que a habitação é um ponto base e adquire uma importância para harmonizar a vida. O pensador Norberto Elias comenta que “o quarto de dormir tornou-se uma das áreas mais privadas e íntimas da vida humana. Suas paredes visíveis e invisíveis vedam os

aspectos mais 'privados', 'íntimos', irrepreensivelmente 'animais' da nossa existência à vista de outras pessoas".

O modo como essas pessoas constituem o único espaço que lhes foi permitido indica que conseguiram transformá-lo em "seu lugar", que aproximaram, cada um à sua maneira, dois mundos nos quais estamos inseridos: o público e o privado.

RODRIGUES, Robson. *Moradores de uma terra sem dono*. (fragmento adaptado) In: <http://sociologiacienciaevida.uol.com.br/ESSO/edicoes/32/artigo194186-4.asp>. Acesso em 21/8/2014.

Texto 2



Disponível em: <www.jornaldaregiaosudeste.com.br/noticias/intensificada-campanha-dar-esmolos-nao-ajuda>. Acesso em 29 ago. 2014.

20. PUC-RS 2015 Pela leitura dos textos, é possível chegar à seguinte conclusão:

- a) A linguagem do texto 1 é tão persuasiva quanto a do texto 2.
- b) Ao contrário do texto 1, o texto 2 apresenta um ponto de vista único.
- c) A presença de aspas no texto 1 marca a posição contraditória do autor.
- d) Há uma passagem do texto 2 que faz uso de ambiguidade semântica intencional para provocar estranhamento.
- e) Em ambos os textos, a variante linguística é a norma-padrão.

21. Enem No ano passado, o governo promoveu uma campanha a fim de reduzir os índices de violência. Noticiando o fato, um jornal publicou a seguinte manchete:

CAMPANHA CONTRA A VIOLÊNCIA DO GOVERNO DO ESTADO ENTRA EM NOVA FASE

A manchete tem um duplo sentido, e isso dificulta o entendimento. Considerando o objetivo da notícia, esse problema poderia ter sido evitado com a seguinte redação:

- a) Campanha contra o governo do Estado e a violência entram em nova fase.
- b) A violência do governo do Estado entra em nova fase de Campanha.
- c) Campanha contra o governo do Estado entra em nova fase de violência.

- d) A violência da campanha do governo do Estado entra em nova fase.
- e) Campanha do governo do Estado contra a violência entra em nova fase.



Leia, a seguir, a crônica *Assassinos por distração*, de Martha Medeiros, e responda à questão **22**.

O Jornal Nacional, dias atrás, apresentou uma reportagem que merecia ser mais comentada. A história: na Flórida, dois rapazes e uma garota resolveram roubar algumas placas de PARE instaladas em cruzamentos. Motivo: falta do que fazer. Consequência: na noite seguinte, numa dessas esquinas desfalçadas de sinalização, três rapazes de 18 anos chocaram seu veículo contra um caminhão. Não sabiam que estavam atravessando uma preferencial. Tiveram morte instantânea.

O julgamento dos afanadores de placas foi televisado. Choravam feito bezerros desmamados. Alegavam que tudo não passou de uma brincadeira de mau gosto. Eram réus primários, quase crianças, e pediam clemência. Inútil. O juiz decretou 15 anos de prisão para cada um e disse estar sendo generoso, porque assassinos não costumam pegar menos de 30. Comovida com o arrependimento dos acusados, a mãe de um dos garotos morto no acidente pediu ao juiz que não os condenasse por tanto tempo, pois no presídio iriam conviver com bandidos de verdade e o futuro deles ficaria irreversivelmente comprometido. Nada feito. O juiz bateu o martelo e os três já estão vendo o sol nascer quadrado.

O juiz foi rígido? Na hora em que eu assistia ao telejornal, vendo o desespero daqueles jovens e de suas famílias, achei que sim. Mas uma pergunta me veio à cabeça: quem, nos Estados Unidos, vai agora ousar roubar uma placa de sinalização? Só um demente.

A lição é clara: a irresponsabilidade provoca crimes e a impunidade os multiplica. O Brasil está cheio desses pequenos transgressores que depredam orelhões e danificam placas de trânsito. [...] Precisam ser detidos.

Falta de intenção atenua um crime, mas não pode absolver. Qualquer pessoa com mais de 18 anos deve ter consciência de que dirigir bêbado, soltar foguetes, dar tiros para o alto, jogar coquetéis molotov dentro de ônibus, tudo isso também provoca tragédias. Estamos acostumados a chamar de assassinos apenas aquelas pessoas que saem de casa com uma pistola automática e o endereço da vítima anotado num papel. Já políticos que desviam verbas destinadas a postos de saúde, esses são gentilmente chamados de corruptos. Ladrões, no máximo. Assassinos, nunca.

Não somos marginais, mas somos todos homicidas em potencial. Basta uma inconseqüência, uma distorção de valores ou uma sandice como a dos jovens americanos. É pena que eles estejam pagando tão caro pelo que fizeram, mas outros três adolescentes morreram por sua causa, e outros tantos continuariam a morrer se o juiz pensasse como nós: o acusado poderia ser um filho meu. Poderia. Mas poderia também estar enterrado sete palmos abaixo da terra por não ter sido avisado de que no meio do caminho havia uma preferencial. Foi dado o recado: não existe muita diferença entre os assassinos por natureza e os assassinos por distração.

Junho de 1997

(MEDEIROS, M. *Topless*. Porto Alegre: L&PM, 2015. p.165-167.)

22. UEL-PR 2017 Releia as frases a seguir, extraídas da crônica.

Tiveram morte instantânea.

Nada feito.

Só um demente.

Assassinos, nunca.

Sobre essas frases, considere as afirmativas a seguir.

- I. Essas frases apresentam em comum o fato de marcarem uma ideia de síntese.
- II. O emprego dessas frases curtas no texto proporciona agilidade na leitura e causa maior impacto na apreensão dos sentidos.
- III. O uso de frases curtas e de efeito enfático desfaz ambiguidades e elimina o detalhamento acerca dos fatos narrados.
- IV. A concisão é um fator que compromete a fluidez das informações veiculadas pelo texto.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

23. ITA-SP Assinale a opção em que a ambiguidade ou o efeito cômico **NÃO** decorre da ordem dos termos.

- a) O estudo analisou, por 16 anos, hábitos como caminhar e subir escadas de homens com idade média de 58 anos. (Equilíbrio. *Folha de S.Paulo*, 19/10/2000)
- b) Andando pela zona rural do litoral norte, facilmente se encontram casas de veraneio e moradores de alto padrão. (*Folha de S.Paulo*, 26/01/2003)
- c) Atendimento preferencial para: idosos, gestantes, deficientes, crianças de colo. (Placa sobre um dos caixas de um banco.)
- d) Temos vaga para rapaz com refeição. (Placa em frente a uma casa em Campinas, SP.)
- e) Detido acusado de furtos de processos. (*Folha de S.Paulo*, 8/7/2000)

24. UERJ 2014

Gato gato gato

Familiar aos cacos de vidro inofensivos, o gato caminha molengamente por cima do muro. O menino ia erguer-se, apanhar um graveto, respirar o hálito fresco do porão. Sua úmida penumbra. Mas a presença do gato. O gato, que parou 5 indeciso, o rabo na **pachorra**¹ de uma quase interrogação.

(...)

Gato – leu no silêncio da própria boca. Na palavra não cabe o gato, toda a verdade de um gato. Aquele ali, ocioso, lento, **emoliente**² – em cima do muro. As coisas aceitam a incompreensão de um nome que não está cheio delas. Mas bicho, carece nomear direito: como rinoceronte, ou girafa se tivesse mais uma sílaba para caber o pescoço comprido. Girarafa, girafafa. Gatimonha, **gatimanhão**³. Falta um nome completo, felinoso e peludo, 15 **ronronante**⁴ de astúcias adormecidas.

O pisa-macio, as duas bandas de um gato. Pezinhos de um lado, pezinhos de outro, leve, bem de leve para não machucar o silêncio de feltro nas mãos enluvadadas.

O pelo do gato para alisar. Limpinho, o quente conta-20 to da mão no dorso, **corcoveante**⁵ e **nodoso**⁶ à carícia. O lânguido sono de **morfinômano**⁷. O marzinho de leite no pires e a língua secreta, ágil. A ninhada de gatos, os trêmulos filhotes de olhos cerrados. O novelo, a bola de papel – o menino e o gato brincando. Gato **lúdico**⁸. O gatorro, mais 25 felino do que o cachorro é canino. Gato persa, gatochim – o espirro do gato de olhos orientais. Gato de botas, as aristocráticas pantufas do gato. A manha do gato, gatimanha: teve um gata **miolenta**⁹ em segredo chamada Alemanha.

Em cima do muro, o gato recebeu o aviso da pre-30 sença do menino. Ondulou de mansinho alguns passos denunciados apenas na branda alavanca das ancas. Passos irrealis, em cima do **muro erçado**¹⁰ de cacos de vidro. E o menino **songa-monga**¹¹, quietinho, conspirando no quintal, acomodado com o silêncio de todas as coisas.

35 No se olharem, o menino suspendeu a respiração, ameaçando de asfixia tudo que em torno dele com ele respirava, num só sistema pulmonar. O translúcido manto de calma sobre o **claustro**¹² dos quintais. O coração do menino batendo baixinho. O gato olhando o menino vegetalmente 40 nascendo do chão, como árvore desarmada e inofensiva. A **insciência**¹³, a inocência dos vegetais.

(...)

Menino e gato ronronando em harmonia com a pudica intimidade do quintal. Muro, menino, cacos de vidro, 45 gato, árvores, sol e céu azul: o milagre da comunicação perfeita. A comunhão dentro de um mesmo barco. O que existe aqui, agora, lado a lado, navegando. A confiança essencial prestes a exalar, e sempre adiada. E nunca. O gato, o menino, as coisas: a vida **túmida**¹⁴ e solidária. 50 O teimoso segredo sem fala possível. Do muro ao menino, da pedra ao gato: como a árvore e a sombra da árvore.

Otto Lara Resende

BOSI, Alfredo. O conto brasileiro contemporâneo. São Paulo: Cultrix, 1975.

- 1 **pachorra** – lentidão
- 2 **emoliente** – que amolece
- 3 **gatimonha, gatimanhão** – movimento lento com as mãos
- 4 **ronronante** – referente ao ruído produzido pelo gato
- 5 **corcoveante** – ondulante
- 6 **nodoso** – cheio de nós
- 7 **morfinômano** – que gosta de dormir
- 8 **lúdico** – relativo à brincadeira, ao jogo
- 9 **miolenta** – combinação de miar + lenta
- 10 **erçado** – arrepiado
- 11 **songa-monga** – dissimulado
- 12 **claustro** – pátio interior nos conventos
- 13 **insciência** – ignorância
- 14 **túmida** – inchada

Em cima do muro, o gato recebeu o aviso da presença do menino. (linhas 29-30)

O adjunto adverbial que ocorre neste enunciado pode ser deslocado para outras posições; em uma delas, porém, a frase se tornará ambígua.

Reescreva o enunciado duas vezes com o deslocamento do adjunto, de modo a manter o sentido original em uma e a criar ambiguidade em outra. Aponte, também, a construção ambígua e explique-a.



A questão **25** baseia-se no texto de Moacyr Scliar.

A casa das ilusões perdidas

Quando ela anunciou que estava grávida, a primeira reação dele foi de desagrado, logo seguida de franca irritação. Que coisa, disse, você não podia tomar cuidado, engravidar logo agora que estou desempregado, numa pior, você não tem cabeça mesmo, não sei o que vi em você, já deveria ter trocado de mulher havia muito tempo. Ela, naturalmente, chorou, chorou muito. Disse que ele tinha razão, que aquilo fora uma irresponsabilidade, mas mesmo assim queria ter o filho. Sempre sonhara com isso, com a maternidade — e agora que o sonho estava prestes a se realizar, não deixaria que ele se desfizesse.

— Por favor, suplicou. — Eu faço tudo que você quiser, eu dou um jeito de arranjar trabalho, eu sustento o nenê, mas, por favor, me deixe ser mãe.

Ele disse que ia pensar. Ao fim de três dias daria a resposta. E sumiu.

Voltou, não ao cabo de três dias, mas de três meses. Àquela altura ela já estava com uma barriga avantajada que tornava impossível o aborto; ao vê-lo, esqueceu a desconsideração, esqueceu tudo — estava certa de que ele vinha com a mensagem que tanto esperava, você pode ter o nenê, eu ajudo você a criá-lo.

Estava errada. Ele vinha, sim, dizer-lhe que podia dar à luz a criança; mas não para ficar com ela. Já tinha feito o negócio: trocariam o recém-nascido por uma casa. A casa que não tinham e que agora seria o lar deles, o lar onde — agora ele prometia — ficariam para sempre.

Ela ficou desesperada. De novo caiu em prantos, de novo implorou. Ele se mostrou irredutível. E ela, como sempre, cedeu.

Entregue a criança, foram visitar a casa. Era uma modesta construção num bairro popular. Mas era o lar prometido e ela ficou extasiada. Ali mesmo, contudo, fez uma declaração:

— Nós vamos encher esta casa de crianças. Quatro ou cinco, no mínimo.

Ele não disse nada, mas ficou pensando. Quatro ou cinco casas, aquilo era um bom começo.

(Moacyr Scliar, *Folha de S. Paulo*, 14.06.1999.)

- 25. Unifesp** No texto, há muitas retomadas pronominais, basicamente expressas pelos pronomes **ele** e **ela**. Isso não gera ambiguidade principalmente porque
- se alternam os pronomes com sinônimos.
 - as referências dos pronomes são muito restritas.
 - as formas verbais estão todas no mesmo tempo.
 - todos os pronomes poderiam ser omitidos.
 - as frases curtas limitam a interpretação.

26. UFPR

Os economistas são entendidos em mercado financeiro. Os economistas descreveram os efeitos dos juros. Os juros são altos. Todos os efeitos são arrasadores.

Assinale a alternativa em que as informações acima foram reunidas adequadamente e sem ambiguidade.

- Os economistas que são entendidos em mercado financeiro descreveram os efeitos dos juros altos, que são arrasadores.

- Os economistas entendidos em mercado financeiro descreveram os efeitos que são arrasadores dos altos juros.
- Entendidos em mercado financeiro, os economistas descreveram os efeitos dos altos juros que são arrasadores.
- Em relação aos juros altos, os economistas, entendidos em mercado financeiros, descreveram os efeitos que são arrasadores.
- Os economistas, que são entendidos em mercado financeiro, descreveram os efeitos, arrasadores, dos juros, que são altos.

27. FGV-SP 2015 (Adapt.)

— Hoje é dia de Natal, menino. Eles vão jantar fora, eu também tenho a minha festa, você vai jantar sozinho.

Alonso inclinou-se. E espiou apreensivo debaixo do fogão. Dois olhinhos brilharam no escuro. [O cachorro] Biruta ainda estava lá e Alonso suspirou. Era tão bom quando Biruta resolvia se sentar! Melhor ainda quando dormia. Tinha então a certeza de que não estava acontecendo nada, era a trégua. Voltou-se para Leduína.

— O que seu filho vai ganhar?

— Um cavalinho — disse a mulher. A voz suavizou. —

Quando ele acordar amanhã vai encontrar o cavalinho dentro do sapato dele. Vivia me atormentando que queria um cavalinho, que queria um cavalinho...

Alonso pegou uma batata cozida, morna ainda. Fechou-a nas mãos arroxeadas.

— Lá no orfanato, no Natal, apareciam umas moças com uns saquinhos de balas e roupas. Tinha uma moça que já me conhecia, me dava sempre dois pacotinhos em lugar de um. Era a madrinha. Um dia ela me deu sapatos, um casaquinho de malha e uma camisa...

— Por que ela não adotou você?

— Ela disse uma vez que ia me levar, ela disse. Depois não sei por que ela não apareceu mais, sumiu...

Deixou cair na caçarola a batata já fria. E ficou em silêncio, as mãos abertas em torno da vasilha. Apertou os olhos. Deles irradiou-se para todo o rosto uma expressão dura. Dois anos seguidos esperou por ela, pois não prometera levá-lo? Não prometera? Nem sabia o seu nome, não sabia nada a seu respeito, era apenas a Madrinha. Inutilmente a procurava entre as moças que apareciam no fim do ano com os pacotes de presentes. Inutilmente cantava mais alto do que todos no fim da festa na capela. Ah, se ela pudesse ouvi-lo!

(Lygia Fagundes Telles, *Um coração ardente*)

Analise as informações, extraídas e adaptadas da *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, e responda ao solicitado.

Em algumas ocasiões, o possessivo “seu” pode dar lugar a dúvidas, a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de seu, sua, seus, suas, pelas formas dele, dela, deles, delas, de você, do senhor, etc., conforme convier.

Transcreva do texto uma passagem em que um eventual emprego do pronome **seu** geraria ambiguidade e explique quais seriam os potenciais referentes do pronome, nesse caso.

28. Fuvest-SP Responda ao que se pede:

Ao lado de um caixa eletrônico de um grande banco, pode ser lido o seguinte aviso:

Em caso de dúvida, somente aceite ajuda de funcionário do banco.

Reescreva a frase, posicionando adequadamente o termo sublinhado, de modo a eliminar a ambiguidade nela existente.



Leia o texto para responder ao que se pede na questão **29**.

Grávida não encontra remédio caro em SP

[...] A diarista Maria do Carmo Brandão, 32, no oitavo mês de uma gravidez de risco, aguarda atendimento na Casa de Saúde da Mulher Prof. Domingos Delascio, SP. Ela diz não ter problemas com a rede de saúde [...]. Maria do Carmo tem os melhores médicos, exames, mas a atenção à sua saúde não é integral, pena para achar o remédio para toxoplasmose, doença que porta e pode causar deformações no bebê se não tratada.

Como a Casa não tem autorização para distribuir o remédio de alto custo, as mulheres são obrigadas a procurá-lo em centros de distribuição específica, onde não é fácil achá-lo, relata.

Folha de S.Paulo. São Paulo, 15 fev. 2005, p. C3, Cotidiano.

29. UFG-GO O título da reportagem permite mais de uma interpretação, ambiguidade que é desfeita com a leitura do texto. Elabore duas interpretações possíveis para esse título, indicando aquela que corresponde ao conteúdo da matéria.

30. UFMS As frases abaixo, na forma em que se encontram, apresentam ambiguidade, **EXCETO**:

- a) Funcionários cogitam uma nova greve e isolam o governador.
- b) O coro dos maiores de 60 anos vai ser suspenso durante o verão, com o agradecimento de todos.
- c) Mano Meneses completa cem jogos no comando do Corinthians contra o Fluminense.
- d) Não se eliminará o crime com burocratas querendo satisfazer o apetite por sangue do público.
- e) De olho na sucessão, homem-forte de Uribe deixa gabinete.

31. Enem 2013

Dúvida

Dois compadres viajavam de carro por uma estrada de fazenda quando um bicho cruzou a frente do carro. Um dos compadres falou:

- Passou um largato ali
- O outro perguntou:
 - Lagarto ou largato?
- O primeiro respondeu:
 - Num sei não, o bicho passou muito rápido.

Piadas coloridas. Rio de Janeiro: Gênero, 2006.

Na piada, a quebra de expectativa contribui para produzir o efeito de humor. Esse efeito ocorre porque um dos personagens

- a) reconhece a espécie do animal avistado.
- b) tem dúvida sobre a pronúncia do nome do réptil.
- c) desconsidera o conteúdo linguístico da pergunta.
- d) constata o fato de um bicho cruzar a frente do carro.
- e) apresenta duas possibilidades de sentido para a mesma palavra.



Examine a tirinha.



Laerte, in: Manual do Minotauro

32. Fuvest 2019

- a) De que maneira o terceiro quadrinho contribui para a construção do humor da tirinha?
- b) A que contexto se relaciona o último enunciado da tirinha? Justifique.

EM13LGG101, EM13LP02 e EM13LP52

1. Leia um trecho do romance *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry.

VII

No quinto dia, sempre graças ao carneiro, este segredo da vida do pequeno príncipe foi de súbito revelado. Perguntou-me, sem preâmbulo, como se fora o fruto de um problema muito tempo meditado em silêncio:

- Um carneiro, se come arbusto, come também as flores?
- Um carneiro come tudo que encontra.
- Mesmo as flores que tenham espinho?
- Sim. Mesmo as que têm.
- Então... para que servem os espinhos?

Eu não sabia. Estava ocupadíssimo naquele instante, tentando desatarraxar do motor um parafuso muito apertado. Minha pane começava a parecer demasiado grave, e em breve já não teria água para beber...

- Para que servem os espinhos?

O príncipezinho jamais renunciava a uma pergunta, depois que a tivesse feito. Mas eu estava irritado com o parafuso e respondi qualquer coisa:

- Espinho não serve para nada. São pura maldade das flores.

[...]

Saint-Exupéry, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. Trad. Dom Marcos Barbosa. 42. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1994. p. 25-26.

Assinale a(s) proposição(ões) que esteja(m) de acordo com o texto e anote a soma das alternativas **corretas**.

- 01.** Na passagem “sempre graças ao carneiro”, o advérbio **sempre** é um pressuposto de que o personagem carneiro tem o costume de revelar os segredos do Pequeno Príncipe.
- 02.** A palavra **fruto** em “fruto de um problema” é utilizada no sentido literal.
- 04.** Na oração “se come arbusto” há um verbo reflexivo.
- 08.** A oração “Mesmo as que têm” apresenta a elipse do vocábulo **espinho**.
- 16.** O adjetivo **ocupadíssimo** está no grau comparativo.
- 32.** Na oração “O príncipezinho jamais renunciava a uma pergunta”, o advérbio **jamais** é um pressuposto de que o Pequeno Príncipe sempre fazia perguntas e não desistia até que conseguisse as respostas.
- 64.** Na passagem “São pura maldade das flores”, o verbo **são** está conjugado na terceira pessoa do singular.

Soma:

EM13LGG101 e EM13LP06

2. Leia a seguinte manchete de uma notícia do jornal português *Correio do Povo*.

Mulheres já podem dirigir na Arábia Saudita

AFP, 25 jun. 2018. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/mulheres-j%C3%A1-podem-dirigir-na-ar%C3%A1bia-saudita-1.265452>. Acesso em: 22 fev. 2022.

Qual fenômeno linguístico ocorre na oração?

- a) Pressuposto.
- b) Subentendido.
- c) Ironia.
- d) Elipse.
- e) Ambiguidade.

EM13LGG101 e EM13LP08

3. Leia a seguinte manchete de uma notícia do jornal português *Diário de Notícias*.

Marcelo condecora Miguel Portas no dia do seu aniversário

Diário de Notícias, 1 maio 2017. Disponível em: <https://www.dn.pt/portugal/marcelo-condecora-miguel-portas-no-dia-do-seu-aniversario-por-proposta-de-costa-6258720.html>. Acesso em: 22 fev. 2022.

Reorganize estruturalmente a sentença para que a ambiguidade seja eliminada.



Posto, logo existo.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

6

Relações de intertextualidade

O aspecto sarcástico da imagem é apresentado ao leitor na frase do balão: “Posto, logo existo”, pois nela há uma referência implícita à celebre sentença criada por René Descartes: “penso, logo existo”. Essa referência revela uma crítica à sociedade moderna, pois compara a futilidade da afirmação da personagem com a genialidade da reflexão proposta por Descartes. A correta compreensão desse sentido exige do interlocutor a capacidade de reconhecer a sentença original.

A relação entre a fala da personagem e a frase icônica do pensador francês é chamada de intertextualidade e, neste capítulo, estudaremos seus principais tipos e os efeitos de sentido produzidos por ela.

Intertextualidade

Conceito base

Consideramos intertextualidade como uma relação dialogal estabelecida entre dois ou mais textos. Essa relação pode ser estabelecida de modo explícito, temático ou implícito. Independentemente da forma como é criada, a intertextualidade sempre amplia a capacidade do texto de apresentar ou defender uma tese. Para compreender esse efeito, analise o exercício resolvido a seguir.

Exercício resolvido

1. UFU-MG 2015



Disponível em: <<http://lojacomunicacao.com/#/piaui-blogs/>>. Acesso em: 7 fev. 2015.

O anúncio publicitário, produzido por uma revista para divulgar seus blogs, dialoga com outro texto. Considerando essa informação,

- indique que texto é esse e explique o processo de intertextualidade que se estabelece entre ele e o anúncio publicitário.
- explique de que maneira a linguagem não verbal do anúncio publicitário contribui com o diálogo estabelecido entre os dois textos.

Resolução:

- O anúncio publicitário apresentado dialoga com a frase do químico francês Lavoisier, que diz: “Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. A revista se situa como uma protagonista na criação de material jornalístico, estando, portanto, na contramão da tendência moderna de copiar informações. Esse sentido crítico é reforçado na mensagem “Aqui, tudo se cria. Nada se copia”. Há, portanto, uma relação intertextual propositalmente criada na propaganda com a reflexão proposta por Lavoisier. Essa intertextualidade faz com que o sentido da mensagem se torne mais interessante e sua apresentação bem-humorada, por conta desse diálogo.
- A propaganda foi criada para divulgar o trabalho dos blogs criados na plataforma da revista e apresenta uma mensagem bastante contextualizada no mundo digital: graças à facilidade de copiar e colar informações de sites de terceiros – processo de apropriação visualmente ilustrado pelas teclas “Control” e “C” –, é cada vez mais difícil para o usuário comum encontrar informações realmente autorais. A linguagem não verbal do anúncio reforça a aversão da revista ao ato de copiar conteúdo.

Observe que, para compreendermos corretamente a propaganda apresentada pela questão de vestibular, era preciso que conhecêssemos a sentença original, o que o permitiria ampliar o significado do texto. Grande parte das intertextualidades, desse modo, exige um repertório cultural do leitor. Outras, porém, trazem de modo explícito a referência do texto com o qual dialogam. Veremos, a seguir, este último tipo de intertextualidade.

Relações explícitas de intertextualidade

São aquelas em que a mensagem apresenta a fonte ou o autor do texto com o qual estabelece um diálogo. Por serem relações explícitas, essas intertextualidades não dependem exclusivamente do repertório do leitor, ou seja, podem ser corretamente interpretadas mesmo que este desconheça as ideias evocadas no diálogo. Considerando isso, veja a seguir os principais tipos de intertextualidades explícitas:

Citação

Pode ser considerada como a intertextualidade mais facilmente reconhecível em um texto. Isso porque a fonte do texto é apresentada ao leitor e, frequentemente, trechos em discurso direto ou indireto são usados para apresentar a ideia. O exemplo a seguir ilustra esse conceito:

Publicado em 1948, o livro 1984, de George Orwell, saltou para o topo da lista dos mais vendidos [...]. A distopia de Orwell, mesmo situada no futuro, tinha um endereço certo em seu tempo: o stalinismo. [...] O mundo da “pós-verdade”, dos “fatos alternativos” e da anestesia intelectual nas redes sociais mais parece outra distopia, publicada em 1932: Admirável mundo novo, de Aldous Huxley.

Não se trata de uma tese nova. Ela foi levantada pela primeira vez em 1985, num livreto do teórico da comunicação americano Neil Postman: *Amusing ourselves to death* (Nos divertindo até morrer), lembrado por seu filho Andrew em artigo recente no *The Guardian*. “Na visão de Huxley, não é necessário nenhum Grande Irmão para despojar a população de autonomia, maturidade ou história”, escreveu Postman. “Ela acabaria amando sua opressão, adorando as tecnologias que destroem sua capacidade de pensar. Orwell temia aqueles que proibiriam os livros. Huxley temia que não haveria motivo para proibir um livro, pois não haveria ninguém que quisesse lê-los. Orwell temia aqueles que nos privariam de informação. Huxley, aqueles que nos dariam tanta que seríamos reduzidos à passividade e ao egoísmo. Orwell temia que a verdade fosse escondida de nós. Huxley, que fosse afogada num mar de irrelevância.”

Revista Época. n. 973. 13 fev. 2017, p. 67.

Epígrafe

Pode ser considerada um subtipo de citação. Corresponde a uma intertextualidade em discurso direto que antecede o início do texto. É comumente usada como forma de sintetizar a principal ideia que será discutida e, na maior parte das vezes, emprega-se em artigos acadêmicos, artigos de opinião e outros gêneros dissertativos. Em dissertações de mestrado, teses de doutorado ou monografias de conclusão de curso, a citação costuma ser feita na contracapa do trabalho.

Na esfera literária, é frequentemente usada em poemas ou no início de narrativas, como o conto e o romance. O exemplo a seguir é retirado de um dos livros poéticos de estreia de Machado de Assis e faz uso de uma citação de um poeta polonês.

POLÔNIA

E ao terceiro dia a alma deve voltar ao corpo, e a nação ressuscitará. *MICKIEWICZ*

Como aurora de um dia desejado,
Clarão suave o horizonte inunda.
É talvez a manhã. A noite amarga
Como que chega ao termo; e o sol dos livres,
Cansado de te ouvir o inútil pranto,
Alfim ressurgir no dourado Oriente.

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. vol. II.

Relações temáticas de intertextualidade

Diferentemente das relações de citação e epígrafe, neste tipo de intertextualidade o diálogo é relacionado a um tema em específico. Os autores dos textos envolvidos na intertextualidade não precisam, necessariamente, criar citações entre si, pois a relação é estabelecida a partir do tema que ambos abordam. Para compreender esse conceito, veja o exercício resolvido a seguir:

Exercício resolvido

2. Unicamp-SP 2020

Texto I

Os idiomas e suas regras são coisas vivas, que vão se modificando de maneira dinâmica, de acordo com o momento em que a sociedade vive. Um exemplo disso é a adoção do termo “maratonar”, quando os telespectadores podem assistir a vários ou a todos os episódios de uma série de uma só vez. Contudo, ao que parece, a plataforma Netflix não quer mais estar associada à “maratona” de séries. A maior razão seria a tendência atual que as gigantes da tecnologia têm seguido para evitar o consumo excessivo e melhorar a saúde dos usuários.

(Adaptado de Claudio Yuge, “Você notou? Netflix parece estar evitando o termo ‘maratonar’.” Disponível em <https://www.tecmundo.com.br/internet/133690-voce-notou-netflix-pareceevitando-termo-maratonar.htm>. Acessado em 01/06/2019.)

Texto II



(Disponível em <http://www.willtirando.com.br/anesia-417/>. Acessado em 01/06/2019.)

Embora os dois textos tratem do termo “maratonar” a partir de perspectivas distintas, é possível afirmar que o Texto II retoma aspectos apresentados no Texto I porque

- a) esclarece o significado do neologismo “maratonar” como esforço físico exaustivo, derivado de “maratona”.
- b) deprecia a definição de “maratona” como ação contínua de superação de dificuldades e melhoria da saúde.
- c) reflete sobre o impacto que a falta de exercícios físicos e a permanência em casa provocam na saúde.
- d) menospreza o uso do termo “maratonar” relacionado a um estilo de vida sedentário, antagônico a maratona.

Resolução:

A charge elabora uma crítica sarcástica ao significado do neologismo em oposição ao sentido do vocábulo que o deu origem, conforme aponta a alternativa d. Entre a tirinha e o artigo há uma abordagem comum com relação ao neologismo “maratonar”. Ainda que cada um dos textos apresente esse neologismo com propósitos e teses distintas, é possível dizer que existe uma intertextualidade temática entre ambos. É bastante comum que, nos exames atuais, as bancas façam aproximações de textos diferentes, como no exemplo acima, e peçam uma avaliação sobre possíveis concordâncias ou discordâncias entre eles.

Alternativa: D.

Relações implícitas de intertextualidade

Neste tipo de intertextualidade, o diálogo entre os textos exige repertório do leitor, pois a mensagem não apresenta de modo evidente a fonte do texto referenciado. Esse processo pode ser gerado porque o autor da intertextualidade acredita que qualquer leitor deva conhecer a fonte com quem dialoga, ou ainda porque o texto citado se refere a uma ideia, fala ou pensamento contextualmente relevante e contemporâneo. Em comédias de *stand up*, por exemplo, é comum que os textos façam referências a falas atuais de políticos para potencializar o efeito de humor.

Considerando essas informações, veja a seguir os principais tipos de intertextualidade implícita.

Alusão

É o tipo mais elementar de intertextualidade implícita. Na alusão, o texto ou ideia referenciada não é apresentada diretamente ao leitor e, por conta disso, espera-se um repertório cultural que o permita compreender completamente a mensagem. Devemos considerar esse tipo de intertextualidade como uma menção indireta a algo. Para ilustrar esse mecanismo, observe o exercício resolvido a seguir:

Exercício resolvido

3. UFU-MG 2015 Adapt.

Visão 1944

Carlos Drummond de Andrade

Meus olhos são pequenos para ver
a massa de silêncio concentrada
por sobre a onda severa, piso oceânico
esperando a passagem dos soldados.

Meus olhos são pequenos para ver
o general com seu capote cinza
escolhendo no mapa uma cidade
que amanhã será pó e pus no arame.

Meus olhos são pequenos para ver o corpo
pegajento das mulheres que foram lindas,
beijo cancelado na produção de tanques e granadas.
Meus olhos são pequenos para ver
a distância da casa na Alemanha
a uma ponte na Rússia,
onde retratos, cartas, dedos de pé boiam em sangue.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988. p.163-164.

Construa um texto explicando por que o título do poema pode ser considerado uma figura de linguagem denominada alusão.

Resolução:

O título do poema faz referência (alusão) ao ano de 1944, ano com diversos acontecimentos marcantes para a Segunda Guerra Mundial. Assim como o texto, o poema contém diversas referências à guerra, o que confirma a alusão do título.

Embora o texto da questão seja desafiador por problematizar situações inaceitáveis, o mecanismo de alusão é feito muitas vezes em textos corriqueiros, cotidianos, como forma de facilitar a comunicação entre as pessoas. Pensando nisso, veja as sentenças a seguir:

Sentença 1

“Não podemos desanimar, mesmo sabendo que existem muitas pedras no meio do nosso caminho.”

Nessa sentença, a mensagem faz referência ao célebre poema “No meio do caminho”, de Drummond.

Sentença 2

“Não sei exatamente o que aconteceu, por isso não vou opinar. Prefiro não julgar porque também não quero ser julgado.”

Nessa sentença, a mensagem faz referência a um sermão bíblico em que Jesus adverte que não devemos julgar para não sermos julgados.

Paráfrase

Pode ser considerada um desdobramento da alusão. Na paráfrase, a mensagem não se apropria apenas de uma ideia,

pois incorpora uma estrutura semelhante ao texto referenciado. Trata-se do caso dos poemas “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, composto em 1857, e de Casemiro de Abreu, em 1859. Leia um fragmento de cada um deles a seguir:

Texto 1

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

DIAS, Antônio Gonçalves. *Poemas de Gonçalves Dias*. São Paulo: Cultrix, 1968.

Texto 2

Se eu tenho de morrer na flor dos anos
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
Os gozos do meu lar!

O país estrangeiro mais belezas
Do que a pátria, não tem;
E este mundo não vale um só dos beijos
Tão doces duma mãe!

Dá-me os sítios gentis onde eu brincava
Lá na quadra infantil;
Dá que eu veja uma vez o céu da pátria,
O céu do meu Brasil!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

ABREU, Casimiro de; SILVA, Domingos Carvalho da (org.). *As primaveras*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Observe que, diferentemente da simples alusão, a paráfrase mantém em sua estrutura alguns elementos do texto referenciado. Assim, trata-se de uma intertextualidade que extrapola a simples menção a uma ideia ou texto, conservando em seu interior uma organização e um conteúdo semelhante ao referente.

Paródia

Assim como a paráfrase, a paródia conserva uma parte da ideia do texto original. Porém, ao fazê-lo, desvirtua-o para criar um efeito humorístico, sarcástico, reflexivo ou crítico. Ambas se diferenciam, portanto, pelo efeito de sentido pretendido pelo autor. Leia os exemplos a seguir e repare como as paródias desvirtuam o valor dos ditados populares, atribuindo-lhes um aspecto cômico.

Para bom entendedor, meia palavra basta.

Ditado popular

Para bom paranoico, meia informação basta.

Paródia famosa. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/561683384746933029/>

O que os olhos não veem, o coração não sente.

Ditado popular

O que os olhos não veem, os amigos contam.

Paródia famosa. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NjcyNTk5/>

Além dessa releitura, veja a tirinha a seguir para compreender de modo mais claro a finalidade de uma paródia:



Niquell Naisea de
Fernando Gonçalves

Veja que, no primeiro quadro, a personagem convoca as demais abelhas a partir de uma sentença muito semelhante à convocação feita por Karl Marx em “O manifesto comunista”. Já no segundo quadro, a referência torna-se ainda mais cômica porque há uma aproximação temática do imperativo “uni-vos”, usado por Marx, e “zuní-vos”, contextualizado, considerando-se tratar de um grupo de abelhas.

Tendo visto todos os tipos de intertextualidades implícitas e suas diferenças, veja o quadro a seguir, que as resume.

Intertextualidades implícitas		
Tipo de relação	Característica principal	Efeito de sentido
Alusão	Menção a algo, a alguma ideia ou algum texto.	Empregada para melhorar a expressividade da mensagem e facilitar a comunicação.
Paráfrase	Manutenção de parte da estrutura do texto referenciado.	Ampliação do sentido da mensagem.
Paródia	Manutenção da estrutura e subversão do sentido do texto referenciado.	Produção de um sentido cômico ou sarcástico.

Nos exames atuais, é bastante comum que as bancas exijam que o candidato relacione textos diversos, como um artigo de opinião ou uma crônica, por exemplo, a um ditado popular. Podemos considerar que esse tipo de questão se encaixa em uma intertextualidade temática e, muitas vezes, a resolução desses exercícios demanda um conhecimento bem desenvolvido a respeito dos provérbios. Tendo isso em vista, estudaremos, a seguir, esse gênero textual.

Provérbios e ditados populares

Conceito base

Provérbios são enunciados que transmitem alguma sabedoria popular a partir de construções figuradas. Geralmente, são transmitidos oralmente entre gerações e, por conta disso, possuem uma estrutura facilmente memorizável, sobretudo por serem enunciados curtos. Além disso, costumam ser construídos por meio de uma relação de causa e consequência, o que facilita sua interpretação. Sabendo disso, analise dois ditados muito conhecidos a seguir:

Ditado 1

De grão em grão a galinha enche o papo.

Ditado 2

Macaco velho não pula em galho seco.

Em ambos, há uma lição semelhante transmitida pelas mensagens. No primeiro, a ideia difundida é de que devemos conquistar nossas metas a partir de um esforço diário, ainda que ele pareça pouco expressivo. Já no segundo, podemos compreender que a experiência de vida nos auxilia a evitar problemas desnecessários.

Nos dois casos, há uma relação de causa que gera uma consequência: o esforço diário resulta em uma vitória, e as experiências de vida nos tornam mais prevenidos. Além disso, observa-se que as mensagens foram transmitidas a partir de uma alegoria com animais e elementos da natureza. Essa estratégia é muito semelhante ao que ocorre nas fábulas, pois é comum que os provérbios recorram a elementos naturais para facilitar a interpretação e o compartilhamento da mensagem. Há, porém, alguns deles que não fazem uso dessa estratégia, mas se estruturam de forma semelhante. Para compreender isso, veja os próximos exemplos:

Ditado 3

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

Ditado 4

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

Novamente, as duas mensagens carregam o mesmo ensinamento pautado em uma causa que gera uma consequência. No primeiro, recorre-se a imagem de Deus para estimular o esforço pessoal como garantia de resultados; no segundo, aprendemos que seremos tratados pelas pessoas assim como as tratamos, principalmente quando queremos ofendê-las. Diferentemente dos provérbios anteriores, porém, esses dois ditados apresentam outra faceta comum nesse gênero: há expressiva ocorrência de rimas internas, aliterações e trocadilhos, recursos sonoros que facilitam ainda mais a transmissão da mensagem, pois auxiliam na memorização do texto.

Considerando essas informações, veja o exercício resolvido a seguir:

Exercício resolvido

4. Unicamp-SP



(Disponível em coletivotransverso.blogspot.com.br.
Acessado em 29/10/2013.)

A intervenção urbana acima reproduzida foi criada pelo Coletivo Transverso, um grupo envolvido com arte urbana e poesia, que afixou cartazes como esses em muros de uma grande cidade.

- Que outro texto está referido em “SEGURO MORREU DE TÉDIO”?
- A relação entre os dois textos – o do cartaz e aquele a que ele remete – é importante para a interpretação dessa intervenção urbana? Justifique sua resposta.

Resolução:

- O texto remete ao provérbio “O seguro morreu de velho.”
- Para compreender de forma completa a advertência proposta por essa inquietante manifestação artística, é preciso perceber sua intertextualidade com o ditado popular “o seguro morreu de velho”. Segundo esse provérbio, é preciso viver sempre de modo cauteloso, pois esse comportamento garantirá que nada poderá nos surpreender negativamente, o que, conseqüentemente, nos permitirá ter uma vida longa. Assim, a mensagem transmitida por ele é de que não devemos correr riscos. A arte oferece, entretanto, uma nova leitura para esse provérbio: segundo a mensagem reconstruída, uma vida em que nunca iremos correr riscos é simplesmente tediosa e deve ser evitada. Afinal, qual o prazer em viver sem desafios? Ou, ainda, como iremos amadurecer se nunca nos colocarmos em situações que possam fugir ao controle se não nos esforçarmos? Podemos concluir, dessa forma, que a correta interpretação da mensagem exigia reconhecer a intertextualidade com o provérbio e, sem construir a relação entre eles, não poderíamos compreender completamente o questionamento levantado pelo coletivo urbano.

Relações entre linguagem verbal e não verbal

Conceito base

No cotidiano, é bastante frequente que mensagens publicitárias, notícias, crônicas, reportagens e outros gêneros façam uso da linguagem verbal, como a língua portuguesa e inglesa, e da linguagem visual, como os grafites em centro urbanos e fotografias em revistas. Essa relação entre esses dois tipos de linguagem muitas vezes amplia a capacidade da mensagem de transmitir uma informação. Há textos, porém, em que ambas não apenas permitem a difusão da mensagem de modo mais efetivo, como também são fundamentais para que o texto cumpra sua função social.

Sabendo disso, veja a propaganda a seguir, criada para uma campanha de conscientização sobre o câncer de mama:



Sem a imagem, o texto verbal provavelmente não faria tanto sentido ao leitor, sobretudo pela sentença “vamos tocar neste assunto”. Apesar do contexto facilitar a interpretação, a figura de uma mulher com uma das mãos no seio é fundamental para que a mensagem se torne mais clara e expressiva, pois ilustra a necessidade do autoexame feminino para descobrir precocemente a doença. Ademais, a imagem também permite que a expressão verbal “vamos tocar” seja articulada com duplo sentido. Isso porque pode ser interpretada de modo figurado, como sinônimo da expressão “vamos abordar esse assunto”, ou de modo literal, pois a protagonista da propaganda está se examinando contra a doença. Com isso, podemos dizer que o texto visual desempenha um papel crucial para que a propaganda alcance de modo mais efetivo seu público-alvo.

Assim, estudaremos a seguir as principais relações que podem ser estruturadas entre linguagem verbal e visual.

Ilustração

Nas relações de ilustração, o texto visual reitera o que diz o texto verbal. Trata-se de uma relação bastante comum em propagandas e reportagens, por exemplo. Caso você queira vender um tônico capilar, é natural que a figura que acompanhe o texto verbal seja de alguém com cabelos grandes e volumosos. De modo semelhante, ao produzir uma reportagem sobre os benefícios das vitaminas para um envelhecimento saudável, naturalmente a fotografia que acompanha a mensagem deve ser com pessoas idosas em situações que ilustrem disposição, como uma corrida no parque.

Essas relações de ilustração costumam reafirmar a mensagem e auxiliá-la a cumprir sua finalidade comunicativa. Veja o exercício resolvido a seguir:

Exercício resolvido

5. Enem 2020



Disponível em: www.acontecendoaqui.com.br. Acesso em: 15 jun. 2018.

Nessa campanha publicitária, a imagem da família e o texto verbal unem-se para reforçar a ideia de que

- a) a família que adota é mais feliz.
- b) a adoção tardia é muito positiva.
- c) as famílias preferem adotar bebês.
- d) a adoção de adolescentes é mais simples.
- e) os filhos adotivos são companheiros dos pais.

Resolução:

Na campanha publicitária, as linguagens verbal e não verbal reforçam a ideia de que a adoção de crianças mais velhas e adolescentes é algo positivo e deve ser posta em prática amplamente. A mensagem trazida pelo texto verbal (“Pra encontrar sua verdadeira família, não existe idade”) é ilustrada pela figura dos jovens adolescentes ao lado de seus pais. Sem essa imagem, o texto verbal não produziria o mesmo efeito de comoção, responsável pelo apelo pretendido na propaganda.

Alternativa: B.

Oposição

Nas relações de oposição, o texto visual se contrapõe ao verbal. Trata-se de um recurso bastante comum em textos que apresentam críticas sociais, como charges e cartuns, que utilizam essa relação como meio de estabelecer, muitas vezes, uma ironia.

Analise o exercício resolvido a seguir:

Exercícios resolvidos

6. Fuvest-SP 2015 Examine a seguinte matéria jornalística:

Sem-teto usa topo de pontos de ônibus em SP como cama

Às 9h desta segunda (17), ninguém dormia no ponto de ônibus da rua Augusta com a Caio Prado.

Ninguém a não ser João Paulo Silva, 42, que chegava à oitava hora de sono em cima da parada de coletivos.



Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/03/1426672-sem-teto-usa-topo-de-pontos-de-onibus-em-sp-como-cama.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2021.

“Eu sempre durmo em cima desses pontos novos. É gostoso. O teto tem um vidro e uma tela embaixo, então não dá medo de que quebre. É só colocar um cobertor embaixo, pra ficar menos duro, e ninguém te incomoda”, disse Silva depois de acordar e descer da estrutura. No dia, entretanto, ele estava sem a coberta, “por causa do calor de matar”.

Por não ter trabalho em local fixo (“Cato lata, ajudo numa empresa de carroto. Faço o que dá”), ele varia o local de pouso. “Às vezes é aqui no centro, já dormi em Pinheiros e até em Santana. Mas é sempre nos pontos, porque eu não vou dormir na rua”.

www1.folha.uol.com.br, 19/03/2014. Adaptado.

Qual é o efeito de sentido produzido pela associação dos elementos visuais e verbais presentes na imagem acima? Explique.

Resolução:

A imagem é chocante, e esse aspecto crítico é reforçado, sobretudo, pelo contraste entre a propaganda verbal no ponto de ônibus, que fala sobre conforto e segurança, e a situação vivida pelo rapaz. Nesse contexto, a oposição é capaz de comover e criar um sentimento de perplexidade no leitor. Além disso, a própria notícia reforça esse sentimento ao afirmar que “ninguém dormia no ponto de ônibus [...] ninguém a não ser José (nome fictício)”; nesse contexto, a repetição do pronome indefinido “ninguém” e a indicação de que o nome atribuído ao homem é fictício evidenciam a falta de importância dada ao rapaz em questão, o que corrobora a crítica desenvolvida pela oposição entre linguagem verbal e não verbal na imagem.

Revisando

1. “Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”. Nessa definição clássica de intertextualidade, a filósofa, psicanalista e escritora Júlia Kristeva, explica que a intertextualidade é inerente à linguagem, tornando-se identificável nas produções textuais que se valem do recurso da apropriação. Com base nessa informação e no que você aprendeu neste capítulo sobre intertextualidade, julgue as sentenças a seguir:
 - A filósofa considera que a intertextualidade se dá apenas quando há apropriação explícita de outros textos, como no uso das ferramentas citação e epígrafe.
 - A intertextualidade é uma relação dialogal estabelecida entre dois ou mais textos identificáveis.
 - Independentemente da forma como é criada, a intertextualidade amplia a capacidade do texto de apresentar ou defender uma tese.
 - Em relações de intertextualidade implícita, o conhecimento que o leitor tem sobre as fontes referenciadas permite ampliar o significado do texto.
 - A intertextualidade somente é possível entre textos que utilizem a mesma linguagem, por exemplo, apenas a verbal ou apenas visual.
 - Na alusão, o texto ou ideia referenciada não é apresentada diretamente ao leitor e, portanto, não há apropriação.

2. Leia o trecho a seguir.

Estas características do impacto sociocultural do turismo implicam em certa dificuldade de percepção, comprometendo, a efetividade do planejamento sustentável para o turismo. Para Coriolano (1997, p. 127-8) “o contato entre esses grupos modifica a forma de pensar e de agir, quando o local e os costumes vão mudando de forma brusca, pois as mudanças incidem nos objetos e sobretudo nas pessoas, não havendo como escapar”. Ruschmann (1999, p. 65) afirma que “os impactos negativos do turismo ecológico sobre o meio ambiente natural e sociocultural superam os positivos”. Por isso a importância do planejamento como ferramenta de mitigação destes impactos e de controle, de uma forma geral, da atividade. Para a autora, o plano de desenvolvimento constitui o instrumento fundamental na determinação e seleção das prioridades para a evolução harmoniosa da atividade, determinando suas dimensões ideais, para que, a partir daí, possa se estimular, regular ou restringir sua evolução. (RUSCHMANN, 1999, p. 84)

ANDRADE, Davi Alysson da Cruz. *A (in)sustentabilidade do turismo no sertão da Paraíba: o município de Coremas, “a terra das águas”, em análise.* Dissertação (mestrado). João Pessoa: UFPB/PRODEMA, 2006. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetaileObraForm.do?select_action=&co_obra=107952. Acesso em: 14 maio 2021.

a) Descreva o tipo de intertextualidade presente no texto acima e indique a ferramenta utilizada pelo autor.

b) Explique a finalidade do uso desse recurso de intertextualidade no texto anterior.

3. **Unesp (Adapt.)** A questão toma por base as primeiras quatro estrofes da “Canção do Tamoio”, do poeta romântico Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), e o “Hino do Deputado”, do poeta modernista Murilo Monteiro Mendes (1901-1975).

Canção do Tamoio

I

Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

II

Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.

III

O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as frentes,
Escutam-lhe a voz!

IV

Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte há de vir!

(GONÇALVES DIAS, Antônio. *Obras Poéticas*. Tomo II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 42-43.)

Hino do Deputado

Chora, meu filho, chora.
Ai, quem não chora não mama,

Quem não mama fica fraco,
Fica sem força pra vida,
A vida é luta renhida,
Não é sopa, é um buraco.

Se eu não tivesse chorado
Nunca teria mamado,
Não estava agora cantando,
Não teria um automóvel,
Estaria caceteado,
Assinando promissória,
Quem sabe vendendo imóvel
A prestação ou sem ela,
Ou esperando algum tigre
Que talvez desse amanhã,

Ou dando um tiro no ouvido,
Ou sem olho, sem ouvido,
Sem perna, braço, nariz.

Chora, meu filho, chora,
Anteontem, ontem, hoje,
Depois de amanhã, amanhã.
Não dorme, filho, não dorme,
Se você toca a dormir
Outro passa na tua frente,
Carrega com a mamadeira.
Abre o olho bem aberto,
Abre a boca bem aberta,
Chore até não poder mais.

(MENDES, Murilo. História do Brasil, XLIII. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 177-178.)

O Hino do Deputado constitui uma paródia moderna da “Canção do Tamoio”, isto é, retoma a estrutura de tal texto, mas com transformações que revelam a intenção cômica, jocosa e crítica de Murilo Mendes. Com base nesta observação, mencione dois versos do “Hino do Deputado” que deixam explícita a intertextualidade desse poema com a “Canção do Tamoio”.



Textos para as questões 4 e 5.

Texto I

Toque dos sinos

[...]

Para que servem os sinos utilizados pela Igreja? Servem para convocar o povo cristão e para o advertir dos principais acontecimentos da comunidade local [...]

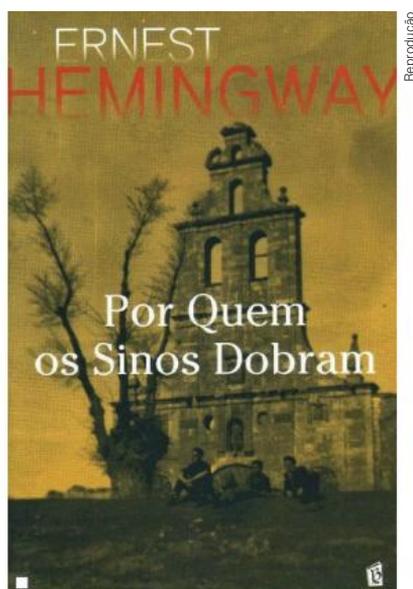
Quando se tocam? Em muitas circunstâncias: [...] assinala as horas do dia e da noite, os tempos de oração, a celebração da missa, [...] adverte os fiéis quando se dá um acontecimento importante que é motivo de alegria ou de tristeza [...] por ocasião da morte ou dos funerais. Há toques para avisar que morreu um paroquiano, para especificar se era homem ou mulher, para convocar os fiéis, para anunciar que o cortejo fúnebre está a sair da igreja, etc., etc. E tal como a morte não tem dias próprios para acontecer, o mesmo acontece com o toque dos sinos que a anuncia, pelo que, esse toque, nas paróquias, quando há funerais em Domingos ou dias Santos, de si não é proibido. Mas também não é obrigatório. [...] A regra geral é que se toquem os sinos para anunciar a morte ou os funerais, sempre que tal aconteça, seja dia de semana, Domingo ou dia Santo.

SECRETARIADO Nacional da Liturgia. Disponível em: www.liturgia.pt/questoes/questao_v.php?cod_quest=58. Acesso em: 16 dez. 2021.

Texto II

Nenhum homem é uma Ilha, um ser inteiro em si mesmo; todo homem é uma partícula do Continente, uma parte da terra. Se um Pequeno Torrão carregado pelo Mar deixa menor a Europa, como se todo um Promontório fosse, ou a Herdade de um amigo seu, ou até mesmo a sua própria, também a morte de um único homem me diminui, porque eu pertenço à Humanidade. Portanto, nunca procure saber por quem os sinos dobram. Eles dobram por ti.

DONNE, John. *Meditações*. São Paulo: Landmark, 2007.



4. O livro do escritor estadunidense Ernest Hemingway (1899-1961) narra a história de um jovem americano, Robert Jordan, que se aliou às brigadas internacionais durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Professor de espanhol e especialista no uso de explosivos, Jordan envolve-se com um grupo da resistência local, com o qual se abriga nas montanhas, enquanto planeja sua missão de explodir uma ponte na cidade de Segóvia.

a) Considerando as informações dos textos, explique o tipo de intertextualidade estabelecido entre o título da obra de Hemingway e o texto do poeta inglês John Donne (1572-1631).

b) Mesmo compreendendo a relação entre o texto de John Donne e a obra de Ernest Hemingway, o leitor contemporâneo ainda pode ter dificuldade em compreender totalmente a mensagem expressa no título. Explique, considerando o conteúdo apresentado no texto I, qual seria essa dificuldade.

5. A partir das informações sobre o teor do livro de Ernest Hemingway, pode-se que dizer que o título da obra assemelha-se a uma epígrafe.

a) Descreva o que falta para que se configure uma relação explícita de intertextualidade a partir do uso desse recurso.

b) Explique a relação entre a frase-título e a obra.

6. Em janeiro de 2021, veículos de comunicação noticiaram o afastamento do secretário de cultura do governo após um discurso em que fez referências a falas do ministro das comunicações nazista Joseph Goebbels (1897-1945). Compare as falas do ministro da propaganda nazista e do secretário de cultura.

“A arte alemã da próxima década será heroica, será ferreamente romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande *páthos* e igualmente imperativa e vinculante, ou então não será nada”

Trecho de um discurso de Goebbels dirigido a diretores de teatro.

“A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional. Será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes de nosso povo, ou então não será nada”

Trecho do discurso do secretário de cultura.

MURAKAWA, Fábio. Secretário da Cultura é demitido após citações nazistas. *Valor*, 17 jan. 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/01/17/secretario-da-cultura-devera-ser-afastado-apos-discurso-semelhante-ao-de-goebbels.ghtml>. Acesso em: 13 maio 2021.

Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas:

O secretário de cultura _____ discurso de Goebbels, incorporando no texto do seu discurso _____ texto referenciado em uma relação _____ de intertextualidade.

- a) parodiou o / ideias e estrutura semelhante ao / explícita
- b) fez uma alusão ao / referências indiretas ao / implícita
- c) citou o / trechos do / explícita
- d) parodiou o / ironia com relação ao / implícita
- e) parafraseou o / ideias e estrutura semelhante ao / implícita

7. **Unifesp 2016** Leia um trecho do “Manifesto do Futurismo” publicado por Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944) no ano de 1909.

Nós cantaremos as grandes multidões movimentadas pelo trabalho, pelo prazer ou pela revolta; as marés multicoloridas e polifônicas das revoluções nas capitais modernas; a vibração noturna dos arsenais e dos estaleiros sob suas luas elétricas; as estações gluttonas comedoras

de serpentes que fumam; as usinas suspensas nas nuvens pelos barbantes de suas fumaças; os navios aventureiros farejando o horizonte; as locomotivas de grande peito, que escoucinham os trilhos, como enormes cavalos de aço freados por longos tubos, e o voo deslizante dos aeroplanos, cuja hélice tem os estalos da bandeira e os aplausos da multidão entusiasta.

(Apud Gilberto Mendonça Teles. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*, 1992. Adaptado.)

Em consonância com este preceito do futurismo estão os seguintes versos, extraídos da produção poética de Fernando Pessoa (1888-1935):

- a) Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar
[para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os
[nossos olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única
[riqueza é ver.
- b) Ontem à tarde um homem das cidades
Falava à porta da estalagem.
Falava comigo também.
Falava da justiça e da luta para haver justiça
E dos operários que sofrem,
E do trabalho constante, e dos que têm fome,
E dos ricos, que só têm costas para isso.
E, olhando para mim, viu-me lágrimas nos olhos
E sorriu com agrado, julgando que eu sentia
O ódio que ele sentia, e a compaixão
Que ele dizia que sentia.
- c) Amemo-nos tranquilamente, pensando que
[podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um
[do outro

Ouvindo correr o rio e vendo-o.
Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento –
Este momento em que sossegadamente não
[cremos em nada,
Pagãos inocentes da decadência.
- d) Levando a bordo El-Rei dom Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Império,
Foi-se a última nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ânsia e de pressago
Mistério.
Não voltou mais.
A que ilha indescoberta
Aportou?
Voltará da sorte incerta
Que teve?
- e) Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.
Amo-vos carnivoramente,
Pervertidamente e enroscando a minha vista

Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,
 Ó coisas todas modernas,
 Ó minhas contemporâneas, forma atual e próxima
 Do sistema imediato do Universo!
 Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

8. Unicamp-SP 2020

Texto I

Leia os versos iniciais da peça *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come* (1966), de Oduvaldo Vianna Filho e Ferreira Gullar. Em formato de cordel, os versos são cantados por todos os atores.

Se corres, bicho te pega, amô.
 Se ficas, ele te come.
 Ai, que bicho será esse, amô?
 Que tem braço e pé de homem?
 Com a mão direita ele rouba, amô,
 e com a esquerda ele entrega;
 janeiro te dá trabalho, amô,
 dezembro te desemprega;
 de dia ele grita “avante”, amô,
 de noite ele diz: “não vá”:
 Será esse bicho um homem, amô,
 ou muitos homens será?

(Oduvaldo Vianna Filho e Ferreira Gullar. *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 3.)

Texto II

Observe a charge de Laerte que fez parte da mostra *Maio na Paulista*, em 2019.



(Laerte, Exposição *Maio na Paulista*, de Laerte e Angeli, 2019. Disponível em <https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2019/05/laerte-e-angeli-participam-de-exposicao-ao-ar-livre-na-avenida-paulista.html>. Acessado e 02/06/2019.)

Considerando a relação entre os textos I e II, conclui-se que a charge

- resgata a temática do cordel, rompendo com o impasse vivido pelos personagens.
- reafirma o dilema dos personagens da peça, parafraseando os versos iniciais do cordel.
- evidencia a tradição popular nordestina, utilizando a imagem para sofisticar os versos.
- confirma a força transformadora da versificação popular, reproduzindo-a em imagens.

9. Fuvest-SP 2020

E Sofia? interroga impaciente a leitora, tal qual Orgon: *Et Tartufe?* Ai, amiga minha, a resposta é naturalmente a mesma, – também ela comia bem, dormia largo e fofo, – coisas que, aliás, não impedem que uma pessoa ame, quando quer amar. Se esta última reflexão é o motivo secreto da vossa pergunta, deixai que vos diga que sois muito indiscreta, e que eu não me quero senão com dissimulados.

Repito, comia bem, dormia largo e fofo. Chegara ao fim da comissão das Alagoas, com elogios da imprensa; a Atalaia chamou-lhe “o anjo da consolação”. E não se pense que este nome a alegrou, posto que a lisonjeasse; ao contrário, resumindo em Sofia toda a ação da caridade, podia mortificar as novas amigas, e fazer-lhe perder em um dia o trabalho de longos meses. Assim se explica o artigo que a mesma folha trouxe no número seguinte, nomeando, particularizando e glorificando as outras comissárias – “estrelas de primeira grandeza”.

Machado de Assis, *Quincas Borba*.

No excerto, o autor recorre à intertextualidade, dialogando com a comédia de Molière, *Tartufo* (1664), cuja personagem central é um impostor da fé. Tal é a fama da peça que o nome próprio se incorporou ao vocabulário, inclusive em português, como substantivo comum, para designar o “indivíduo hipócrita” ou o “falso devoto”. No contexto maior do romance, sugere-se que a tartufice

- se cola à imagem da leitora, indiscreta quanto aos amores alheios.
- é ação isolada de Sofia, arrivista social e benemérita fingida.
- diz respeito ao filósofo Quincas Borba, o que explica o título do livro.
- se produz na imprensa, apesar de esta se esquivar da eloquência vazia.
- se estende à sociedade, na qual o cinismo é o trunfo dos fortes.

10. Enem PPL 2019

NÃO INTERROMPA A LINHA DA VIDA.



Doe sangue. É simples e faz muito bem à saúde.



Destak, nov. 2015 (adaptado).

A imagem da caneta de tinta vermelha, associada às frases do cartaz, é utilizada na campanha para mostrar ao possível doador que

- a doação de sangue faz bem à saúde.
- a linha da vida é fina como o traço de caneta.
- a atitude de doar sangue é muito importante.
- a caneta vermelha representa a atitude do doador.
- a reserva do banco de sangue está chegando ao fim.

Exercícios propostos

1. UPE 2013

Articulista da Forbes ironiza o status que o brasileiro dá para o automóvel

(1) Até a americana revista Forbes anda rindo da obsessão do brasileiro em encarar o automóvel como símbolo de status. No último sábado, o blog do colaborador Kenneth Rapoza, especialista nos chamados Bric-s (Brasil, Rússia, Índia e China), trouxe um artigo intitulado “O Jeep Grand Cherokee de ridículos 80 mil dólares do Brasil”. A tese do artigo: os brasileiros confundem qualidade com preço alto e se dispõem a pagar 189 mil reais (89.500 dólares) por um carro desses que, nos Estados Unidos, é só mais um carro comum. Por esse preço, ironiza Rapoza, “seria possível comprar três Grand Cherokees se esses brasileiros vivessem em Miami junto de seus amigos.”

(2) O articulista lembra que a Chrysler lançará o Dodge Durango SUV, que nos Estados Unidos custa 54 mil reais, no Salão do Automóvel de São Paulo por 190 mil reais. “Um professor de escola primária do Bronx pode comprar um Durango. Ok, não um zero quilômetro, mas um de dois ou três anos, absolutamente bem conservado”, exemplifica, para mostrar que o carro supostamente não vale o quanto custa no País.

(3) O autor salienta que o alto custo ocorre por conta da taxação de 50% em produtos importados e da ingenuidade do consumidor que acredita que um Cherokee tem o mesmo valor que um BMW X5 só porque tem o mesmo preço. “Desculpem, ‘Brazukas’, mas não há nenhum status em um Toyota Corolla, Honda Civic, Jeep Grand ou Dodge Durango. Não sejam enganados pelo preço de etiqueta. Vocês definitivamente estão sendo roubados.”

(4) E conclui o artigo: “Pensando dessa maneira, imagine que um amigo americano contasse que acabou de comprar um par de Havaianas de 150 dólares. Você diria que ele pagou demais. É claro que esses chinelos são sexy e chic, mas não valem 150 dólares. Quando o assunto é carro e seu status no Brasil, as camadas mais altas estão servindo Pitu e 51 em suas caipirinhas e pensando que é bebida de alta qualidade.”

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/articulista-da-forbes-ironiza-o-status-que-o-brasileiro-da-para-o-automovel>. (Adaptado)

Sobre as estratégias utilizadas na construção e organização do texto, analise as proposições a seguir.

- I. A intertextualidade explícita é recurso fundamental na construção do Texto 1, o qual cita, do início ao fim, um artigo publicado na revista *Forbes*.
- II. O uso de aspas é recorrente no Texto 1, a fim de ironizar o ponto de vista defendido no artigo da revista *Forbes*.
- III. A tese defendida no artigo da revista *Forbes* é sustentada no Texto 1 pela apresentação de vários argumentos, dos quais muitos são diferentes dos que se encontravam no artigo.
- IV. O fato de o automóvel ser símbolo de *status* no Brasil é evocado, logo no início do Texto 1, como conhecimento prévio e aparentemente consensual.

- V. Por constituir um resumo de um texto prévio, não se pode dizer qual o posicionamento do Texto 1 em relação ao tema que aborda.

Estão **CORRETAS**, apenas:

- a) I e II
- b) I e IV
- c) II e V
- d) III e IV
- e) I, III e V

2. Mackenzie-SP 2015

Texto I

Marketing viral ou publicidade viral são técnicas de marketing que tentam explorar redes sociais pré-existentes para produzir maior divulgação de uma marca. São processos parecidos com o de uma epidemia, uma doença. Inicialmente, marketing viral era a prática de vários serviços livres de *e-mail* de adicionar publicidade às mensagens que saem de seus usuários para alcançar um usuário suscetível, que será infectado e reenviará o *e-mail* a outras pessoas suscetíveis, infectando-as também. Atualmente, o conceito de marketing viral não está associado a uma ameaça para o computador, e o termo “viral” está relacionado com a velocidade de propagação da informação.

Adaptado de www.significados.com.br

Texto II

Os vírus são seres muito simples e pequenos, formados basicamente por uma cápsula proteica envolvendo o material genético. A palavra “vírus” vem do latim *virus*, que significa fluido venenoso ou toxina. Atualmente, a palavra é utilizada para descrever os vírus biológicos, além de designar, metaforicamente, qualquer coisa que se reproduza de forma parasitária, como ideias. O termo “vírus” de computador nasceu por analogia.

Adaptado de www.sobiologia.com.br

Texto III



Adaptado de www.googleimagens.com

Considere as seguintes afirmações sobre os textos I e II.

- I. Apresentam marcas explícitas de interação com o leitor, como perguntas retóricas.
- II. Nos dois textos, há confronto de ideias e de pontos de vista, presentes em diferentes narradores que direcionam os sentidos.
- III. Há entre os textos marcas explícitas de intertextualidade, uma vez que neles se percebem citações de um pelo outro.

Assinale a alternativa correta.

- a) Está correta apenas a afirmação I.
- b) Está correta apenas a afirmação II.
- c) Está correta apenas a afirmação III.
- d) Todas as afirmações estão corretas.
- e) Nenhuma das afirmações está correta.

3. UPE

Escrita como texto da cultura

Num primeiro momento é possível definir a escrita como manifestação gráfica de linguagem, particularmente da língua natural, que ocupa uma posição central dentro os sistemas na cultura. Graças à escrita é que se consagrou, no ocidente, a cultura letrada e o homem leitor. **Ela** não apenas permite aos homens se comunicarem uns com os outros, ou pelo menos possuir essa possibilidade de comunicação, mas também registra dados, pensamentos e ideias, dando forma a tudo o que era efêmero e intangível antes de ser fixado no papel. [...]

A escrita também é, como todos os outros textos da cultura, dotada de organização enquanto sistema e enquanto processo gerativo de linguagens. A multiplicidade de linguagens dentro do sistema é sua fonte de riqueza e renovação, fazendo com que textos escritos em uma mesma língua possam ser tão diversos e diferentes quanto uma pauta jornalística é de um poema. [...]

Mas é importante compreender que não escrevemos apenas com palavras. Escrevemos com gestos, com cores e com sons. Assim, a escrita, como texto da cultura, compreende não apenas a manifestação gráfica da língua natural, mas [também] os sentidos e as linguagens desenvolvidos por diferentes códigos. Como texto da cultura, a escrita é uma região de contato entre esses diferentes códigos, ao mesmo tempo em que está em constante interação com outros sistemas, textos e linguagens. Nesse contato, a escrita se caracteriza como uma fronteira não apenas por sua dinâmica no espaço cultural, mas também pela própria pluralidade de significados que ela abriga.

Certamente, a maior tecnologia que o homem cria a partir de sua própria fala é a escrita. Mas esta é uma questão polêmica. Para o filósofo inglês John Wilkins, a escrita pode ser posterior à fala com relação ao tempo, mas não com relação à sua natureza. Isso porque a escrita é um registro visual que provoca a leitura. Ora, o homem aprendeu a ler bem antes de aprender a escrever e até mesmo a falar. Basta lembrar que as primeiras formas visuais que os homens “leram” foram os rastros dos animais. O homem aprendeu a ler as constelações, os veios das pedras e das madeiras. Há uma lenda antiga que conta que os gregos

costumavam rabiscar avisos nas pedras após o plantio, pedindo aos ratos do campo que não se aproximassem do terreno.

Contar a história da escrita é como contar a história das pessoas e de suas famílias: todas começam do mesmo jeito. E como começa a história da escrita? Começa com as inscrições em cavernas de povos muito antigos. Começa com os sumérios, os fenícios, os egípcios. Começa com as lendas, os pictogramas, os ideogramas. Começa com a transformação do som em palavra. Ou seja, a história da escrita é uma narrativa cheia de enigmas e de transformações. Confunde-se, muitas vezes, com episódios e fenômenos mágicos, sobretudo quando se pensa que o grande personagem dessa história é a palavra. Como a palavra, antes de ser escrita, existiu enquanto som, na fala, a transformação do som em palavra faz parte da história da escrita, que só se inicia de fato quando os sons da fala são expressos graficamente. [...]

Conhecer a história da escrita é andar por caminhos que se bifurcam, onde se cruzam e se misturam muitas línguas e muitas linguagens.

(Semiosphera. USP. São Paulo. Disponível em <http://www.usp.br/semiosphera/escrita_como_texto_da_cultura.html> Acesso em 2 set. 2010. Adaptado)

Apoiados no material linguístico com que o texto se constitui, podemos admitir as seguintes conclusões:

- I. o texto deixa explícita sua condição de intertextualidade, como estratégia de emprestar apoio às suas afirmações, ainda mais que se trata de “uma questão polêmica”.
- II. o contexto cultural previsto para a circulação do texto justifica o teor formal de sua linguagem, inclusive, o uso de um vocabulário mais distante do usual.
- III. a função expressiva que predomina no texto se ajusta a seu caráter narrativo e condiciona o uso de uma linguagem marcada por impressões subjetivas.
- IV. o texto exhibe sinais de coesão entre os parágrafos, expressos não apenas por diferentes unidades de conexão (“mas”, “além de”, “Eles”) mas também pela repetição de unidades do léxico.
- V. o último parágrafo assume um teor de generalização, bem apropriado a um momento de “remate” do texto, tanto mais que se trata da apresentação de considerações teóricas.

Estão CORRETAS as afirmações que constam apenas nos itens:

- a) I e II.
- b) I, II e V.
- c) I, IV e V.
- d) I, III e IV.
- e) I, II, IV e V.

4. Enem 2019

Texto I

O Estatuto do Idoso completou 15 anos em 2018 e só no primeiro semestre o Disque 100 recebeu 16 mil denúncias de violação de direitos dos idosos em todo o País.

Para especialistas da área, o aumento no número de denúncias pode ser consequência do encorajamento dos mais velhos na busca pelos direitos. Mas também pode refletir uma onda crescente de violência na sociedade e dentro das próprias famílias.

Políticas públicas mais eficazes no atendimento ao idoso são o mínimo que um país deve estabelecer. O Brasil está ficando para trás e é preciso levar em consideração que o País envelhece (tendência mundial) sem estar preparado para arcar com os desafios, como criar uma rede de proteção, preparar os serviços de saúde pública e dar suporte às famílias que precisam cuidar de seus idosos dependentes.

Disponível em: www.folhadelondrina.com.br.
Acesso em: 9 dez. 2018 (adaptado).

Texto II

Disponível em: www.brasil.gov.br. Acesso em: 9 dez. 2018.

Na comparação entre os textos, conclui-se que as regras do Estatuto do Idoso

- apresentam vantagens em relação às de outros países.
- são ignoradas pelas famílias responsáveis por idosos.
- alteram a qualidade de vida das pessoas com mais de 60 anos.
- precisam ser revistas em razão do envelhecimento da população.
- contrastam com as condições de vida proporcionadas pelo País.

5. Fuvest-SP 2020

A certa personagem desvanecida

Um soneto começo em vosso **gabo**:
Contemos esta regra por primeira,
Já lá vão duas, e esta é a terceira,
Já este quartetinho está no cabo.

Na quinta torce agora a porca o rabo;
A sexta vá também desta maneira:
Na sétima entro já com **grã** canseira,
E saio dos quartetos muito brabo.

Agora nos tercetos que direi?
Direi que vós, Senhor, a mim me honrais
Gabando-vos a vós, e eu fico um rei.

Nesta vida um soneto já ditei;
Se desta agora escapo, nunca mais:
Louvado seja Deus, que o acabei.

Gregório de Matos

gabo: louvor
grã: grande

Tipo zero

Você é um tipo que não tem tipo
Com todo tipo você se parece
E sendo um tipo que assimila tanto tipo
Passou a ser um tipo que ninguém esquece

Quando você penetra num salão
E se mistura com a multidão
Você se torna um tipo destacado
Desconfiado todo mundo fica
Que o seu tipo não se classifica
Você passa a ser um tipo desclassificado

Eu até hoje nunca vi nenhum
Tipo vulgar tão fora do comum
Que fosse um tipo tão observado
Você ficou agora convencido
Que o seu tipo já está batido
Mas o seu tipo é o tipo do tipo esgotado

Noel Rosa

O soneto de Gregório de Matos e o samba de Noel Rosa, embora distantes na forma e no tempo, aproximam-se por ironizarem

- o processo de composição do texto.
- a própria inferioridade ante o retratado.
- a singularidade de um caráter nulo.
- o sublime que se oculta na vulgaridade.
- a intolerância para com os gênius.

6. Unicamp-SP 2016



(Disponível em <http://www.ims.com.br/ims/artista/colecao/claude-levistrauss/obra/1995>.)

Pobre alimária

O cavalo e a carroça
Estavam atravancados no trilho
E como o motorneiro se impacientasse
Porque levava os advogados para os escritórios
Desatravancaram o veículo
E o animal disparou
Mas o lesto carroceiro
Trepou na boleia
E castigou o fugitivo atrelado
Com um grandioso chicote

(Oswald de Andrade, Pau Brasil. São Paulo: Globo, 2003, p.159.)

A imagem e o poema revelam a dinâmica do espaço na cidade de São Paulo na primeira metade do século XX. Qual alternativa abaixo formula corretamente essa dinâmica?

- a) Trata-se da ascensão de um moderno mundo urbano, onde coexistiam harmonicamente diferentes temporalidades, funções urbanas, sistemas técnicos e formas de trabalho, viabilizando-se, desse modo, a coesão entre o espaço da cidade e o tecido social.
- b) Trata-se de um espaço agrário e acomodado, num período em que a urbanização não tinha se estabelecido, mas que abrigava em seu interstício alguns vetores da modernização industrial.
- c) Trata-se de um espaço onde coexistiam distintas temporalidades: uma atrelada ao ritmo lento de um passado agrário e, outra, atrelada ao ritmo acelerado que caracteriza a modernidade urbana.
- d) Trata-se de uma paisagem urbana e uma divisão do trabalho típicas do período colonial, pois a metropolização é um processo desencadeado a partir da segunda metade do século XX.

7. Enem 2017

Texto I

Terezinha de Jesus
De uma queda foi ao chão
Acudiu três cavalheiros
Todos os três de chapéu na mão

O primeiro foi seu pai
O segundo, seu irmão
O terceiro foi aquele
A quem Tereza deu a mão

BATISTA, M. F. B. M.; SANTOS, I. M. F. (Org.). *Cancioneiro da Paraíba*. João Pessoa: Grafset, 1993. Adaptado.

Texto II

Outra interpretação é feita e partir das condições sociais daquele tempo. Para a ama e para a criança para quem cantava a cantiga, a música falava do casamento como um destino natural na vida da mulher, na sociedade brasileira do século XIX, marcada pelo patriarcalismo. A música prepara a moça para o seu destino não apenas inexorável, mas desejável: o casamento, estabelecendo uma hierarquia de obediência (pai, irmão mais velho, marido), de acordo com a época e circunstâncias de sua vida.

Disponível em: <<http://provsjose.blogspot.com.br>>. Acesso em: 5 dez. 2012.

O comentário do Texto II sobre o Texto I evoca a mobilização da língua oral que, em determinados contextos,

- a) assegura existência de pensamentos contrários à ordem vigente.
- b) mantém a heterogeneidade das formas de relações sociais.
- c) conserva a influência sobre certas culturas.
- d) preserva a diversidade cultural e comportamental.
- e) reforça comportamentos e padrões culturais.

8. Enem 2015

Texto I

Voluntário

Rosa tecia redes, e os produtos de sua pequena indústria gozavam de boa fama nos arredores. A reputação da tapuia crescera com a feitura de uma maqueira de tucum ornamentada com a coroa brasileira, obra de gênio e gosto, que lhe valera a admiração de toda a comarca e provocara a inveja da célebre Ana Raimunda, de Óbidos, a qual chegara a formar uma fortunazinha com aquela especialidade, quando a indústria norte-americana reduzira à inatividade os teares rotineiros do Amazonas.

SOUSA, I. *Contos amazônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Texto II

Relato de um certo oriente

Emilie, ao contrário de meu pai, de Dorner e dos nossos vizinhos, não tinha vivido no interior do Amazonas. Ela, como eu, jamais atravessara o rio. Manaus era o seu mundo visível. O outro latejava na sua memória. Imantada por uma voz melodiosa, quase encantada, Emilie maravilha-se com a descrição da trepadeira que espanta a inveja, das folhas malhadas de um tajá que reproduz a fortuna de um homem, das receitas de curandeiros que veem em certas ervas da floresta o enigma das doenças mais temíveis, com as infusões de coloração sanguínea aconselhadas para aliviar trinta e seis dores do corpo humano. “E existem ervas que não curam nada”, revelava a lavadeira, “mas assanham a mente da gente. Basta tomar um gole do líquido fervendo para que o cristão sonhe uma única noite muitas vidas diferentes”. Esse relato poderia ser de duvidosa veracidade para outras pessoas, mas não para Emilie.

HATOUM, M. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

As representações da Amazônia na literatura brasileira mantêm relação com o papel atribuído à região na construção do imaginário nacional. Pertencentes a contextos históricos distintos, os fragmentos diferenciavam-se ao propor uma representação da realidade amazônica em que se evidenciam:

- a) aspectos da produção econômica e da cura na tradição popular.
- b) manifestações culturais autênticas e da resignação familiar.
- c) valores sociais autóctones e influência dos estrangeiros.
- d) formas de resistência locais e do cultivo das superstições.
- e) costumes domésticos e levantamento das tradições indígenas.

9. UEL-PR 2015 Sobre o intertexto bíblico presente em *O Pagador de Promessas*, considere as frases a seguir.

- I. “Mas eu conheço seus adeptos! Mesmo quando se disfarçam sob a pele do cordeiro!”
- II. “Por que então repete a Divina Paixão? Para salvar a humanidade?”

- III. “Uma epopeia. Uma nova *Ilíada*, onde Troia é a Lua e o cavalo de Troia é o cavalo de São Jorge!”
- IV. “É até bom demais. Nunca fez mal a ninguém, nem mesmo a um passarinho.”

Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, frases com intertexto bíblico.

- a) Somente as frases I e II.
 b) Somente as frases I e IV.
 c) Somente as frases III e IV.
 d) Somente as frases I, II e III.
 e) Somente as frases II, III e IV.

10. UPE/SSA 2016

Intertextualidade

A relação entre textos sempre existiu como retomada de um texto mais novo de outro que o antecede, contudo o termo intertextualidade foi usado pela primeira vez por Julia Kristeva, que, baseando-se nos estudos de Bakhtin sobre o discurso, concluiu: “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”.

(Fonte: KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.72.)

Sobre intertextualidade, analise os textos 1 e 2.

Texto 1

Ainda que eu falasse a língua dos homens
 E falasse a língua dos anjos
 Sem amor eu nada seria

É só o amor, é só o amor
 Que conhece o que é verdade
 O amor é bom, não quer o mal
 Não sente inveja ou se envaidece

O amor é o fogo que arde sem se ver
 É ferida que dói e não se sente
 É um contentamento descontente
 É dor que desatina sem doer

Ainda que eu falasse a língua dos homens
 E falasse a língua dos anjos
 Sem amor eu nada seria

É um não querer mais que bem querer
 É solitário andar por entre a gente
 É um não contentar-se de contente
 É cuidar que se ganha em se perder

É um estar-se preso por vontade
 É servir a quem vence, o vencedor
 É um ter com quem nos mata a lealdade
 Tão contrário a si é o mesmo amor
 [...]

(Renato Russo, *Monte Castelo*)

Texto 2

Amor é fogo que arde sem se ver,
 é ferida que dói, e não se sente;
 é um contentamento descontente,
 é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
 é um andar solitário entre a gente;
 é nunca contentar-se de contente;
 é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
 é servir a quem vence, o vencedor;
 é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
 nos corações humanos amizade,
 se tão contrário a si é o mesmo Amor?

(Camões)

- a) Em *Monte Castelo*, Renato Russo dialoga com dois textos distintos: o poema de Camões *Amor é fogo que arde sem se ver*; e a Bíblia, no Capítulo 13 da 2ª Carta de Paulo aos Coríntios, quando fala do Amor como um bem supremo, além de o título aludir a uma batalha da Segunda Guerra Mundial, da qual participaram soldados brasileiros.
- b) Partindo do conceito de intertextualidade, expresso por Julia Kristeva, pode-se afirmar que Renato Russo não devia ter lançado mão de partes da Bíblia Sagrada para montar a letra de uma música profana.
- c) O diálogo entre textos conduz indiscutivelmente ao plágio; dessa maneira, a montagem, como paródia de três diferentes textos, realizada por Renato Russo, não o isenta da responsabilidade de ter usado indevidamente a produção de autores que o antecederam.
- d) *Monte Castelo* não foi uma montagem de dois textos, pois não houve intencionalidade do poeta em realizar tal façanha. A semelhança entre os textos é mera coincidência.
- e) O trabalho artístico do compositor brasileiro não pode ser considerado arte, porque não apresenta originalidade e ineditismo; trata-se de uma mera paráfrase de textos anteriores a ele. Inadmissível de acordo com as concepções dos dois autores: Bakhtin e Kristeva.

11. UFJF-MG 2012

Nel mezzo del camim...

Ceguei. Chegaste. Vinhas fatigada
 E triste, e triste e fatigado eu vinha.
 Tinhas a alma de sonhos povoada,
 E alma de sonhos povoada eu tinha...

E paramos de súbito na estrada
 Da vida: longos anos, presa à minha
 A tua mão, a vista deslumbrada
 Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje segues de novo... Na partida
 Nem o pranto os teus olhos umedece,
 Nem te comove a dor da despedida.

E eu, solitário, volto a face, e tremo,
Vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo.

(BILAC, Olavo. *Poesias*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 127.)

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

(ANDRADE, Carlos Drummond. *Nova reunião*.
Rio de Janeiro: José Olympio, 1983, p. 15.)

O título do soneto de Olavo Bilac está em italiano, pois faz a citação, no original, do primeiro verso de um famoso poema de Dante Alighieri, *A Divina Comédia*, no qual se lê “Nel mezzo del camin de nostra vita / mi retrovai por una selva oscura”, cuja tradução pode ser “No meio do caminho de nossa vida / me encontrava numa selva escura”. Da mesma forma, o poema de Carlos Drummond de Andrade dialoga, através de uma relação de intertextualidade, diretamente com o soneto de Olavo Bilac. Considerando o tipo de referência de cada um dos poetas, é correto afirmar que:

- a) Os poetas do modernismo criam a partir da existência de uma tradição literária brasileira já consolidada.
- b) Devido à sua vocação nacionalista, Carlos Drummond de Andrade se recusava a citar autores em língua estrangeira.
- c) A liberdade criativa almejada pelos poetas parnasianos os leva a buscar referências em poetas clássicos da literatura universal.
- d) Os poetas parnasianos recusam as conquistas relacionadas ao nacionalismo literário dos românticos e buscam influências estrangeiras.
- e) Para os modernistas brasileiros, não havia tradição literária que pudesse servir de inspiração, pois pretendiam começar tudo do zero.

12. **UPE/SSA 2016** Há textos literários que se aproximam pelos conteúdos tratados, tal como ocorre com o tema da distância da pátria, cujo início remonta *Canção do Exílio*, do poeta Gonçalves Dias. Contudo, nem sempre um ratifica, de modo claro, a ideia do outro. Muitas vezes, a retomada se realiza de maneira irônica, em que o texto mais recente assume uma dimensão crítica inovadora, em relação ao texto anterior. Outras vezes, dá-se a retomada por uma paráfrase, pois se mantém o sentido do texto original. Considerando o exposto, analise os poemas a seguir:

Poema 1

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

(Gonçalves Dias)

Poema 2

Canto de regresso à pátria

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo

(Oswald de Andrade)

Poema 3

Canção do Exílio

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Venezuela.

Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.
Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.

Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

(Murilo Mendes)

Poema 4

Minha terra

Minha terra não tem terremotos...
nem ciclones... nem vulcões...

As suas aragens são mansas e as suas chuvas esperadas:
chuvas de janeiro... chuvas de caju... chuvas-de-santa-luzia...

Que viço mulato na luz do seu dia!
Que amena poesia, de noite, no céu:

— Lá vai São Jorge esquipando em seu cavalo na lua!
— Olha o Carreiro-de-São-Tiago!
— Eu vou cortar a minha língua na Papa-Ceia!

O homem de minha terra, para viver, basta pescar!
e se estiver enfarado de peixe, arma o mondé
e vai dormir e sonhar...
que pela manhã
tem paca louçã,
tatu-verdadeiro
ou jurupará...
pra assá-lo no espeto
e depois comê-lo
com farinha de mandioca
ou com fubá.

[...]

O homem de minha terra tem um deus de carne e osso!
— Um deus verdadeiro,
que tudo pode, tudo manda e tudo quer...
E pode mesmo de verdade.
Sabe disso o mundo inteiro:

— Meu Padinho Pade Ciço do Joazero!

[...]

Os guerreiros de minha terra já nascem feitos.
Não aprenderam esgrima nem tiveram instrução...
Brigar é do seu destino:
— Cabeleira!
— Conselheiro

— Tempestade!
— Lampião!

Os guerreiros de minha terra já nascem feitos:
— Cabeleira!
— Conselheiro
— Tempestade!
— Lampião!

(Ascenso Ferreira)

Analise as afirmativas a seguir e coloque V nas Verdadeiras e F nas Falsas.

- A *Canção do Exílio*, escrita por Gonçalves Dias, poema do período romântico, exalta a natureza brasileira. Possui versos em que o eu poético, ausente da pátria, traça as diferenças existentes entre o lugar onde se encontra, denominando-o de cá, e a pátria, da qual está distante, de lá, criando assim uma relação antitética e metonímica.
- Os três outros poemas pertencem à primeira e à segunda fase do Modernismo. Caracterizam-se por um discurso irônico, que se contrapõe ao tom de exaltação presente no poema 1, contrariando uma máxima da geração de 1922, cuja retomada do passado ocorre sempre de modo ratificador.
- O poema 4, ao contrário do 1, pertence à geração de 1922 e resgata temas que integram a cultura brasileira quando traz à tona aspectos do folclore do Nordeste. Além disso, por meio de expressões negativas, tais como: “Não tem terremotos... nem ciclones... nem vulcões.../ exalta a pátria, mas o faz respeitando a linguagem oral nordestina, aspecto comum na primeira fase do Modernismo Brasileiro.
- Os poemas 2 e 3 apresentam pontos em comum quanto à linguagem, pois, em ambos, predomina a crítica ao derramamento sentimental do Romantismo. Isso se justifica porque eles trazem uma imagem crítica da sociedade brasileira bem diferente daquela contida no poema 1. Desse modo, eles se relacionam como retomada intertextual e parodística.
- Os quatro poemas integram a literatura da terceira fase do Modernismo Brasileiro, pois obedecem à métrica rígida e apresentam uma secura de linguagem que se aproxima daquela utilizada por Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Ambos, em sua produção poética, se aproximam do antilirismo.

Assinale a alternativa que contém a sequência **CORRETA**.

- a) V – V – F – F – F
- b) V – F – V – V – F
- c) F – F – F – F – V
- d) V – V – V – V – F
- e) V – F – V – F – V

13. UFJF/Pism-MG 2013

Texto I

Deixas criar às portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe?
Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a Fama te exalte e te lisonje
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia?

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição crítica de Francisco da Silveira Bueno. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000, p. 78

Texto II

Por que tanta oceania? tanta etiópia
por fogo e ferro sempre conquistadas?
Por que tanta aflição por tanta cópia
salvadores de terras fatigadas?
Cornualhas desse mundo, cornucópia
de promessas jamais realizadas?
Por que esse messianismo vos lisonje
pretendeis encarnar o que está longe.

(LIMA, Jorge de. *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 78)

O texto II é o fragmento de um poema modernista, de Jorge de Lima, no qual há uma relação de intertextualidade com a epopeia *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. Há intertextualidade quando um texto faz referência, implícita ou explicitamente, a outro texto. Entre os elementos que evidenciam a referência de Jorge de Lima a Camões, pode-se apontar:

- a) as rimas “etiópia”/“cópia”; “lisonje”/“longe”.
- b) a repetição “por que” no início dos versos e a derivação “cornualhas”/“cornucópias”.
- c) as metáforas “fogo e ferro”; “incerto e incógnito”.
- d) as antíteses “conquistadas”/“fatigadas”; “às portas”/ “tão longe”.
- e) as comparações “Reino antigo”/“terras fatigadas”; “messianismo”/“senhor”.

14. Enem 2014



Jornal Zero Hora, 2 mar. 2006.

Na criação do texto, o chargista lotti usa criativamente um intertexto: os traços reconstróem uma cena de *Guernica*, painel de Pablo Picasso que retrata os horrores e a destruição provocados pelo bombardeio

a uma pequena cidade da Espanha. Na charge, publicada no período de carnaval, recebe destaque a figura do carro, elemento introduzido por lotti no intertexto. Além dessa figura, a linguagem verbal contribui para estabelecer um diálogo entre a obra de Picasso e a charge, ao explorar

- a) uma referência ao contexto, “trânsito no feriadão”, esclarecendo-se o referente tanto ao texto de lotti quanto da obra de Picasso.
- b) uma referência ao tempo presente, com o emprego da forma verbal “é”, evidenciando-se a atualidade do tema abordado tanto pelo pintor espanhol quanto pelo chargista brasileiro.
- c) um termo pejorativo, “trânsito”, reforçando-se a imagem negativa de mundo caótico presente, tanto em *Guernica* quanto na charge.
- d) uma referência temporal, “sempre”, referindo-se à permanência de tragédias retratadas tanto em *Guernica*, quanto na charge.
- e) uma expressão polissêmica, “quadro dramático”, remetendo-se tanto à obra pictórica quanto ao contexto do trânsito brasileiro.

15. Enem 2020

Chiquito tinha quase trinta quando conheceu Mariana num baile de casamento na Forquilha, onde moravam uns parentes dele. Por lá foi ficando, remanchando. Fez mal à moça, como costumavam dizer, tiveram de casar às pressas. Morou uns tempos com o sogro, descombinaram. Foi só conta de colher o milho e vender. Mudou pra casa do velho Chico Lourenço [seu pai]. Fumaça própria só viu subir um par de anos depois, quando o pai repartiu as terras. De tão parecidos, pai e filho nunca combinaram direito. Cada qual mais topetudo, muitas vezes dona Aparecida ouvia o marido reclamar da natureza forte do filho. Ela escutava com paciência e respondia dum jeito sempre igual: — “Quem herda, não rouba”.

Vinha um brilho nos olhos, o velho se acalmava.

ROMANO, O. *Casos de Minas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Os ditados populares são frases de sabedoria criadas pelo povo, utilizadas em várias situações da vida. Nesse texto, a personagem emprega um ditado popular com a intenção de:

- a) criticar a natureza forte do filho.
- b) justificar o gênio difícil de Chiquito.
- c) legitimar o direito do filho à herança.
- d) conter o ânimo violento de Chico Lourenço.
- e) condenar a agressividade do marido contra o filho.

16. Uece 2012

Não pense duas vezes
ou você acaba comprando dois.

(Comercial do “Space Fox Trend” da Volkswagen.VEJA. 24/08/2011.)

Reflita sobre o comercial do “Space Fox Trend”, calado no provérbio “Pense duas vezes antes de agir”. Ele configura linguisticamente um *détournement*, caso específico de intertextualidade implícita, que altera ou adultera um texto-fonte, com algum propósito.

- I. A combinação de elementos verbais e não verbais compõe a marca do blog, a qual sinaliza para o leitor o tema de que se ocupa a publicação.
- II. Apesar de criativos, os símbolos não verbais utilizados impedem a leitura verbal desse trecho, o que dificulta a sua compreensão.
- III. As cores empregadas na mensagem, as quais ativam o conhecimento prévio do leitor, constituem importantes pistas de leitura.
- IV. A organização textual do trecho que informa a cidade e a data revela certa semelhança com gêneros textuais tradicionais, como a carta e o diário.
- V. O fato de o enunciado “Falta pouco, frota da Região Metropolitana do Recife será de 1 milhão de carros” não figurar com todos os caracteres maiúsculos descaracteriza esse trecho e faz o leitor não reconhecê-lo como um título.

Estão CORRETAS, apenas,

- a) I, II e III. c) I, III e IV. e) III, IV e V.
 b) I, II e IV. d) II, III e V.

22. Ufla/PAS-MG 2014



PELO DIREITO DE TER ORGULHO DE SER BRASILEIRO

Rafael Jardim

Essa moda pseudo-intelectual e elitista de falar mal dos brasileiros é passageira e representa a minoria da minoria. Temos muitas virtudes, e precisamos valorizá-las.

Tem crescido bastante, nos últimos anos, a parcela de brasileiros que adotaram como hobby falar mal do Brasil e do seu povo. Muitos começam a pensar que sair falando negativamente sobre o brasileiro é chique, um sinal de inteligência e senso crítico. Felizmente, apesar desse crescimento, essa parcela é ainda pouquíssimo representativa, sendo minoritária até mesmo entre a elite econômica, em que se concentra a maior parte dessas pessoas.

Essa parcela de brasileiros esperneia em relação a tudo que identifica o Brasil. Critica o carnaval, embora conte os dias para ele chegar e, se não viaja, assiste aos desfiles das escolas de samba. Critica o futebol, como se fosse um mal em si, ou como se a maioria dos outros países do mundo não tivesse, também, uma preferência nacional por determinado esporte, ou um conjunto deles. Ademais, essa parcela morre de raiva quando vê filmes que mostram a realidade das favelas ganhando prêmios

internacionais. Mesmo reconhecendo, por outro lado, que o gênero comédia romântica não é o nosso forte. No fundo, eles têm medo de que o resto do mundo passe a achar que somos uma grande favela, e que não temos pessoas chiques e “bem vestidas”, que andam em carrões e moram em mansões.

Ter estereótipos é normal, incontrolável. No mundo todo, muita gente acha que todo francês cheira mal e é grosso, todo britânico é educado e polido, todo oriental é centrado e paciente e todo muçulmano é um terrorista em potencial. Identificamos (nós, a comunidade mundial) países com pequenas coisas: a Suíça com chocolate, a Itália com massas, a Rússia com vodka, a Argentina com tango, o México com novelas e sombreiros, a Austrália com cangurus. Por que então incomoda tanto a alguns que sejamos identificados pelo samba, carnaval e futebol? Claro que temos muito mais. Assim como todos esses outros países.

Vários estrangeiros que conheci no Brasil já comentaram ter se espantado em como alguns brasileiros insistem em dizer que têm vergonha disso e daquilo, que o brasileiro não presta e por aí vai. E todos os estrangeiros que conheci aqui voltaram para seus países completamente encantados. Latinos, europeus, asiáticos, africanos e norte-americanos. Todos.

Pesquisas comprovam isso. Recentemente, a CNN fez uma enquete em que as pessoas que votaram elegeram o Brasil como o lugar mais interessante e com o povo mais “cool” (legal) do mundo. Há alguns anos, a Embratur (Empresa Brasileira de Turismo) fez uma pesquisa com turistas que mostrou que, para 52% deles, o que o Brasil tem de melhor é o seu povo. E 94% disseram que somos tolerantes a todas as religiões e culturas. Às vezes, não parece. Mas a maioria de nós é tolerante, sim. Não fosse assim, nós não teríamos sobrevivido enquanto nação. Outro dado da pesquisa: para 70%, ninguém de fora nos ameaçará com guerras ou ataques terroristas. Em resumo, a pesquisa comprovou o que muitos já sabiam – os estrangeiros enxergam o brasileiro como sendo feliz, tolerante, pacífico, simpático, cordial, hospitaleiro, prestativo e “alto-astral”. Para que contestá-los?

Um equívoco comum que alguns cometem é o de pensar que o brasileiro é corrupto, algo como se fosse “por natureza”. Parece que o Brasil inventou a corrupção, ou que apenas aqui existem políticos corruptos. Na verdade, não há país no mundo em que o povo goste de seus políticos, e o que difere o Brasil dos países com índices menores de corrupção é uma coisa chamada impunidade. A ideia de que o problema é cultural é tosca e não tem respaldo em nada concreto. Tudo passa por instituições sólidas, mecanismos de transparência (dois fatores em que temos avançado bastante desde a redemocratização) e uma justiça que funcione.

É irônico ver que, à medida que o Brasil começa a realmente enfrentar e resolver os seus problemas, mais pessoas começam a achar legal criticar o país e o seu povo. Mas isso não deve ter nenhuma relação com o fato de que muita gente tem perdido o tal do status quo, já que cada vez mais brasileiros entram nas classes A e B...

De fato, nosso país tem melhorado muito. Um artigo publicado pela Revista de Economia Política há um ano mostra dados impressionantes sobre o ritmo de queda da nossa desigualdade. [...] a pobreza diminuiu muito,

e a taxa de desemprego é melhor do que a de vários países europeus, sendo que a maioria dos economistas já considera que estamos em situação de pleno emprego.

Temos muito que nos orgulhar. Somos, sim, um povo alegre, que insiste em ser feliz. Somos persistentes, sim, e trabalhamos muito (nossa carga de trabalho está entre as mais altas do mundo). O resto do mundo gosta do brasileiro e respeita e admira o Brasil, sobretudo porque ele está resolvendo os seus problemas, passo a passo, mas de maneira consistente. O sentimento de patriotismo não é uma coisa brega. Não temos de ter vergonha do samba, do carnaval ou do futebol. Temos que valorizar nossas virtudes, sem esperar que os estrangeiros nos lembrem quais são. Temos o direito de ter orgulho de ser brasileiro.

Disponível em: <http://jornalopcao.com.br/colunas/contradicao/pelo-direito-de-ser-brasileiro>. Acesso em: 21/5/2013.

Alguns textos utilizam imagens para atrair a atenção do leitor e também para contribuir para o entendimento do conteúdo tratado. No texto, a articulação da linguagem verbal e da linguagem não verbal tem por objetivo:

- Ironizar a visão das pesquisas que demonstram pontos positivos do país.
- Expressar a visão de brasileiros que adotam como *hobby* falar mal do Brasil.
- Mostrar a visão de estrangeiros em relação à corrupção generalizada no país.
- Evidenciar a visão do articulista sobre a prerrogativa de ter orgulho de ser brasileiro.

23. Enem 2019



Disponível em: www.acnur.org. Acesso em: 11 dez. 2018

Disponível em: www.acnur.org. Acesso: 11 dez. 2018.

Nesse cartaz, o uso da imagem do calçado aliada ao texto verbal tem o objetivo de

- criticar as difíceis condições de vida dos refugiados.
- revelar a longa trajetória percorrida pelos refugiados.
- incentivar a campanha de doações para os refugiados.
- denunciar a situação de carência vivida pelos refugiados.
- simbolizar a necessidade de adesão à causa dos refugiados.

24. PUC-Campinas 2017

Ah, que sentimento sublime é o arrependimento!



(Mulheres alteradas 3. Trad. Ryta Vinagre. Rocco: Rio de Janeiro, 2003, p. 71)

Está correto o seguinte comentário: o texto acima

- é composto de unidades produzidas pela associação entre imagem e linguagem verbal; o sentido de cada unidade é determinado pela relação de oposição que o quadro estabelece com aquele que vem imediatamente anterior, contraste que produz o humor.
- correlaciona os quadrinhos por meio da relação consequente entre as diversas ações das personagens, fato que determina uma única direção possível de leitura, a horizontal, da esquerda para a direita, da primeira para a segunda tira, desta para a terceira.
- é composto de um bloco e uma sequência, esta construída pela permanência da personagem "mulher alterada", que manifesta, nas diferentes unidades, distintos sentimentos, com exceção da tristeza pelo mal cometido, o que produz o humor.
- apresenta uma frase exclamativa que introduz imagens, aliadas à linguagem verbal, que aparecem em quadros antecedidos de legendas; estas remetem a um mesmo sujeito, enunciado na frase exclamativa, e esse fator dá unidade ao conjunto.
- inova o gênero História em Quadrinhos ao delinear os balões de modo a distinguir se seu conteúdo é um pensamento ou uma fala da personagem; ao não se valer de interjeição ou onomatopéia; ao expressar movimento somente pela sequência dos quadros.

Intertextualidade e paródia

[...] Toda leitura é um processo de produção de sentido, necessariamente intertextual, uma vez que, ao ler, são estabelecidas associações do texto presente com outros já lidos. As associações ocorrem livremente, independem da vontade do leitor e podem independem da intenção do autor. Cada texto traz consigo uma proposta de significação incompleta que se efetua na relação entre ele e seu destinatário, um interlocutor ativo do processo de leitura. Como assinalou Genette, “um livro é uma reserva de formas que espera seu sentido [...]. Lê melhor quem lê por último” (1972a, p. 129).

Apesar de sua relevância na literatura, a intertextualidade é assumida pelos escritores só a partir da segunda metade do século XIX. O Romantismo, por exemplo, ao valorizar na obra o singular, o individual e, portanto, a originalidade, relegou a segundo plano a relação entre textos, impedindo com isso a percepção da intertextualidade como processo constitutivo da literatura. No entanto, “a criação ‘pessoal’, no sentido forte, não existe porque o exercício literário reduz-se a um vasto movimento ‘combinatório’ no interior de um sistema preexistente que é o da própria linguagem” (GENETTE, 1972a, p. 249).

Com as teorias da intertextualidade, a leitura das obras literárias sofre uma transformação, cuja principal característica consiste na multiplicidade de seus significados. As obras passam a possibilitar, ou melhor, a requerer múltiplas leituras.

A leitura que se faz de um texto depende da sensibilidade do leitor quanto à repetição, que por sua vez está relacionada tanto à cultura e à memória de cada época quanto às preocupações formais dos seus escritores. Assim, enquanto o Renascimento busca a imitação, o Romantismo rejeita-a em nome da originalidade. O primeiro requer uma leitura dupla do texto e a descoberta da sua relação intertextual com o “modelo” antigo. O segundo, ao contrário, despreza essa relação, sobretudo quando ela está explicitamente presente nas modalidades de intertextualidade como a paródia, a citação, o plágio etc. Daí, conclui-se que o modo de leitura de cada época é determinado pelo seu modo de escrita que vem inscrito no próprio texto.

Vale lembrar que a intercomunicação dos textos-discursos, da mesma época ou não, é uma prática que caracteriza a própria atividade poética. A obra surge sempre relacionada a outras, contemporâneas ou antigas, enquanto modelo estrutural, fonte de inspiração ou de citação etc. Só para ficar na literatura italiana, a *Divina Commedia*, escrita no início do século XIV por Dante Alighieri (1265-1321), constitui um ótimo exemplo, repleta de alusões, citações e referências a textos greco-latinos, à Bíblia e a tantos outros.

A novidade, entretanto, está no fato de que hoje os escritores tendem à utilização deliberada da intertextualidade, tornando-a presença marcante na literatura contemporânea que vê a criação literária também como uma atividade lúdica. Um exemplo atual, sempre da literatura italiana, é o romance de Umberto Eco (1932-), *Il nome della Rosa* (1980), que se aproveita intencionalmente de textos de Thomas Man, James Joyce, Conan Doyle, de passagens bíblicas e outros, misturando textos antigos e contemporâneos para compor sua obra. Portanto, na atualidade, os escritores recorrem a textos alheios, sem precisar estabelecer a distância entre o original autêntico (se é que existe, de fato, algum) e a réplica, numa apropriação livre. Entende-se que os discursos decorrentes desses textos são dialógicos, polifônicos e, portanto, pertencem à literatura, esse imenso diálogo entre textos. [...]

MAZZI, Maria Gloria Cusumano. Intertextualidade e paródia. *Revista Araticum*, [S. l.], v. 3, n. 1, 2011. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/araticum/article/view/1000/1041>. Acesso em: 16 fev. 2022.

Resumindo

Intertextualidade: relação de diálogo estabelecida entre dois ou mais textos. Pode ser criada de modo implícito ou explícito.

Intertextualidades explícitas

Citação: criada a partir de um recorte, em discurso direto ou indireto, da tese ou argumento de uma autoridade.

Epígrafe: citação que antecede o início do texto. Muitas vezes, sintetiza o teor do que será apresentado.

Intertextualidades implícitas

Alusão: menção indireta feita a uma ideia ou pensamento. Costuma se apropriar do conteúdo, mas não da forma do texto referenciado.

Paráfrase: tipo de intertextualidade em que se mantém uma parte da estrutura do texto referenciado.

Paródia: desdobramento da paráfrase. É feita quando a intertextualidade possui função humorística, sarcástica, reflexiva ou crítica.

Provérbios e ditados populares: gênero frequentemente associado à intertextualidade. Corresponde a um texto curto, de função didática, criado e difundido oralmente.

Relações entre linguagem verbal e não verbal

Relações de ilustração: criadas quando o texto visual reitera o texto verbal. Muito comum em gêneros propagandísticos e jornalísticos, pois amplia a expressividade da mensagem.

Relações de oposição: criadas quando o texto visual se contrapõe ao verbal. Bastante frequente em gêneros de função crítica, como charges, cartuns e algumas propagandas.

Quer saber mais?



Livro

KOCH, Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1993.

Escrito por Ingedore Villaça Koch, professora e pesquisadora da Unicamp, a obra avalia os possíveis sentidos produzidos pela linguagem e o modo como se estabelecem compromissos e relações por meio dela. É uma obra que investiga como a linguagem torna o homem um ser social.



Site

Luiz Tatit

Portal oficial de divulgação do professor, linguista e compositor Luiz Tatit. No site, é possível acessar alguns de seus trabalhos artísticos em parceria com outros grandes nomes da música brasileira, como Zélia Duncan e Ná Ozzetti.

Disponível em: <http://www.luiztatit.com.br/home/>. Acesso em: 22 fev. 2022.

Exercícios complementares

1. Unicamp-SP 2020 (Adapt.)

Texto I

[...] Contemplava extasiada o céu cor de anil. E eu fiquei compreendendo que eu adoro o meu Brasil. O meu olhar posou nos arvoredos que existe no início da rua Pedro Vicente. As folhas moviam-se. Pensei: elas estão aplaudindo este meu gesto de amor a minha Pátria. [...] Toquei o carrinho e fui buscar mais papeis. A Vera ia sorrindo. E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: “Ri criança. A vida é bela”. Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer: “Chora criança. A vida é amarga”.

(Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, 2014, p. 35-36.)

Texto II

RISOS

Ri, criança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cipreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

A vida é triste – quem nega?
Nem vale a pena dizê-lo.
Deus a parte entre seus dedos
Qual um fio de cabelo!

Como o dia, a nossa vida
Na aurora – é toda venturas,
De tarde – doce tristeza,
De noite – sombras escuras!

A velhice tem gemidos,
– A dor das visões passadas –
– A mocidade – queixumes,
Só a infância tem risadas!

Ri, criança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cipreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

(Casemiro J. M. de Abreu, *As primaveras*. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 1859, p. 237-238.)

A representação da infância no texto I se aproxima e, ao mesmo tempo, difere daquela que se encontra

no texto II. Considerando que o texto I é um excerto do diário de Carolina Maria de Jesus e o texto II é um poema romântico, identifique e explique essa diferença na representação da infância, com base nos períodos literários.

2. IFG-GO 2013

IMAGINE

Ricardo Amorim

“Imagine seu salário pagando as contas e sobrando”

Outro dia, em Nova York, passando em frente ao edifício Dakota, onde viveu e foi assassinado John Lennon, eu me peguei pensando como seria se ele fosse um compositor brasileiro. No meu devaneio, imaginei-o cantando algo assim:

Imagine que não há mensalão
É fácil se você tentar
Sessenta e cinco impostos a menos
Para você pagar.

Imagine seu salário

Pagando as contas e sobrando.

Imagine que não há corrupção
Não é difícil
Nada de drogas e crimes
Educação de primeira
Imagine seu salário
Sobrando no final do mês.

Você pode dizer
Que sou um sonhador
Mas eu não sou o único.
Espero que um dia
Você se junte a nós
E o Brasil será melhor.

Imagine bons aeroportos

Será que você consegue?
Nada de fome ou miséria
E infraestrutura de primeira
Imagine seu salário
Sobrando no final do mês.

Você pode dizer
Que sou um sonhador
Mas eu não sou o único.
Espero que um dia
Você se junte a nós
E o Brasil será melhor.

Pena que John Lennon não foi um compositor brasileiro. Talvez não tivesse sido assassinado e hoje estaria tomando cuidado com as balas perdidas.

Mas, afinal, quanto custa a corrupção?

Os efeitos nocivos da corrupção são muitos e óbvios. Olhando apenas o lado econômico, ela prejudica a eficiência do gasto público e desestimula investimentos, reduzindo o crescimento, a geração de empregos, os serviços como educação e saúde, e a renda da população.

Estimar seu custo não é fácil. Corrupto não passa recibo, pelo menos não na maioria das vezes. Ainda assim, várias tentativas foram feitas para mensurar quanto é desviado da atividade produtiva, através de atos corruptos, no Brasil e no mundo.

Ainda que imprecisas, estimativas indicam que a corrupção reduz nosso PIB em até 2,3%, desviando, em valores atuais, cerca de R\$ 100 bilhões da economia brasileira todo santo ano. Se esse dinheiro não fosse surrupiado, seria possível ampliar em sete vezes o Bolsa Família. Outra opção seria dobrar os investimentos públicos em infraestrutura, melhorando estradas, ferrovias, portos, aeroportos. Outra ainda seria abolir o Imposto de Renda sobre rendimentos do trabalho, aumentando o poder de consumo de cada um dos brasileiros. Mais uma seria extinguir o IPI e o IOF, tornando produtos e financiamentos mais baratos no País.

Infelizmente, nada disso acontecerá. Pior, essas estimativas abrangem apenas custos mensuráveis. Além deles, há custos incomensuráveis significativos. Um deles é a perda de foco de outros problemas que limitam nosso crescimento. Enquanto o País acompanha a novela do julgamento do mensalão e a CPI do Cachoeira, projetos de reformas fundamentais não são nem discutidos no Congresso.

Outro custo incalculável é a desconfiança que se lança sobre o lucro, o qual deve ser um dos principais motores de qualquer economia capitalista saudável. Quanto mais o governo se envolve em atividades econômicas, mais suspeitas – corretas ou não – recaem sobre sucessos empresariais, com menos incentivo ao empreendedorismo e, como consequência, menos crescimento, riqueza e empregos.

Corrupção não é exclusividade brasileira. Estima-se que, neste ano, o mundo perderá R\$ 2,5 trilhões, equivalentes à metade de tudo que será produzido no Brasil. Eliminá-la completamente é uma utopia, mas inúmeros casos de sucesso em reduzi-la, em outros países, mostram que combatê-la ferozmente vale muito a pena.

ISTO É, 2233, 29/8/2012. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/colunas-eblogs/colunista/35_RICARDO+AMORIM>. Acesso em: 12 set. 2012.

Assinale a alternativa que não descreve recursos de intertextualidade presentes no texto.

a) Retomada da palavra corrupção e de seus efeitos, frequentemente explorados pelos textos midiáticos.

- b) Recorrência a outro texto, pertencente ao gênero textual letra de música.
- c) Emprego das frases interrogativas, apelando a uma tomada de consciência por parte do interlocutor.
- d) Presença de dados estáticos que configuram a recorrência a outros textos.
- e) Apresentação de eventos sócio-históricos, os quais se configuram em outros textos, como: “a novela do julgamento do mensalão” e “a CPI do Cachoeira”.

3. Unitau-SP 2015

O vírus letal da xenofobia

Uma epidemia, como Albert Camus sabia tão bem, revela toda a doença de uma sociedade. Foi assim no Brasil. Era uma suspeita de ebola, fato suficiente, pela letalidade do vírus, para exigir o máximo de seriedade das autoridades de saúde, como aconteceu. Descobrimos, porém, a deformação causada por um vírus que nos consome há muito mais tempo, o da xenofobia.

E, o outro, o “estrangeiro”, a “ameaça”, era africano da Guiné, exacerbada por uma herança escravocrata jamais superada. O racismo no Brasil não é passado, mas vida cotidiana conjugada no presente. A peste não está fora, mas dentro de nós.

Foi ela, a peste dentro de nós, que levou à violação dos direitos mais básicos do homem sobre o qual pesava uma suspeita de ebola. Contrariando a lei e a ética, seu nome foi exposto. Seu rosto foi exposto. O documento em que pedia refúgio foi exposto. Ele não foi tratado como um homem, mas como o rato que traz a peste para essa Oran chamada Brasil [...].

E logo se ouviu o clamor. Não é hora de fechar as fronteiras? Cobrou-se das autoridades que os ratos fiquem do lado de fora, onde sempre estiveram. Que os ratos apodreçam e morram. Para os ratos não há solidariedade nem compaixão. E quem são os ratos, segundo parte dos brasileiros? Há sempre muitos, demais, nas redes sociais, dispostos a despejar suas vísceras em praça pública. No Facebook, desde que a suspeita foi divulgada, comprovou-se que uma das palavras mais associadas ao ebola era “preto”. “Ebola é coisa de preto”, desmascarou-se um no Twitter. “Alguém me diz por que esses pretos da África têm que vir para o Brasil com essa desgraça de bactéria (sic) de ebola”, vomitou outro. “Graças ao ebola, agora eu taco fogo em qualquer preto que passa aqui na frente”, defecou um terceiro. Acreditam falar, nem percebem que guincham.

O ebola não parece ser um problema quando está na África, contido entre fronteiras. Lá é destino. O ebola só é problema, como escreveu o pesquisador francês Bruno Canard, porque o vírus saiu do lugar em que o Ocidente gostaria que ele ficasse.

O homem a quem se acusou de trazer a doença para o Brasil, para o lugar onde o vírus não pode estar, sempre foi um sem nome, um ninguém, um não ser. Só é nomeado, ganha rosto, para mais uma vez ser violado. Para que continue a não ser enxergado, porque nele só se vê a ameaça, que é mais uma forma de não reconhecê-lo como humano. Ele, o rato.

[...]

Para o homem que alcançou o Brasil em busca de refúgio e teve sua dignidade violada na exposição de seu nome, rosto e documentos, ainda existe a espera de um segundo teste para o vírus do ebola. Não importa se der negativo ou positivo, devemos desculpas. Devemos reparação, ainda que saibamos que a reparação total é uma impossibilidade, e que essa marca pública já o assinala. Não é uma oportunidade para ele, é para nós.

BRUM, E. O vírus letal da xenofobia (adaptado). Disponível em http://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/13/opinion/1413206886_964834.html. Acesso em 17/out./2014.

Em relação ao texto, considere as assertivas abaixo.

- I. Albert Camus escreveu um romance que comparava o preconceito racial a um tipo de peste.
- II. A autora, fazendo intertexto com a obra *A peste*, de Albert Camus, associa a um rato o homem suspeito de infecção.
- III. O tema central do texto é a situação dos casos de infecção de ebola no Brasil, visto que a epidemia tem se alastrado para países fora da África.
- IV. No texto, a peste a que se refere a autora é o vírus ebola.

Está CORRETO o que se afirma em:

- a) II, apenas.
- b) II e III, apenas.
- c) II e IV, apenas.
- d) I, apenas.
- e) III, apenas.

4. Enem 2018

Texto I



Disponível em: <http://revistaliqb.usac.edu.gt>. Acesso em: 25 abr. 2018 (adaptado).

Texto II

Imaginemos um cidadão, residente na periferia de um grande centro urbano, que diariamente acorda às 5h para trabalhar, enfrente em média 2 horas de transporte público, em geral lotado, para chegar às 8h ao trabalho. Termina o expediente às 17h e chega em casa às 19h

para, aí sim, cuidar dos afazeres domésticos, dos filhos etc. Como dizer a essa pessoa que ela deve praticar exercícios, pois é importante para sua saúde? Como ela irá entender a mensagem da importância do exercício físico? A probabilidade de essa pessoa praticar exercícios regularmente é significativamente menor que a de pessoas da classe média/alta que vivem outra realidade. Nesse caso, a abordagem individual do problema tende a fazer com que a pessoa se sinta impotente em não conseguir praticar exercícios e, conseqüentemente, culpada pelo fato de ser ou estar sedentária.

FERREIRA, M. S. Aptidão física e saúde na educação física escolar: ampliando o enfoque. *RBCE*, n. 2, jan 2001 (adaptado).

O segundo texto, que propõe uma reflexão sobre o primeiro acerca do impacto de mudanças no estilo de vida na saúde, apresenta uma visão

- a) medicalizada, que relaciona a prática de exercícios físicos por qualquer indivíduo à promoção da saúde.
- b) ampliada, que considera aspectos sociais intervenientes na prática de exercícios no cotidiano.
- c) crítica, que associa a interferência das tarefas da casa ao sedentarismo do indivíduo.
- d) focalizada, que atribui ao indivíduo a responsabilidade pela prevenção de doenças.
- e) geracional, que preconiza a representação do culto à jovialidade.

5. Enem 2016

Texto I

Nesta época do ano, em que comprar compulsivamente é a principal preocupação de boa parte da população, é imprescindível refletirmos sobre a importância da mídia na propagação de determinados comportamentos que induzem ao consumismo exacerbado. No clássico livro *O capital*, Karl Marx aponta que no capitalismo os bens materiais, ao serem *fetichizados*, passam a assumir qualidades que vão além da mera materialidade. As coisas são personificadas e as pessoas são coisificadas. Em outros termos, um automóvel de luxo, uma mansão em um bairro nobre ou a ostentação de objetos de determinadas marcas famosas são alguns dos fatores que conferem maior valorização e visibilidade social a um indivíduo.

LADEIRA, F. F. *Reflexões sobre o consumismo*. Disponível em: <http://observatorioidaimprensa.com.br>. Acesso em: 18 jan. 2015.

Texto II

Todos os dias, em algum nível, o consumo atinge nossa vida, modifica nossas relações, gera e rege sentimentos, engendra fantasias, aciona comportamentos, faz sofrer, faz gozar. Às vezes constrangendo-nos em nossas ações no mundo, humilhando e aprisionando, às vezes ampliando nossa imaginação e nossa capacidade de desejar, consumimos e somos consumidos. Numa época toda codificada como a nossa, o código da alma (o código do ser) virou código do consumidor! Fascínio pelo consumo, fascínio do consumo. Felicidade, luxo, bem-estar, boa forma, lazer, elevação espiritual, saúde, turismo, sexo, família e corpo são hoje reféns da engrenagem do consumo.

BARCELLOS, G. *A alma do consumo*. Disponível em: www.diplomatique.org.br. Acesso em: 18 jan. 2015.

Esses textos propõem uma reflexão crítica sobre o consumismo. Ambos partem do ponto de vista de que esse hábito

- a) desperta o desejo de ascensão social.
- b) provoca mudanças nos valores sociais.
- c) advém de necessidades suscitadas pela publicidade.
- d) deriva da inerente busca por felicidade pelo ser humano.
- e) resulta de um apelo do mercado em determinadas datas.

6. Enem PPL 2015

Texto I

Quem sabe, devido às atividades culinárias da esposa, nesses idílios Vadinho dizia-lhe “Meu manuê de milho verde, meu acarajé cheiroso, minha franguinha gorda”, e tais comparações gastronômicas davam justa ideia de certo encanto sensual e caseiro de dona Flor a esconder-se sob uma natureza tranquila e dócil. Vadinho conhecia-lhe as fraquezas e as expunha ao sol, aquela ânsia controlada de tímida, aquele recatado desejo fazendo-se violência e mesmo incontinência ao libertar-se na cama.

AMADO, J. *Dona Flor e seus dois maridos*. São Paulo: Martins, 1966.

Texto II

As suas mãos trabalham na braguilha das calças do falecido. Dulcineusa me confessou mais tarde: era assim que o marido gostava de começar as intimidades. Um fazer de conta que era outra coisa, a exemplo do gato que distrai o olhar enquanto segura a presa nas patas. Esse o acordo silencioso que tinham: ele chegava em casa e se queixava que tinha um botão a cair. Calada, Dulcineusa se armava dos apetrechos da costura e se posicionava a jeito dos prazeres e dos afazeres.

COUTO, M. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

Tema recorrente na obra de Jorge Amado, a figura feminina aparece, no fragmento, retratada de forma semelhante à que se vê no texto do moçambicano Mia Couto. Nesses dois textos, com relação ao universo feminino em seu contexto doméstico, observa-se que:

- a) desejo sexual é entendido como uma fraqueza moral, incompatível com a mulher casada.
- b) a mulher tem um comportamento marcado por convenções de papéis sexuais.
- c) à mulher cabe o poder da sedução, expresso pelos gestos, olhares e silêncios que ensaiam.
- d) a mulher incorpora o sentimento de culpa e age com apatia, como no mito bíblico da serpente.
- e) a dissimulação e a malícia fazem parte do repertório feminino nos espaços público e íntimo.

7. Enem 2014

Texto I

João Guedes, um dos assíduos frequentadores do boliche do capitão, mudara-se da campanha havia três anos. Três anos de pobreza na cidade bastaram para o

degradar. Ao morrer, não tinha um vintém nos bolsos e fazia dois meses que saíra da cadeia, onde estivera preso por roubo de ovelha.

A história de sua desgraça se confunde com a da maioria dos que povoam a aldeia de Boa Ventura, uma cidadezinha distante, triste e precocemente envelhecida, situada nos confins da fronteira do Brasil com o Uruguai.

MARTINS, C. *Porteira fechada*. Porto Alegre: Movimento, 2001.

Texto II

Comecei a procurar emprego, já topando o que desse e viesse, menos complicação com os homens, mas não tava fácil. Fui na feira, fui nos bancos de sangue, fui nesses lugares que sempre dão para descolar algum, fui de porta em porta me oferecendo de faxineiro, mas tava todo mundo escabreado pedindo referências, e referências eu só tinha do diretor do presídio.

FONSECA, R. *Feliz Ano Novo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. Fragmento.

A oposição entre campo e cidade esteve entre as temáticas tradicionais da literatura brasileira. Nos fragmentos dos dois autores contemporâneos, esse embate incorpora um elemento novo: a questão da violência e do desemprego. As narrativas apresentam confluência, pois nelas o(a):

- a) criminalidade é algo inerente ao ser humano, que sucumbe a suas manifestações.
- b) meio urbano, especialmente o das grandes cidades, estimula uma vida mais violenta.
- c) falta de oportunidades na cidade dialoga com a pobreza do campo rumo à criminalidade.
- d) êxodo rural e a falta de escolaridade são causas da violência nas grandes cidades.
- e) complacência das leis e a inércia das personagens são estímulos à prática criminosa.

8. Enem 2012

LXXVIII (Camões, 1525?-1580)

Leda serenidade deleitosa,
Que representa em terra um paraíso;
Entre rubis e perlas doce riso;
Debaixo de ouro e neve cor-de-rosa;

Presença moderada e graciosa,
Onde ensinando estão despejo e siso
Que se pode por arte e por aviso,
Como por natureza, ser ferosa;

Fala de quem a morte e a vida pende,
Rara, suave; enfim, Senhora, vossa;
Repouso nela alegre e comedido:

Estas as armas são com que me rende
E me cativa Amor; mas não que possa
Despojar-me da glória de rendido.

CAMÕES, L. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.



SANZIO, R. (1483-1520). *A mulher com o unicórnio*. Roma, Galleria Borghese. Disponível em: www.arquipelagos.pt. Acesso em: 29 fev. 2012.

A pintura e o poema, embora sendo produtos de duas linguagens artísticas diferentes, participaram do mesmo contexto social e cultural de produção pelo fato de ambos

- apresentarem um retrato realista, evidenciado pelo unicórnio presente na pintura e pelos adjetivos usados no poema.
- valorizarem o excesso de enfeites na apresentação pessoal e na variação de atitudes da mulher, evidenciadas pelos adjetivos do poema.
- apresentarem um retrato ideal de mulher marcado pela sobriedade e o equilíbrio, evidenciados pela postura, expressão e vestimenta da moça e os adjetivos usados no poema.
- desprezarem o conceito medieval da idealização da mulher como base da produção artística, evidenciado pelos adjetivos usados no poema.
- apresentarem um retrato ideal de mulher marcado pela emotividade e o conflito interior, evidenciados pela expressão da moça e pelos adjetivos do poema.

9. Unicamp-SP 2020 (Adapt.)

Resumindo seus pensamentos de vencido, Francisco Teodoro disse alto, num suspiro:

— Trabalhei, trabalhei, trabalhei, e aqui estou como Jó! [...]

— Como Jó! Repetiu ele furioso, arrancando as barbas e unhando as faces. Não lhe bastava o arrependimento, a dor moral, queria o castigo físico, a maceração da carne, para completa punição da sua inépcia.

Não saber guardar a felicidade, depois de ter sabido adquiri-la, é sinal de loucura. Ele era um doido? Sim, ele era um doido. Tal qual o avô. Riu alto; ele era um doido!

(Júlia Lopes de Almeida, *A Falência*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018, p. 296.)

No excerto acima, o narrador se detém no momento em que o protagonista, atormentado, revê sua trajetória e se recorda do avô. Caracterize a voz narrativa nesse excerto e explique seu funcionamento.

10. Fuvest-SP 2017

Leia o trecho do conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, de *Sagarana*, de João Guimarães Rosa, para responder ao que se pede.

E aí o povo encheu a rua, à distância, para ver. Porque não havia mais balas, e seu Joãozinho Bem-Bem mais o Homem do Jumento tinham rodado cá para fora da casa, só em sangue e em molambos de roupas pendentes. E eles negaceavam e pulavam, numa dança ligeira, de sorriso na boca e de faca na mão.

— Se entregue, mano velho, que eu não quero lhe matar...

— Joga a faca fora, dá viva a Deus, e corre, seu Joãozinho Bem-Bem...

— Mano velho! Agora é que tu vai dizer: quantos palmos é que tem, do calcanhar ao cotovelo!...

— Se arrepende dos pecados, que senão vai sem contrição, e vai direitinho p’ra o inferno, meu parente seu Joãozinho Bem-Bem!...

— Úi, estou morto...

- Nesse trecho, em que se narra a luta entre Nhô Augusto e seu Joãozinho Bem-Bem, os combatentes, ao mesmo tempo em que se agridem, dispensam, um ao outro, um tratamento que demonstra estima e consideração. No âmbito dos valores que são postos em jogo no conto, como se explica esse tratamento?
- No trecho, Nhô Augusto é designado como “o Homem do Jumento”. Considerando-se essa designação no intertexto religioso, muito presente no conto, como se pode interpretá-la? Justifique sua resposta.

11. Enem 2020

Leandro Aparecido Ferreira, o MC Fioti, compôs em 2017 a música *Bum bum tam tam*, que gerou, em nove meses, 480 milhões de visualizações no YouTube. É o funk brasileiro mais ouvido na história do site.

A partir de uma gravação da flauta que achou na internet, MC Fioti fez tudo sozinho: compôs, cantou e produziu em uma noite só. “Comecei a pesquisar alguns tipos de flauta, coisas antigas. E nisso eu achei a ‘flautinha do Sebastian Bach’”, conta. A descoberta foi por acaso: Fioti não sabia quem era o músico alemão e não sabe tocar o instrumento.

A “flauta envolvente” da música é um trecho da *Partita em Lá menor*, escrita pelo alemão Johann Sebastian Bach por volta de 1723.

Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 6 jun. 2018 (adaptado).

A incorporação de um trecho da obra para flauta solo de Johann Sebastian Bach na música de MC Fioti demonstra a

- influência permanente da cultura eurocêntrica nas produções musicais brasileiras.
- homenagem aos referenciais estéticos que deram origem às produções da música popular.
- necessidade de divulgar a música de concerto nos meios populares nas periferias das grandes cidades.

- d) utilização desintencional de uma música excessivamente distante da realidade cultural dos jovens brasileiros.
- e) inter-relação de elementos culturais vindos de realidades distintas na construção de uma nova proposta musical.

12. UFRGS 2014

Leia o poema *Legado*, de Carlos Drummond de Andrade abaixo.

Que lembrança darei ao país que me deu
tudo que lembro e sei, tudo quanto senti?
Na noite do sem-fim, breve o tempo esqueceu
minha incerta medalha, e a meu nome se ri.

E mereço esperar mais do que os outros, eu?
Tu não me enganas, mundo, e não te engano a ti.
Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu,
a vagar, taciturno, entre o talvez e o se.

Não deixarei de mim nenhum canto radioso,
uma voz matinal palpitando na bruma
e que arranque de alguém seu mais secreto espinho.

De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
uma pedra que havia em meio do caminho.

Considere as seguintes afirmações sobre o poema.

- I. No primeiro quarteto, o poeta pergunta pelo legado que deixará para o país a que deve tudo o que lhe é caro; no segundo quarteto, há uma invocação um tanto irônica do mundo, não se trata mais apenas do país: há uma ampliação da referência que atravessaria os limites geográficos para lidar com o mundo/realidade.
- II. A forma soneto e a referência a Orfeu, o mitológico poeta grego capaz de encantar a todos com o som da sua lira, revelam que o modernismo de Drummond agora se associa com o parnasianismo, o que permite ao poeta reivindicar uma posição fixa na tradição, em contraste com Orfeu, perplexo entre o talvez e o se.
- III. No último terceto, o poeta alega que, da sua trajetória um tanto instável, restará uma pedra que havia em meio do caminho, o que equivale a uma paráfrase, agora em registro formal e sério, dos versos do célebre poema do início de sua carreira modernista: *No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho [...]*.

Quais estão corretas?

- a) Apenas II.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.

13. **UFU-MG 2018 (Adapt.)** Não sei – respondeu dona Carochinha – mas tenho notado que muitos dos personagens das minhas histórias já andam aborrecidos de viverem toda a vida presos dentro delas. Querem novidade. Falam em correr mundo a fim de se meterem em novas aventuras. Aladino queixa-se de que sua lâmpada maravilhosa está enferrujando. A Bela Adormecida tem vontade de espetar o dedo noutra roca para dormir outros cem anos. O Gato de Botas brigou com o marquês de Carabás e quer ir para os Estados Unidos visitar o Gato Félix. Branca de Neve vive falando em tingir os cabelos de preto e botar rouge na cara. Andam todos revoltados, dando-me um trabalhão para contê-los. Mas o pior é que ameaçam fugir, e o Pequeno Polegar já deu o exemplo.

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 33. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. p. 11.

Explique como se dá o processo de intertextualidade no texto de Monteiro Lobato.

14. **Inspere-SP 2015** Utilize o texto abaixo para responder à questão.



(*Quatro rodas*, ed. 483)

O *slogan* desse anúncio publicitário constrói o humor a partir da relação intertextual estabelecida com uma conhecida frase de alerta aos motoristas. A comparação da estrutura sintática da frase original e da parodiada permite concluir que:

- a) Diferentemente do que ocorre no slogan, a frase original não explícita quem são os complementos dos verbos “beber” e “dirigir”.
- b) Em ambos os enunciados, todos os sujeitos das orações presentes nos períodos são elípticos e induzem a uma relação de reciprocidade entre “beber” e “dirigir”.
- c) No *slogan*, o termo que é sujeito da primeira oração repete-se implicitamente como objeto direto da segunda oração.
- d) Apenas na frase original, é possível classificar os verbos “beber” e “dirigir” como intransitivos, isto é, que não exigem complementos.
- e) Tanto na frase original quanto no *slogan*, os sujeitos remetem-se diretamente aos interlocutores, por meio do vocativo implícito “você”.

15. **Uema 2016** Analise a tirinha para responder à questão.



VERÍSSIMO, L. F. *As cobras: antologia definitiva*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

Os ditados populares permanecem no tempo e significam, na maioria das vezes, exemplos morais, filosóficos, sem deixar de carregarem consigo certa carga de humor e de ironia, sendo, por isso, comumente utilizados na linguagem cotidiana.

O ditado popular que sintetiza o que é exposto na tirinha é

- “Promessas não pagam dívidas”.
- “Após a tempestade vem a bonança”.
- “Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”.
- “Quem nunca comeu mel quando come se lambuza”.
- “Não há mal que perdure, não há dor que não se cure”.

16. **Enem**



Disponível em: www.cbsp.com.br. Acesso em: 26 jul. 2010 (adaptado).

O anúncio publicitário está intimamente ligado ao ideário de consumo quando sua função é vender um produto. No texto apresentado, utilizam-se elementos linguísticos e extralinguísticos para divulgar a atração “Noites do Terror”, de um parque de diversões. O entendimento da propaganda requer do leitor

- a identificação com o público-alvo a que se destina o anúncio.
- a avaliação da imagem como uma sátira às atrações de terror.
- a atenção para a imagem da parte do corpo humano selecionada aleatoriamente.
- o reconhecimento do intertexto entre a publicidade e um dito popular.
- a percepção do sentido literal da expressão “noites do terror”, equivalente à expressão “noites de terror”.

17. **Enem 2014**

Texto I

Ditado popular é uma frase sentenciosa, concisa, de verdade comprovada, baseada na secular experiência do

povo, exposta de forma poética, contendo uma norma de conduta ou qualquer outro ensinamento.

WEITZEL, A. H. *Folclore literário e linguístico*. Juiz de Fora: Esdeva, 1984 (fragmento).

Texto II

Rindo brincalhona, dando-lhe tapinhas nas costas, prima Constança disse isto, dorme no assunto, ouça o travesseiro, não tem melhor conselheiro.

Enquanto prima Biela dormia no assunto, toda a casa se alvoroçava.

[Prima Constança] ia rezar, pedir a Deus para iluminar prima Biela. Mas ia também tomar suas providências. Casamento e mortalha, no céu se talha. Deus escreve direito por linhas tortas. O que for soar. Dizia os ditados todos, procurando interpretar os desígnios de Deus, transformar os seus desejos nos desígnios de Deus. Se achava um instrumento de Deus.

DOURADO, A. *Uma vida em segredo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990 (fragmento).

O uso que prima Constança faz dos ditados populares, no Texto II, constitui uma maneira de utilizar o tipo de saber definido no Texto I, porque

- cita-os pela força do hábito.
- aceita-os como verdade absoluta.
- aciona-os para justificar suas ações.
- toma-os para solucionar um problema.
- considera-os como uma orientação divina.

18. **Enem 2018**



Disponível em: www.separeolixo.gov.br. Acesso em: 4 dez. 2017 (adaptado)

Nessa campanha, a principal estratégia para convencer o leitor a fazer a reciclagem do lixo é a utilização da linguagem não verbal como argumento para

- reaproveitamento de material.
- facilidade na separação do lixo.
- melhoria da condição do catador.
- preservação de recursos naturais.
- geração de renda para o trabalhador.

19. Fuvest-SP 2019 Examine o anúncio e leia o texto.
I.



Ministério Público do Trabalho

- II. Art. 149 – Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto: Pena – reclusão, de dois a oito anos, e multa, além da pena correspondente à violência.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.803.htm

- a) Explique a relação de sentido entre os trechos (I) “Escravidão no Brasil não é analogia” e (II) “Reduzir alguém a condição análoga à de escravo”.
- b) Qual a relação entre o uso da imagem sobre um fundo escuro e o texto do anúncio?



Texto para as questões 20 e 21.

Desejou ter a beleza de uma árvore frondosa tatuada nas costas, copa espreada sobre os ombros. Temendo, porém, o longo sofrimento imposto pelas agulhas, mandou tatuar na base da coluna, bem na base, a mínima semente.

Marina Colasanti

20. Uerj 2020 Observe a imagem abaixo, que reproduz o quadro de René Magritte chamado “A Clarividência”.



arteeblog.com

O par “semente-árvore” do conto pode ser comparado ao par “ovo-ave” do quadro, devido a uma mesma relação existente entre os elementos de cada par. Essa relação expressa, no contexto das duas obras, a ideia de:

- a) simultaneidade c) instabilidade
b) possibilidade d) uniformidade

21. Uerj 2020 Tanto o conto de Marina Colasanti quanto o quadro de René Magritte põem em evidência a seguinte condição da criação artística:

- a) a razão c) a verdade
b) a beleza d) a imaginação

22. Ifal 2015 A seguir, tem-se uma charge, gênero textual que se constrói valendo-se de linguagem verbal e linguagem não verbal. Leia-a para responder à questão abaixo.



(Disponível em: <<http://humortadela.bol.uol.com.br/charges/>>. Acesso em 18/11/2015)

Marque abaixo a única alternativa que não está de acordo com o texto.

- a) Os verbos “acender” e “apagar”, tendo em vista o contexto em que aparecem, têm como objeto a chama que é produzida no isqueiro do homem, que não aparece no texto por acaso.
- b) Na charge, a figura que representa a pedra de crack aparece sorrindo, em oposição ao estado de abatimento do sujeito que está prestes a consumi-la, denunciando, no conjunto, a propaganda enganosa que está por trás do uso dessa droga.
- c) A fala presente no balão utiliza expedientes linguísticos da comunicação poética para impactar o leitor e dar maior expressividade à mensagem, que tem um viés educativo.
- d) Os elementos não verbais que servem para compor a imagem do sujeito que consome a droga evidenciam os impactos socioeconômicos gerados por essa prática, os quais vão além dos efeitos meramente individuais de ordem psíquica.
- e) No tocante ao uso dos pronomes no texto, se a fala dentro do balão fosse produzida em contexto formal – e não em situação coloquial –, deveria adequar-se linguisticamente, podendo fazer-se assim: “Hoje tu me acendes, amanhã eu te apago.”

23. UAB/Uespi 2017 Leia a tirinha para responder à questão.



(portaldoprofessor.mec.gov.br. Acesso: 8.12.2016)

O tamanho e o formato das letras são diferentes em cada um dos balões, na tirinha, e isso tem um significado importante para a compreensão do texto como um todo. Assim sendo, no segundo quadrinho esse aspecto é destacado como forma de assinalar

- a) a fala da própria leitora do texto.
- b) a inclusão de um personagem importante na história.
- c) a marcação de uma ação realizada pela leitora da história.
- d) a fala do autor do texto que está sendo lido.
- e) o julgamento da leitora do texto sobre o enredo da história.

24. Enem 2013

Casados e independentes

Um novo levantamento do IBGE mostra que o número de casamentos entre pessoas na faixa dos 60 anos cresce, desde 2003, a um ritmo 60% maior que o observado na população brasileira como um todo...



...e um fator determinante é que cada vez mais pessoas nessa idade estão no mercado de trabalho, o que lhes garante a independência financeira necessária para o matrimônio.



Fontes: IBGE e Organização Internacional do Trabalho (OIT)
*Com base no último dado disponível, de 2008
Veja, São Paulo, 21 abr. 2010 (adaptado)

Os gráficos expõem dados estatísticos por meio de linguagem verbal e não verbal. No texto, o uso desse recurso

- a) exemplifica o aumento da expectativa de vida da população.
- b) explica o crescimento da confiança na instituição do casamento.
- c) mostra que a população brasileira aumentou nos últimos cinco anos.
- d) indica que as taxas de casamento e emprego cresceram na mesma proporção.
- e) sintetiza o crescente número de casamentos e de ocupação no mercado de trabalho.

 Textos para as questões 1 e 2.

Texto I

CAPÍTULO XVIII

Rubião e o cachorro, entrando em casa, sentiram, ouviram a pessoa e as vozes do finado amigo. Enquanto o cachorro farejava por toda a parte, Rubião foi sentar-se na cadeira onde estivera quando Quincas Borba referiu a morte da avó com explicações científicas. A memória dele recompôs, ainda que de embrulho e esgarçadamente, os argumentos do filósofo. Pela primeira vez, atentou bem na alegoria das tribos famintas e compreendeu a conclusão: “Ao vencedor, as batatas!”. Ouviu distintamente a voz roufenha do finado expor a situação das tribos, a luta e a razão da luta, o extermínio de uma e a vitória da outra, e murmurou baixinho:

— Ao vencedor, as batatas!

Tão simples! tão claro! Olhou para as calças de brim surrado e o rodaque cerzido, e notou que até há pouco fora, por assim dizer, um exterminado, uma bolha; mas que ora não, era um vencedor. Não havia dúvida; as batatas fizeram-se para a tribo que elimina a outra a fim de transpor a montanha e ir às batatas do outro lado. Justamente o seu caso. Ia descer de Barbacena para arrancar e comer as batatas da capital. Cumpria-lhe ser duro e implacável, era poderoso e forte. E levantando-se de golpe, alvoroçado, ergueu os braços exclamando:

— Ao vencedor, as batatas!

Gostava da fórmula, achava-a engenhosa, compendiosa e eloquente, além de verdadeira e profunda. Ideou as batatas em suas várias formas, classificou-as pelo sabor, pelo aspecto, pelo poder nutritivo, fartou-se antemão do banquete da vida. Era tempo de acabar com as raízes pobres e secas, que apenas enganavam o estômago, triste comida e longos anos; agora o farto, o sólido, o perpétuo, comer até morrer, e morrer em colchas de seda, que é melhor que trapos. E voltava à afirmação de ser duro e implacável, e à fórmula da alegoria. Chegou a compor de cabeça um sinete para seu uso, com este lema: AO VENCEDOR AS BATATAS.

[...]

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Fundação Biblioteca Nacional, [1891]. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2118. Acesso em: 18 maio 2021.

Texto II

Ao vencedor, as batatas!

Dois problemas envolvendo batatas estimulam o raciocínio matemático, tanto geométrico quanto algébrico. Um deles envolve desenhar curvas em batatas, e o outro, uma situação desconcertante em relação ao peso delas.

A divulgação científica ensina que é bom tornar concreto um tema abstrato. E isso vale principalmente para a matemática, na qual, dado o nível de abstração, problemas enunciados para o grande público devem ganhar não só linguagem simples, mas também, sempre que possível, analogias com assuntos do cotidiano.

Exemplo disso: em vez de falarmos em “uma superfície fechada em três dimensões”, podemos usar... batatas. Então, em homenagem a essa maravilha vegetal da natureza, a seguir, apresentaremos problemas deliciosos (duplo

sentido, por favor) envolvendo um dos tubérculos favoritos da culinária mundial.

[...]

MORICONE, Marcos. Ao vencedor, as batatas! *Ciência Hoje*. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/ao-vencedor-as-batatas/>. Acesso em: 18 maio 2021.

EM13LGG101; EM13LP03 e EM13LP52

1. Após a leitura dos dois textos, que tipo de relação intertextual é possível estabelecer entre eles?

EM13LGG101 e EM13LP29

2. Releia o texto II, referente ao trecho do artigo de divulgação científica, e escreva um resumo utilizando paráfrases, marcas do discurso reportado e/ou citações.

EM13LGG101 e EM13LP03

3. Leia os seguintes textos.

Texto I



Reprodução

Texto II

Miopia do mundo moderno: quanto vale ou é por quilo?

Em novo artigo, a antropóloga Hilaine Yaccoub destaca a necessidade do investimento em moedas sociais nas relações de trabalho no mundo moderno

As pessoas reclamam da falta de dinheiro e trabalho. Mas elas vão a shows, continuam se vestindo, comprando ou trocando de smartphones, comendo em restaurantes, indo ao shopping center, viajando para lugares incríveis e por lá fazem compras. Todos possuem uma hierarquia de gastos pautada naquilo que lhes é ou parece ser essencial. Essa escolha, esse critério é medido pelos seus valores culturais e também pelo contexto em que se vive.

As pessoas também pechinham o valor que as faxineiras cobram, assim como o pagamento de outros serviços e profissionais quando parte delas a divisão do orçamento, mesmo quando o budget é de uma empresa.

[...]

YACCOUB, Hilaine. Miopia do mundo moderno: quanto vale ou é por quilo? *Exame*. São Paulo, 7 ago. 2020. Disponível em: <https://exame.com/blog/opiniaio/miopia-do-mundo-moderno-quanto-vale-ou-e-por-quilo/>. Acesso em: 18 maio 2021.

Qual relação intertextual se estabelece entre eles?

- a) Paródia.
- b) Provérbio.
- c) Oposição.
- d) Alusão.
- e) Paráfrase.

Variedades linguísticas

Conceito base

Em um país tão vasto quanto o Brasil, que possui proporções continentais, podemos dizer que nos alimentamos dos mais diversos tipos de temperos e comidas típicas. Isso porque, historicamente, o país tem sido o destino de vários migrantes que trazem consigo culturas gastronômicas únicas e, além disso, nosso próprio povo aprendeu a preparar pratos específicos de suas regiões, mediante ingredientes disponíveis em maior quantidade. Quem sabe preparar um churrasco melhor do que os gaúchos? Quem domina melhor a arte de fazer queijos do que os mineiros? Quem se arrisca a preparar um acarajé melhor do que os baianos?

A cultura gastronômica do nosso querido e gigantesco Brasil é surpreendente. E, assim como ela, há diversos modos de falar, escrever e se comunicar usados pelo nosso povo. Os gaúchos, por exemplo, usam o pronome “tu” com grande frequência; os mineiros, por sua vez, emendam a pronúncia de algumas palavras e, claro, fazem uso constante do famoso “uai!”, tão único e representante oficial desse estado. Essas diferentes formas de se expressar pela linguagem são chamadas de variação linguística, e o seu estudo está intrinsecamente ligado à cultura de um povo, tendo em vista que o modo como falamos e escrevemos revela muito sobre nossa identidade.

Adequação linguística

Antes de estudarmos as variedades, porém, é preciso compreender o conceito de adequação contextual. Nas diversas situações do cotidiano, é comum que um usuário da língua faça uso de diferentes modalidades do idioma, a fim de melhor adequar sua comunicação à situação em que ela será feita. Por exemplo: em uma entrevista de emprego, naturalmente procuramos nos expressar de modo objetivo e sem desvios em relação à gramática escolar. Com isso, procuramos transmitir a ideia de que, em uma situação formal, somos capazes de nos expressar de forma clara, além de transmitir uma imagem de conhecimento escolar bem-estruturado. Em uma reunião de amigos, porém, esse uso da língua soa bastante inadequado e, por esse motivo, nos comportamos de modo mais espontâneo. Incorporamos gírias à nossa fala e não ficamos atentos, a todo momento, às regras de concordância. Essa flexibilização não é errada, porque o contexto de comunicação nos permite fazê-la. Tendo em vista a ideia de adequação linguística, veja a seguir uma questão resolvida sobre o tema.

Exercício resolvido

1. Enem PPL 2019

Prezada senhorita,

Tenho a honra de comunicar a V. S. que resolvi, de acordo com o que foi conversado com seu ilustre progenitor, o tabelião juramentado Francisco Guedes, estabelecido à Rua da Praia, número 632, dar por encerrados nossos entendimentos de noivado.

Como passei a ser o contabilista-chefe dos Armazéns Penalva, conceituada firma desta praça, não me restará, em face dos novos e pesados encargos, tempo útil para os deveres conjugais.

Outrossim, participo que vou continuar trabalhando no varejo da mancebia, como vinha fazendo desde que me formei em contabilidade em 17 de maio de 1932, em solenidade presidida pelo Exmo. Sr. Presidente do Estado e outras autoridades civis e militares, bem assim como representantes da Associação dos Varejistas e da Sociedade Cultural e Recreativa José de Alencar.

Sem mais, creia-me de V. S. patricio e admirador,
Sabugosa de Castro

CARVALHO, J. C. Amor de contabilista. In: *Porque Lulu Bergatim não atravessou o Rubicon*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

A exploração da variação linguística é um elemento que pode provocar situações cômicas. Nesse texto, o tom de humor decorre da incompatibilidade entre

- a) o objetivo de informar e a escolha do gênero textual.
- b) a linguagem empregada e os papéis sociais dos interlocutores.
- c) o emprego de expressões antigas e a temática desenvolvida no texto.
- d) as formas de tratamento utilizadas e as exigências estruturais da carta.
- e) o rigor quanto aos aspectos formais do texto e a profissão do remetente.

Resolução:

Alternativa: B

O tom de humor decorre da incompatibilidade entre a linguagem empregada e os papéis sociais dos interlocutores. No texto-base para a questão, podemos notar uma linguagem completamente inadequada para o contexto, uma vez que o remetente escreve uma carta com uma linguagem extremamente formal e pomposa para encerrar o noivado com a destinatária. Embora o enunciador seja um contabilista – profissão que exige um uso formal da língua –, a situação apresentada requer outro tipo de linguagem e outro meio para expressar a mensagem, já que, no contexto, as personagens assumem papel social de noivos, e não de colegas de profissão.

Esse exercício exemplifica que a maneira de cada um se expressar deve ser compatível ao nível de formalidade do contexto de comunicação. Sendo assim, não há “certo” e “errado” no uso da língua, mas há formas “adequadas” e “inadequadas” de se expressar, de acordo com a situação comunicativa. Analise a tabela a seguir, que sintetiza essa ideia.

Adequação à situação de comunicação		
Situação de formalidade	Emprego da variante culta	<ul style="list-style-type: none"> - Marcada por rigor estrutural e respeito às normas gramaticais. - Estruturada predominantemente com vocábulos em sentido denotativo. - Preocupação com a forma do enunciado. - Emprego de marcadores coesivos.
Situação de informalidade	Emprego de variantes coloquiais	<ul style="list-style-type: none"> - Marcada por espontaneidade estrutural e liberdade em relação às regras gramaticais. - Preocupação com o conteúdo da mensagem. - Flexibilização entre linguagem conotativa e denotativa.

Oralidade

Tendo compreendido o conceito de adequação situacional, é preciso estudarmos as variantes coloquiais considerando que, na maioria das vezes, seu emprego é feito em situações de oralidade. Isso significa que elas ocorrem predominantemente na língua falada. Evidentemente, também podem ser empregadas em textos escritos com características mais espontâneas, como um bilhete ou uma mensagem de celular, por exemplo, embora com menos frequência.

Mecanismos geradores de oralidade

A oralidade pode ser simulada em um texto escrito a partir de quatro esferas distintas, as quais veremos seguir. São elas: sonora, morfológica, sintática e lexical (ou vocabular).

Esfera sonora

O texto escrito procura simular ocorrências sonoras próprias da língua falada em contextos informais. Nesse sentido, podemos dividir tais casos em dois processos distintos: redução, quando um som de uma palavra é suprimido para facilitar ou acelerar a pronúncia, e junção, quando o som de duas palavras é pronunciado em um mesmo vocábulo. Muitas vezes, o processo de junção é incorporado até mesmo em gêneros com mais formalidade.

A seguir, analise uma tabela com alguns exemplos dessas ocorrências.

Esfera sonora	
Redução	Junção
Para (pra)	Em um (num)
Somente (só)	Para o (pro)
Está (tá)	Gota de água (gota d'água)

Estabelecendo relações

Atualmente, os processos de redução e junção são comumente empregados em gêneros literários, como a crônica, por exemplo, como forma de simular a oralidade no texto escrito. Esses recursos, porém, também podem ser encontrados em escolas literárias tradicionais, sobretudo a partir do Modernismo, que buscava incorporar nos romances marcas linguísticas cotidianas e regionais.

Esfera morfológica

Diferente das oralidades sonoras, nessa esfera estão reunidas palavras formadas por derivação prefixal (acréscimo de um afixo no início do vocábulo), sufixal (acréscimo de um afixo no final do vocábulo) ou parassintética (acréscimo obrigatoriamente simultâneo de afixos no início e no final do vocábulo) usadas em situações do cotidiano, mas que dificilmente poderão ser empregadas em contextos mais formais.

A palavra “curtir”, por exemplo, tem se tornado cada vez mais popular devido à ampliação de acesso às redes sociais. No universo *on-line*, esse verbo é usado para indicar que um usuário aprovou uma foto ou texto publicado por outro. Há, porém, situações em que ocorre o oposto: a relação entre os usuários é de desaprovação. Nestas, é comum que se faça uso do prefixo “des” no verbo, criando o vocábulo “descurtir” (não previsto pelos provedores das redes sociais, mas usado com cada vez mais frequência pelos usuários). Processo semelhante ocorre com a palavra “desver”, frequentemente empregada em situações cotidianas quando presenciamos alguma situação ou cena desagradável. Ambos os casos correspondem a informalidades por derivação prefixal.

Existem situações, entretanto, nas quais os vocábulos criados resultam de outro processo. Palavras como “rapaziada” e “moçada”, por exemplo, são criadas ao adicionar o sufixo “ada” a “rapaz” e “moço”, respectivamente. Casos assim são, portanto, reflexo das derivações sufixais.

Há, ainda, casos em que as palavras derivadas dependem simultaneamente de prefixos e sufixos. Tais casos são considerados como derivações parassintéticas. “Endoidecer”, por exemplo, é um vocábulo de uso bastante abrangente que é formado pela palavra primitiva “doido”, pelo prefixo “en” e pelo sufixo “cer”. Repare que essa derivação exige que ambos os afixos sejam usados ao mesmo tempo.

Esfera sintática

Oralidades criadas em esfera sintática são resultantes de algum desvio normativo em relação à gramática tradicional, sobretudo em construções relacionadas à concordância ou ao tempo de conjugação dos verbos.

Construções como “a multidão correram” e “os brasileiros somos”, por exemplo, apresentam algum desvio gramatical justificável em situações informais. No primeiro caso, o verbo conjugado no plural exige que o sujeito também o seja. Porém, considerando que “multidão” pressupõe a existência de muitas pessoas, é possível entender por que se empregou a forma pluralizada com um sujeito singular. De forma semelhante, no segundo caso, existe uma inadequação entre a terceira pessoa (os brasileiros) e o verbo, tendo em vista que sua conjugação ocorre em primeira pessoa (nós). Embora incorreta considerando-se a norma-padrão, justifica-se esse desvio se considerarmos que o locutor da sentença é brasileiro e, por reconhecer a si mesmo como parte do grupo que fala, incluiu-se involuntariamente a tal grupo pelo emprego pronominal. Veja que ambos os casos simulam situações comuns na fala cotidiana. É adequado, ainda, denominá-los como silepses (figura de sintaxe estudada anteriormente e muito comum em situações de oralidade).

Além da concordância, existem outras situações em que o emprego verbal é próprio da língua falada. Tais ocorrências se relacionam ao tempo dos verbos. Ao contar aos seus pais como foi seu dia na escola, por exemplo, você pode produzir uma sentença em que os verbos estão conjugados no presente, embora você relate algo do passado. Essa construção poderia ser feita da seguinte forma: “Então eu chego na sala, entrego o trabalho para a professora, e ela elogia muito meu esforço!”.

Na situação descrita acima, o tempo presente marcou uma ação do passado como forma de dinamizar a narrativa. Trata-se, portanto, de um emprego não literal do tempo verbal que, mesmo estando em desacordo com a norma, possui uma justificativa lógica para ser usado na língua falada. Veja, a seguir, outros exemplos desse tipo de informalidade.

Tempo não literal dos verbos		
Situação	Exemplo	Efeito gerado
Presente usado para marcar uma ação do passado	A inflação cai pela segunda vez seguida na mesma semana.	Cria-se a impressão de que o fato está ocorrendo concomitantemente ao momento da leitura. Assim, a construção resulta em dinamismo e simultaneidade.
Presente usado para marcar uma ação no futuro	Hoje a seleção feminina ganha de lavada!	Cria-se a impressão de que o fato certamente ocorrerá. A construção, portanto, exprime uma certeza futura.
Presente usado para marcar uma ação recorrente	Um professor acredita no potencial de seus alunos.	Cria-se um efeito de continuidade, permanência.
Pretérito usado para indicar uma ação no presente	Eu gostaria de mais um adoçante, por favor.	Gera-se um efeito de polidez com o interlocutor.
Pretérito usado para indicar uma ação no futuro	Com a qualidade do time feminino, o Brasil já ganhou a próxima Copa.	Gera-se um sentido de certeza, confiança na ação que ocorrerá no futuro.

Esfera lexical (ou vocabular)

Por se tratar de uma área em constante mudança, considerando que a todo momento novas palavras são criadas ou outras já existentes recebem um novo sentido, essa esfera é uma das mais dinâmicas e na qual mais se encontram informalidades. Nesse grupo, enquadram-se fenômenos como as gírias e os neologismos. A seguir, veremos de modo mais detalhado cada um deles.

GÍRIAS

Correspondem a palavras ou expressões criadas por grupos específicos de falantes. Muitas vezes, as gírias são criadas para facilitar a comunicação dentro desse próprio grupo e impedir que falantes que não pertençam a ele possam compreender as mensagens. É o caso, por exemplo, de termos exclusivamente usados por jovens, cantores de rap e até mesmo detentos. Considerando isso, analise o exemplo ao lado.



Mudamba/Shutterstock.com

A quebra de expectativa do texto nasce na reação do pai do jovem que está ao telefone, que não consegue entender claramente o sentido da gíria “ficar”, comumente usada por grupos de jovens para se referir a uma breve relação de contato físico entre duas pessoas, sem que haja namoro ou compromisso entre elas. Por não compreender esse sentido, o pai imagina que seu filho e a amiga dele, Tati, simplesmente optaram por continuar na festa, tornando a conversa improdutiva.

Veja que, nesse caso, a gíria possui um valor figurado que não é considerado pelo adulto. Ela é, portanto, nesse contexto, uma espécie de “código”, que impossibilita pessoas que não o dominam de compreenderem seu emprego. Existem, entretanto, gírias de uso recorrente que extrapolam os contextos originais em que foram criadas, passando a ser empregadas por diversos falantes de grupos distintos. É o caso das palavras e expressões a seguir:

Cara	Usada com sinônimo de “amigo” ou “rapaz”. Frequentemente ocupa a posição de vocativo na sentença.
Firmeza	Usada para mostrar aceitação em relação a algo, como sinônimo de “tudo certo”. Pode expressar revolta ou sentido irônico, dependendo da situação em que é empregada.
Tocar o terror	Usada para revelar uma ação ou comportamento chamativo, que atrai a atenção das pessoas.
Passar o pano	Usada para determinar um julgamento brando dado a algo ou alguém. Usualmente, é empregada com valor sarcástico como forma de denúncia social.
Tapa na cara	Usada para determinar uma situação de surpresa ou desaforo. Pode, eventualmente, designar algo inesperado que agregou algum valor a quem o recebeu.

NEOLOGISMOS

Conservam certa semelhança com as gírias por serem palavras ou expressões eventualmente usadas por grupos muito específicos. No caso dos neologismos, porém, é bastante comum que a maioria das pessoas consiga compreendê-los sem grandes dificuldades. Um exemplo é o vocábulo “falsiane”, recentemente criado para designar pessoas que agem de modo dissimulado. Trata-se de uma palavra inédita na língua portuguesa, formada a partir do adjetivo “falso” e a terminação “iane”, comum em nomes próprios. Outros vocábulos são criados da mesma forma, como, por exemplo, “sofrência” (resultante de “sofrer” e “carência”) e “chorrindo” (resultante de “chorando” e “rindo”).

Existem, porém, neologismos de palavras que foram originadas de termos estrangeiros. Nesses casos, devemos denominá-las “estrangeirismos”. Trata-se, por exemplo, do verbo “tuitar”, criado a partir do nome de uma rede social. Outros exemplos próprios de meios digitais são “mouse” e “site”, entre outros. Há, além destes, vocábulos que são incorporados em nosso idioma com uma grafia e sonoridade própria do português, como “balé” e “toalete” – esse tipo de estrangeirismo é, geralmente, pouco reconhecido pela maior parte das pessoas porque as palavras forma incorporadas ao idioma há muito tempo, sendo, inclusive, dicionarizadas na atualidade.

Saiba mais

Considerado um dos mais importantes autores do Modernismo da segunda geração, Guimarães Rosa incorporou em suas obras diversos neologismos que buscavam representar a fala espontânea do povo, sobretudo no sertão brasileiro. Mais do que apenas simular a forma como as pessoas se comunicavam, os neologismos criados por ele imprimiam melodias poéticas em textos escritos em prosa, assim como permitiam ao autor extrapolar o limite dicionarizado das palavras, atribuindo sentido mais amplo àquelas criadas por ele.

Tipos de variação linguística

Tendo diferenciado a língua falada da língua escrita, bem como compreendido o conceito de oralidade, podemos agora estudar os tipos de variação do nosso idioma. Você perceberá que alguns deles se relacionam a situações de mais informalidade; outros, são observados em contextos distintos.

Para facilitar sua compreensão desse fenômeno linguístico, iremos dividir as variedades em quatro tipos, sendo: regionais, relacionadas ao local de uma comunidade de falantes; históricas, associadas ao tempo em que a língua é usada; sociais, articulada pelos falantes por condições pessoais e subjetivas; e situacionais, ligadas ao processo de adequação ao contexto de comunicação.

Regionais

Podem ser chamadas de “dialetos”. Correspondem a particularidades lexicais (vocabulares) e sonoras relacionadas ao local em que uma comunidade linguística está inserida. Para compreender esse conceito de modo mais adequado, analise a piada a seguir que, embora ficcional, pode ser facilmente imaginada em uma situação real:

Um gaúcho aproxima-se de um mineiro e lhe pergunta, para puxar assunto:

— Bá tchê, eu nasci em Pelotas. E tu?

Nisso, o sujeito responde em tom de deboche:

— Uai, sô... Eu nasci interim, duma vez só!

O efeito cômico dessa piada é originado em três partes do texto: as diferentes formas de pronúncia de mineiros e gaúchos, as escolhas lexicais de cada falante e a atitude do rapaz que debocha do outro, desprezando propositalmente a tentativa de comunicação.

Embora bastante simples, essa piada representa com clareza algumas das particularidades das variantes praticadas no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais. Considerando-se isso, podemos dizer que o mesmo idioma é praticado de modo distinto nas duas regiões e, dependendo da situação de comunicação, é até mesmo possível que duas pessoas que conheçam apenas variações específicas não consigam dialogar de modo claro. Isso se deve, sobretudo, a aspectos da pronúncia e de palavras típicas de cada região.

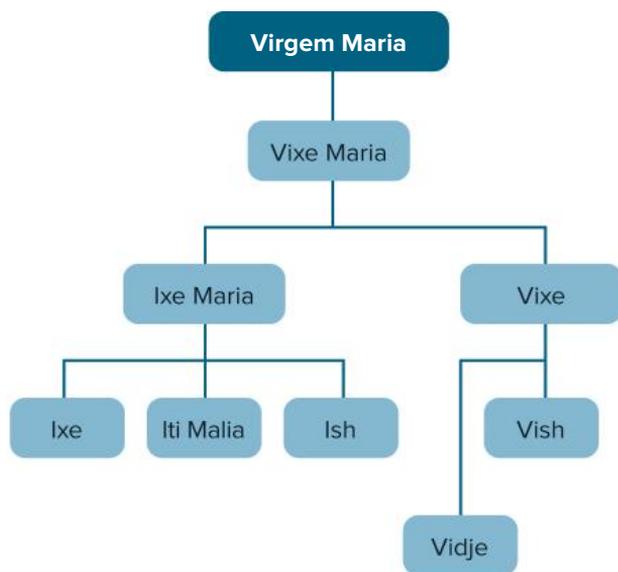
Tome-se o exemplo da consoante “s”. Falantes do Rio de Janeiro costumam produzir o som da letra em final de sílaba de forma levemente “chiada”, ou seja, com entonação e de modo sibilante. Na cidade de São Paulo, entretanto, não é a forma como se pronuncia essa consoante que destoa o linguajar paulistano do adotado pelos demais falantes do português. Na maior cidade do país, os falantes costumam “nasalizar” os sons de “m” e “n”, o que resulta em uma pronúncia única da palavra “tentar”, por exemplo, verbalizada como “teintar”. Na piada lida anteriormente, uma situação semelhante está expressa no vocábulo “interim”, que simula uma prática comum aos mineiros de encurtar o som final das palavras.

Além do aspecto sonoro, a piada também diverte porque faz uso de palavras típicas de cada região, como “bá”, “tchê” e “uai”, usadas por gaúchos e mineiros com valor de interjeição. Isso ocorre porque é bastante comum que cada região possua seu próprio dialeto, muitas vezes pouco reconhecido por falantes de outros lugares. Em Curitiba, dirige-se a um garoto como “piá”; em Porto Alegre, como “guri” e, em São Paulo, como “menino”. Repare que essas diferenças vocabulares podem confundir um falante que não conheça o dialeto curitibano, por exemplo (sabendo que o Brasil é formado por muitas outras cidades além dessas, é fácil compreender como variedades regionais podem ser um sério problema para turistas). Outro exemplo, ainda mais divertido, é a forma como uma mesma fruta pode ser conhecida pelos brasileiros: bergamota, mexerica, mimosa, tangerina etc. Por conta da variação regional, pode ser bastante desafiador ir à feira em uma cidade diferente daquela em que crescemos.

Históricas

Outra variação bastante comum na língua está associada à passagem do tempo. “Fotografia”, por exemplo, sofreu um processo de redução e passou a ser pronunciada como “foto”. É o mesmo caso do agradecimento “brigado”, comum na atualidade: sua origem deriva da sentença “sinto-me obrigado a retribuir pelo favor” que, por sua vez, já havia sido reduzida a “obrigado”. Essas mudanças nascem no cotidiano como forma de abreviar o processo de comunicação oral e acabam sendo incorporadas, muitas vezes, em textos escritos.

É bastante comum, nesse tipo de variação, que a origem e os processos que resultaram nas formas atuais das palavras sejam desconhecidos da maior parte dos falantes. A interjeição “iti malia”, por exemplo, usada para expressar admiração por algo ou alguém considerado agradável, é fruto de um intenso processo de redução histórica da expressão “Virgem Maria”, conforme apresenta o esquema a seguir:



Embora tenha sido derivada para diversos vocábulos distintos, a expressão original era usada para expressar uma surpresa ou susto, na maioria dos casos. Muitos vocábulos que surgiram dela conservam esse sentido, embora seja impossível prever todas as situações em que possam ser usados.

Pode-se afirmar, desse modo, que a variação histórica está intimamente relacionada à oralidade e, em algumas situações, acaba por ser incorporada também a textos escritos. Além disso, as mudanças estruturais de um idioma, em sua maioria, resultam da tentativa dos falantes de facilitar a comunicação.

Sociais

A esse tipo de variação estão associadas características subjetivas, ou seja, pessoais do falante, tais como escolaridade, idade, profissão, gênero, entre outras. É natural observar que, por exemplo, uma médica use um determinado padrão vocabular ao dialogar com outro profissional da saúde. Um jovem adolescente, por outro lado, provavelmente irá se comunicar de forma completamente distinta ao conversar com algum rapaz de mesma idade. Essas diferenças conversacionais se relacionam ao grau de instrução do falante e à idade do enunciador, respectivamente. Trata-se, portanto, de variação social.

Considerando esses exemplos, podemos ampliar a interpretação dessa variedade para outras situações. É bastante provável que você já tenha ouvido termos técnicos próprios da área da tecnologia, como “hardware” e “software”, por exemplo. Embora seja plausível dizer que você sabe do que tais palavras se tratam, dificilmente ambas fazem parte das suas conversas cotidianas. Uma engenheira da computação, entretanto, deve usá-las com bastante frequência, devido à sua profissão. Esses termos técnicos que eventualmente podem ser reconhecidos por parte das pessoas são denominados jargões e fazem parte das variantes sociais que temos discutido.

Há, porém, outros elementos que influenciam a forma como nos comunicamos, além do nosso grau de instrução e da profissão que possuímos. A idade de um falante, por exemplo, também é determinante para os padrões de comunicação que ele irá adotar. Imagine uma situação de flerte de dois falantes distintos: um deles, bastante jovem, poderá fazer um convite para “trocar uma ideia” e depois “pegar um cineminha”; o outro, mais velho, poderá convidar a pessoa de seu interesse para “jantar a dois” e “se conhecer melhor”, por exemplo. Naturalmente, o sucesso dos flertes dependerá de diversos fatores e é inadequado tentar dizer qual dos dois é mais efetivo, porém, é inegável que são completamente diferentes, devido à condição de cada falante.

Situacionais

A última variação pode ser considerada bastante versátil e é motivada pelo repertório linguístico de cada falante. Ela está relacionada à adequação ao nível de formalidade de um evento comunicativo. Um jovem, por exemplo, empregará um padrão de linguagem ao dialogar com outro da mesma idade, mas, ao estabelecer contato com uma criança ou adulto, provavelmente usará outras formas para se comunicar. Isso ocorre porque reconhecemos instintivamente o ambiente de comunicação em que nos encontramos e o interlocutor com o qual interagimos, procurando sempre a rápida adequação às exigências do contexto.

Evidentemente, porém, há situações em que a adequação não é plenamente satisfatória ou simplesmente não acontece. Casos em que um falante é inserido em uma comunidade linguística completamente diferente da que estava habituado a frequentar exemplificam essas situações. É o caso, por exemplo, de um professor universitário, acostumado a lecionar em um curso para pós-graduação, tentar ministrar uma palestra para um grupo de crianças. Excetuando uma pequena probabilidade de que consiga adequar-se ao público receptor, é bastante provável que esse docente não consiga transmitir a mensagem com efetividade.

Outra situação que exemplifica com clareza o conceito de adequação situacional são entrevistas de emprego. Desde um traje de mais formal até a busca por uma fala que sempre respeite a norma-padrão, é comum que, nesse ambiente, os falantes busquem transmitir seriedade e domínio da língua culta. Nesse sentido, é bastante evidente que a adequação situacional extrapola o nível do idioma e seja perceptível também no comportamento do candidato.

Preconceito linguístico

Considerando todos os conceitos estudados neste capítulo, é possível concluir com razoável tranquilidade que a cultura de um povo está fortemente associada ao modo como esse povo se comunica. Nesse sentido, a língua é indissociável da cultura de uma comunidade linguística. Isso, entretanto, revela uma faceta preocupante no estudo das variedades de um idioma: o preconceito social contra determinados grupos de indivíduos que também se manifesta na forma como se comunicam.

É o caso, por exemplo, das imensas desigualdades econômicas existentes entre as regiões do Brasil: muitos migrantes de cidades mais pobres procuram, em outras cidades do país, teoricamente mais desenvolvidas, melhores condições de trabalho e de vida. Por diversas vezes, tais migrantes são recebidos de modo pouco amistoso pelos habitantes dessa região que, por ignorância, temem que a presença de mais pessoas afete a economia e a qualidade de vida existentes. Assim, infelizmente, esse temor passa a se manifestar em forma de preconceito, e os costumes, estilos de vida e padrões comportamentais daqueles que migraram passam a ser taxados como de pouco valor, ultrapassados, pouco desenvolvidos. Esses preconceitos, criados na base do medo e da irracionalidade, também se manifestam contra as variedades linguísticas do grupo de migrantes tido por menor importância. Trata-se, portanto, de um preconceito social que resulta em um preconceito contra uma forma de falar.

Infelizmente, o preconceito linguístico não se manifesta apenas contra migrantes de regiões mais carentes do país. Muitas vezes é fruto de um pensamento amplamente difundido na sociedade, mesmo sem respaldo científico: acredita-se que existe uma única forma “correta” de falar ou escrever e que as demais possuem menor importância ou são praticadas por falantes com baixa escolaridade. Esse pensamento atribui à norma-padrão um valor exageradamente único, ao mesmo tempo que despreza as variedades não reproduzidas no ambiente escolar.

A crônica a seguir, de Lima Barreto, resume a importância dada por um grupo de indivíduos à norma culta:

Quase Doutor

A nossa instrução pública cada vez que é reformada, reserva para o observador surpresas admiráveis. Não há oito dias, fui apresentado a um moço, aí dos seus vinte e poucos anos, bem posto em roupas, anéis, gravatas, bengalas etc. O meu amigo Seráfico Falcote, estudante, disse-me o amigo comum que nos pôs em relações mútuas.

O Senhor Falcote logo nos convidou a tomar qualquer coisa e fomos os três a uma confeitaria. **Ao sentar-se, assim falou o anfitrião:**

— **Caxero traz aí qualquer coisa de bebê e comê.**

Pensei de mim para mim: esse moço foi criado na roça, por isso adquiriu esse modo feio de falar. Vieram as bebidas e ele disse ao nosso amigo:

— Não sabe Cunugunde: o véio tá i.

O nosso amigo comum respondeu:

— Deves então andar bem de dinheiros.

— Quá ele tá i nós não arranja nada. Quando escrevo é aquela certeza. De boca, não se cava... O véio óia, óia e dá o fora.

Continuamos a beber e a comer alguns camarões e empadas. A conversa veio a cair sobre a guerra europeia. O estudante era alemão dos quatro costados.

— Alamão, disse ele, vai vencer por uma força. Tão aqui, tão em Londres.

— Qual!

— Pois óie: eles toma Paris, atravessa o Sena e é um dia inguelês.

Fiquei surpreso com tão furioso tipo de estudante. Ele olhou a garrafa de vermouth e observou:

— Francês tem muita parte. Escreve de um jeito e fala de outro.

— Como?

— Óie aqui: não está vermouth, como é que se diz “vermute”? Pra que tanta parte?

Continuamos estupefatos e o meu amigo, ou antes, o nosso amigo parecia não ter qualquer surpresa com tão famigerado estudante.

— Sabe, disse este, quase fui com o dotô Lauro.

— Por que não foi? perguntei.

— Não posso andá por terra.

— Tem medo?

— Não. Mas óie que ele vai por Mato Grosso e não gosto de andá pelo mato.

Esse estudante era a coisa mais preciosa que tinha encontrado na minha vida. Como era ilustrado! Como falava bem! Que magnífico deputado não iria dar? Um figurão para o partido da Rapadura.

O nosso amigo indagou dele em certo momento:

— Quando te formas?

— No ano que vem.

Caí das nuvens. Este homem já tinha passado tantos exames e falava daquela forma e tinha tão firmes conhecimentos!

O nosso amigo indagou ainda:

— Tens tido boas notas? — Tudo. Espero tirá a medáia.

BARRETO, Lima. *Quase doutor*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000173.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2022.

Ao longo de toda a crônica é possível observar o incômodo do narrador com o modo de falar do estudante. No trecho destacado, a personagem emite um juízo de valor sobre a variedade linguística utilizada pelo anfitrião, considerando-a “feia” por se distanciar da norma-padrão e associando-a à maneira de falar de pessoas da zona rural. Esse exemplo serve como reflexão para um problema sério: o preconceito linguístico. Enraizado em uma sociedade desigual e usado como forma de menosprezar aqueles que não dominam a norma-padrão, ou simplesmente optam por não usá-la, esses falantes sofrem constantes julgamentos pelo fato de não se comunicarem por meio das regras gramaticais ensinadas na escola, e o preconceito linguístico cresce conforme as desigualdades educacionais continuam existindo no país.

! Atenção

Para combater o preconceito linguístico, as pessoas devem, primeiramente, reconhecer sua existência e então observar os próprios pensamentos e maneiras de se expressar. Como esse tipo de preconceito é estrutural e muitas vezes passa despercebido, é importante atentar-se ao próprio comportamento, uma vez que o preconceito linguístico pode ser cometido involuntariamente.

Revisando

1. Há quem diga que a maior beleza do Brasil não são suas belas paisagens, mas o seu rico patrimônio cultural.



Apesar de haver uma língua oficial única, as populações de norte a sul do país têm diferentes “jeitos de falar” e de se expressar, como retrata a imagem anterior. Explique os motivos dessas diferenças.



O meme a seguir tem como foco a célebre frase “Os fins justificam os meios”, pertencente à obra *Heroides*, de Ovídio, embora alguns estudiosos atribuam tal frase à obra *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel. O efeito humorístico do meme se dá pelos usos alternados da linguagem, ora coloquial, ora em acordo com a norma culta. Observe-o para responder às questões de **2** a **4**.



2. Identifique no meme exemplos de uso da linguagem culta e da linguagem coloquial.

3. Sobre a expressão “meter o louco” na primeira linha do meme:

a) O que significa?

b) Explique qual é o mecanismo de oralidade representado.

c) Além da sua obra magna *O príncipe*, Maquiavel escreveu outros livros com temáticas que variam entre história, política sociologia e filosofia. Na sua opinião, a expressão seria adequada a uma publicação desse gênero, mesmo em tempos atuais? Explique sua resposta.

4. Reescreva todo o texto do meme, removendo as marcas de oralidade e substituindo a expressão “meter o louco” por outra que tenha equivalência semântica e que seja adequada à norma-padrão.

5. As frases abaixo foram proferidas em situações informais e todas possuem algum desvio na esfera sintática. Identifique o motivo desses desvios em cada sentença e explique o efeito gerado, se for o caso.

I. *Dois pão na chapa, por favor, seu Olegário!*

II. *Depois do notão no simulado, o Léo foi pra prova no clima de “já passei”.*

III. *Chegando lá, a gente vamos direto na fila do bondinho que sobe o Cristo.*

IV. *É a segunda vez que Marília falta na aula só esta semana.*

6. Reescreva as sentenças do item anterior de acordo com a norma-padrão, sem que haja prejuízo de sentido.



O comentário a seguir foi feito pelo escritor paraibano Ariano Suassuna (1927-2014) durante uma de suas palestras, enquanto falava sobre beleza da língua portuguesa. Atente-se ao comentário para responder às questões de 7 a 10.

Não troco o meu “oxente” pelo “ok” de ninguém!

7. Atualmente, ambas as palavras (“ok” e “oxente”) podem ser percebidas no vocabulário dos brasileiros, com maior predominância em grupos locais. Em que situações essas palavras são mais comumente utilizadas?

8. Com base no que você aprendeu neste capítulo, explique qual mecanismo linguístico está relacionado à palavra “ok” e em quais contextos se dá o uso desse termo.

9. Segundo a etnolinguista Yeda Pessoa, doutora em línguas africanas e consultora técnica do Museu da Língua Portuguesa de São Paulo, a interjeição “Oxente” é proveniente do português da época colonial, da expressão “Ó, gente”, usada para representar espanto, susto, surpresa, admiração. Tempos depois, veio a abreviatura “ôxe”, também muito comum em diversas regiões do Nordeste e mais recentemente em outras regiões do país, especialmente no Sudeste, por influência da imigração. Descreva os tipos de variação envolvidos nos fenômenos linguísticos descritos.

10. Ao defender seu “oxente”, refutando a incorporação da palavra inglesa “ok” ou “okay” ao próprio vocabulário, Suassuna resiste à ideia de que a língua portuguesa deve incorporar termos estrangeiros e que seus falantes devem cultivar hábitos linguísticos baseados em outras línguas e culturas.

As manifestações do escritor podem ser consideradas preconceito linguístico? Justifique sua resposta.

Exercícios propostos



Texto para responder às questões **1 e 2**.

A bola foi tocada pra Roberto Rivelino. Domina bem Rivelino, toca na esquerda com a canhota, ele procura na ponta Paulo César. Desce jogada na ponta, trabalha com Jair, vai Brasil! Recolheu, tentou é cruzar, vai bater, tentou lançar pra Lola, a bola explodiu na sola do quarto-zagueiro Pires, sobrou para o goleiro Butiche, no gol saiu fácil, tranquilo, fez a defesa.

FILHO, Zaldo Antônio Barbosa Rocha. *A narração de futebol no Brasil: um estudo fonostilístico*. Dissertação de mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1989. p. 90. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269061/1/RochaFilho_ZaldoAntonioBarbosa_M.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

1. Após a leitura do trecho da transcrição da narração da partida de futebol entre Brasil e Argentina, ocorrida em 1987, na rádio **Bandeirantes**, cujo locutor foi Dirceu Maravilha, assinale a alternativa **correta**.
 - a) Há ocorrência de elipse e repetição na narração.
 - b) O locutor utiliza a norma culta ao narrar a partida de futebol.
 - c) O texto original faz parte da comunicação escrita.
 - d) O trecho apresenta um neologismo.
 - e) A narração possui muitas gírias.
2. Assinale a alternativa **incorreta** em relação à transcrição da narração da partida de futebol.
 - a) O texto apresenta palavras com mudança de pronúncia.
 - b) A narração do locutor é feita de forma parcial.
 - c) Há a presença do jargão futebolístico.
 - d) Há o predomínio de orações subordinadas.
 - e) Não há nomes das posições dos jogadores.



Texto para responder à questão **3**.

PROJETO NURC-RJ

INF: nós vimos aqui ah:... o pro/ o:... o novo ponto do nosso programa... eu comecei aqui... Revolução Francesa... e dando a Revolução Francesa... eu indiquei a vocês uma bibliografia... BÁSICA... a bibliografia BÁSICA... sobre a Revolução Francesa... que nós vimos... eu botei... primeiro... o livro do Burnes... todo mundo conhece... o livro do Burnes... “Revolução... Francesa”... está muito interessante o modo como o Burnes coloca a Revolução... vocês já estudaram... já viram pelo Burnes... a Revolução Industrial... que foi assunto da prova... agora nós entramos na outra aula... na Revolução Francesa... o Burnes... se não me engano... é o capítulo... vinte e dois... vinte e três é a Revolução Industrial... nós voltamos atrás... é o capítulo vinte e dois... “Revolução... Francesa de mil setecentos e oitenta e nove”... [...]

Projeto NURC-RJ. Entrevista de informante concedida em 16 maio 1978. Disponível em: https://nurcj.lettras.ufrj.br/corpora/ef/ef_382.htm. Acesso em: 10 jan. 2022.

3. O trecho anterior faz parte do Projeto NURC-RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro). Tal trecho corresponde à transcrição de parte de uma aula ministrada por uma informante do sexo feminino, 56 anos (no momento da entrevista), formação universitária em História, carioca de pai cearense e mãe fluminense, e residente entre as zonas norte e sul do Rio de Janeiro. Apesar de a elocução formal sobre a Revolução Francesa ter ocorrido em 16 de maio de 1978, em uma universidade, o discurso oral da informante apresenta alguns traços de informalidade, **exceto**:
 - a) Quebra sintática.
 - b) Elipse.
 - c) Repetição.
 - d) Coordenação.



Texto para responder à questão **4**.

IGP-M sobe 3,83% na 2ª prévia de maio e salta a 36,69% em 12 meses

O avanço do indicador que influencia a variação de preço do aluguel foi puxado pela inflação no atacado

A Fundação Getúlio Vargas (FGV) confirmou, nesta quarta-feira, alta de 3,83% na segunda prévia de maio do Índice Geral de Preços-Mercado (IGP-M), após registrar 1,17% em igual decêndio de abril. Mais cedo, fontes divulgaram a informação ao Broadcast (sistema fechado de notícias em tempo real do Grupo Estado). Desde este mês, alguns índices e releases deixaram de ser publicados às 8 horas no site do Instituto Brasileiro de Economia da FGV (Ibre/FGV), como era feito anteriormente.

[...]

CONTEÚDO, Estadão. IGP-M sobe 3,83% na 2ª prévia de maio e salta a 36,69% em 12 meses. *Exame*. 19 maio 2021. Disponível em: <https://exame.com/economia/igp-m-sobe-383-na-2a-previa-de-maio-e-salta-a-3669-em-12-meses/>. Acesso em: 21 maio 2021.

4. O trecho da notícia apresenta uma linguagem específica, conhecida como “economês”. Qual é o nome desse fenômeno linguístico?
 - a) Neologismo.
 - b) Jargão.
 - c) Gíria.
 - d) Estrangeirismo.
 - e) Dialeto.



Texto para responder às questões **5 e 6**.

[...]

— Essas que aí vêm são o oposto dos Arcaísmos — disse Quindim. — São os NEOLOGISMOS, isto é, palavras novíssimas, recém-saídas da fôrma.

— E moram também nestes subúrbios de velhas?

— Em matéria de palavras, a muita mocidade é tão defeito como a muita velhice. O Neologismo tem de envelhecer um bocado antes que receba autorização para

residir no centro da cidade. Estes cá andam em prova. Se resistirem, se não morrerem de sarampo ou coqueluche e se os homens virem que eles prestam bons serviços, então igualam-se a todas as outras palavras da língua e podem morar nos bairros decentes. Enquanto isso ficam soltos pela cidade, como vagabundos, ora aqui, ora ali.

Estavam naquele grupo de Neologismos diversos que os meninos já conheciam, como *Chutar*, que é dar um pontapé; *Bilontra*, que quer dizer um malandro elegante; *Encrenca*, que significa embrulhada, mixórdia, coisa difícil de resolver.

— Outro dia vovó disse que esta palavra Encrenca é a mais expressiva e útil que ela conhece, de todas que nasceram no Brasil — lembrou Pedrinho.

Depois que os Neologismos acabaram de passar, os meninos dirigiram-se a uma praça muito maltratada, cheia de capim, sem calçamento nem polícia, onde brincavam bandos de peraltas endiabrados.

— Que molecada é esta? — perguntou a menina.

— São palavras da *Gíria*, criadas e empregadas por malandros ou gatunos, ou então por homens dum mesmo ofício. A especialidade delas é que só os malandros ou tais homens dum mesmo ofício as entendem. Para o resto do povo nada significam.

[...]

LOBATO, Monteiro. *Emília no País da Gramática*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d. [1934]. p. Disponível em: https://www.fortaleza.ce.gov.br/images/Cultura/Monteiro_Lobato_-_Em%C3%ADlia_no_Pa%C3%ADs_da_Gram%C3%A1tica.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

5. Após a leitura do trecho do livro em que personagens do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, de Monteiro Lobato – como Emília, Pedrinho, Narizinho, Visconde de Sabugosa e Quindim –, fazem uma viagem pelo País da Gramática, assinale a(s) proposição(ões) que estejam de acordo com o texto e anote a soma das alternativas **corretas**.

- 01 Arcaísmos são relacionados à mocidade e neologismos, à velhice.
- 02 Enquanto arcaísmos são palavras velhas, neologismos são palavras novas em uma língua.
- 04 “Encrenca” é uma palavra pouco expressiva em língua portuguesa.
- 08 As palavras “chutar”, “bilontra” e “encrenca” são neologismos mencionados no texto.
- 16 As gírias são utilizadas por grupos sociais específicos: malandros ou profissionais de um nicho.
- 32 Arcaísmos, neologismos e gírias são personificados no livro.
- 64 O texto traz o emprego de jargões.

Soma:

6. Marque verdadeiro (V) ou falso (F) para as alternativas.

- I. “Sextar” é um exemplo de neologismo.
 - II. “Já é” é uma gíria sulista.
 - III. “Uberização” é uma neologismo atual.
 - IV. “Tuitar” é um neologismo que surgiu na internet.
- a) V – F – V – V c) V – F – V – F
b) V – F – V – F d) V – V – V – V



Leia o seguinte trecho de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, para responder à questão 7.

Canto quarto

Depois de procelosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena, claridade,
Esperança de porto e salvamento;
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no Reino forte aconteceu
Depois que o Rei Fernando faleceu.

Porque, se muito os nossos desejaram
Quem os danos e ofensas vá vingando
Naqueles que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando,
Depois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne, sempre ilustre, alevantando
Por Rei, como de Pedro único herdeiro
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000162.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

7. As palavras destacadas em itálico estão dentro da variante:

- a) geográfica.
- b) social.
- c) situacional.
- d) etária.
- e) histórica.

8. **Unesp 2019** Examine a tira do cartunista Fernando Gonsales.



(Níquel Náusea: cadê o ratinho do titio?, 2011.)

Na tira, Arlindo Gouveia é caracterizado como

- a) dissimulado.
- b) agressivo.
- c) pedante.
- d) volúvel.
- e) orgulhoso.

9. Enem 2018



Disponível em: www.facebook.com/minsaude. Acesso em: 14 fev. 2018 (adaptado).

A utilização de determinadas variedades linguísticas em campanhas educativas tem a função de atingir o público-alvo de forma mais direta e eficaz. No caso desse texto, identifica-se essa estratégia pelo (a)

- a) discurso formal da língua portuguesa.
- b) registro padrão próprio da língua escrita.
- c) seleção lexical restrita à esfera da medicina.
- d) fidelidade ao jargão da linguagem publicitária.
- e) uso de marcas linguísticas típicas da oralidade.

10. UFAM Leia o texto a seguir, tirado do livro *Amazônia, a terra e o homem*, de Araújo Lima:

A opinião crítica – precipitada, tumultuosa, claudicante pela deficiência de análise e observação – tem oscilado sempre, ao definir a região amazônica, entre os arroubos de exaltação otimista e os libelos de um pessimismo fulminador. Daí, duas definições antinômicas exprimirem, em fórmulas sintéticas, o radicalismo desses juízos extremados: Inferno verde ou Paraíso verde.

Nem inferno, nem paraíso.

A enormidade imensurável, os latifúndios inviolados, as impérvias terras sem dono, toda essa vastidão territorial ilimitada, que dominam selvas espessas e intérminas, projeta-se num babilonismo sugestivo, até à mente dos que de longe observam, envolvendo-a na dúvida, no mistério, no terror.

Desse erro de visão atordoada sobressaem as lendas, as fábulas, as superstições, toda essa trama de percepções errôneas e deformadas, que a ignorância e o pavor inspirado por tais paragens fantásticas entretecem no cérebro dos observadores longínquos e desavisados.

Ficam os forasteiros perplexos ante o esplendor da natureza opulenta e grandiosa, que se esboça nas linhas imprecisas, mal definidas, fugidias da paisagem em seu conjunto panorâmico. E, ao assalto dessas sensações, irrompe a explosão lírica, inspirada pela fascinação do colorido,

gerando um superlativismo contagioso, enfático, retórico, que contamina quase todos os descritores desses cenários.

Em sã verdade, a região é mal vista, pouco conhecida, erroneamente interpretada. Persiste indecifrável, mas desastrosamente deturpada na significação de sua essência, de seus atributos, de seus recursos.

No texto de Araújo Lima, observamos várias palavras pouco usuais no Português coloquial contemporâneo, mas que podem ser compreendidas se considerarmos o contexto em que se inserem. É o caso de:

- a) babilonismo (3º parágrafo), que significa “o aspecto caótico”.
- b) impérvias (3º parágrafo), que significa “cultivadas”.
- c) imensurável (3º parágrafo), que significa aquilo “que não se pode medir”.
- d) claudicante (1º parágrafo), que significa “algo suntuoso e exagerado”.
- e) antinômicas (1º parágrafo), que significa “importantes, expressivas”.

11. ITA-SP 2016

Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. Faço o que faziam os mestres zen com seus “koans”. “Koans” eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que 5 só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos...

Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, de cabeças raspadas e caras pintadas, 10 na maior alegria, celebrando o fato de terem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: “Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. O conselho é este: sal- 15 vem-se enquanto é tempo!”. Aí o sinal fica verde e eu continuo.

“Mas que desmancha-prazeres você é!”, vocês me dirão. É verdade. Desmancha-prazeres. Prazeres inocentes baseados no engano. Porque aquela alegria toda se deve 20 precisamente a isto: eles estão enganados.

Estão alegres porque acreditam que a universidade é a chave do mundo. Acabaram de chegar ao último pata- 25 mar. As celebrações têm o mesmo sentido que os eventos iniciáticos – nas culturas ditas primitivas, as provas a que têm de se submeter os jovens que passaram pela puber- 30 dade. Passadas as provas e os seus sofrimentos, os jovens deixaram de ser crianças. Agora são adultos, com todos os seus direitos e deveres. Podem assentar-se na roda dos homens. Assim como os nossos jovens agora podem dizer: “Deixei o cursinho. Estou na universidade”.

Houve um tempo em que as celebrações eram justas. Isso foi há muito tempo, quando eu era jovem. Naqueles tempos, um diploma universitário era garantia de trabalho. Os pais se davam como prontos para morrer quando uma 35 destas coisas acontecia: 1) a filha se casava. Isso garantia o seu sustento pelo resto da vida; 2) a filha tirava o diploma de normalista. Isso garantiria o seu sustento caso não

casasse; 3) o filho entrava para o Banco do Brasil; 4) o filho tirava diploma.

40 O diploma era mais que garantia de emprego. Era um atestado de nobreza. Quem tirava diploma não precisava trabalhar com as mãos, como os mecânicos, pedreiros e carpinteiros, que tinham mãos rudes e sujas.

Para provar para todo mundo que não trabalhavam com as mãos, os diplomados tratavam de pôr no dedo um anel com pedra colorida. Havia pedras para todas as profissões: médicos, advogados, músicos, engenheiros. Até os bispos tinham suas pedras.

(Ah! Ia me esquecendo: os pais também se davam como prontos para morrer quando o filho entrava para o seminário para ser padre – aos 45 anos seria bispo – ou para o exército para ser oficial – aos 45 anos seria general.)

Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Criase, então, a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades.

Quando se pergunta a um jovem “O que é que você vai fazer?”, o sentido dessa pergunta é “Quando você for preencher os formulários do vestibular, qual das opções oferecidas você vai escolher?”. E as opções não oferecidas? Haverá alternativas de trabalho que não se encontram nos formulários de vestibular?

65 Como todos os pais querem que seus filhos entrem na universidade e (quase) todos os jovens querem entrar na universidade, configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, de pessoas desejosas de diplomas e prontas a pagar o preço. Enquanto houver jovens que não passam nos vestibulares das universidades do Estado, haverá mercado para a criação de universidades particulares. É um bom negócio.

Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.

Já sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, junto com o curso “nobre” que frequentam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, eletricitista, encanador, descupinizador, motorista de trator... O rol de ofícios possíveis é imenso. Pena que, nas escolas, as crianças e os jovens não sejam informados sobre essas alternativas, por 85 vezes mais felizes e mais rendosas.

Tive um amigo professor que foi guindado, contra a sua vontade, à posição de reitor de um grande colégio americano no interior de Minas. Ele odiava essa posição porque era obrigado a fazer discursos. E ele tremia de medo de fazer discursos. Um dia ele desapareceu sem explicações. Voltou com a família para o seu país, os Estados Unidos. Tempos depois, encontrei um amigo comum e perguntei: “Como vai o Fulano?”. Respondeu-me: “Felicíssimo. É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país!”.

(Rubem Alves. Diploma não é solução, Folha de S. Paulo, 25/05/2004.)

Assinale a opção que apresenta características de coloquialidade.

- a) Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. (linha 1)
- b) O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo! (linhas 14-15)
- c) Aí o sinal fica verde e eu continuo. (linhas 15 e 16)
- d) Acabaram de chegar ao último patamar. (linhas 22-23)
- e) O diploma era mais que garantia de emprego. (linha 40)

12. Enem 2012

FINÍSSIMA



Adorei a pergunta, darling!

Tem muita gente que não sabe se comportar no elevador do prédio onde mora nem no da empresa em que trabalha. Anote as minhas dicas para o bom convívio de todos: entre a saia rapidamente (nada de segurar a porta para terminar o bate-papo com a sua amiga); ao embarcar, cumprimente os que já estão presentes; encerre a conversa com o seu colega ao lado ou no celular antes de entrar; não entre se o elevador estiver cheio (o ambiente fica insuportável para todos); espere para embarcar, pois a preferência é sempre de quem está desembarcando; se você sair com o seu pet ou carregar objetos grandes, espere até que ele esteja vazio ou use as escadas.

Ana Maria, 20 jan. 2012.

Nas regras de etiqueta, a linguagem coloquial promove maior proximidade do leitor com o texto. Um recurso para a produção desse efeito constitui um desvio à variedade padrão da língua portuguesa.

Trata-se do uso

- a) de palavras estrangeiras, como “darling” e “pet”, pois afrontam a identidade nacional.
- b) do verbo “ter”, que foi utilizado em lugar de “haver” com o sentido de “existir”.

- c) da forma verbal “adorei”, uma expressão exagerada de emoção e sentimento.
- d) do modo imperativo, típico das conversas informais.
- e) do substantivo “bate-papo”, que é uma gíria inadequada para regras de etiqueta.

13. UFJF-MG 2018 O eufemismo é uma figura de linguagem em que se emprega um termo de sentido mais “leve” para falar de algo cujo significado é mais pejorativo. Qual das gírias abaixo foi formada a partir dessa estratégia?

- a) shippar = aprovar um novo casal.
- b) entregador = delator.
- c) broto = moça bonita.
- d) xaveco = conversa aplicada à paquera.
- e) desguiar na carreira = fugir correndo.

14. Acafe-SC 2014 A língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

Levando isso em consideração, correlacione as colunas a seguir.

1. variação social
2. variação regional
3. variação de contato com a língua italiana
4. registro formal
5. registro informal

■ Eu queria ver ele, porque ele queria me ver. Então o que me marcou, na minha vida aí, foi isso aí. Esse aí marcou muito.

■ Quanto me custa a musculação!?

■ Dirijo-me a V. Sa. para solicitar auxílio-doença nos termos da lei.

■ Vinha descendo a rua principal, de uma feita, com a cabeça cheia de “veneno” que se compra nos balcões de bolicho, em copitos de fundo grosso. Parecendo, pelo andar balanceado, que totalmente borracho (Silva Rillo).

■ Ocê já viu uma prantação de tumati?

A sequência **correta**, de cima para baixo, é:

- a) 2 – 4 – 3 – 1 – 5
- b) 4 – 2 – 5 – 1 – 3
- c) 3 – 5 – 1 – 2 – 4
- d) 5 – 3 – 4 – 2 – 1

15. Enem 2016 Mandinga — Era a denominação que, no período das grandes navegações, os portugueses davam à costa ocidental da África. A palavra se tornou sinônimo de feitiçaria porque os exploradores lusitanos consideravam bruxos os africanos que ali habitavam — é que eles davam indicações sobre a existência de ouro na região.

Em idioma nativo, *manding* designava terra de feiticeiros. A palavra acabou virando sinônimo de feitiço, sortilégio.

COTRIM, M. **O pulo do gato 3**. São Paulo: Geração Editorial, 2009. (Fragmento)

No texto, evidencia-se que a construção do significado da palavra mandinga resulta de um (a)

- a) contexto sócio-histórico.
- b) diversidade étnica.
- c) descoberta geográfica.
- d) apropriação religiosa.
- e) contraste cultural.

16. Enem 2018

— Famigerado? [...]

— Famigerado é “inóxico”, é “célebre”, “notório”, “notável”...

— Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?

— Vilita nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...

— Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia de semana?

— Famigerado? Bem. É: “importante”, que merece louvor, respeito...

ROSA, G. Famigerado. In: **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Nesse texto, a associação de vocábulos da língua portuguesa a determinados dias da semana remete ao

- a) local de origem dos interlocutores.
- b) estado emocional dos interlocutores.
- c) grau de coloquialidade da comunicação.
- d) nível de intimidade entre os interlocutores.
- e) conhecimento compartilhado na comunicação.

17. Uece 2018

A velha contrabandista

Stanislaw Ponte Preta

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta.

Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

10 – Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo

15 e respondeu:

– É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o

20 saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo.

30 Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

– Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro.

35 Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

– Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

– Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar.

40 Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

– O senhor promete que não “espaia”? – quis saber a velhinha.

45 – Juro – respondeu o fiscal.

– É lambreta.

PRETA, Stanislaw Ponte. *Primo Altamirando e elas*. São Paulo: Agir, Martins Fontes, 2008.

A expressão “uai!” (linha 28) e o termo “espaia” (linha 43), extraídos da fala da velhinha, revelam uma variedade linguística do português brasileiro específica de um grupo social que pode ser identificado em

- falantes do sexo feminino com idade avançada que moram em metrópole.
- falantes estrangeiros que não dominam certas expressões e determinados sons da língua portuguesa.
- falantes escolarizados do sexo feminino que moram no interior do nosso país.
- falantes de dialeto caipira vindos de regiões interiores do país para habitarem na cidade grande.

18. Enem PPL 2015

Mudança linguística

Ataliba de Castilho, professor de língua portuguesa da USP, explica que o internetês é parte da metamorfose natural da língua.

— Com a internet, a linguagem segue o caminho dos fenômenos da mudança, como o que ocorreu com “você”, que se tornou o pronome átono “cê”. Agora, o interneteiro pode ajudar a reduzir os excessos da ortografia, e bem sabemos que são muitos. Por que o acento gráfico é tão importante assim para a escrita? Já tivemos no Brasil momentos até mais exacerbados por acentos e dispensamos muitos deles. Como toda palavra é contextualizada pelo falante, podemos dispensar ainda muitos outros. O interneteiro mostra um caminho, pois faz um casamento curioso entre oralidade e escrituralidade. O internetês pode, no futuro, até tornar a comunicação mais eficiente. Ou evoluir

para um jargão complexo, que, em vez de aproximar as pessoas em menor tempo, estimule o isolamento dos iniciados e a exclusão dos leigos.

Para Castilho, no entanto, não será uma reforma ortográfica que fará a mudança de que precisamos na língua. Será a internet. O jeito eh tc e esperar pra ver?

Disponível em: <http://revistalingua.com.br>. Acesso em: 3 jun. 2015 (adaptado).

Na entrevista, o fragmento “O jeito eh tc e esperar pra ver?” tem por objetivo

- ilustrar a linguagem de usuários da internet que poderá promover alterações de grafias.
- mostrar os perigos da linguagem da internet como potencializadora de dificuldades de escrita.
- evidenciar uma forma de exclusão social para as pessoas com baixa proficiência escrita.
- explicar que se trata de um erro linguístico por destoar do padrão formal apresentado ao longo do texto.
- exemplificar dificuldades de escrita dos internautas que desconhecem as estruturas da norma-padrão.

19. Unicamp-SP 2020

— Pela milionésima vez, por favor, “se amostrar” não existe. Não pega bem usar uma expressão incorreta como essa.

— Ora veja, incorreto para mim é o que não faz sentido, “se amostrar” faz sentido para boa parte do país.

— Por que você não usa um sinônimo mais simples da palavra? Que tal “exibido”? Todo mundo conhece.

— Não dá, porque quem se exhibe é exibido, quem se amostra é amostrado. Por exemplo: quando os vendedores de shopping olham com desprezo para os meninos dos rolezinhos e moram no mesmo bairro deles, são exibidos. Eles acham que a roupa de vendedor faz deles seres superiores. Por outro lado, as meninas e os meninos dos rolezinhos vão para os shoppings para se amostrar uns para outros, e são, portanto, amostrados. Percebeu a sutileza da diferença? — Entendo, mas está errado.

— Como é que está errado se você entende? Você não aceita a inventividade linguística do povo. “Amostrar” é verbo torto no manual das conjugações e “amostrado” é particípio de amostra grátis! Captou?

(Adaptado de Cidinha da Silva, Absurdada. Disponível em <http://notarodape.blogspot.com/search/label/Cotidiano>. Acessado em 22/05/2019.)

Considerando que a comparação entre modos de falar pode ser fonte de preconceito, o exemplo citado por uma das personagens da crônica

- reforça o preconceito em relação às turmas de jovens de um mesmo bairro, com base nos significados de “amostrado” e “exibido”.
- explicita o preconceito, valendo-se de “amostrado” e “exibido” para distinguir dois grupos de jovens do mesmo bairro.
- dissimula o preconceito e reconhece que “se amostrar” é, de fato, um verbo que não está de acordo com as normas gramaticais.
- refuta o preconceito e confirma o desconhecimento da regra de formação do particípio passado do verbo “se amostrar”.



Texto para responder às questões **20** e **21**.

A variação linguística é uma realidade que, embora razoavelmente bem estudada pela sociolinguística, pela dialetologia e pela linguística histórica, provoca, em geral, reações sociais muito negativas.

O senso comum tem escassa percepção de que a língua é um fenômeno heterogêneo, que alberga grande variação e está em mudança contínua. Por isso, costuma folclorizar a variação regional; demoniza a variação social e tende a interpretar as mudanças como sinais de deterioração da língua. O senso comum não se dá bem com a variação linguística e chega, muitas vezes, a explosões de ira e a gestos de grande violência simbólica diante de fatos de variação.

Boa parte de uma educação de qualidade tem a ver precisamente com o ensino de língua – um ensino que garanta o domínio das práticas socioculturais de leitura, escrita e fala nos espaços públicos. E esse domínio inclui o das variedades linguísticas historicamente identificadas como as mais próprias a essas práticas – isto é, as variedades escritas e faladas que devem ser identificadas como constitutivas da chamada norma culta. Isso pressupõe, inclusive, uma ampla discussão sobre o próprio conceito de norma culta e suas efetivas características no Brasil contemporâneo.

Parece claro hoje que o domínio dessas variedades caminha junto com o domínio das respectivas práticas socioculturais. Parece claro também, por outro lado, que não se trata apenas de desenvolver uma pedagogia que garanta o domínio das práticas socioculturais e das respectivas variedades linguísticas. Considerando o grau de rejeição social das variedades ditas populares, parece que o que nos desafia é a construção de toda uma cultura escolar aberta à crítica da discriminação pela língua e preparada para combatê-la, o que pressupõe uma adequada compreensão da heterogeneidade linguística do país, sua história social e suas características atuais. Essa compreensão deve alcançar, em primeiro lugar, os próprios educadores e, em seguida, os educandos.

Como fazer isso? Como garantir a disseminação dessa cultura na escola e pela escola, considerando que a sociedade em que essa escola existe não reconhece sua cara linguística e não só discrimina impunemente pela língua, como dá sustento explícito a esse tipo de discriminação? Em suma, como construir uma pedagogia da variação linguística?

Adaptado de: ZILLES, A. M.; FARACO, C. A. Apresentação. In: ZILLES, A. M.; FARACO, C. A. (Orgs.) *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015.

20. UFRGS 2016 Assinale a alternativa que contém uma afirmação correta, de acordo com o sentido do texto.

- a) O senso comum costuma perceber a língua como um fenômeno heterogêneo que alberga grande variação e está em mudança contínua.
- b) Os gestos de grande violência simbólica constituem-se em fatos de variação linguística.
- c) O conceito de norma culta e suas características no Brasil contemporâneo são alvos de explosões de ira diante de fatos de variação linguística.
- d) Uma pedagogia que regule o domínio das variedades ditas populares deve ser privilegiada.

- e) A heterogeneidade linguística do Brasil deve ser compreendida para que se possa construir uma cultura escolar aberta à crítica da discriminação pela língua.

21. UFRGS 2016 Considere as afirmações abaixo, sobre a construção de uma educação de qualidade.

- I. Uma educação de qualidade deve, no que concerne à variação linguística, questionar as reações sociais advindas da percepção da língua como fenômeno homogêneo.
- II. O desafio, para uma educação de qualidade, está em preparar a escola para combater a discriminação que tem origem nas diferenças entre as variedades linguísticas.
- III. As variedades linguísticas próprias ao domínio da leitura, escrita e fala nos espaços públicos, que devem ser ensinadas pela escola, são as que não sofreram variações sociais.

Segundo o texto, quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

22. Unicamp-SP 2017 No dia 21 de setembro de 2015, Sérgio Rodrigues, crítico literário, comentou que apontar um erro de português no título do filme *Que horas ela volta?* “revela visão curta sobre como a língua funciona”. E justifica: “O título do filme, tirado da fala de um personagem, está em registro coloquial. Que ano você nasceu? Que série você estuda? e frases do gênero são familiares a todos os brasileiros, mesmo com alto grau de escolaridade. Será preciso reafirmar a esta altura do século 21 que obras de arte têm liberdade para transgressões muito maiores? Pretender que uma obra de ficção tenha o mesmo grau de formalidade de um editorial de jornal ou relatório de firma revela um jeito autoritário de compreender o funcionamento não só da língua, mas da arte também.”

(Adaptado do blog Melhor Dizendo. Post completo disponível em <http://www.melhordizendo.com/a-que-horas-ela-volta-em-que-ano-estamos-mesmo/>. Acessado em 08/06/2016.)

Entre os excertos de estudiosos da linguagem reproduzidos a seguir, assinale aquele que corrobora os comentários do *post*.

- a) Numa sociedade estruturada de maneira complexa, a linguagem de um dado grupo social reflete-o tão bem como suas outras formas de comportamento.

(Mattoso Câmara Jr., 1975, p. 10.)

- b) A linguagem exigida, especialmente nas aulas de língua portuguesa, corresponde a um modelo próprio das classes dominantes e das categorias sociais a elas vinculadas.

(Camacho, 1985, p. 4.)

- c) Não existe nenhuma justificativa ética, política, pedagógica ou científica para continuar condenando como erros os usos linguísticos que estão firmados no português brasileiro.

(Bagno, 2007, p. 161.)

- d) Aquele que aprendeu a refletir sobre a linguagem é capaz de compreender uma gramática — que nada mais é do que o resultado de uma (longreflexão sobre a língua.

(Geraldi, 1996, p. 64.)

23. Enem PPL 2016

Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos

Por que não se reconhece a existência de norma nas variedades populares? Para desqualificá-las? Por que só uma norma é reconhecida como norma e, não por acaso, a da elite?

Por tantos equívocos, só nos resta lamentar que algumas pessoas, imbuídas da crença de que estão defendendo a língua, a identidade e a pátria, na verdade estejam reforçando velhos preconceitos e imposições. O português do Brasil há muito distanciou-se do português de Portugal e das prescrições dos gramáticos, cujo serviço às classes dominantes é definir a língua do poder em face de ameaças - internas e externas.

ZILLES, A. M. S. In: FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2004 (adaptado).

O texto aborda a linguagem como um campo de disputas e poder. As interrogações da autora são estratégias que conduzem ao convencimento do leitor de que

- a) o português do Brasil é muito diferente do português de Portugal.
- b) as prescrições dos gramáticos estão a serviço das classes dominantes.
- c) a norma linguística da elite brasileira é a única reconhecida como tal.
- d) o português do Brasil há muito distanciou-se das prescrições dos gramáticos.
- e) a desvalorização das variedades linguísticas populares tem motivação social.

24. Enem 2012

A substituição do haver por ter em construções existenciais, no português do Brasil, corresponde a um dos processos mais característicos da história da língua portuguesa, paralelo ao que já ocorrera em relação à ampliação do domínio de ter na área semântica de “posse”, no final da fase arcaica. Mattos e Silva (2001:136) analisa as vitórias de ter sobre haver e discute a emergência de ter existencial, tomando por base a obra pedagógica de João de Barros. Em textos escritos nos anos quarenta e cinquenta do século XVI, encontram-se evidências, embora raras, tanto de ter “existencial”, não mencionado pelos clássicos estudos de sintaxe histórica, quanto de haver como verbo existencial com concordância, lembrado por Ivo Castro, e anotado como “novidade” no século XVIII por Said Ali.

Como se vê, nada é categórico e um purismo estreito só revela um conhecimento deficiente da língua. Há mais perguntas que respostas. Pode-se conceber uma norma única e prescritiva? É válido confundir o bom uso e a norma com a própria língua e dessa forma fazer uma avaliação crítica e hierarquizante de outros usos e, através deles, dos usuários? Substitui-se uma norma por outra?

CALLOU, D. A propósito de norma, correção e preconceito linguístico: do presente para o passado. In: *Cadernos de Letras da UFF*, n. 36, 2008. Disponível em: www.uff.br. Acesso em: 26 fev. 2012 (adaptado).

Para a autora, a substituição de “haver” por “ter” em diferentes contextos evidencia que

- a) o estabelecimento de uma norma prescinde de uma pesquisa histórica.
- b) os estudos clássicos de sintaxe histórica enfatizam a variação e a mudança na língua.
- c) a avaliação crítica e hierarquizante dos usos da língua fundamenta a definição da norma.
- d) a adoção de uma única norma revela uma atitude adequada para os estudos linguísticos.
- e) os comportamentos puristas são prejudiciais à compreensão da constituição linguística.

Texto complementar

A variação linguística

[...]

Em sentido bastante amplo, podemos de início pensar nas diferentes línguas que existem no mundo. Falamos português no Brasil. Praticamente em qualquer região de fronteira em que estejamos em nosso país, sabemos que do outro lado falam outra língua – o espanhol. Sabemos também que dentro de nosso país ainda há indígenas que se comunicam, quando estão em suas aldeias, em suas línguas, e não em português. Para citar um exemplo, temos uma aldeia no noroeste do Rio Grande do Sul, na região de Ijuí, chamada caingangue, mesmo nome dado à língua que falam seus habitantes. Podemos atravessar o Atlântico, ir para outros continentes, e citar um sem-número de outras línguas diferentes: o basco, uma língua falada numa pequena região no norte da Espanha; o galês, falado numa região do Reino Unido, o País de Gales; o kabiye, na região norte do Togo, um país da África Ocidental; e tantas centenas de outras, até mais conhecidas do que as citadas aqui.

Se afunilarmos um pouco nosso foco, contudo, podemos nos lembrar de um fato linguístico com que sempre convivemos, mas ao qual talvez nunca tenhamos dado tanta importância, em termos científicos: o fato de que detectamos diferenças entre o português que falamos em São Paulo, em termos genéricos, e o português que se fala na cidade do Rio de Janeiro, ou nas cidades de Salvador e Porto Alegre. É claro também que tais diferenças não impedem que nos comuniquemos entre nós. Quando ouvimos um carioca típico, podemos entender tudo o que ele fala. É verdade que pode haver problemas quando estamos conversando com pessoas de regiões de cultura muito diferente da nossa, principalmente no que diz respeito ao léxico, ou ao vocabulário que as pessoas de uma dada região usam. Pode ser que o falante não saiba que “jerimum”, palavra muito usada na Bahia, corresponde a “abóbora”, termo muito mais comum nos estados do Sul e Sudeste de nosso país. É, contudo, inegável que, ainda que haja tais diferenças lexicais nas diversas regiões do país, falamos a mesma língua. Falamos uma mesma língua, em São Paulo e na Bahia, com diferenças detectáveis entre o que se considera mais comum num e noutro lugar.

[...]

FIORIN, José Luiz. (org.). *Introdução à Linguística*. Vol. 1 e 2. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2550517/mod_label/intro/NEGR%C3%83O_EstruturaDaSentenca.pdf. Acesso em: 12. jan. 2022.

Resumindo

Variedade linguística: conjunto de modalidades de um idioma praticadas por um grupo de falantes.

Adequação linguística: nível de formalidade escolhido por um falante de acordo com a situação de comunicação em que se encontra.

Oralidade: modalidade que corresponde à língua falada.

Mecanismos geradores de oralidade: estruturas criadas em um texto escrito para simular as marcas próprias da língua falada. Essa simulação pode ser feita pela sonoridade das palavras ou por sua relação morfo-sintática com a estrutura e o contexto do enunciado.

Variantes regionais: elementos de dialetos praticados por comunidades linguísticas em localidades distintas.

Variantes históricas: elementos associados às mudanças estruturais e vocabulares pelas quais passa um idioma no decorrer do tempo.

Variantes sociais: elementos relacionados a competências subjetivas do falante, como idade, escolaridade e profissão, por exemplo.

Variantes situacionais: elementos relativos à adequação linguística; correspondem ao nível de formalidade e escolhas lexicais do falante em determinado contexto de comunicação.

Preconceito linguístico: decorrente do preconceito social, é caracterizado pelo menosprezo com que falantes são tratados por não dominarem (ou simplesmente por não fazerem uso) da norma-padrão. Esse preconceito idealiza a norma escolar como a única válida em um idioma, desprezando as demais variantes.

Quer saber mais?



Livro

GUIMARÃES ROSA, J. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Clássico da literatura nacional, esse livro incorpora diversas marcas orais do português brasileiro à literatura escrita, além de lançar um olhar sensibilizador para uma região do país até então pouco abordada na história literária.

LEITE, Marli Quadros. *Preconceito e intolerância na linguagem*. Coleção linguagem & ensino. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

Importante livro escrito pela professora e pesquisadora da Universidade de São Paulo, Marli Quadros Leite, a respeito da forma velada como distintos modos de falar são tratados. Nesse sentido, o livro busca uma reflexão sobre a agressividade e perversidade com que as individualidades linguísticas de uma pessoa ou grupo podem ser atacadas, inclusive pela imprensa escrita.

Exercícios complementares

1. Enem 2021

Não que Pelino fosse químico, longe disso; mas era sábio, era gramático. Ninguém escrevia em Tubiacanga que não levasse bordoadada do Capitão Pelino, e mesmo quando se falava em algum homem notável lá no Rio, ele não deixava de dizer: “Não há dúvida! O homem tem talento, mas escreve: ‘um outro’, ‘de resto’...” E contraía os lábios como se tivesse engolido alguma cousa amarga.

Toda a vila de Tubiacanga acostumou-se a respeitar o solene Pelino, que corrigia e emendava as maiores glórias nacionais. Um sábio...

Ao entardecer, depois de ler um pouco o Sotero, o Candido de Figueiredo ou o Castro Lopes, e de ter passado mais uma vez a tintura nos cabelos, o velho mestre-escola saía vagarosamente de casa, muito abotoado no seu paletó de brim mineiro, e encaminhava-se para a botica do Bastos a dar dous dedos de prosa. Conversar é um modo de dizer, porque era Pelino avaro de palavras, limitando-se tão-somente a ouvir. Quando, porém, dos lábios de alguém escapava a menor incorreção de linguagem, intervinha e emendava. “Eu asseguro, dizia o agente do Correio, que...” Por aí, o mestre-escola intervinha com mansuetude evangélica: “Não diga ‘asseguro’, Senhor Bernardes; em português é garanto”.

E a conversa continuava depois da emenda, para ser de novo interrompida por uma outra. Por essas e outras, houve muitos palestradores que se afastaram, mas Pelino, indiferente, seguro dos seus deveres, continuava o seu apostolado de vernaculismo.

BARRETO, L. A Nova Califórnia. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em 24 jul. 2019.).

Do ponto de vista linguístico, a defesa da norma-padrão pelo personagem caracteriza-se por

- contestar o ensino de regras em detrimento do conteúdo das informações.
- resgatar valores patrióticos relacionados às tradições da língua portuguesa.
- adotar uma perspectiva complacente em relação aos desvios gramaticais.
- invalidar os usos da língua pautados pelos preceitos da gramática normativa.
- desconsiderar diferentes níveis de formalidade nas situações de comunicação.

2. Unifesp 2015

A palavra falada é um fenômeno natural; a palavra escrita é um fenômeno cultural. O homem natural pode viver perfeitamente sem ler nem escrever. Não o pode o homem a que chamamos civilizado: por isso, como disse, a palavra escrita é um fenômeno cultural, não da natureza, mas da civilização, da qual a cultura é a essência e o esteio.

Pertencendo, pois, a mundos (mentais) essencialmente diferentes, os dois tipos de palavra obedecem forçosamente a leis ou regras essencialmente diferentes. A palavra falada é um caso, por assim dizer, democrático. Ao falar, temos que obedecer à lei do maior número, sob pena de ou não sermos compreendidos ou sermos inutilmente ridículos. Se a maioria pronuncia mal uma palavra, temos que a pronunciar mal. Se a maioria usa de uma construção gramatical errada, da mesma construção teremos que usar. Se a maioria caiu em usar estrangeirismos ou

outras irregularidades verbais, assim temos que fazer. Os termos ou expressões que na linguagem escrita são justos, e até obrigatórios, tornam-se em estupidez e pedantaria, se deles fazemos uso no trato verbal. Tornam-se até em má-criação, pois o preceito fundamental da civilidade é que nos conformemos o mais possível com as maneiras, os hábitos, e a educação da pessoa com quem falamos, ainda que nisso faltemos às boas maneiras ou à etiqueta, que são a cultura exterior.

Fernando Pessoa. *A língua portuguesa*, 1999. Adaptado.

De acordo com o autor, “ao falar, temos que obedecer à lei do maior número”. Atendendo a esse princípio, para o português oral contemporâneo, está adequado o enunciado:

- a) Olvidei-me de trazer seu livro. Assistia a um filme deveras interessante. Você não se sente chateado por isso, não é mesmo?
- b) Caso assistisse a um filme e esquecesse teu livro... Sentir-te-ias magoado com esse meu comportamento?
- c) Cara, @#\$%*...! Demorô!!! O fdm nem tchum... E pá...J E o livro... Nem... L Que m***a!!!
- d) Me esqueci de trazer seu livro, porque fiquei assistindo um filme. Cê não tá chateado por causa disso, né?
- e) Nós ia lê o livro na aula, mais fiquei veno TV, sistino um firme e isquici dele. Ocê tá chateado cumigu não né?

3. Enem PPL 2016

Parestesia não, formigamento

Trinta e três regras que mudam a redação de bulas no Brasil

Com o Projeto Bulas, de 2004, voltado para a tradução do jargão farmacêutico para a língua portuguesa – aquela falada em todo o Brasil – e a regulamentação do uso de medicamentos no país, cinco anos depois, o Brasil começou a sair das trevas.

O grupo comandado por uma doutora em Linguística da UFRJ sugeriu à Anvisa mudar tudo. Elaborou, também, “A redação de bulas para o paciente: um guia com os princípios de redação clara, concisa e acessível para o leitor de bulas”, disponível em versão adaptada no site da Anvisa.

Diferentemente do que acontece com outros gêneros, na bula não há espaço para inovações de estilo. “O uso de fórmulas repetitivas é bem-vindo, dá força institucional ao texto”, explica a doutora. “A bula não pode abrir possibilidades de interpretações ao seu leitor”.

Se obedecidas, as 33 regras do guia são de serventia genérica – quem lida com qualquer tipo de escrita pode se beneficiar de seus ensinamentos. A regra 12, por exemplo, manda abolir a linguagem técnica, fonte de possível constrangimento para quem não a compreende, e recomenda: “Não irrite o leitor.” A regra 14 prega um tom cordial, educado e, sobretudo, conciso: “Não faça o leitor perder tempo”.

Disponível em: revistapiaui.estadao.com.br. Acesso em: 24 jul. 2012 (adaptado).

As bulas de remédio têm caráter instrucional e complementam as orientações médicas. No contexto de mudanças apresentado, a principal característica que marca sua nova linguagem é o(a)

- a) possibilidade de inclusão de neologismo.
- b) refinamento da linguagem farmacêutica.
- c) adequação ao leitor não especializado.
- d) detalhamento de informações.
- e) informalidade do registro.

4. **Acafe-SC 2017** Todas as frases abaixo contêm expressões coloquiais, isto é, que ocorrem na fala, mas recomenda-se que sejam evitadas na língua escrita formal, exceto:

- a) Lembro muito bem sim, mano, mas não tá querendo insinuar que o Corinthians é o culpado disso, certo?
- b) Ora pois, e não sabes que o pombal do outro lado da Ponta do Coral também está a entupir o sistema viário com muito carro?
- c) Cara, no Brasil os militares foram obrigados a tomar o poder e conseqüentemente a ditadura porque senão esses comunas teriam tomado conta do Brasil financiados pela URSS e hoje com certeza seríamos uma Cuba da vida!
- d) Em clínicas acolhedoras, vi os viciados aprendendo a se reconectar com seus sentimentos, depois de anos de trauma e de um silêncio forçado causado pelas drogas.

5. **Uerj 2018 (Adapt.)** Ao oferecer-se para ajudar o cego, o homem que depois roubou o carro não tinha em mira, nesse momento preciso, qualquer intenção malévola, muito pelo contrário, o que ele fez não foi mais que obedecer àqueles sentimentos de generosidade e altruísmo que são, como toda a gente sabe, duas das melhores características do gênero humano, podendo ser encontradas até em criminosos bem mais empedernidos do que este, simples ladrãozeco de automóveis sem esperança de avanço na carreira, explorado pelos verdadeiros donos do negócio, que esses é que se vão aproveitando das necessidades de quem é pobre. [...] Foi só quando já estava perto da casa do cego que a ideia se lhe apresentou com toda a naturalidade [...]. Os cépticos acerca da natureza humana, que são muitos e teimosos, vêm sustentando que se é certo que a ocasião nem sempre faz o ladrão, também é certo que o ajuda muito. Quanto a nós, permitir-nos-emos pensar que se o cego tivesse aceitado o segundo oferecimento do afinal falso samaritano, naquele derradeiro instante em que a bondade ainda poderia ter prevalecido, referimo-nos o oferecimento de lhe ficar a fazer companhia enquanto a mulher não chegasse, quem sabe se o efeito da responsabilidade moral resultante da confiança assim outorgada não teria inibido a tentação criminosa e feito vir ao de cima o que de luminoso e nobre sempre será possível encontrar mesmo nas almas mais perdidas.

JOSÉ SARAMAGO. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

O narrador de Ensaio sobre a cegueira emite uma opinião sobre o homem que roubou o carro ao chamá-lo de **ladrãozeco**.

Indique o processo de formação da palavra **ladrãozeco** e aponte o morfema responsável pela avaliação depreciativa que se faz do ladrão.

6. **Unicamp-SP 2015** Os textos a seguir foram retirados da coluna “Caras e bocas”, do Caderno Aliás, do jornal *O Estado de São Paulo*:

“A intenção é **salvar** o Brasil.”

Ana Paula Logulho, professora e entusiasta da segunda “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, que pede uma intervenção militar no país e pretendeu reeditar, no sábado, a passeata de 19 de março de 1964, na capital paulista, contra o governo do Presidente João Goulart.

“Será um evento **esculhambativo** em homenagem ao outro de São Paulo.”

José Caldas, organizador da “Marcha com Deus e o Diabo na Terra do Sol”, convocada pelo Facebook para o mesmo dia, no Rio de Janeiro.

(O Estado de São Paulo, 23/03/2014, Caderno Aliás, E4. Negritos presentes no original.)

- Descreva o processo de formação de palavras envolvido em “esculhambativo”, apontando o tipo de transformação ocorrida no vocábulo.
- Discorra sobre a diferença entre as expressões “evento esculhambado” e “evento esculhambativo”, considerando as relações de sentido existentes entre os dois textos acima.

7. Inesper-SP 2015



O Estado de S. Paulo, 19/05/2009

Nessa tirinha, Calvin faz uso de uma linguagem coloquial, empregando os pronomes em desacordo com a prescrição da norma gramatical. Essa construção sintática é considerada inadequada ao padrão culto da língua, porque os pronomes

- obliquos não devem ser usados na função de sujeito.
- possessivos não podem ser pospostos a verbos.
- relativos não devem ser usados na função de sujeito.
- retos não podem exercer função sintática de complemento.
- indefinidos não podem exercer função sintática de objeto direto.

8. Unesp 2019

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente. Concluiu-se a construção da casa nova. Julgo que não preciso descrevê-la. As partes principais apareceram ou aparecerão; o resto é dispensável e apenas pode interessar aos arquitetos, homens que provavelmente não lerão isto. Ficou tudo confortável e bonito. Naturalmente deixei de dormir em rede. Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem.

Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas. Ninguém imaginará que, topando os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me deter, caminhos certos. Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las.

Alcansei mais do que esperava, mercê de Deus. Vieram-me as rugas, já se vê, mas o crédito, que a princípio se esquivava, agarrou-se comigo, as taxas desceram. E os negócios desdobraram-se automaticamente. Automaticamente. Difícil? Nada! Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços. Mas se virem que estão de sorte, metam o pau: as tolices que praticarem viram sabedoria. Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem. Conheço indivíduos preguiçosos que têm faro: quando a ocasião chega, desenroscam-se, abrem a boca – e engolem tudo.

Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes.

Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações.

– Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça.

Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplainado, invadi a terra do Fidélis, parálfico de um braço, e a dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando Direito. Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.

Violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira.

Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Inicie a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia. Costa Brito também publicou

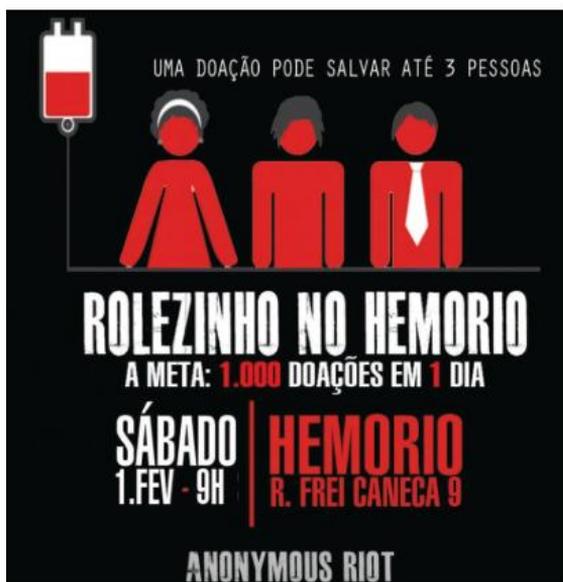
uma nota na Gazeta, elogiando-me e elogiando o chefe político local. Em consequência mordeu-me cem mil-réis.

(S. Bernardo, 1996.)

O narrador emprega expressão própria da modalidade oral da linguagem em:

- a) “Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza.” (7º parágrafo)
- b) “Naturalmente deixei de dormir em rede.” (4º parágrafo)
- c) “A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus.” (6º parágrafo)
- d) “E os negócios desdobraram-se automaticamente.” (7º parágrafo)
- e) “Julgo que não preciso descrevê-la.” (4º parágrafo)

9. **Unicamp-SP 2015** O cartaz a seguir foi usado em uma campanha pública para doação de sangue.



(Disponível em www.facebook.com/pages/HEMORIO/144978045579742?ref=ts. Acessado em 08/09/2014.)

rolezinho: diminutivo de rolê ou rolé; em linguagem informal, significa “pequeno passeio”. Recentemente, tem designado encontros simultâneos de centenas de pessoas em locais como praças, parques públicos e shopping centers, organizados via internet.
anonymous riot: rebelião anônima.

Considerando como os sentidos são produzidos no cartaz e o seu caráter persuasivo, pode-se afirmar que:

- a) As figuras humanas estilizadas, semelhantes umas às outras, remetem ao grupo homogêneo das pessoas que podem ajudar e ser ajudadas.
- b) A expressão “rolezinho” remete à meta de se reunir muitas pessoas, em um só dia, para doar sangue.
- c) O termo “até” indica o limite mínimo de pessoas a serem beneficiadas a partir da ação de um só indivíduo.
- d) O destaque visual dado à expressão “ROLEZINHO NO HEMORIO” tem a função de enfatizar a participação individual na campanha.



Texto para responder às questões 10 e 11.

As gírias de cada região: qual é a boa no seu pedaço?

A gíria que o nosso morro criou
Bem cedo a cidade aceitou e usou [...]
Tudo aquilo que o malandro pronuncia
Com voz macia é brasileiro,
Já passou de português

(Noel Rosa, “Não tem tradução”, 1933)



Os diversos modos de falar do povo brasileiro conferem as sonoridades, as cores e os sabores da língua, que está em constante transformação, de acordo com a dinâmica sociocultural. Um dos recursos que mais movimentam o idioma é o neologismo, palavra ou expressão que se introduz ou tenta se introduzir na língua, ou ainda confere novos sentidos a palavras já existentes.

As gírias são neologismos empregados por grupos que têm em comum a profissão, a idade, a classe social ou a região, com o objetivo de criar uma identidade linguística, facilitando a comunicação entre os pares e excluindo os que não pertencem àquela comunidade. Existem gírias típicas de determinado local ou região. Segundo João Bosco Serra e Gurgel, autor do Dicionário de gíria: modismo linguístico, o equipamento falado do brasileiro (7. ed. Brasília, 2005), “os regionalismos são os maiores tributários das gírias”.

A gíria que o nosso morro criou



Durante muito tempo, as gírias eram condenadas ao papel de vilãs do bem falar, associadas à marginalidade. Ao longo da Colônia e do Império, muitos termos foram criados para possibilitar a comunicação entre os escravizados sem que os senhores tivessem conhecimento do que se tratava. O escritor Plácido de Abreu, no prefácio de seu romance *Os capoeiras* (1886), transcreve um glossário da gíria corrente nesses grupos. “Alfinete”, por exemplo, significava faca, “alto da sinagoga”, rosto ou cabeça, e “desgalhar” é fugir da polícia.

Na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, por exemplo, as gírias eram associadas à malandragem. Nas canções eternizadas por Moreira da Silva, o Kid Morengueira, encontramos várias dessas expressões, como “vagulino” (vagabundo), “desguiar na carreira” (fugir correndo), “entregador” (delator).

Há também gírias características de uma geração, muitas vezes empregadas por adolescentes como uma forma de se distinguir dos mais jovens e dos mais velhos. Como observa o sociolinguista Anthony Julius Naro, gírias adquiridas nesse período continuam sendo empregadas ao longo da vida, como marca da juventude.



Hoje a gíria ganhou espaço na publicidade, no jornalismo, na política e até na literatura. A TV, o rádio e, mais recentemente, a internet aceleraram a divulgação de modismos linguísticos, que ultrapassam o contexto em que foram criados, tornando-se nacionais e muitas vezes internacionais. É o caso de “shippar”, neologismo derivado do inglês *relationship*, que significa aprovar um novo casal, de amigos ou de namorados, geralmente relacionado a personagens de séries e novelas, ou a ídolos adolescentes. A internet é um espaço muito produtivo nesse sentido. Termos como “miga”, designando pessoa de qualquer sexo e idade, e “falsiane”, rótulo para o(a) falso(a) amigo(a), transpõem a web e invadem a fala de crianças, jovens e adultos.

Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/em-avistamento-noticia-detalle/1001/as-gurias-de-cada-regiao-qual-e-a-boa-no-seu-pedaco.html>. Acesso em: 24/07/2017.

10. **UFJF-MG 2018** De acordo com o texto, é correto afirmar que as gírias são

- modismos linguísticos associados à marginalidade e à vulgaridade.
- produções associadas à malandragem porque tiveram origem no Rio de Janeiro.
- modismos linguísticos que podem ultrapassar as esferas sociais onde surgiram originalmente.
- expressões criadas pela população de baixa escolaridade, cuja variedade linguística é desvalorizada socialmente.

11. **UFJF-MG 2018** Releia a frase: “Há também gírias características de uma geração, muitas vezes empregadas por adolescentes como uma forma de se distinguir dos mais jovens e dos mais velhos”.

Como observa o sociolinguista Anthony Julius Naro, gírias adquiridas nesse período continuam sendo empregadas ao longo da vida, como marca da juventude. Segundo Naro, é correto afirmar que a gíria:

- é fenômeno passageiro na linguagem do adolescente.
- serve de distintivo da idade da pessoa que a usa.
- só distingue as pessoas mais velhas das demais.
- confere juventude a quem a usa.
- varia conforme as fases da vida.

12. **UFRGS 2016**

A variação linguística é uma realidade que, embora razoavelmente bem estudada pela sociolinguística, pela dialetologia e pela linguística histórica, provoca, em geral, reações sociais muito negativas.

5 O senso comum tem escassa percepção de que a língua é um fenômeno heterogêneo, que alberga grande variação e está em mudança contínua. Por isso, costuma folclorizar a variação regional; demoniza a variação social e tende a interpretar as mudanças como sinais de deterioração da língua. O senso comum não se dá bem com a variação linguística e chega, muitas vezes, a explosões de ira e a gestos de grande violência simbólica diante de fatos de variação.

Boa parte de uma educação de qualidade tem a ver 15 precisamente com o ensino de língua – um ensino que garanta o domínio das práticas socioculturais de leitura, escrita e fala nos espaços públicos. E esse domínio inclui 20 variedades linguísticas historicamente identificadas como as mais próprias a essas práticas – isto é, as variedades escritas e faladas que devem ser identificadas como constitutivas da chamada norma culta. Isso pressupõe, inclusive, uma ampla discussão sobre o próprio conceito de norma culta e suas efetivas características no Brasil contemporâneo.

25 Parece claro hoje que o domínio dessas variedades caminha junto com o domínio das respectivas práticas socioculturais. Parece claro também, por outro lado, que não se trata apenas de desenvolver uma pedagogia que garanta o domínio das práticas socioculturais e das respectivas variedades linguísticas. Considerando o grau de rejeição social das variedades ditas populares, parece que o que 30

nos *desafia* é a construção de toda uma cultura escolar aberta à crítica da *discriminação* pela língua e preparada para combatê-la, o que pressupõe uma adequada *com* 35 *preensão* da *heterogeneidade* linguística do país, sua história social e suas características atuais. Essa compreensão deve alcançar, em primeiro lugar, os próprios educadores e, em seguida, os educandos.

Como fazer isso? Como garantir a disseminação dessa cultura na escola e pela escola, considerando que a sociedade em que essa escola existe não reconhece sua cara linguística e não só discrimina impunemente pela língua, como dá sustento explícito a esse tipo de discriminação? Em suma, como construir uma pedagogia da 45 variação linguística?"

Adaptado de: ZILLES, A. M; FARACO, C. A. Apresentação. In: ZILLES, A. M; FARACO, C. A, orgs., *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015.

Segundo o texto, a sociedade concebe a variação e a mudança linguística como negativas. Assinale a alternativa que contém palavras ou expressões que ilustram essa concepção.

- a) escassa (linha 5), explosões (linha 11) e ensino (linha 15)
- b) folclorizar (linha 8), demoniza (linha 8) e deterioração (linhas 9-10)
- c) qualidade (linha 14), domínio (linha 16) e características (linha 36)
- d) pedagogia (linha 44), desafia (linha 32) e compreensão (linhas 34-35)
- e) populares (linha 31), discriminação (linha 33) e heterogeneidade (linha 35)

13. Enem

Mandioca – mais um presente da Amazônia

Aipim, castelinha, macaxeira, maniva, maniveira. As designações da *Manihot utilissima* podem variar de região, no Brasil, mas uma delas deve ser levada em conta em todo o território nacional: pão-de-pobre — e por motivos óbvios.

Rica em fécula, a mandioca — uma planta rústica e nativa da Amazônia disseminada no mundo inteiro, especialmente pelos colonizadores portugueses — é a base de sustento de muitos brasileiros e o único alimento disponível para mais de 600 milhões de pessoas em vários pontos do planeta, e em particular em algumas regiões da África.

O melhor do Globo Rural. Fev. 2005 (fragmento).

De acordo com o texto, há no Brasil uma variedade de nomes para a *Manihot utilissima*, nome científico da mandioca. Esse fenômeno revela que

- a) existem variedades regionais para nomear uma mesma espécie de planta.
- b) mandioca é nome específico para a espécie existente na região amazônica.
- c) “pão-de-pobre” é designação específica para a planta da região amazônica.
- d) os nomes designam espécies diferentes da planta, conforme a região.
- e) a planta é nomeada conforme as particularidades que apresenta.

14. Enem 2015

Yaô

Aqui có no terreiro
Pelú adié
Faz inveja pra gente
Que não tem mulher

No jacutá de preto velho
Há uma festa de yaô

Ôi tem nêga de Ogum
De Oxalá, de lemanjá

Mucama de Oxossi é caçador
Ora viva Nanã

Nanã Buruku
Yô yôo
Yô yôoo

No terreiro de preto velho iaiá
Vamos saravá (a quem meu pai?)
Xangô!

VIANA, G. **Agó, Pixinguinha! 100 Anos.** Som Livre, 1997.

A canção Yaô foi composta na década de 1930 por Pixinguinha, em parceria com Gastão Viana, que escreveu a letra. O texto mistura o português com o iorubá, língua usada por africanos escravizados trazidos para o Brasil. Ao fazer uso do iorubá nessa composição, o autor

- a) promove uma crítica bem-humorada às religiões afro-brasileiras, destacando diversos orixás.
- b) ressalta uma mostra da marca da cultura africana, que se mantém viva na produção musical brasileira.
- c) evidencia a superioridade da cultura africana e seu caráter de resistência à dominação do branco.
- d) deixa à mostra a separação racial e cultural que caracteriza a constituição do povo brasileiro.
- e) expressa os rituais africanos com maior autenticidade, respeitando as referências originais.

15. Enem 2014

Evocação do Recife

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada...

BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

Segundo o poema de Manuel Bandeira, as variações linguísticas originárias das classes populares devem ser

- a) satirizadas, pois as várias formas de se falar o português no Brasil ferem a língua portuguesa autêntica.

- b) questionadas, pois o povo brasileiro esquece a sintaxe da língua portuguesa.
- c) subestimadas, pois o português “gostoso” de Portugal deve ser a referência de correção linguística.
- d) reconhecidas, pois a formação cultural brasileira é garantida por meio da fala do povo.
- e) reelaboradas, pois o povo “macaqueia” a língua portuguesa original.

16. Enem 2017

Zé Araújo começou a cantar num tom triste, dizendo aos curiosos que começaram a chegar que uma mulher tinha se ajoelhado aos pés da santa cruz e jurado em nome de Jesus um grande amor, mas jurou e não cumpriu, fingiu e me enganou, pra mim você mentiu, pra Deus você pecou, o coração tem razões que a própria razão desconhece, faz promessas e juras, depois esquece.

O caboclo estava triste e inspirado. Depois dessa canção que arrepiou os cabelos da Neusa, emendou com uma valsa mais arretada ainda, cheia de palavras difíceis, mas bonita que só a gota serena. Era a história de uma boneca encantadora vista numa vitrine de cristal sobre o soberbo pedestal. Zé Araújo fechava os olhos e soltava a voz:

Seus cabelos tinham a cor/ Do sol a irradiar/ Fulvos raios de amor./ Seus olhos eram circúnvagos/ Do romantismo azul dos lagos/ Mãos líricas, uns braços divinos./ Um corpo alvo sem par/ E os pés muito pequenos./Enfim eu vi nesta boneca/ Uma perfeita Vênus.

CASTRO, N. L. **As pejejas de Ojuara o homem que desafiou o diabo.** São Paulo: Arx, 2006 (adaptado).

O comentário do narrador do romance “[...] emendou com uma valsa mais arretada ainda, cheia de palavras difíceis, mas bonita que só a gota serena” relaciona-se ao fato de que essa valsa é representativa de uma variedade linguística

- a) detentora de grande prestígio social.
- b) específica da modalidade oral da língua.
- c) previsível para o contexto social da narrativa.
- d) constituída de construções sintáticas complexas.
- e) valorizadora do conteúdo em detrimento da forma.

17. Fuvest-SP Leia o texto que segue.

Sair a campo atrás de descobridores de espécies é uma expedição arriscada. Se você não é da área, vale treinar um “biólogo” de turista. Mas, mesmo quem não tem nada a ver com o pato-mergulhão ou a morfologia da semente da laurácea, pode voltar fascinado da aproximação com esses especialistas.

De olhos nos livros e pés no mato, eles etiquetam a natureza, num trabalho de formiga. São minoria que dá nome aos bois – e a plantas, aves, mosquitos, vermes e outros bichos.

Heloisa Helvécia, *Revista da Folha*.

- a) Transcreva do texto as expressões que mais diretamente exemplificam o “biólogo” mencionado pela autora.

- b) Tomada em seu sentido figurado, como se deve entender a expressão “dar nome aos bois”, utilizada no texto?



Textos para responder à questão 18.

Texto 1

O livro de língua portuguesa ‘Por uma Vida Melhor’, adotado pelo Ministério da Educação (MEC), contém alguns erros gramaticais. “Nós pega o peixe” ou “os menino pega o peixe” são dois exemplos de erros. Na avaliação dos autores do livro, o uso da língua popular, ainda que contendo erros, é válido.

Os escritores também ressaltam que, caso deixem a norma culta, os alunos podem sofrer “preconceito linguístico”. A autora Heloisa Ramos justifica o conteúdo da obra. “O importante é chamar a atenção para o fato de que a ideia de correto e incorreto no uso da língua deve ser substituída pela ideia de uso da língua adequado e inadequado, dependendo da situação comunicativa.”

<www.opiniaoenoticia.com.br> (Adapt.)

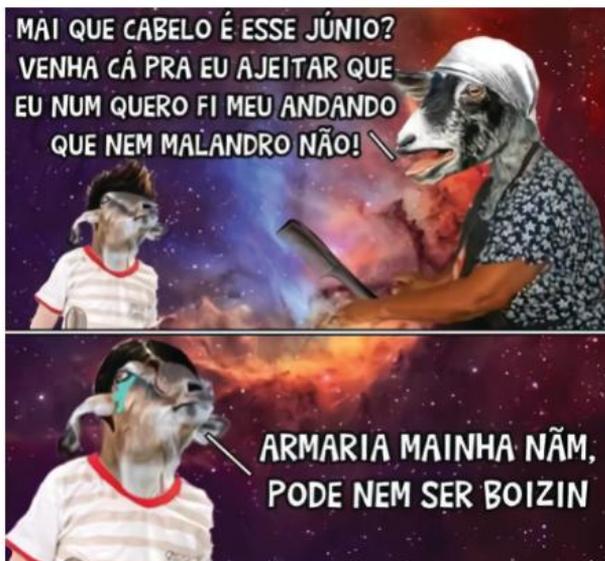
Texto 2

Ninguém de bom-senso discorda de que a expressão popular tem validade como forma de comunicação. Só que é preciso que se reconheça que a língua culta reúne infinitamente mais qualidades e valores. Ela é a única que consegue produzir e traduzir os pensamentos que circulam no mundo da filosofia, da literatura, das artes e das ciências. A linguagem popular a que alguns colegas meus se referem, por sua vez, não apresenta vocabulário nem tampouco estatura gramatical que permitam desenvolver ideias de maior complexidade – tão caras a uma sociedade que almeja evoluir. Por isso, é óbvio que não cabe às escolas ensiná-la.

(Evanildo Bechara. Veja, 01.06.2011. Adaptado.)

18. Unesp 2012 Assinale a alternativa correta acerca da relação entre linguagem popular e norma culta.
- a) Os dois textos apresentam preocupação com a prática do preconceito linguístico sobre pessoas que se expressam fora dos padrões cultos da língua portuguesa.
 - b) Os dois textos defendem ser possível expressar ideias filosóficas tanto em linguagem popular quanto seguindo os padrões da norma culta.
 - c) Para Evanildo Bechara, não existem critérios que possam definir graus de superioridade ou inferioridade entre linguagem popular e norma culta.
 - d) O texto 2 sugere que a norma culta é instrumento de dominação das elites burguesas sobre as classes populares.
 - e) Para Evanildo Bechara, a norma culta é superior no que se refere à capacidade de expressão de ideias complexas no campo cultural.

19. IFPE 2017



Disponível em: <<http://pibidbar.blogspot.com.br/2013/06/historia-do-cordel-e-variacao.html>>. Acesso: 08 nov. 2016.

Sobre a linguagem dos personagens do texto, da página do Facebook “Bode Gaiato”, avalie as assertivas abaixo.

- I. O texto verbal, embora escrito, revela aproximação com a oralidade. A grafia da palavra “nãm” evidencia esse aspecto.
- II. Os falantes se utilizam de uma linguagem com fortes marcas regionais, como, por exemplo, a escolha da palavra “mainha”.
- III. O diálogo entre mãe e filho revela o registro formal da linguagem, como podemos perceber pela utilização das expressões “venha cá pra eu...” e “que nem...”.
- IV. O vocábulo “boizin”, formado a partir da palavra inglesa “boy”, é uma marca linguística típica de grupos sociais de jovens e adolescentes.
- V. Visto que todas as línguas naturais são heterogêneas, podemos afirmar que a fala de Júnio e sua mãe revelam preconceito linguístico.

Estão **CORRETAS** apenas as afirmações contidas nas assertivas

- a) I, II e IV.
- b) I, III e V.
- c) II, IV e V.
- d) II, III e IV.
- e) III, IV e V



Texto para responder às questões **20** e **21**.

Não tive acesso ao conteúdo do livro “Por uma vida melhor”, apenas a pequenos trechos. Portanto, falo com base em informações e opiniões de terceiros. Nessa perspectiva, vejo como positivo o debate que a abordagem pouco ortodoxa dos autores desencadeou, pondo fogo a um tema em geral tido como irrelevante: a língua materna em uso. Entretanto, um trecho da obra me preocupou, e destaque: “Posso falar ‘os livro?’” “Claro que pode, mas

dependendo da situação, a pessoa pode ser *vítima de preconceito linguístico*”.

Para começar, pedir licença para falar de um determinado jeito é *um tiro no pé* da tese defendida em “Por uma vida melhor”. Porque pedir licença, neste contexto, é reconhecer o *poder do outro sobre nós* – o que parece ser exatamente o contrário do que os autores pregam. Além disso, a resposta “Claro que pode” é inócua: o aluno tanto sabe que pode que usa essa concordância rotineiramente.

O problema maior, bem mais sutil e muito mais complicado, porém, está *na segunda parte da fala*. Agir livre de preconceito, o oposto de fazer alguém “vítima de preconceito”, implica não só aceitar as pessoas como são, mas também acreditar que todos sejam capazes de evoluir por méritos próprios. Ao afirmar que a modalidade “permitida” pode vitimizar quem a utiliza – pela ação do “outro ameaçador” –, os autores estão deslocando o foco da *importância de construir conhecimento de modo autônomo e reflexivo* e enfatizando o julgamento alheio, novamente reforçando o preconceito.

Ora, aula de língua materna é aula de cidadania, e ninguém se torna cidadão por receio do “outro ameaçador”. O aluno deve ter oportunidade de conhecer e desenvolver múltiplas linguagens porque assim ele poderá expressar ideias e sentimentos com mais autonomia. E, talvez, com menos preconceito.

Tudo isso pode parecer muito sutil, mas a linguagem é feita de sutilezas, *para o bem ou para o mal*.

Marisa M. Smith. PUCRS, Notícias FALE, junho, 2011.

20. PUC-RS 2012 Ao abordar o tema, a autora

- a) critica as sutilezas humanas.
- b) descreve múltiplas situações escolares.
- c) garante que o julgamento alheio é ameaçador.
- d) relaciona conhecimento de língua a cidadania.
- e) justifica a falta de interesse pela língua materna em uso.

21. PUC-RS 2012 Duas expressões-chave para compreender o texto estão reunidas em:

- a) “língua materna em uso” e “preconceito linguístico”
- b) “um trecho da obra” e “o poder do outro sobre nós”
- c) “um tiro no pé” e “segunda parte da fala”
- d) “ação do ‘outro ameaçador’” e “importância de construir conhecimento”
- e) “modo autônomo e reflexivo” e “para o bem ou para o mal”

22. FPS-PE 2017

O problema da norma culta

O problema da norma culta – de que tanto se fala hoje no discurso da escola e da mídia – não se resolve pela insistência em corrigir pontualmente os erros de português. A norma culta, na função moderna que lhe atribui a sociedade urbanizada, massificada e alfabetizada, está diretamente correlacionada com a escolarização, com o letramento, com a superação do analfabetismo funcional.

Nosso problema linguístico não é a regência desse ou daquele verbo; não é esta ou aquela concordância verbal; não são as regras de colocação dos pronomes oblíquos.

Nosso problema linguístico são 5 milhões de jovens entre 15 e 17 anos que estão fora da escola. Nosso problema são os elevados índices de evasão escolar. Nosso problema é termos ainda algo em torno de 12% de analfabetos na população adulta. Nosso problema é o tamanho do analfabetismo funcional, isto é, a quantidade daqueles que, embora frequentemente ou tenham frequentado a escola, não conseguem ler e entender um texto medianamente complexo.

Os estudos sugerem que apenas 25% da população adulta brasileira, perto de 30 milhões de pessoas, conseguem ler e entender um texto medianamente complexo.

FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira. São Paulo: Parábola, 2008. p. 71-72.

O autor do texto revela uma posição em que defende, prioritariamente:

- o domínio das normas sintáticas do português culto, tais como regência, concordância verbal ou colocação de pronomes.
- a participação da sociedade urbanizada e alfabetizada em questões ligadas ao ensino da sintaxe da língua.
- uma mudança de foco quanto à problemática que envolve o desempenho de brasileiros no uso da norma culta.
- o interesse da escola e da mídia pelos falares brasileiros, cujos usos se opõem ao domínio da norma culta.
- a prática da leitura e da compreensão de textos que ultrapassem os níveis mais simples de complexidade.



Texto para responder às questões **23** e **24**.

Como a educação ainda é privilégio de muito pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta. Assim, da mesma forma como existem milhões de 5 brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua. Afinal, se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pe- 10 los escritores e pelos jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder – são os sem-língua. É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ri- 15 dicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português padrão ou mesmo daqueles que, não falando o português padrão, o tomam como referência ideal – por isso podemos chamá-los de sem-língua.

O que muitos estudos empreendidos por diversos 20 pesquisadores têm mostrado é que os falantes das variedades linguísticas desprestigiadas têm sérias dificuldades em compreender as mensagens enviadas para eles pelo poder público, que se serve exclusivamente da língua-padrão. Como diz Maurizio Gnerre em seu livro *Linguagem*,

25 escrita e poder, a Constituição afirma que todos os indivíduos são iguais perante a lei, mas essa mesma lei é redigida numa língua que só uma pequena parcela dos brasileiros consegue entender. A discriminação social começa, portanto, já no texto da Constituição. É claro que 30 Gnerre não está querendo dizer que a Constituição deveria ser escrita em língua não-padrão, mas sim que todos os brasileiros a que ela se refere deveriam ter acesso mais amplo e democrático a essa espécie de língua oficial que, restringindo seu caráter veicular a uma parte da população, 35 exclui necessariamente uma outra, talvez a maior.

Muitas vezes, os falantes das variedades desprestigiadas deixam de usufruir diversos serviços a que têm direito simplesmente por não compreenderem a língua empregada pelos órgãos públicos. [...] É preciso, portanto, 40 que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planeja-rem suas políticas de ação junto à população amplamente 45 marginalizada dos falantes das variedades não-padrão.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2000. p. 16-19.

23. UFSC Com base na leitura do texto, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

- Milhões de brasileiros, os sem-língua, são incapazes de falar qualquer língua de forma clara e padronizada e, portanto, não conseguem se comunicar eficientemente.
- A afirmação de que existem milhões de brasileiros sem-língua só é cabível se crermos no mito de que no Brasil se fala uma língua única, a qual coincide com a norma-padrão.
- O pronome *eles* (linha 12) refere-se a *escritores, jornalistas, instituições oficiais e órgãos do poder*.
- No trecho “uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular” (linhas 12-13), o termo *gramática* refere-se às regras de bom uso da língua, respeitando a norma culta.
- No trecho “mas essa mesma lei é redigida numa língua que só uma pequena parcela dos brasileiros consegue entender” (linhas 26-27), o verbo *conseguir* poderia ser conjugado na terceira pessoa do plural, sem que houvesse erro de concordância verbal, considerando a norma culta escrita.

Soma:

24. UFSC A partir da leitura do texto, é **CORRETO** afirmar que:

- O emprego da expressão sem-língua (linha x), análoga a *sem-teto*, *sem-terra*, permite supor que a exclusão pela língua está associada a outros tipos de exclusão social.
- A crença no mito de uma língua única, uniforme, coincidente com a norma-padrão, está estreitamente ligada a manifestações de preconceito linguístico.

- 04 Para que a linguagem utilizada na Constituição não constitua fator de exclusão social, Bagno propõe que nossa Carta Magna seja reescrita em linguagem mais compreensível, não tão formal.
- 08 Falantes do português “não-padrão” também podem mostrar-se preconceituosos com relação às variedades “não-padrão” da língua.

- 16 Reconhecer a diversidade linguística implica defender que os falantes não precisam dominar a norma culta da língua pátria.
- 32 Pelo exposto no texto, pode-se inferir acertadamente que é urgente reduzir a diversidade linguística, mediante imposição da variedade padrão a todos os brasileiros.

Soma:

BNCC em foco



Texto para responder à questão 1.

Língua comum e dialeto

Uma língua histórica, como o português, está constituída de várias “línguas” mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata “do português” que na convicção de seus falantes nativos, que na convicção de falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*. Cada variedade constitui uma língua “funcional”, isto é, uma variedade de língua que funciona efetivamente entre os falantes de uma determinada porção da sociedade.

Pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação. É a modalidade a que Coseriu chama *língua exemplar*, também dita *língua padrão*.

Há de distinguir-se cuidadosamente o exemplar do correto, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão porque o eleito não é nem correto nem incorreto. É apenas um uso em consonância com a etiqueta social.

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual língua funcional de qualquer variedade regional, social ou de estilo. [...]

BECHARA, Evanildo. *Gramática Fácil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. p. 19.

HEM13LGG401, EM13LP09 e EM13LP10

1. Leia as proposições e assinale a alternativa **correta**.
- O uso em consonância com a etiqueta social pressupõe a expressão correta da língua.
 - Língua funcional é uma variedade da língua falada por um grupo e, dependendo do contexto, pode ter desprestígio social.
 - Língua exemplar ou padrão é aquela normatizada por uma comunidade, geralmente considerada de prestígio social.

IV. O juízo de valor em relação a uma língua funcional evoca a ideia de preconceito linguístico.

- | | |
|-----------------|------------------|
| a) I e II. | d) II, III e IV. |
| b) I, II e III. | e) II e IV. |
| c) III e IV. | |

HEM13LGG401 e EM13LP10

2. **Fuvest-SP 2014** Entrevistado por Clarice Lispector, para a pergunta “Como você encara o problema da maturidade?”, Tom Jobim deu a seguinte resposta: “Tem um verso do Drummond que diz: ‘A madureza, esta horrível prenda...’ Não sei, Clarice, a gente fica mais capaz, mas também mais exigente”.

► **Nota** O verso citado por Tom Jobim é o início do poema “A ingaia ciência”, de Carlos Drummond de Andrade, e sua versão correta é: “A madureza, essa terrível prenda”.

Reescreva a resposta de Tom Jobim, eliminando as marcas de coloquialidade que ela apresenta e fazendo as alterações necessárias.

HEM13LGG401 e EM13LP10

3. O Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa (VOC) é o recurso oficial de referência para a escrita do português. Permite conhecer a grafia, a divisão silábica, a flexão e outras propriedades formais de cada palavra do português nos diferentes países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que o integrou formalmente no seu património em 2014, durante a X Cimeira dos Chefes de Estado e de Governo, em Díli, após apresentação na sede da Comunidade (2012) e na II Conferência Internacional sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Plano Mundial, em Lisboa (2013).

CPLP. Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://voc.cplp.org/index.php?action=von&von=all>. Acesso em: 10 jan. 2022.

Considerando que os países que formam a CPLP são Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Portugal, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, que tipos de variante a língua portuguesa pode apresentar?



Créditos: André Dahmer, paritainphoto/Shutterstock.com

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

8

Tipos de questões

A leitura da tirinha permite deduzir informações que não se encontram explícitas na fala das personagens, mas que podem ser interpretadas pelo contexto. Pode-se dizer que a postura da segunda personagem se revela egoísta e que, por este motivo, adota uma consciência resignada em relação à desigualdade do mundo. Tal leitura relaciona-se a dois tipos comuns de questões cobradas nos exames vestibulares: a inferência, quando somos solicitados a concluir algo que não está dito no texto, mas que pode ser justificado em contexto, e a síntese analítica do comportamento da personagem, que resume sua postura com os vocábulos “egoísta” e “resignado”. Além desses tipos de questões, existem outros formatos de exercícios usados pelas bancas para elaborar exercícios de qualidade. Conhecê-los é uma etapa crucial antes das provas e, neste capítulo, estudaremos detalhadamente cada um deles.

Tipos de questões

A tarefa de elaborar um exercício para um exame vestibular é composta de diversas etapas e desafios para o examinador. Desde a seleção do texto até a redação do enunciado e das alternativas – que não podem ser ambíguas ou imprecisas –, todos os passos dados precisam ser minuciosamente calculados, pois não podem haver deslizamentos na prova e, no limite do possível, ela deve funcionar como uma ferramenta para selecionar os candidatos que estiverem melhor preparados.

Para que a seleção seja justa, portanto, diversas competências e habilidades devem ser medidas pelos exercícios, e, com esse propósito, surgem tipos diferentes de comandos nos enunciados, para diversificar a análise da capacidade de leitura e do conhecimento técnico do leitor. Conhecer esses comandos é um passo fundamental para se preparar para os exames, principalmente porque permitem ao estudante identificar em qual tipo de questão é preciso investir mais para melhorar seu desempenho.

Considerando isso, podemos dividir os tipos de questões em dois segmentos relacionais distintos: **leitura**, em que se solicita ao candidato que reconheça uma ideia do texto ou conclua uma informação a respeito dele, e **síntese**, pela qual se mede a capacidade do estudante de resumir as ideias do texto em palavras ou expressões. Veremos, a seguir, cada um deles.

Relações de leitura

Comando de paráfrase textual

Questões de paráfrase textual são aquelas que solicitam ao leitor que selecione uma alternativa que reafirme com precisão alguma ideia do texto lido. Com isso, a banca examinadora busca avaliar a capacidade do candidato de reconhecer as principais informações do texto e reorganizá-las em novas sentenças. Usualmente, solicita-se ao leitor que parafraseie a tese original, os argumentos levantados para defendê-la ou a conclusão do autor a respeito dela.

Alguns comandos são frequentemente usados em questões de paráfrase porque ilustram claramente a expectativa da banca ao elaborá-las. Entre eles, podemos destacar: **de acordo com;** **segundo o;** **a partir da leitura do texto é correto afirmar que;** **afirma-se corretamente que;** **o autor defende que;** **o texto mostra que;** entre outros.

Para compreender os conceitos trabalhados até aqui, veja a seguir uma questão resolvida da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (Famerp-SP).

Exercício resolvido

1. Famerp-SP 2017

Há em Berlim uma casa que nunca fecha. Aquela noite que não termina jamais pode de fato começar a qualquer momento do dia, às sete da manhã ou ainda às dez. Lá, todos os tempos se estendem e noite e dia se transformam em outra coisa. Naquela imensa boate que pretende expandir o seu plano de existência, seu tempo

infinito, sobre a vida e a cidade, construída em uma antiga fábrica – uma antiga usina de energia nazista –, todo tipo de figura da noite se encontra, em uma festa fantástica alucinada que deseja não terminar jamais.

À luz da vida **tecno**¹ avançada, as ideias tradicionais de dia e de noite se revelam mais frágeis, bem mais insólitas do que a vida cotidiana sob o regime da produção nos leva a crer. Para alguns, o mundo do dia se tornará definitivamente vazio e apenas a noite excitada e veloz vai concentrar em si o valor do que é vivo.

Naquela boate, como em muitas outras, tudo se encerra apenas quando o efeito prolongado e sistemático da droga se encerra. Como uma pausa para respirar, às vezes tendo passado muitos dias entre uma jornada de diversão e sua suspensão momentânea. Para muitos, apenas pelo tempo mínimo da reposição das forças até a próxima jornada, extenuante, sem fim, pela política imaginária da noite.

E, ainda mais. Para outros tantos, o próprio efeito da droga sob a pulsação infinita da música eletrônica, experiência programática e enfeitada, não deveria se encerrar jamais: estes estariam destinados ao projeto de dissolução na pulsação sem eu da música tecno, seja a dissolução do espírito, em uma infantilização sem fim para os embates materiais da vida, seja a dissolução do corpo, ambos igualmente reais.

De fato, após uma noite de vida tecno, é forte a experiência radical de vazio que se torna o espírito do dia. A energia foi imensamente gasta à noite. Foi devastada, tornando o dia vazio de objeto, porém vivo. Vivo no vazio, muito bem articulado à busca pelo excedente absoluto de mais tarde, à noite.

Tales Ab'Sáber (*A música do tempo infinito*, 2012. Adaptado.)

¹ **tecno:** estilo de música eletrônica.

Segundo o texto, o uso de drogas na boate

- a) tem importância secundária, na medida em que as pessoas estão ali para viver a experiência proporcionada pela música.
- b) funciona como uma espécie de medida do tempo: o fim do efeito da droga no organismo determina, para alguns, o encerramento da experiência na boate.
- c) é uma expressão do que há de mais errado em nossa sociedade, assim como foi o nazismo, que ocupou em outra época as instalações da casa.
- d) ultrapassa os limites do razoável e poderia ser regrado a fim de que as pessoas não perdessem as noções de tempo e os limites da própria subjetividade.
- e) simboliza uma necessidade de nossa sociedade como um todo: é preciso falar de drogas sem hipocrisia.

Resolução:

O comando “Segundo o texto, o uso de drogas na boate” explicita ao leitor que a banca espera uma releitura da tese apresentada, que comprove a capacidade do candidato de reconhecer a ideia central do artigo.

Na alternativa a, a paráfrase está incorreta, já que o uso de drogas é responsável pela perda da noção do tempo, tendo, portanto, um efeito significativo.

Na alternativa b, a paráfrase está correta, uma vez que o terceiro parágrafo afirma que “tudo se encerra apenas quando o efeito prolongado e sistemático da droga se encerra”, ideia adequadamente reafirmada nessa alternativa.

Na alternativa c, a paráfrase está incorreta. Embora o texto mencione o nazismo no trecho “construída em uma antiga fábrica – uma antiga usina de energia nazista”, a afirmação contida na alternativa não consta no texto-base, o que a torna incorreta.

Na alternativa d, a paráfrase está incorreta, uma vez que o autor não menciona a possibilidade de impor regras ou limites ao uso de drogas nas boates.

Na alternativa e, a paráfrase está incorreta. A alternativa veicula uma ideia consensualmente aceita, mas que não consta no texto-base.

Observe que a única afirmação correta é aquela que se restringe à ideia principal do texto, defendida pelo autor. As demais extrapolam aquilo que foi dito no texto apresentado e, ainda que algumas possam ser consideradas coerentes, não atendem ao comando, que exige apenas uma paráfrase do que foi dito no texto-base. Podemos dizer, com isso, que uma das dificuldades de questões com esse tipo comando é reconhecer as alternativas que extrapolam o limite do texto da questão e oferecem opiniões não veiculadas pelo autor. Assim, é de extrema importância que, em exercícios de releitura, o candidato evite assinalar ideias que pareçam adequadas, mas que não foram apresentadas originalmente.

Alternativa: B

Comando de inferência textual

Diferentemente das questões que solicitam apenas a paráfrase do texto, neste tipo de questão a banca pede que se conclua uma informação não dita pelo autor, mas que pode ser pressuposta ou subentendida a partir da leitura. Trata-se, portanto, de um comando que avalia a capacidade do candidato de interpretar informações implícitas nos textos.

Os comandos comumente empregados para solicitar esse tipo de leitura são: **infere-se que; conclui-se que; é possível concluir que; está implícito que; pressupõe-se que**, entre outros.

É importante destacar que, nesse tipo de questão, não basta selecionar uma alternativa que se limite a reafirmar as informações explícitas do texto. Espera-se que o leitor tenha habilidade de julgar criticamente quais conclusões são mais adequadas.

Considerando isso, veja, a seguir, uma questão aplicada pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e que servirá de exemplo para compreendermos a inferência textual.

Exercício resolvido

2. Unifesp 2014

Você conseguiria ficar 99 dias sem o Facebook?

Uma organização não-governamental holandesa está propondo um desafio que muitos poderão considerar impossível: ficar 99 dias sem dar nem uma “olhadinha” no Facebook. O objetivo é medir o grau de felicidade dos usuários longe da rede social.

O projeto também é uma resposta aos experimentos psicológicos realizados pelo próprio Facebook. A diferença neste caso é que o teste é completamente voluntário.

Ironicamente, para poder participar, o usuário deve trocar a foto do perfil no Facebook e postar um contador na rede social. Os pesquisadores irão avaliar o grau de satisfação e felicidade dos participantes no 33º dia, no 66º e no último dia da abstinência. Os responsáveis apontam que os usuários do Facebook gastam em média 17 minutos por dia na rede social.

Em 99 dias sem acesso, a soma média seria equivalente a mais de 28 horas, que poderiam ser utilizadas em “atividades emocionalmente mais realizadoras”.

(<http://codigofonte.uol.com.br>. Adaptado.)

Uma informação possível de se concluir da leitura do texto é:

- a) O Facebook realizou experimentos psicológicos sem o consentimento de seus usuários.
- b) Os usuários do Facebook sentem-se mais felizes quando não acessam a rede social.
- c) Os estudos da ONG holandesa têm o propósito de criar uma nova rede social.
- d) O tempo gasto na rede social potencializou perturbações psicológicas em seus usuários.
- e) O grau de satisfação e felicidade de uma pessoa independe de seu estado emocional.

Resolução

O comando “Uma informação possível de se concluir da leitura do texto é” explicita ao leitor que se espera uma análise das ideias implícitas do texto.

Na alternativa a, a inferência está correta. A afirmação “O projeto também é uma resposta aos experimentos psicológicos realizados pelo próprio Facebook. A diferença neste caso (ou seja, no caso do projeto da ONG) é que o teste é completamente voluntário.” Permite ao leitor concluir que os teste do Facebook, por serem diferentes daquele feito voluntariamente pela ONG, não foram consentidos pelos usuários. Veja que tal informação não está dita no texto, mas é possível concluí-la lendo atentamente o desfecho do segundo parágrafo. Na alternativa b, a inferência está incorreta. Embora possa ser provável que, ao final do teste realizado pela ONG, os usuários concluam que se sentiram mais felizes durante os noventa e nove dias sem acesso à rede social, a pesquisa estava em seu início, portanto o resultado não estava implícito.

Nas alternativas c e e, a inferência está incorreta. As afirmações das respectivas alternativas estão muito distantes do texto e não possuem coerência com a leitura. Ainda que o comando de inferência solicite uma conclusão de uma ideia implícita, é inviável fazer afirmações que não sejam respaldadas por, pelo menos, um dos parágrafos lidos.

Na alternativa d, a inferência está incorreta. Ainda que o projeto de ficar noventa e nove dias sem acesso ao Facebook seja uma resposta a experimentos psicológicos realizados pela própria rede social, em nenhum momento o autor menciona perturbações psicológicas em usuários; portanto não é possível concluir que estas foram potencializadas.

Alternativa: A

Veja que, diferentemente do comando de paráfrase, questões de inferência exigem que a leitura localize informações implícitas nos parágrafos do texto. Podemos resumir a diferença entre esses tipos de exercícios conforme a tabela a seguir:

Relações de leitura	
Paráfrase	Inferência
Comandos usuais: De acordo com, Segundo o, O autor defende que,	Comandos usuais: Infere-se que, Conclui-se que, Está implícito que,
Objetivo da questão: Testar a capacidade do leitor de interpretar as informações do texto e julgar as alternativas que as reafirmem de modo coerente.	Objetivo da questão: Testar a capacidade do leitor de concluir informações que estão sugeridas no texto, por meio da percepção de informações implícitas.

! Atenção

Ao realizar inferências, não devemos deixar de utilizar o glossário oferecido pela banca examinadora e os dados bibliográficos inseridos após o texto, como o ano de publicação, a autoria e o veículo que o publicou, por exemplo. Embora possam parecer informações superficiais, podem servir de grande auxílio para guiar a conclusão acerca das ideias implícitas exigidas no exercício

Relações de síntese

Questões de síntese são aquelas que avaliam a capacidade do leitor de resumir as ideias do texto em uma palavra ou expressão. Muitas vezes, esse tipo de questão também é usado pela banca para medir a competência do leitor ao selecionar sinônimos e reconhecer vocábulos formais. Por esse motivo, ao final da seção, você encontrará um box com algumas das palavras e expressões comumente usadas nas provas e que podem dificultar a resolução de exercícios.

Em posse dessas informações, podemos dividir esse tipo de questão em duas categorias: **síntese analítica**, na qual devemos selecionar uma opção que resuma uma ideia do texto, e **síntese comparativa**, pela qual devemos relacionar ideias de dois textos diferentes, buscando semelhanças ou diferenças entre eles.

Veremos, a seguir, cada uma delas detalhadamente.

Síntese analítica

O comando solicita ao leitor que compreenda uma ideia do texto e seja capaz de resumir-la em uma palavra ou expressão. É possível que exercícios de síntese analítica sejam feitos a partir de textos literários ou não literários, embora haja predominância do primeiro.

Veja, a seguir, dois exemplos retirados do vestibular da Universidade Estadual Paulista (Unesp) que exploram textos literários na elaboração desse tipo de questão. Atente-se à resolução de ambos.

Exercícios resolvidos

3. Unesp 2020 Leia o soneto “VII”, de Cláudio Manuel da Costa, para responder à questão.

Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado,
E em contemplá-lo, tímido, esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!
Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:

Nem troncos vejo agora decadentes.
Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

(Cláudio Manuel da Costa. *Obras*, 2002.)

O tom predominante no soneto é de

- a) ingenuidade.
- b) apatia.
- c) ira.
- d) ironia.
- e) perplexidade

Resolução:

Repare que a expectativa da banca está relacionada à capacidade de sintetizar os sentimentos expressos pelo eu lírico. Considerando o forte abalo indicado por ele, bem como as constantes marcas de mudança de entonação – como as exclamações e interrogações –, é correto indicar que seu estado de espírito está marcado pela perplexidade, ou seja, por uma profunda perturbação motivada pelas mudanças relatadas no poema.

Alternativa: E

4. Unesp 2020 Examine a tira de André Dahmer para responder à questão.



(Malvados, 2008.)

Na tira, a morte é caracterizada como

- a) frívola.
- b) compassiva.
- c) solitária.
- d) incorruptível.
- e) materialista.

Resolução:

Embora muito semelhante à questão anterior, neste exercício era preciso que o leitor possuísse um repertório lexical adequado para interpretar as duas primeiras alternativas: “frívola” e “compassiva” significam “fútil” e “piedosa”, respectivamente, e não parecem se relacionar com a postura da morte nos quadrinhos, o que permite descartar ambas as opções; assim como “materialista”, que não se encaixa na temática da tira apresentada.

Para resolver a questão, é importante considerar que a personagem no leito do hospital tenta seduzir a morte e dissuadi-la de levá-lo, oferecendo-lhe, inclusive, um “emprego bem melhor”. Ela, porém, não cede ao rapaz, tendo em vista que ao responder-lhe (“o importante é trabalhar com o que a gente gosta”) demonstra não ter aceitado a oferta. Assim, podemos concluir que sua ação comprova que ela não acolhe o convite para ser corrompida pela proposta, o que valida a alternativa d. Veja que, nesse caso, reconhecer o valor do prefixo “in”, acrescido ao adjetivo “corruptível”, auxilia na seleção da alternativa correta.

Alternativa: D

Vistas essas questões, é importante ressaltar que boa parte dos exercícios de síntese analítica de textos literários demanda que se reafirme na alternativa um sentimento expresso pela(s) personagem(ns) do texto, bem como o estado de espírito do eu lírico do poema.

Estabelecendo relações

É bastante comum que, em exercícios de análises de poemas, as bancas examinadoras peçam uma síntese de um soneto, poema composto por quatro estrofes e quatorze versos. Usualmente, as duas estrofes iniciais correspondem à introdução temática do assunto, enquanto a última, denominada “chave de ouro”, oferece a conclusão do texto. Essa estrutura, conhecida como forma clássica do soneto, foi desenvolvida em diversas escolas literárias, principalmente no parnasianismo, movimento que idealiza a criação poética com perfeição estrutural, colocando em evidência as rimas, aliterações, assonâncias e a métrica dos versos.

Existem, porém, questões que também têm a estrutura de síntese analítica, mas que são formadas a partir de textos não literários. Não existem diferenças complexas entre este tipo de exercício e aqueles que acabamos de avaliar (Unesp), mas é importante analisar possíveis diferenças. Para isso, veja a seguir uma questão aplicada no vestibular da Universidade de São Paulo (Fuvest).

Exercício resolvido

5. Fuvest-SP 2012

Todas as variedades linguísticas são estruturadas e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Celso Cunha. *Nova gramática do português contemporâneo*. Adaptado.

De acordo com o texto, em relação às demais variedades do idioma, a língua padrão se comporta de modo

- a) inovador.
- b) restritivo.
- c) transigente.
- d) neutro.
- e) aleatório.

Resolução:

Repare que o comando demanda o reconhecimento da conclusão a que chega o autor do texto científico. Com isso, podemos dizer que a análise esperada pela banca exige uma leitura de caráter objetivo. O desfecho do artigo, nesse sentido, valida a opção B, pois, segundo o autor, a norma-padrão se “torna uma ponderável força contrária à variação” por possuir uma função de coerção. Alternativa: B

Por se tratar de um artigo científico, criado para propor uma reflexão objetiva sobre sociolinguística, não existem marcas de personalidade do autor no texto da questão da Fuvest. Por conta disso, o comando da questão não solicita uma análise subjetiva, diferentemente dos dois exercícios da Unesp anteriormente resolvidos. Podemos dizer, dessa forma, que grande parte das questões de síntese de textos não literários solicita ao leitor que identifique a tese, um dos argumentos ou a conclusão do autor.

Síntese comparativa

Neste tipo de questão, a banca fornece dois ou mais textos ao leitor e solicita que se identifique alguma relação possível entre eles e/ou a forma como as relações se desenvolvem. Correspondem a exercícios de intertextualidade temática e podem ser divididos em duas relações: **reiteração**, quando há uma ideia convergente entre os textos, e **oposição**, quando as ideias estão em contraste. Usualmente, para que seja possível resolver esse tipo de comando, o candidato deve reconhecer o assunto em comum trabalhado pelos textos e, em seguida, definir os processos de desenvolvimento usados pelos autores.

Observe, a seguir, as análises de duas questões extraídas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Exercícios resolvidos

6. Enem 2019

Texto 1



Texto 2

Quadrinista surda faz sucesso na CCXP com narrativas silenciosas

A área de artistas independentes da Comic Con Experience (CCXP) deste ano é a maior da história do evento *geek*: são mais de 450 quadrinistas e ilustradores no *Artists' Alley*.

E a diversidade vai além do estilo das HQs. Em uma das mesas na fila F, senta a quadrinista com deficiência auditiva Ju Loyola, com suas histórias que classifica como “narrativas silenciosas”. São histórias que podem ser compreendidas por crianças e adultos, e pessoas de qualquer nacionalidade, pelo simples motivo de não terem uma única palavra.

A artista não escreve roteiros convencionais para suas obras. Sua experiência de ter que entender a comunicação pelo que vê faz com que ela se identifique muito mais com o que observa do que com o que as pessoas dizem.

E basta folhear suas obras que fica claro que elas não são histórias em quadrinhos que perderam as palavras, mas sim que ganharam uma nova perspectiva.

Disponível em: <https://catracalivre.com.br>.

Acesso em: 8 dez. 2018 (adaptado).

O Texto 1 exemplifica a obra de uma artista surda, que promove uma experiência de leitura inovadora, divulgada no Texto 2. Independentemente de seus objetivos, ambos os textos

- a) incentivam a produção de roteiros compostos por imagens.
- b) colaboram para a valorização de enredos românticos.
- c) revelam o sucesso de um evento de cartunistas.
- d) contribuem com o processo de acessibilidade.
- e) questionam o padrão tradicional das HQ.

Resolução:

Observe que, entre os textos, há uma evidente relação de confirmação. Essa relação é gerada porque o segundo apresenta a ideia de que a arte pode ser feita de modo inclusivo, enquanto o primeiro é uma HQ composta apenas por imagens, o que amplia o público capaz de interpretá-la. A afirmação da quarta alternativa, portanto, é a que melhor contempla a relação entre os dois textos.

Alternativa: D

7. Enem 2013

Texto 1

É evidente que a vitamina D é importante — mas como obtê-la? Realmente, a vitamina D pode ser produzida naturalmente pela exposição à luz do sol, mas ela também existe em alguns alimentos comuns. Entretanto, como fonte dessa vitamina, certos alimentos são melhores do que outros. Alguns possuem uma quantidade significativa de vitamina D, naturalmente, e são alimentos que talvez você não queira exagerar: manteiga, nata, gema de ovo e fígado.

Disponível em: <http://saude.hsw.uol.com.br>. Acesso em: 31 jul. 2012.

Texto 2

Todos nós sabemos que a vitamina D (colecalférol) é crucial para sua saúde. Mas a vitamina D é realmente uma vitamina? Está presente nas comidas que os humanos normalmente consomem? Embora exista em algum percentual na gordura do peixe, a vitamina D não está em nossas dietas, a não ser que os humanos artificialmente incrementem um produto alimentar, como o leite enriquecido com vitamina D. A natureza planejou que você a produzisse em sua pele, e não a colocasse direto em sua boca. Então, seria a vitamina D realmente uma vitamina?

Disponível em: www.umaoutravisao.com.br. Acesso em: 31 jul. 2012.

Frequentemente circulam na mídia textos de divulgação científica que apresentam informações divergentes sobre um mesmo tema. Comparando os dois textos, constata-se que o Texto 2 contrapõe-se ao 1 quando

- comprova cientificamente que a vitamina D não é uma vitamina.
- demonstra a verdadeira importância da vitamina D para a saúde.
- ênfatisa que a vitamina D é mais comumente produzida pelo corpo que absorvida por meio de alimentos.
- afirma que a vitamina D existe na gordura dos peixes e no leite, não em seus derivados.
- levanta a possibilidade de o corpo humano produzir artificialmente a vitamina D.

Resolução:

Ao ler a questão, recebemos no enunciado a confirmação de que ambos os textos mantêm entre si uma relação de oposição. O exercício pede então que se identifique o momento em que os textos divergem, ou seja, qual argumento do texto 2 refuta o que é exposto no texto 1.

O argumento do texto 2 que se contrapõe ao do 1 é a relativização da qualidade e da recorrência na dieta humana dos alimentos que supostamente seriam fontes de vitamina D, sendo que a produção de tal vitamina se dá principalmente pela exposição ao sol. Alternativa: C

Com isso, podemos esquematizar as questões de síntese da seguinte forma:

Relações de síntese	
Análítica	Comparativa
Objetivo da questão: Testar a capacidade do leitor de resumir ideias e informações de textos literários e não literários.	Objetivo da questão: Testar a capacidade do leitor de interpretar assuntos, teses e argumentos relacionados entre dois ou mais textos.
Síntese de texto literário: Formada por comandos que, em sua maioria, testam a capacidade do leitor de interpretar o tom predominante de um texto, ou, ainda, um traço comportamental de uma personagem.	Relação de reiteração: Corresponde ao diálogo temático entre dois textos que apresentam uma convergência entre si.

Análítica	Comparativa
Síntese de texto não literário: Formada por comandos que, em sua maioria, testam a capacidade do leitor de interpretar a tese, o argumento ou a conclusão de um texto.	Relação de oposição: Corresponde ao diálogo temático entre dois textos que, em alguma medida, não convergem entre si ou apresentam posicionamentos contrários.

Saiba mais

Tendo compreendido o funcionamento das questões de síntese, você deve ter percebido a necessidade de possuir um bom vocabulário para os exames. Naturalmente, esse vocabulário é desenvolvido ao longo da vida escolar, mas apresentamos a seguir uma tabela com algumas das palavras e expressões mais frequentes nos vestibulares. Conhecê-las pode ajudar na resolução de um grande número de questões.

Palavra	Sinônimos	Exemplo
Ratificar	Confirmar; aprovar; admitir.	O conselho ratificou a aprovação do professor, e o aluno pôde se formar.
Retificar	Corrigir; ajustar.	Foi preciso retificar a nota por conta do erro de digitação.
Ao encontro de	Estar de acordo; concordar com.	A tese do aquecimento global vai ao encontro do discurso de controle das emissões de carbono.
De encontro a	Estar em desacordo; discordar de algo ou alguém.	A tese do aquecimento global vai de encontro ao negacionismo científico.
Prescindível	Dispensável; desnecessário.	Podemos prescindir o documento porque você já fez a comprovação pelas digitais.
Imprescindível	Indispensável; imperativo; necessário.	O trabalho de um professor é imprescindível.
Velado	Oculto; acobertado; dissimulado; latente.	A sociedade brasileira ainda possui práticas veladas de racismo.
Lacônico	Breve; conciso; abreviado; exíguo.	O julgamento foi lacônico porque as provas do crime eram inquestionáveis.
Resignado	Conformado; paciente; abdicado.	Mesmo resignado com a situação, não deixou de acreditar no futuro.
Apático	Indiferente; impassível; indolente.	O professor permaneceu apático diante da situação de desafio.
Dubitável	Questionável; ambíguo; incerto.	São declarações dubitáveis porque ninguém confia em suas palavras.
Indubitável	Inquestionável; indiscutível; certo.	A importância dos educadores na formação de uma pessoa é indubitável.
Opulento	Abastado; rico; abundante.	As provas estão cada vez mais opulentas em exercícios complexos.

1.

O romance é o gênero literário mais produzido e mais consumido no Ocidente, pelo menos desde o século 19. Para isso contribuiu o desenvolvimento da imprensa periódica, em que muitas obras foram pela primeira vez publicadas, na forma de folhetins, ou seja, em capítulos semanais ou mensais, como no caso de obras-primas de Dostoievski (1821-1881) e de Machado de Assis (1839-1908). O próprio incremento na circulação de jornais e revistas, a partir de então, testemunha uma ampliação do público leitor, o qual se pode dizer, sem perigo de exagero, foi formado por meio justamente da leitura de romances. Seguir um romance em folhetim equivalia ao que muita gente faz hoje consumindo novelas na televisão, considerando que mesmo quem não soubesse ler poderia ouvir as histórias lidas por outros.

Foi a partir dessa experiência que historicamente constituíram-se nossos hábitos de leitura, que se criou a sensação de que o romance é um gênero moderno, relacionado com a própria formação de um público leitor urbano e burguês. Assim, o escritor brasileiro Donald Schüller, em *Teoria do romance*, afirma que ele é a “epopeia da modernidade”, ou, nos termos do filósofo húngaro Georg Lukács (1885-1971), em livro com o mesmo título, “a forma da virilidade madura, por oposição à infantilidade da epopeia” clássica. Para o filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940), em ensaio sobre *O narrador*, ainda que os “primórdios do romance” remontem à Antiguidade, ele necessitou de “centenas de anos para encontrar na burguesia ascendente os elementos favoráveis a seu florescimento”. Ora, como toda generalização, isso tem algo de verdadeiro, mas tem também um tanto de inexistência.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **O romance: uma longa história.** *Ciência Hoje*, 9 mar. 2015. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/acervo/o-romance-uma-longa-historia/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

De acordo com o autor, é possível afirmar que a leitura de romances que circulava em jornais e revistas no século 19 gerou o aumento

- a) da epopeia clássica.
- b) do consumo de novelas.
- c) do público leitor.
- d) dos primórdios do romance.
- e) da burguesia.



Leia, a seguir, um trecho de uma entrevista entre o médico Draúzio Varella e a nutricionista Sonia Tucunduva para responder à questão 2.

Epidemia da obesidade

Draúzio – É uma epidemia mundial que atinge pobres e ricos. Por exemplo, os índices de obesidade, no Egito, são assustadores, bem piores do que os nossos.

Sonia Tucunduva – O Brasil, infelizmente, tem grandes bolsões de pobreza, com alarmantes índices de desnutrição. Por outro lado, o País convive também com o problema da obesidade, do excesso de peso, consequência de hábitos alimentares inadequados. Às vezes, no mesmo

núcleo familiar, existem crianças com desnutrição e mães obesas ou irmãos com sobrepeso.

Draúzio – O problema da obesidade está distribuído homogeneamente pelo País ou concentra-se em determinadas regiões?

Sonia Tucunduva – Tem uma distribuição mais ou menos homogênea, mas a situação é mais problemática nos grandes centros, principalmente por causa do modo de vida que a maioria da população é obrigada a levar. Em geral, as pessoas fazem as refeições fora do domicílio, porque as distâncias entre a casa e o local de trabalho são enormes.

Além disso, há outras variáveis importantes. É o caso da merenda escolar, por exemplo. Se não for institucional e bem equilibrada para fornecer à criança o aporte calórico necessário, pode transformar-se numa das causas da obesidade. O que se observa hoje é a presença constante de produtos industrializados (sucos, chás, refrigerantes, salgadinhos, biscoitos) na merenda que vem de casa. Fáceis de serem acondicionados, a mãe ou os cuidadores colocam esses alimentos pré-preparados na lancheira, embora não sejam adequados para a nutrição infantil.

[...]

BRUNA, Maria Helena Varella. *Alimentação saudável. Uol*, 11 ago. 2020 [3 nov. 2011]. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/entrevistas-2/alimentacao-saudavel-entrevista/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

- 2. A respeito da nutrição infantil, infere-se que
 - a) Crianças pobres tendem a ser obesas.
 - b) Uma criança com sobrepeso não pode ter uma irmã desnutrida.
 - c) O aporte calórico ideal da merenda escolar ou caseira não depende da presença de alimentos “in natura”.
 - d) As crianças são responsáveis por seus hábitos alimentares inadequados.
 - e) A mãe, em detrimento do pai, ainda é vista como a maior responsável pela nutrição dos filhos.



Textos para responder à questão 3.

Texto 1

Palco de realização de um dos mais importantes eventos do Amazonas, o Festival Folclórico de Parintins. A festa atrai turistas do mundo todo para o município, localizado a 369 km de Manaus. A curiosidade é para ver de perto a disputa entre os bois Caprichoso e Garantido.

O local é popularmente conhecido como Bumbódromo. Sua estrutura lembra o formato de uma cabeça de boi estilizada, com capacidade, na arena, para 35 mil espectadores.

O espaço foi inaugurado em 1988, mas em 2013 passou por uma completa reestruturação, transformando-se em Centro Cultural. Além de arena do Festival, passou a funcionar como núcleo de formação técnica, com a implantação, no local, do Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro, unidade de Parintins, oferecendo oficinas de dança, teatro, artes visuais, audiovisual e música popular.

No Centro Cultural de Parintins – Bumbódromo também são executados projetos de incentivo à leitura e ocorrem exposições de artes plásticas e exibição de filmes. É ainda utilizado como espaço para os artistas locais apresentarem suas produções e para a realização de eventos e espetáculos nacionais e regionais.

O local conta com Sala Multiuso e Sala de Multimídia; com as Galerias de Artes Wandir Santos e Jair Mendes; Cineclube Odinéia Andrade; Biblioteca Fred Góes e Teatro de Bonecos; e com o Memorial dos Bumbás Caprichoso e Garantido.

Centro Cultural de Parintins – Bumbódromo. Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Amazonas. Disponível em: <https://cultura.am.gov.br/portal/centro-cultural-amazonino-mendes-bumbodromo/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

Texto 2



Festa folclórica do boi-bumbá, em Parintins, no Amazonas, em julho de 2006.

3. Após a leitura do artigo publicado pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Amazonas e da análise da fotografia, assinale a alternativa **incorreta**.

- a) A imagem se coaduna ao texto 1 ao mostrar a arena do Bumbódromo.
- b) O local mencionado no texto 1 serve apenas para a realização de eventos e espetáculos.
- c) A festa folclórica do boi-bumbá tem como principal atração a disputa entre os bois Caprichoso e Garantido.
- d) O boi é o animal principal da festa popular.

4. UEL-PR 2020 (Adapt.)



A charge aborda um tema novo no âmbito educacional brasileiro: o ensino domiciliar. Em um texto de 4 a 6 linhas, exponha o que se pode depreender da charge em questão.

5. **Enem 2021** O skate apareceu como forma de vivência no lazer em períodos de baixa nas ondas e ficou conhecido como “surfinho”. No início foram utilizados eixos e rodinhas de patins pregados numa madeira qualquer, para sua composição, sendo as rodas de borracha ou ferro. O grande marco na história do skate ocorreu em 1974, quando o engenheiro químico chamado Frank Nasworthy descobriu o uretano, material mais flexível, que oferecia mais aderência às rodas. A dependência dos skatistas em relação a esse novo material igualmente alavancou o surgimento de novas manobras e possibilitou a um maior número de pessoas inexperientes começar a prática dessa modalidade. O resultado foi a criação de campeonatos, marcas, fábricas e lojas especializadas.

ARMBRUST, I.; LAURO, F. A. A. O skate e suas possibilidades educacionais. Motriz, jul-set. 2010 (adaptado).

De acordo com o texto, diversos fatores ao longo do tempo

- a) contribuíram para a democratização do skate.
- b) evidenciaram as demandas comerciais dos skatistas.
- c) definiram a carreira de skatista profissional.
- d) permitiram que a prática social do skate substituisse o surfe.
- e) indicaram a autonomia dos praticantes de skate.

6. **Enem 2019**

Educação para a saúde mediante programas de educação física escolar

A educação para a saúde deverá ser alcançada mediante interação de ações que possam envolver o próprio homem mediante suas atitudes frente às exigências ambientais representadas pelos hábitos alimentares, estado de estresse, opções de lazer, atividade física, agressões climáticas etc. Dessa forma, parece evidente que o estado de ser saudável não é algo estático. Pelo contrário, torna-se necessário adquiri-lo e construí-lo de forma individualizada constantemente ao longo de toda a vida, apontando para o fato de que saúde é educável e, portanto, deve ser tratada não apenas com base em referenciais de natureza biológica e higienista, mas sobretudo em um contexto didático-pedagógico.

GUEDES, D. P. Motriz, n. 1, 1999.

A educação para a saúde pressupõe a adoção de comportamentos com base na interação de fatores relacionados à

- a) adesão a programas de lazer.
- b) opção por dietas balanceadas.
- c) constituição de hábitos saudáveis.
- d) evasão de ambientes estressores.
- e) realização de atividades físicas regulares.



Texto para responder às questões **7** e **8**.

Momento

Adélia Prado

Enquanto eu fiquei alegre,
permaneceram um bule azul com um
descascado no bico,
uma garrafa de pimenta pelo meio,
um latido e um céu limpidíssimo
com recém-feitas estrelas.
Resistiram nos seus lugares, em seus escritórios,
constituindo o mundo pra mim, anteparo
para o que foi um acometimento:
súbito é bom ter um corpo pra rir
e sacudir a cabeça. A vida é mais tempo
alegre do que triste. Melhor é ser.

PRADO, Adélia. In: A Bagagem. Rio de Janeiro: Record, 2014 [1979], p.54.

- 7. UECE 2022** Sobre o poema Momento, é INCORRETO afirmar que
- a) retrata o cotidiano com a felicidade e encanto.
 - b) demonstra o tédio de uma mãe, esposa e dona de casa.
 - c) trata do tempo recuperado e recuperável.
 - d) apresenta o contraste para reorganizar o sentido da vida.
- 8. UECE 2022** No texto de Adélia Prado, o eu lírico revela que o tempo é
- a) o que já se viveu.
 - b) algo inatingível.
 - c) o que se vive aqui e agora.
 - d) sempre um contraste.
- 9. Enem digital 2020** O gramático tem uma percepção muito estrita da língua. Ele se vê como alguém que tem de defender a língua da mudança. O problema é que eles, ao se esforçarem para que as pessoas obedeçam às normas da língua, não viram que estavam dando um cala-boca no cidadão brasileiro. Como se dissessem: “Tem de falar e escrever de acordo com as regras. Não fale errado!”. E as pessoas, com medo de não conseguir, falam

e escrevem pouco. O dono da língua é o falante, não o gramático. Aprendemos com o falante a língua como ele fala e procuramos saber por que está falando de um jeito ou de outro. Dizer que está falando errado não é uma atitude científica, de descoberta. A linguística substituiu o cala-boca ao prazer da descoberta científica. Foi só com a linguística que se ampliou o olhar e se passou a considerar que qualquer assunto é digno de estudo.

Entrevista de Ataliba de Castilho. Pesquisa Fapesp, n. 259, set. 2017 (adaptado).

Com base na tese defendida na conclusão do texto, infere-se a intenção do autor de

- a) atribuir à gramática os desvios do português brasileiro.
- b) defender uma atitude política diante das regras da língua.
- c) contrapor o trabalho do linguista às prescrições gramaticais.
- d) contribuir para reverter a escassez de produções textuais no país.
- e) isentar o falante da responsabilidade de seguir as normas linguística.

- 10. Enem 2021** Coincidindo com o Dia Internacional dos Direitos da Infância, foram apresentados diversos trabalhos que mostram as mudanças que afetam a vida das crianças. Um desses estudos compara o que sonham e brincam as crianças hoje em relação às dos anos 1990. E o que se descobriu é que as crianças têm agora menos lazer e estão mais sobrecarregadas por deveres e atividades extracurriculares do que as de 25 anos atrás. As crianças de hoje não só dedicam menos tempo para brincar, como também, quando brincam, a maioria não o faz com outras crianças no parque, na rua ou na praça, mas em casa e muitas vezes sozinhas. E já não brincam tanto com brinquedos, mas com aparelhos eletrônicos, entre os quais predomina o jogo individual com a máquina.

OLIVA, M. P. O direito das crianças ao lazer... e a crescer sem carências. El País, 20 nov. 2015 (adaptado).

O texto indica que as transformações nas experiências lúdicas na infância

- a) fomentaram as relações sociais entre as crianças.
- b) tomaram o lazer uma prática difundida entre as crianças.
- c) incentivaram a criação de novos espaços para se divertir.
- d) promoveram uma vivência corporal menos ativa.
- e) contribuíram para o aumento do tempo dedicado para brincar

Exercícios proposto

1. ITA-SP 2018

Proibido para menores de 50 anos. Nos últimos meses, em meio ao debate sobre as reformas na Previdência, um ponto acabou despertando a atenção. Afinal, existem empregos para quem tem mais de 50 anos? Pendurar as chuteiras nem sempre é fácil. Às vezes, pode significar uma quebra tão grande na rotina que afeta até mesmo o emocional. Foi a partir de uma experiência familiar nesta linha que o paulistano Mórris Litvak criou a *startup* Maturijobs. Trata-se de uma agência virtual de empregos, especializada em profissionais com mais de 50 anos.

(Revista *Isto é Dinheiro*. Mercado de Trabalho. Maio/2017. p. 6.)

A afirmação “Pendurar as chuteiras nem sempre é fácil” sugere

- a) falta de recursos para aproveitar a fase chamada melhor idade.
- b) comprometimento emocional gerado por mudança de hábitos.
- c) diminuição da capacidade intelectual do idoso.
- d) rejeição dos limites físicos decorrentes da idade.
- e) perda de *status* decorrente da saída do mercado de trabalho.



Texto para responder às questões 2 e 3.

a coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer

a barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer

os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer

os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer

não quero morrer pois quero ver como será que deve ser envelhecer

eu quero é viver pra ver qual é

e dizer venha pra o que vai acontecer

eu quero que o tapete voe / no meio da sala de estar

eu quero que a panela de pressão pressione

e que a pia comece a pingar

eu quero que a sirene soe

e me faça levantar do sofá

eu quero pôr Rita Pavone*

no *ringtone* do meu celular

eu quero estar no meio do ciclone

pra poder aproveitar

e quando eu esquecer meu próprio nome

que me chamem de velho gagá

pois ser eternamente adolescente nada é mais demodé

com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não

para de crescer

não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender

que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr.

(ANTUNES, A. Envelhecer. Álbum Ao vivo lá em casa. 2010.)

*cantora italiana de grande sucesso na década de 1960.

2. ITA-SP 2018 “Eu quero pôr Rita Pavone no *ringtone* do meu celular”. O trecho selecionado indica que o autor

- a) busca conciliar elementos de épocas distintas.
- b) acredita que a velhice seja apenas uma construção social.
- c) necessita estar acompanhado de tecnologias modernas.
- d) cria diversas formas de lidar bem com a velhice.
- e) atribui características humanas ao não humano.

3. ITA-SP 2018 O trecho que critica explicitamente aqueles que não aceitam a velhice é:

- a) e quando eu esquecer meu próprio nome que me chamem de velho gagá
- b) não quero morrer pois quero ver como será que deve ser envelhecer
- c) pois ser eternamente adolescente nada é mais demodé
- d) a coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer
- e) os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer

4. Enem 2020

Deu vontade de jogar, mas não sabe como reunir os amigos...

Muitas vezes é difícil encontrar grupos para bater uma bola. Em função disso, estão sendo disponibilizados aplicativos que reúnem times e reservam espaços para os adeptos da paixão nacional. Num exemplo dessas iniciativas, é possível organizar uma partida de futebol, se inscrever para participar de um jogo, alugar campos e quadras, convidar jogadores. O aplicativo tem dois tipos de usuários: um que o usa como ferramenta de gestão do grupo, convidando amigos para jogar, vendo quem confirmou e avaliando os jogos. Outro usuário é o que busca partidas perto de onde ele está, caso de pessoas que estão de passagem numa cidade.

BENEDICTO, M.; MARLI, M. Bola na rede. *Retratos: a revista do IBGE*, n. 2, 2017 (adaptado).

A inter-relação entre tecnologia e sociedade tem estimulado a criação de aplicativos. Nesse texto, isso é percebido pelo desenvolvimento de aplicativos para

- a) organização de eventos de competições esportivas.
- b) agendamento de viagens para eventos de esporte amador.
- c) mapeamento dos interesses dos praticantes acerca dos esportes.
- d) identificação da escassez de espaços para a vivência dos esportes.
- e) formação de grupos em comunidades virtuais para a prática esportiva.

5. **Enem 2020** Uma das mais contundentes críticas ao discurso da aptidão física relacionada à saúde está no caráter eminentemente individual de suas propostas, o que serve para obscurecer outros determinantes da saúde. Ou seja, costuma-se apresentar o indivíduo como o problema e a mudança do estilo de vida como a solução. Argumenta-se ainda que o movimento da aptidão física relacionada à saúde considera a existência de uma cultura homogênea na qual todos seriam livres para escolher seus estilos de vida, o que não condiz com a realidade. O fato é que vivemos numa sociedade dividida em classes sociais, na qual nem todas as pessoas têm condições econômicas para adotar um estilo de vida ativo e saudável. Há desigualdades estruturais com raízes políticas, econômicas e sociais que dificultam a adoção desses estilos de vida.

FERREIRA, M. S. Aptidão física e saúde na educação física escolar; ampliando o enfoque. *RBCE*, n. 2. jan. 2001 (adaptado).

Com base no texto, a relação entre saúde e estilos de vida

- a) constrói a ideia de que a mudança individual de hábitos promove a saúde.
- b) considera a homogeneidade da escolha de hábitos saudáveis pelos indivíduos.
- c) reforça a necessidade de solucionar os problemas de saúde da sociedade com a prática de exercícios.
- d) problematiza a organização social e seu impacto na mudança de hábitos dos indivíduos.
- e) reproduz a noção de que a melhoria da aptidão física pela prática de exercícios promove a saúde.



Leia o trecho inicial do conto “A doida”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder às questões 6 e 7.

A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se. Era só aquele chalezinho, à esquerda, entre o barranco e um chão abandonado; à direita, o muro de um grande quintal. E na rua, tornada maior pelo silêncio, o burro que pastava. Rua cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la?

Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção. Mas era bom passar pela casa da doida e provocá-la. As mães diziam o contrário: que era horroroso, poucos pecados seriam maiores. Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, osãos, fomos aquinhoados. Não explicavam bem quais fossem esses benefícios, ou explicavam demais, e restava a impressão de que eram todos privilégios de gente adulta, como fazer visitas, receber cartas, entrar para irmandades. E isso não comovia ninguém. A loucura parecia antes erro do que miséria. E os três sentiam-se inclinados a ¹lapidar a doida, isolada e agreste no seu jardim.

Como era mesmo a cara da doida, poucos poderiam dizê-lo. Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma. Só o busto, recortado numa das janelas da frente, as mãos magras, ameaçando. Os cabelos, brancos e desgrenhados. E a boca inflamada,

soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca. Eram palavras da Bíblia misturadas a termos populares, dos quais alguns pareciam escabrosos, e todos fortíssimos na sua cólera.

Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto (contava mais de sessenta anos, e loucura e idade, juntas, lhe lavraram o corpo). Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão. O marido ergueu-se terrível e empurrou-a, no calor do bate-boca; ela rolou escada abaixo, foi quebrando ossos, arrebatando-se. Os dois nunca mais se veriam. Já outros contavam que o pai, não o marido, a expulsara, e esclareciam que certa manhã o velho sentira um amargo diferente no café, ele que tinha dinheiro grosso e estava custando a morrer – mas nos ²racontos antigos abusava-se de veneno. De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se. Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativoiro, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando. Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passaram a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de ³irrisão.

Vinte anos de uma tal existência, e a legenda está feita. Quarenta, e não há mudá-la. O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doidice era uma falta grave, uma coisa aberrante, instalou-se no espírito das crianças. E assim, gerações sucessivas de moleques passavam pela porta, fixavam cuidadosamente a vidraça e lascavam uma pedra. A princípio, como justa penalidade. Depois, por prazer. Finalmente, e já havia muito tempo, por hábito. Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.

Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras. Pessoas sensíveis lamentavam o fato, sugeriam que se desse um jeito para internar a doida. Mas como? O hospício era longe, os parentes não se interessavam. E daí – explicava-se ao forasteiro que porventura estranhasse a situação – toda cidade tem seus doidos; quase que toda família os tem. Quando se tornam ferozes, são trancados no sótão; fora disto, circulam pacificamente pelas ruas, se querem fazê-lo, ou não, se preferem ficar em casa. E doido é quem Deus quis que ficasse doido... Respeitemos sua vontade. Não há remédio para loucura; nunca nenhum doido se curou, que a cidade soubesse; e a cidade sabe bastante, ao passo que livros mentem.

(Contos de aprendiz, 2012.)

¹lapidar: apedrejar.

²raconto: relato, narrativa.

³irrisão: zombaria.

- 6. Unifesp 2019** De acordo com o segundo parágrafo,
- os garotos, ao descerem a rua, tinham como principal objetivo provocar a doida.
 - as explicações dadas pelas mães para condenar as provocações à doida não comoviam os garotos.
 - as provocações dos garotos à doida não comoviam ninguém.
 - as mães, apesar de dizerem o contrário, consideravam as provocações dos seus filhos à doida uma mera brincadeira.
 - as mães, por considerarem a doida responsável por sua loucura, não repreendiam seus filhos.

- 7. Unifesp 2019** “Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão.” (4º parágrafo) Ao empregar a expressão “Deus sabe por que razão”, o narrador reforça, em relação à história divulgada, o seu caráter
- fantasioso.
 - dramático.
 - religioso.
 - incerto.
 - popular.



Para responder às questões **8** e **9** a seguir, leia o trecho do livro *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre.

Mas a casa-grande patriarcal não foi apenas fortaleza, capela, escola, oficina, santa casa, harém, convento de moças, hospedaria. Desempenhou outra função importante na economia brasileira: foi também banco. Dentro das suas grossas paredes, debaixo dos tijolos ou mosaicos, no chão, enterrava-se dinheiro, guardavam-se joias, ouro, valores. Às vezes guardavam-se joias nas capelas, enfeitando os santos. Daí Nossas Senhoras sobrecarregadas à baiana de teteias, balangandãs, corações, cavalinhos, cachorrinhos e correntes de ouro. Os ladrões, naqueles tempos piedosos, raramente ousavam entrar nas capelas e roubar os santos. É verdade que um roubou o esplendor e outras joias de São Benedito; mas sob o pretexto, ponderável para a época, de que “negro não devia ter luxo”. Com efeito, chegou a proibir-se, nos tempos coloniais, o uso de “ornatos de algum luxo” pelos negros.

Por segurança e precaução contra os corsários, contra os excessos demagógicos, contra as tendências comunistas dos indígenas e dos africanos, os grandes proprietários, nos seus zelos exagerados de privatismo, enterraram dentro de casa as joias e o ouro do mesmo modo que os mortos queridos. Os dois fortes motivos das casas-grandes acabarem sempre mal-assombradas com cadeiras de balanço se balançando sozinhas sobre tijolos soltos que de manhã ninguém encontra; com barulho de pratos e copos batendo de noite nos aparadores; com almas de senhores de engenho aparecendo aos parentes ou mesmo estranhos pedindo padres-nossos, ave-marias, gemendo lamentações, indicando lugares com botijas de dinheiro. Às vezes dinheiro dos outros, de que os senhores ilicitamente se haviam apoderado. Dinheiro que compadres, viúvas e até escravos lhes tinham entregue para guardar. Sucedeu muita dessa gente ficar sem os seus valores e acabar na miséria devido à esperteza ou à

morte súbita do depositário. Houve senhores sem escrúpulos que, aceitando valores para guardar, fingiram-se depois de estranhos e desentendidos: “Você está maluco? Deu-me lá alguma cousa para guardar?”

Muito dinheiro enterrado sumiu-se misteriosamente. Joaquim Nabuco, criado por sua madrinha na casa-grande de Maçangana, morreu sem saber que destino tomara a ourama para ele reunida pela boa senhora; e provavelmente enterrada em algum desvão de parede. [...] Em várias casas-grandes da Bahia, de Olinda, de Pernambuco se têm encontrado, em demolições ou escavações, botijas de dinheiro. Na que foi dos Pires d’Ávila ou Pires de Carvalho, na Bahia, achou-se, num recanto de parede, “verdadeira fortuna em moedas de ouro”. Noutras casas-grandes só se têm desencavado do chão ossos de escravos, justicados pelos senhores e mandados enterrar no quintal, ou dentro de casa, à revelia das autoridades. Conta-se que o visconde de Suaçuna, na sua casa-grande de Pombal, mandou enterrar no jardim mais de um negro supliciado por ordem de sua justiça patriarcal. Não é de admirar. Eram senhores, os das casas-grandes, que mandavam matar os próprios filhos. Um desses patriarcas, Pedro Vieira, já avô, por descobrir que o filho mantinha relações com a mucama de sua predileção, mandou matá-lo pelo irmão mais velho.

(In: Silviano Santiago (coord.). *Intérpretes do Brasil*, 2000.)

- 8. Unifesp 2019** De acordo com o texto, os ladrões da época evitavam praticar furtos
- devido à violência dos senhores de engenho.
 - por respeito aos mortos.
 - devido às crenças religiosas.
 - em razão do rigor da justiça.
 - por medo de assombrações.
- 9. Unifesp 2019** “Noutras casas-grandes só se têm desencavado do chão ossos de escravos, justicados pelos senhores e mandados enterrar no quintal, ou dentro de casa, à revelia das autoridades.” (3º parágrafo) Conclui-se da leitura desse trecho que, em relação às autoridades, os senhores de engenho assumiam um comportamento
- transgressor.
 - vingativo.
 - submisso.
 - isento.
 - respeitoso.
- 10. Fuvest-SP 2017** Evidentemente, não se pode esperar que Dostoiévski seja traduzido por outro Dostoiévski, mas desde que o tradutor procure penetrar nas peculiaridades da linguagem primeira, aplique-se com afinco e faça com que sua criatividade orientada pelo original permita, paradoxalmente, afastar-se do texto para ficar mais próximo deste, um passo importante será dado. Deixando de lado a fidelidade mecânica, frase por frase, tratando o original como um conjunto de blocos a serem transpostos, e transgredindo sem receio, quando necessário, as normas do “escrever bem”, o tradutor poderá trazê-lo com boa margem de fidelidade para a língua com a qual está trabalhando.

Boris Schnaiderman, *Dostoiévski Prosa Poesia*.

De acordo com o texto, a boa tradução precisa

- a) evitar a transposição fiel dos conteúdos do texto original.
- b) desconsiderar as características da linguagem primeira para poder atingir a língua de chegada.
- c) desviar-se da norma-padrão tanto da língua original quanto da língua de chegada.
- d) privilegiar a inventividade, ainda que em detrimento das peculiaridades do texto original.
- e) buscar, na língua de chegada, soluções que correspondam ao texto original.



Leia o excerto do “Sermão do bom ladrão”, de Antônio Vieira (1608-1697), para responder à questão 11.

Navegava Alexandre [Magno] em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: “Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?”. Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a uns e outros, definiu com o mesmo nome: [...] Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um filósofo estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos, ou para a emenda, ou para a cautela, não preguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem; porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca, e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. [...]

Suponho, finalmente, que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado [...]. O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]. Não são só ladrões, diz o santo [São Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

(Essencial, 2011.)

11. **Unesp 2018** No primeiro parágrafo, Antônio Vieira caracteriza a resposta do pirata a Alexandre Magno como
- a) dissimulada.
 - b) ousada.
 - c) enigmática.
 - d) servil.
 - e) hesitante.

12. **Enem 2021**

Reaprender a ler notícias

Não dá mais para ler um jornal, revista ou assistir a um telejornal da mesma forma que fazíamos até o surgimento da rede mundial de computadores. O Observatório da Imprensa antecipou isso lá nos idos de 1996 quando cunhou o slogan “Você nunca mais vai ler jornal do mesmo jeito”. De fato, hoje já não basta mais ler o que está escrito ou falado para estar bem informado. É preciso conhecer as entrelinhas e saber que não há objetividade e nem isenção absolutas, porque cada ser humano vê o mundo de uma forma diferente. Ter um pé atrás passou a ser a regra básica número um de quem passa os olhos por uma primeira página, capa de revista ou chamadas de um noticiário na TV. Há uma diferença importante entre desconfiar de tudo e procurar ver o maior número possível de lados de um mesmo fato, dado ou evento. Apenas desconfiar não resolve porque se trata de uma atitude passiva. É claro, tudo começa com a dúvida, mas a partir dela é necessário ser proativo, ou seja, investigar, estudar, procurar os elementos ocultos que sempre existem numa notícia. No começo é um esforço solitário que pode se tornar coletivo à medida que mais pessoas descubrem sua vulnerabilidade informativa.

Disponível em: www.observatoriodaimprensa.com.br. Acesso em 30 set. 2015 (adaptado).

No texto, os argumentos apresentados permitem inferir que o objetivo do autor é convencer os leitores a

- a) buscarem fontes de informação comprometidas com a verdade.
- b) privilegiarem notícias veiculadas em jornais de grande circulação.
- c) adotarem uma postura crítica em relação às informações recebidas.
- d) questionarem a prática jornalística anterior ao surgimento da internet.
- e) valorizarem reportagens redigidas com imparcialidade diante dos fatos.

13. **Unicamp 2021**

Num mundo dominado por homens, a mulher é tratada como um ser diferenciado, que merece uma designação especial. Enquanto a expressão “o homem” pode equivaler a “o ser humano”, como na frase “O homem é mortal”, a expressão “a mulher” só se refere aos seres humanos do gênero feminino. A língua também revela um tratamento diferente dado à mulher na sociedade ao conter designações específicas para ela, inexistentes para o homem. Assim, a mulher de um chefe de governo é chamada de “primeira-dama”, mas o marido de uma mulher que desempenha aquele cargo não é chamado de “primeiro-cavalheiro”.

Conta-se que Cecília Meireles recusava a designação de “poetisa”, por achar que esse termo não tinha a mesma conotação de “poeta” (usado para os homens), ao contrário, soava até pejorativo. Por outro lado, Dilma Rousseff exigia que a tratassem por “presidenta” para enfatizar que quem ocupava o cargo de chefe da nação brasileira era finalmente uma mulher.

(Adaptado de Francisco Jardes Nobre de Araújo, O machismo na linguagem.

Disponível em <https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/o-machismo-na-linguagem?fbclid=IwAR0n7sVvu2mNioWa1Gpp0BZL4TP6Uo-hGK7DKytlgtlxkd tRfoOal6OEPCZE>. Acessado em 05/06/2020.)

Segundo o autor de “O machismo na linguagem”,

- o hábito de usar “o homem” para representar a humanidade faz com que o feminino se torne um gênero subalterno.
- a prática da designação do gênero feminino na língua portuguesa leva ao fim do privilégio do masculino na linguagem.
- o emprego de palavras no feminino evita o viés machista e incentiva uma menor diferenciação entre os gêneros.
- a escolha de algumas palavras para marcar o gênero feminino pode se relacionar com a valorização social da mulher.



Textos para responder à questão 14.

Texto 1

Algumas vozes nacionais estão tentando atualmente encaminhar a discussão em torno da identidade ‘mestiça’, capaz de reunir todos os brasileiros (brancos, negros e mestiços). Vejo nesta proposta uma nova sutileza ideológica para recuperar a ideia da unidade nacional não alcançada pelo fracassado branqueamento físico. Essa proposta de uma nova identidade mestiça, única, vai na contramão dos movimentos negros e de outras chamadas minorias, que lutam pela construção de uma sociedade plural e de identidades múltiplas.

(Kabengele Munanga, *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 16.)

Texto 2

Os meus olhos coloridos/ Me fazem refletir/ Eu estou sempre na minha/ E não posso mais fugir/ Meu cabelo enrolado/ Todos querem imitar/ Eles estão baratinados/ Também querem enrolar/ Você ri da minha roupa/ Você ri do meu cabelo/ Você ri da minha pele/ Você ri do meu sorriso/ A verdade é que você,/ (Todo brasileiro tem!)/ Tem sangue crioulo/ Tem cabelo duro/ Sarará crioulo.

(Macau, “Olhos Coloridos”, 1981, gravada por Sandra de Sá. Álbum: “Sandra de Sá”. RCA.)

14. **Unicamp-SP 2021** Considerando o alerta de Munanga em relação a algumas “vozes nacionais”, a canção de Macau
- resgata o antigo ideal da identidade nacional única.
 - aponta a possibilidade de uma identidade múltipla.
 - atesta que a pluralidade se opõe ao movimento negro.
 - insiste nas lutas das minorias por uma unidade.



Para responder às questões 15 e 16, leia o trecho do conto-prefácio “Hipotrérico”, que integra o livro *Tutameia*, de João Guimarães Rosa.

Há o hipotrérico. O termo é novo, de impesquisada origem e ainda sem definição que lhe apanhe em todas as pétalas o significado. Sabe-se, só, que vem do bom português. Para a prática, tome-se *hipotrérico* querendo dizer: antipodático, sengraçante imprizado; ou, talvez, vice-dito: indivíduo pedante, importuno agudo, falto de respeito para com a opinião alheia. Sob mais que, tratando-se de palavra inventada, e, como adiante se verá, embirrando o hipotrérico em não tolerar neologismos, começa ele por se negar nominalmente a própria existência.

Somos todos, neste ponto, um tento ou cento hipotréricos? Salvo o excepto, um neologismo contunde, confunde, quase ofende. Perspica-nos a inércia que sonheja em cada canto do espírito, e que se refestela com os bons hábitos estadados. Se é que um não se assuste: saia todo-o-mundo a empinar vocábulos seus, e aonde é que se vai dar com a língua tida e herdada? Assenta-nos bem à modéstia achar que o novo não valerá o velho; ajusta-se à melhor prudência relegar o progresso no passado. [...]

Já outro, contudo, respeitável, é o caso – enfim – de “hipotrérico”, motivo e base desta fábula diversa, e que vem do bom português. O bom português, homem-de-bem e muitíssimo inteligente, mas que, quando ou quando, neologizava, segundo suas necessidades íntimas.

Ora, pois, numa roda, dizia ele, de algum sicrano, terceiro, ausente:

— *E ele é muito hiputrérico...*

Ao que, o indesejável maçante, não se contendo, emitiu o veto:

— *Olhe, meu amigo, essa palavra não existe.*

Parou o bom português, a olhá-lo, seu tanto perplexo:

— *Como?!... Ora... Pois se eu a estou a dizer?*

— *É. Mas não existe.*

Aí, o bom português, ainda meio enfiado, mas no tom já feliz de descoberta, e apontando para o outro, peremptório:

— *O senhor também é hiputrérico...*

E ficou havendo.

(*Tutameia*, 1979.)

15. **Unesp 2021** De acordo com o narrador, o hipotrérico revela, em relação à prática do neologismo, uma postura
- indiferente.
 - enigmática.
 - conservadora.
 - visionária.
 - inovadora.
16. **Unesp 2021** “Aí, o bom português, ainda meio enfiado, mas no tom já feliz de descoberta, e apontando para o outro, peremptório:
- *O senhor também é hiputrérico...*” (11º e 12º parágrafos)
- Considerando o contexto, o termo sublinhado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido do texto, por:
- debochado.
 - contrariado.
 - distraido.
 - atrapalhado.
 - admirado.

A linguagem humana

[...]

Na língua, temos enunciados que servem para fazer uma constatação a respeito dos eventos ou dos estados do mundo e temos outros que são a realização de um ato. Isso quer dizer que a linguagem é também uma forma de ação, pois há determinados atos que se realizam quando se diz um determinado enunciado. São exemplos de atos que acontecem ao dizer: Ordeno que você saia daqui; Aposto dez reais como você não consegue fazer isso; Declaro aberta a sessão.

A ordem acontece, quando alguém enuncia ordeno; a aposta efetiva-se, quando alguém declara aposto; a sessão se abre, quando alguém diz declaro aberta a sessão. Esses atos se realizam de muitas formas: uma ordem se dá também quando se usa um imperativo (por exemplo, Saia daqui), um pedido efetua-se quando se diz, por exemplo, Uma esmola pelo amor de Deus. Muitas vezes, esses atos efetivam-se de maneira indireta. Por exemplo, se alguém, no inverno, entra numa sala, cujas janelas estão todas abertas, e diz Está muito frio aqui, ele não estará constatando a temperatura ambiente, mas estará certamente pedindo que se fechem as janelas. O mesmo acontece quando a mãe diz ao filho Seu quarto está uma bagunça. Nesse caso, ela não estará constatando o estado de arrumação do quarto, mas ordenando que ele seja arrumado. O falante tem uma grande capacidade de compreender esses atos de fala indiretos: se alguém pergunta Você sabe onde fica a estação?, não está solicitando que o outro diga se sabe ou não a localização desse lugar, mas está pedindo que lhe seja explicado onde se localiza. Seria muito estranho que diante de tal pergunta a pessoa respondesse apenas Sei.

[...]

A linguagem é uma forma de o homem agir no mundo, porque há ações que se realizam ao dizer e ações que ocorrem em consequência do que se diz. A linguagem não se presta apenas para perceber o mundo, para categorizar a realidade, para realizar interações, para informar, para influenciar, para exprimir sentimentos e emoções, para criar e manter laços sociais, para falar da própria linguagem, para ser lugar e fonte de prazer, para estabelecer identidades, para agir no mundo, mas também para criar novas realidades.

[...]

Fiorin; José Luiz (org.). *Linguística? O que é isso?* Ed. Contexto. Disponível em: https://trechos.org/wp-content/uploads/2020/06/Linguistica-Que-e-isso-www.trechos.org_.pdf. Acesso em: 15 jan. 2022.

Resumindo

- **Tipos de questões:** os exercícios podem ser divididos em comandos distintos, que possuem objetivos diferentes. Há enunciados feitos para testar a capacidade de leitura do candidato, assim como outros que medem a competência do leitor em sintetizar informações textuais.

Relações de leitura

- **Paráfrase textual:** questões cujo comando solicita uma releitura das informações do texto. Marcadas por enunciados como “de acordo com”, “segundo o”, entre outros.
- **Inferência textual:** questões cujo comando solicita uma conclusão lógica acerca das informações do texto. Marcadas por comandos como “é possível concluir que”, “está implícito que”, entre outros.
- **Relações de síntese**
- **Síntese analítica:** questões cujo comando solicita que o leitor identifique um aspecto do texto e seja capaz de sintetizá-lo em uma palavra ou expressão.
- **Síntese comparativa:** questões cujo comando solicita que o leitor identifique relações de reiteração ou oposição entre dois textos distintos.

Quer saber mais?



Livro

ECO, Umberto. *Os limites da Interpretação*. 2. ed. São Paulo Perspectiva, 2004. [1990]

Neste livro, o linguista italiano Umberto Eco discute os limites do ato de interpretação e até que ponto é possível depreender informações de um texto. Trata-se de uma leitura capaz de auxiliar no processo de inferências textuais e interpretação de sentidos implícitos.



Site

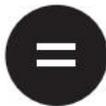
Literatura – Instituto Moreira Salles

Páginas da *web* do Instituto Moreira Salles, que apresenta um grande acervo com obras de alguns dos principais autores de literatura brasileira. Também é formado por uma extensa biblioteca de fotografias e artes visuais.

Disponível em: <https://ims.com.br/acervos/literatura/>

1. Unicamp 2020

Texto 1



Go Equal @GoEqual_ 13 de jun
#BRAXAUS não é a única rivalidade que as mulheres têm de enfrentar no esporte hoje. Marta está jogando com uma chuteira sem patrocínio e com um símbolo pela equidade no esporte.

Texto 2

O que levou Marta, seis vezes a melhor do mundo, a enfrentar a Austrália de chuteiras pretas? Adianto, não foi o futebol “raiz”. Marta não fechou patrocínio com nenhuma das gigantes do mercado esportivo. Não recebeu nenhuma proposta à altura do seu futebol. Isso diz muito sobre o machismo no esporte. A partir disso, a atleta decidiu calçar a luta pela diversidade.

(Fonte: <https://www.hypeness.com.br/2019/06/chuteira-sem-logotipo-com-simbolo-de-igualdade-de-genero-foi-mais-um-golaco-de-marta/>. Acessado em 18/06/2019.)

Considerando o *tweet* e o texto acima, é correto afirmar que a atleta

- a) enfrentou o time adversário com chuteiras pretas, mesmo que não tenha sido influenciada pelo futebol “raiz”.
- b) usou chuteiras sem logotipo e luta pela igualdade de gênero no esporte, mesmo sendo considerada seis vezes a melhor do mundo.
- c) não recebeu patrocínio de nenhuma grande empresa, embora a chuteira preta sem logotipo simbolize o futebol “raiz”.
- d) optou por lutar contra o machismo no esporte, embora as propostas de patrocínio não tenham considerado seu valor.

2. Unicamp-SP 2017

“O Sinhô foi açoitar sozinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia e tirou o cabeção,
de dentro dêle pulou nuinha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
Cadê, cadê teu Sinhô
que Nosso Senhor me mandou?
Ah! Foi você que roubou,
foi você, negra Fulô?

Essa negra Fulô!”

Jorge de Lima, *Poesias Completas*, v. 1. Rio de Janeiro/Brasília: J. Aguilar e INL, 1974, p. 121.

“A Sinhá mandou arrebenatar-lhe os dentes:
Fute, Cafute, Pé-de-pato, Não-sei-que-diga,
avança na branca e me vinga.
Exu escangalha ela, amofina ela,
amuxila ela que eu não tenho defesa de homem,
sou só uma mulher perdida neste mundão.
Neste mundão.
Louvado seja Oxalá.
Para sempre seja louvado.”

(Idem, p. 164.)

Essas duas cenas de ciúmes concluem dois textos diferentes de Jorge de Lima. A primeira pertence ao conhecido poema modernista “Essa negra Fulô”; a segunda, ao poema “História”, de *Poemas Negros* (1947). Em relação a “Essa negra Fulô”, o poema “História”, especificamente, representa

- a) a reiteração da denúncia das relações de poder, muito arraigadas no sistema escravocrata, que colocam no mesmo plano violências raciais e sexuais.
- b) a passagem de uma caracterização da mulher negra como sedutora para uma postura solidária em relação à escrava, que explicita as estratégias compensatórias de que se vale para sobreviver.
- c) a permanência de uma visão pitoresca sobre a situação da mulher negra nos engenhos de açúcar, que oculta os mecanismos de poder que garantiam sua exploração.
- d) a superação da visão idílica da vida na senzala, graças a uma postura realista e social, que revela a violência das relações entre senhores e escravos.

3. Fuvest-SP 2018 (Adapt.)

Da idade

Não posso aprovar a maneira por que entendemos a duração da vida. Vejo que os filósofos lhe **assinam*** um limite bem menor do que o fazemos comumente. (...) Os [homens] que falam de uma certa duração normal da vida, estabelecem-na pouco além. Tais ideias seriam admissíveis se existisse algum privilégio capaz de os colocar fora do alcance dos acidentes, tão numerosos, a que estamos todos expostos e que podem interromper essa duração com que nos acenam. E é pura fantasia imaginar que podemos morrer de esgotamento em virtude de uma extrema velhice, e assim fixar a duração da vida, pois esse gênero de morte é o mais raro de todos. E a isso chamamos morte natural como se fosse contrário à natureza um homem quebrar a cabeça numa queda, afogar-se em algum naufrágio, morrer de peste ou de pleurisia; como se na vida comum não esbarrássemos a todo instante com esses acidentes. Não nos iludamos com belas palavras; não denominemos natural o que é apenas exceção e guardemos o qualificativo para o comum, o geral, o universal.

Morrer de velhice é coisa que se vê raramente, singular e extraordinária e portanto menos natural do que qualquer outra. É a morte que nos espera ao fim da existência, e quanto mais longe de nós menos direito temos de a esperar.

Michel de Montaigne, *Ensaíes*. Editora 34.
Trad. de Sérgio Milliet.

***assinar**: fixar, indicar.

No texto, o autor retifica o que corriqueiramente se entende por “morte natural”? Justifique.

4. Fuvest 2021 (Adapt.)

No Brasil, a educação a distância só estava autorizada para o ensino superior (de maneira completa ou até 40% dos cursos presenciais) e uma parte do ensino médio (até 30% da carga horária do período noturno e 20% do diurno). A legislação brasileira atual não permite que a educação infantil e o ensino fundamental sejam feitos por EAD. Porém, diante da emergência de saúde pública e da situação atípica na educação, diversas flexibilizações foram adotadas para que os alunos pudessem dar prosseguimento às aulas de maneira remota. Marcio Kowalski, professor do curso de Rádio, TV e Internet da Metodista, calcula que entre 30% e 50% dos seus alunos têm dificuldade para acompanhar o curso. Quando está dando aula, por exemplo, diz que alguns estudantes ficam repetidamente caindo e entrando na chamada de vídeo. “Não são todos que podem ter aquele clichê do computador com a estante de livros bonita atrás”, brinca.

I. Paz, “Desafios do ensino remoto na pandemia”. Adaptado.

O que o professor quis dizer ao proferir a frase “Não são todos que podem ter aquele clichê do computador com a estante de livros bonita atrás”?

5. Fuvest 2020 (Adapt.)

A reinvenção da vírgula

No começo de 1902, Machado de Assis ficou desesperado por causa de um erro de revisão no prefácio da segunda edição de suas *Poesias completas*. Dizem que chegou a se ajoelhar aos pés do Garnier implorando para que o editor tirasse o livro de circulação. O aristocrático e ímpoluto Machado, quem diria. Mas a gralha era mesmo feia. O tipógrafo trocou o E por A na palavra cegara, o revisor deixou passar, e vocês imaginam no que deu.

No nosso caso, o erro não foi nada de mais, nem erro foi para falar a verdade, apenas um acréscimo besta de pontuação, talvez dispensável, ainda que de modo algum incorreto. Vai o revisor, fiel à ortodoxia da gramática normativa, e **espeta** duas vírgulas para isolar um adjunto adverbial deslocado, coisa de pouca monta, diria alguém, mas suficiente para o autor sair bradando aos quatro ventos que lhe roubaram o ritmo da sentença. Um editor experiente traria um cafezinho bem doce, a conter o ímpeto dramático do autor de primeira viagem, talvez caçoando, “deixa de onda”, a lembrá-lo – valha-me Deus! – que ele não é nenhum Bruxo do Cosme Velho*. E assim lhe **cortando as asas antes do voo**.

Disponível em https://jornal.usp.br/artigos/a_reinvencao_da_virgula/.
Adaptado.

* Referente a Machado de Assis.

Explique o significado, no texto, da expressão “cortando as asas antes do voo”.

6. Unicamp 2020 (Adapt.)

Voltou à moda o velho “faça você mesmo” ou bricolagem. A ideia de que às vezes é melhor trabalhar com a mão na massa, engajando os cidadãos, se tornou uma metáfora para práticas pedagógicas, ações políticas, retórica empreendedora. Mas poucos usam, no Brasil, o termo que melhor representa essa potência criativa de

que as pessoas são capazes: gambiarra. Palavra menos nobre, gambiarra existe, no Brasil e em outros países de língua portuguesa, quase sempre como um termo popular, dialetal ou depreciativo. Porque é um faça-você-mesmo rebelde que recombina peças já existentes, no interior de regras dadas, para inventar novas funções e afirmar novas regras. Escolhi cinco livros que mostram as gambiarras em ação, entre eles, *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*, de Michel de Certeau. Nesse livro, o historiador e teólogo francês apresenta um estudo analítico e um elogio político da criatividade do “cidadão comum”. Ao traçar uma distinção entre estratégias (as regras do jogo formuladas pelos que têm o poder de estabelecer regras) e táticas (os gestos, ações, invenções dos subjugados, que tentam lidar com as regras, mas também achar um jeitinho de driblá-las), Certeau revela as gambiarras que fazem com que o cotidiano se invente e reinvente.

(Adaptado de Yuriy Castelfranchi, *Livros para imaginar, apreciar e fazer gambiarras*. Disponível em <https://www.nexojournal.com.br/estante/favoritos/2019/5-livros-para-imaginar-apreciar-e-fazer-gambiarras>. Acessado em 10/08/2019.)

Segundo Castelfranchi, como Michel de Certeau associa a ideia de gambiarra às ações políticas do cidadão comum? Responda com base em dois exemplos citados no texto.



Texto para responder às questões **7** e **8**.

A ciência e a tecnologia como estratégia de desenvolvimento

Um dos principais motores do avanço da ciência é a curiosidade humana, descompromissada de resultados concretos e livre de qualquer tipo de tutela ou orientação. A produção científica movida apenas por essa curiosidade tem sido capaz de abrir novas fronteiras do conhecimento, de nos tornar mais sábios e de, no longo prazo, gerar valor e mais qualidade de vida para o ser humano.

Por meio dos seus métodos e instrumentos, a ciência nos permite analisar o mundo ao redor e ver além do que os olhos podem enxergar. O empreendimento científico e tecnológico do ser humano ao longo de sua história é o principal responsável por tudo que a humanidade construiu até aqui, desde o domínio do fogo até a moderna ciência da informação, passando pela domesticação dos animais, pelo surgimento da agricultura e da indústria modernas e, é claro, pela espetacular melhora da qualidade de vida de toda a humanidade no último século.

Apesar dos seus feitos extraordinários, a ciência enfrenta uma crise de legitimação social no mundo todo. Existe uma descrença do cidadão comum no conhecimento técnico e científico e, mais do que isso, um certo orgulho da própria ignorância sobre vários temas complexos. Vários fenômenos sociais recentes, como o movimento antivacinação ou mesmo a desconfiança sobre o aquecimento global, apesar de todas as evidências científicas em contrário, são exemplos dessa descrença.

A relação entre ciência, tecnologia e sociedade é de extrema complexidade, sem dúvida alguma. Ela passa por

uma série de questões, tais como de que forma a ciência e as novas tecnologias afetam a qualidade de vida das pessoas e como fazer com que seus efeitos sejam os melhores possíveis? Como ampliar o acesso da população aos benefícios gerados pelo conhecimento científico e tecnológico? Em que medida o progresso científico e tecnológico contribui para mitigar ou aprofundar as desigualdades socioeconômicas? Essas são questões cruciais para a ciência e a tecnologia nos dias de hoje.

Disponível em: <www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de-conteudo/artigos/artigos/116-a-ciencia-e-a-tecnologiacomo-estrategia-de-desenvolvimento>. Acesso em: 24 ago. 2020. Adaptado.

7. FMP-RJ 2021 O fragmento do texto que explica a tese apresentada no seu título é

- a) “Um dos principais motores do avanço da ciência é a curiosidade humana, descompromissada de resultados concretos” (parágrafo 1)
- b) “O empreendimento científico e tecnológico do ser humano ao longo de sua história é o principal responsável por tudo que a humanidade construiu até aqui” (parágrafo 2)
- c) “A relação entre ciência, tecnologia e sociedade é de extrema complexidade, sem dúvida nenhuma. Ela passa por uma série de questões” (parágrafo 4)
- d) “Por meio dos seus métodos e instrumentos, a ciência nos permite analisar o mundo ao redor” (parágrafo 2)
- e) “Apesar dos seus feitos extraordinários, a ciência enfrenta uma crise de legitimação social no mundo todo.” (parágrafo 3)

8. FMP-RJ 2021 No desenvolvimento temático do texto, depois de se referir ao movimento antivacinação e à desconfiança sobre o aquecimento global, o texto desenvolve a ideia de que

- a) o avanço da ciência depende da liberdade em relação a qualquer tipo de tutela ou orientação.
- b) a ciência é responsável pela melhora da qualidade de vida de toda a humanidade no último século.
- c) a relação entre ciência, tecnologia e sociedade passa por questionamentos, entre eles, o modo como afeta a qualidade de vida das pessoas.
- d) a produção científica tem sido capaz de abrir novas fronteiras do conhecimento.
- e) o mundo atual enfrenta uma descrença do cidadão comum no conhecimento técnico e científico.

9. Enem 2019

Texto 1

Estratos

Na passagem de uma língua para outra, algo sempre permanece, mesmo que não haja ninguém para se lembrar desse algo. Pois um idioma retém em si mais memórias que os seus falantes e, como uma chapa mineral marcada por camadas de uma história mais antiga do que aquela dos seres vivos, inevitavelmente carrega em si a impressão

das eras pelas quais passou. Se as “línguas são arquivos da história”, elas carecem de livros de registro e catálogos. Aquilo que contém pode apenas ser consultado em parte, fornecendo ao pesquisador apenas os elementos de uma biografia do que um estudo geológico de uma sedimentação realizada em um período sem começo ou sem fim definido.

HELLER-ROAZEN, D. *Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas*. Campinas: Unicamp, 2010.

Texto 2

Na reflexão gramatical dos séculos XVI e XVII, a influência árabe aparece pontualmente, e se reveste sobretudo de item bélico fundamental na atribuição de rudeza aos idiomas português e castelhano por seus respectivos detratores. Parecer com o árabe, assim, é uma acusação de dessemelhança com o latim.

SOUZA, M. P. *Linguística histórica*. Campinas: Unicamp, 2006.

Relacionando-se as ideias dos textos a respeito da história e memória das línguas, quanto à formação da língua portuguesa, constata-se que

- a) a presença de elementos de outras línguas no português foi historicamente avaliada como um índice de riqueza.
- b) o estudioso da língua pode identificar com precisão os elementos deixados por outras línguas na transformação da língua portuguesa.
- c) o português é o resultado da influência de outras línguas no passado e carrega marcas delas em suas múltiplas camadas.
- d) o árabe e o latim estão na formação escolar e na memória dos falantes brasileiros.
- e) a influência de outras línguas no português ocorreu de maneira uniforme ao longo da história.



Leia o artigo intitulado “Tempus fugit”, de Hélio Schwartsman, para responder à questão 10.

Depois de nos privar de Plutão, que teve sua planetariedade cassada em 2006, cientistas agora ameaçam bagunçar o tempo.

Pretendem eliminar os segundos bissexto ocasionalmente introduzidos no calendário para fazer com que o tempo dos relógios atômicos (oficialmente, 1 segundo equivale a 9.192.631.770 ciclos de radiação emitidos pelo célio-133) não se divorcie de vez do tempo astronômico, em que o segundo vale 1/86.400 do dia.

Até os anos 60, a astronomia era a guardiã absoluta do tempo, mas aí descobrimos que o planeta é pouco pontual: a velocidade da rotação terrestre atrasa um número variável de milissegundos a cada ano.

Se os segundos corretivos forem de fato eliminados [...], o tempo se tornará mais abstrato. Não dirá mais respeito à noite, ao dia, às estações e aos anos.

Os cientistas, é claro, têm suas razões. O problema é que nossos corações são insensíveis a elas. O tempo encerra uma dimensão psicológica à qual não podemos escapar.

Nas “Confissões”, santo Agostinho vislumbrou o tamanho da encrenca: “Se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente. De que modo existem aqueles dois tempos — o passado e o futuro —, se o passado já não existe

e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade.”

Não é por acaso que, além de Agostinho, vários filósofos se apressaram a concluir que o tempo não passa de uma ilusão. Mesmo que ele seja uma realidade ontológica, como querem os físicos, continua despertando perplexidades e até paixões.

Nem toda ciência, filosofia e poesia do mundo nos fazem deixar de lamentar o passado e temer o futuro. Quem traduziu bem esse sentimento foi Virgílio: “Sed fugit interea, fugit irreparabile tempus” (mas ele foge: foge irreparavelmente o tempo).

(Folha de S.Paulo, 20.01.2012.)

10. FCMSCSP 2022 De acordo com o texto,

- a) para santo Agostinho, apenas o tempo presente não pode ser questionado.
- b) para os físicos, o tempo não seria mais do que uma ilusão.
- c) para santo Agostinho, a eternidade seria uma espécie de negação do tempo.
- d) para Virgílio, refletir sobre a passagem implacável do tempo seria uma inutilidade.
- e) para Virgílio, lamentar a passagem do tempo seria uma espécie de negação da vida.

11. Unicamp-SP 2022

As Ondas

Entre as trêmulas mornas ardentias,
A noite no alto-mar anima as ondas.
Sobem das fundas úmidas **Golcondas**,
Pérolas vivas, as **hereidas** frias:

Entrelaçam-se, correm **fugidias**,
Voltam, cruzando-se; e, em lascivas rondas,
Vestem as formas alvas e redondas
De algas roxas e glaucas pedrarias.

Coxas de vago ônix, ventres polidos
De alabastro, quadris de argêntea espuma,
Seios de dúbia opala ardem na treva;

E bocas verdes, cheias de gemidos,
Que o fósforo incendeia e o âmbar perfuma,
Soluçam beijos vãos que o vento leva...

(Olavo Bilac, Tarde. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1919, p.48)

Ardentia: s.f. fosforescência sobre as ondas do mar, à noite.

Golconda: s. f. (fig.) mina de riquezas.

Nereida: s.f. cada uma das ninfas do mar, filhas de Nereu.

(Disponíveis em www.aulete.com.br/ Acessado em 30/07/2021.)

Em relação ao soneto de Olavo Bilac (no contexto de sua época), é correto afirmar que a seleção lexical favorece a

- a) descrição objetiva que o eu lírico faz da fantasia amorosa recorrendo à riqueza mineral dos oceanos.
- b) representação estética que o eu lírico faz do desejo amoroso associado a fenômenos naturais.
- c) descrição científica que o eu lírico faz do corpo feminino recorrendo a fenômenos da natureza.
- d) representação natural que o eu lírico faz do jogo de sensualidade associado à mitologia grega.

12. Enem digital 2020

Caso pluvioso

A chuva me irritava. Até que um dia descobri que maria é que chovia.

A chuva era maria. E cada pingo de maria ensopava o meu domingo.

E meus ossos molhando, me deixava como terra que a chuva lava e lava.

E eu era todo barro, sem verdura... maria, chuvosíssima criatura!

Ela chovia em mim, em cada gesto, pensamento, desejo, sono, e o resto.

Era chuva fininha e chuva grossa, Matinal e noturna, ativa... Nossa!

ANDRADE, C. D. Viola de bolso.
Rio de Janeiro: José Olympio, 1952 (fragmento).

Considerando-se a exploração das palavras “maria” e “chuvosíssima” no poema, conclui-se que tal recurso expressivo é um(a)

- a) registro social típico de variedades regionais.
- b) variante particular presente na oralidade.
- c) inovação lexical singularizante da linguagem literária.
- d) marca de informalidade característica do texto literário.
- e) traço linguístico exclusivo da linguagem poética.

13. Fuvest-SP (Adapt.)

Para Pirandello, o cômico nasce de uma “percepção do contrário”, como no famoso exemplo de uma velha já decrépita que se cobre de maquiagem, veste-se como uma moça e pinta os cabelos. Ao se perceber que aquela senhora velha é o oposto do que uma respeitável velha senhora deveria ser, produz-se o riso, que nasce da ruptura das expectativas, mas sobretudo do sentimento de superioridade. A “percepção do contrário” pode, porém, transformar-se num “sentimento do contrário” - quando aquele que ri procura entender as razões pelas quais a velha se mascara, na ilusão de reconquistar a juventude perdida. Nesse passo, a velha da anedota não mais está distante do sujeito que percebe, porque este pensa que também poderia estar no lugar da velha - e seu riso

se mistura com a compreensão piedosa e se transforma num sorriso. Para passar da atitude cômica para a atitude humorística, é preciso renunciar ao distanciamento e ao sentimento de superioridade.

Adaptado de Elias Thomé Saliba, “Raízes do riso”.

Considerando o que o texto conceitua, explique brevemente qual a diferença essencial entre a “percepção do contrário” e o “sentimento do contrário”.

14. Unicamp-SP 2018

Em maio deste ano, uma festa do 3º ano do Ensino Médio de uma escola do Rio Grande do Sul propôs aos alunos que se preparavam para o vestibular uma atividade chamada “Se nada der certo”. O objetivo era “trabalhar o cenário de não aprovação no vestibular”, e como “lidar melhor com essa fase”. Os alunos compareceram à festa “fantasiados” de faxineiros, garis, domésticas, agricultores, entre outras profissões consideradas de pessoas “fracassadas”. O evento teve repercussão nacional e acirrou o debate sobre a meritocracia. Para Luis Felipe Miguel, professor de ciência política, “o tom de chacota da festa-recreio era óbvio”, e teria sido mais interessante “discutir como se constrói a hierarquia que define algumas ocupações como subalternas e outras como superiores; discutir como alguns podem desprezar os saberes incorporados nas práticas dessas profissões (subalternas apenas porque contam com quem as faça por eles); discutir como o que realmente ‘deu certo’ para eles foi a loteria do nascimento, que, na nossa sociedade, determina a parte do leão das trajetórias individuais”.

(Adaptado de Fernanda Valente, Dia do ‘se nada der certo’ acende debate sobre meritocracia e privilégio. *Carta Capital*, 06/06/2017. Disponível em <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/06/06/dia-do-se-nada-der-certo-acende-debate-sobre-meritocracia-e-privilegio/>. Acessado em 08/06/2017.)

As alternativas a seguir reproduzem trechos de uma entrevista do professor Sidney Chalhoub (Unicamp e Harvard) sobre o mito da meritocracia.

(Manuel Alves Filho, A meritocracia é um mito que alimenta as desigualdades, diz Sidney Chalhoub. *Jornal da Unicamp*, 07/06/2017.)

Assinale aquela que dialoga diretamente com a notícia acima.

- a) É preciso promover a inclusão “e fazer com que o conhecimento que essas pessoas trarão à Universidade seja reconhecido e disseminado”.
- b) Com a adesão da Unicamp ao sistema de cotas, um “novo contingente de alunos colocará em cheque vários hábitos da universidade”.
- c) “As melhores universidades do mundo (que servem de referência) adotam a diversidade no ingresso dos estudantes há bastante tempo”.
- d) “O ideal seria que todos aqueles que tivessem condições intelectuais e interesse em entrar na universidade obtivessem uma vaga”.

15. Enem 2021

Texto 1

O mito da estiagem em São Paulo

Os estoques de água doce são inesgotáveis, na medida em que são alimentados principalmente pelos oceanos, infinitos via evaporação e precipitação, ou seja, pelo ciclo hidrológico, que depende de forças físicas as quais o homem nunca poderá interromper. Enquanto existirem, o ciclo funcionará e os estoques de água doce nos continentes serão repostos indefinidamente. Obviamente que a água não se distribui equitativamente pelo planeta. Há regiões com muita água, normalmente na zona tropical, na qual a evaporação é maior, e regiões áridas, onde, por razões específicas da dinâmica climática, as taxas de evaporação são maiores do que a precipitação, gerando déficit de reposição de estoques de água doce.

Disponível em: www.cartanaescola.com.br Acesso em: 17 jan. 2015 (adaptado).

Texto 2

O processo de sedimentação no fundo do lago de um reservatório é um processo lento. Os sedimentos vão formando argila, que é uma rocha impermeável. Então, a água daquele lago não vai alimentar os aquíferos. Mesmo tendo muita quantidade de água superficial, ela não consegue penetrar no solo para alimentar os aquíferos. Se não for usada no consumo, ela vai simplesmente evaporar e vai cair em outro lugar, levada pelas correntes aéreas. Isso é outro motivo pelo qual os aquíferos não conseguem recuperar seu nível, porque não recebem água.

Disponível em: www.jornalopcao.com.br. Acesso em: 17 jan. 2015 (adaptado).

Os textos 1 e 2 abordam a situação dos reservatórios de água doce do planeta. Entretanto, a divergência entre eles está na ideia de que é possível

- a) manter os estoques de água doce.
- b) utilizar a água superficial para o consumo.
- c) repor os estoques de água doce em regiões áridas.
- d) reduzir as taxas de precipitação e evaporação da água.
- e) equalizar a distribuição de água doce nas diferentes regiões.

16. UERJ 2017

Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido. De fato, se desejamos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazemos vê-lo: a globalização como fábula. O segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade. E o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização.

Este mundo globalizado, visto como fábula, constrói como verdade um certo número de fantasias. Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. É como se o mundo houvesse se tornado, para todos, ao alcance da mão. Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. O mundo se torna menos unido, tornando também mais distante o sonho de uma cidadania de fato universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado.

Na verdade, para a maior parte da humanidade, a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal.

Todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa de que falamos acima. Mas essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos.

MILTON SANTOS

Adaptado de Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2004.

No primeiro parágrafo, o autor apresenta uma caracterização negativa do mundo atual, ao mesmo tempo que propõe um procedimento de análise desse contexto que permitiria superá-lo. Esse procedimento de análise está explicado em:

- a) contestação de práticas históricas que geram injustiças sociais
- b) simulação de cenários futuros que possibilitem novas relações humanas
- c) formulação de conceitos gerais que simplifiquem uma tese controversa
- d) delimitação de aspectos distintos que compõem um problema complexo



Textos para responder às questões **1** e **2**.

Texto 1

A Roda de Capoeira — inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão, em 2008 — é um elemento estruturante de uma manifestação cultural, espaço e tempo, onde se expressam simultaneamente o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana — notadamente banto — recriados no Brasil. Profundamente ritualizada, a roda de capoeira congrega cantigas e movimentos que expressam uma visão de mundo, uma hierarquia e um código de ética que são compartilhados pelo grupo. Na roda de capoeira se batizam os iniciantes, se formam e se consagram os grandes mestres, se transmitem e se reiteram práticas e valores afro-brasileiros.

O registro da Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira tem amplitude nacional e foi realizado com base nas pesquisas desenvolvidas, durante a fase de inventário, nos estados da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. A capoeira é uma manifestação cultural presente hoje em todo o território brasileiro e em mais de 150 países, com variações regionais e locais criadas a partir de suas “modalidades” mais conhecidas: as chamadas “capoeira angola” e “capoeira regional”. O conhecimento produzido para instrução do processo permitiu identificar os principais aspectos que constituem a capoeira como prática cultural desenvolvida no Brasil: o saber transmitido pelos mestres formados na tradição da capoeira e como tal reconhecidos por seus pares; e a roda onde a capoeira reúne todos os seus elementos e se realiza de modo pleno.

[...]

IPHAN. Roda de Capoeira. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Brasília, s.d. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66>. Acesso em: 15 jan. 2022.

Texto 2



Reprodução

Besouro, de João Daniel Tikhomiroff. Brasil, 2009. 1h 34min, 14 anos.

1. Considerando o trecho do artigo publicado pelo IPHAN e a capa do filme *Besouro*, que narra a história do capoeirista Besouro Mangangá, na década de 1920, na Bahia, no contexto em que negros continuavam sendo tratados como escravizados, apesar da abolição da escravidão em 1888, é incorreto afirmar que:
 - a) a capoeira é um elemento comum entre os dois textos.
 - b) a capoeira é uma herança dos negros escravizados no Brasil.
 - c) a capa do filme não traz uma metáfora entre o capoeirista e o animal.
 - d) a capoeira é uma mescla de canto, toque de instrumentos, dança, golpes, jogo, brincadeira, símbolos e rituais.
 - e) a capoeira carrega práticas e valores afro-brasileiros.

2. Ainda segundo os dois textos multissemióticos, é possível afirmar corretamente que:
 - a) a capoeira se manifesta apenas em território nacional.
 - b) o artigo menciona três modalidades de capoeira.
 - c) o saber da capoeira não é transmitido pelos mestre formados.
 - d) a imagem de fundo da capa do filme faz alusão a um inseto.
 - e) há uma roda de capoeira na capa do filme.

Leia o seguinte trecho do *Estatuto do Idoso*, previsto pela lei Nº 10.741/2003, para responder à questão 3.

TÍTULO I

Disposições Preliminares

Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

§ 1º A garantia de prioridade compreende:

I — atendimento preferencial imediato e individualizado junto aos órgãos públicos e privados prestadores de serviços à população;

II — preferência na formulação e na execução de políticas sociais públicas específicas;

[...]

BRASIL. *Estatuto do idoso*. Brasília, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.
Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 15. Jan. 2022.

3. Da leitura é correto afirmar que:
 - I. O texto não apresenta uma hierarquia clara.
 - II. O estatuto é um documento legal de âmbito nacional, publicado em 2003, que define direitos e deveres de pessoas maiores de 60 anos.
 - III. O texto normativo apresenta recursos linguísticos jurídicos, como o uso de mesóclise e de numeral ordinal.
 - IV. O símbolo “§” indica o parágrafo, enquanto os algarismos romanos indicam os incisos.
 - a) F – F – V – F.
 - b) F – V – V – V.
 - c) V – V – F – V.
 - d) V – V – F – V.
 - e) V – F – V – V.

Frente Única

Capítulo 5 - Relações de sentido textual

Revisando

1. a) O sentido implícito na manchete é que ao final do mês haverá um novo recorde de mortes, uma vez que os números já atingiram o maior patamar (recorde) em alguns estados. Outra informação implícita é que o período de referência para a finalização dos dados é o mês, e o advérbio de tempo “antes” auxilia na delimitação do período de tempo, enquanto o advérbio “já” atribui à manchete o sentido de mudança no cenário.
 - b) Na manchete, os sentidos implícitos em questão são pressupostos, uma vez que se trata de sentidos gerados na própria sentença (expressos por advérbios de tempo) e, por isso, não é possível negá-los.
2. A frase “Vamos combinar?” apresenta ambiguidade semântica, uma vez que, no contexto em que está sendo utilizada, propositalmente tem mais de um sentido. Em uma primeira leitura, apoiando-se também nas informações trazidas pela imagem, a frase “Vamos combinar?” pode sugerir uma proposta com o intuito de estreitamento da relação entre duas pessoas, que combinam gostos e que têm admiração mútua, dando a entender (pelas mãos dadas) que há a possibilidade de uma relação mais próxima. Em outro plano, o do propósito final da campanha, a frase remete aos diversos métodos de prevenção oferecidos pelo SUS, que, “combinados”, proporcionam mais segurança na prevenção do vírus HIV.
3. D
4. 3 – 1 – 3 – 2 – 3 – 2 – 1 – 2 – 3 – 1 – 2 – 1
5. a) As construções apresentam ambiguidade semântica.
Na manchete I, a preposição “em” acompanhada do substantivo “casa” gera dúvidas com relação ao sujeito da frase. Portanto, temos duas possibilidades de interpretação: 1. A polícia estava em uma casa localizada no Capão Redondo quando efetuou a prisão do suspeito de guardar droga. 2. A droga foi apreendida em uma casa localizada no Capão Redondo.
Na manchete II, devido ao advérbio de lugar dentro, que acrescenta uma circunstância à locução verbal “é preso”, pode-se interpretar que: 1. O suspeito foi aprisionado no interior do fórum. 2. A prisão do suspeito foi efetuada naquele local (e, posteriormente, será levado para a prisão).
Na manchete III, candidatura tem Marina e o PSB como referentes; assim, há duas interpretações possíveis: 1. Marina sinalizou positivamente para que seja encaminhada a candidatura apoiada pelo PSB. 2. A candidatura de Marina foi encaminhada pelo PSB.
Na manchete IV, a segunda utilização da preposição “em” causa dúvida com relação a quem estava no ato pró-democracia, os manifestantes ou a polícia.
- b) Apesar de os textos serem, de fato, ambíguos, possivelmente os veículos de imprensa que os divulgaram entenderam que o contexto (interno e/ou externo ao texto) garantiria o entendimento das informações. Por exemplo: na segunda manchete, é do conhecimento de todos que o fórum é o local onde os processos são julgados e não onde a pena é cumprida. No caso da terceira manchete, durante a corrida eleitoral à época, era do conhecimento de todos que Marina Silva era a vice na chapa que concorria às eleições presidenciais do ano de 2014; logo, seria a única opção do partido PSB para concorrer às eleições após a morte do candidato Eduardo Campos.
6. I. Suspeito de guardar droga em uma casa localizada no Capão Redondo é preso pela polícia.

- II. Suspeito de matar jovem é preso ao comparecer em fórum no Piauí.
- III. Marina dá seu aval e deve ser candidata pelo PSB.
- IV. SP: Manifestantes em ato pró-democracia entram em confronto com a polícia.

7. E
8. C
9. C
10. A

Exercícios propostos

1. B
2. E
3. D
4. D
5. D
6. C
7. E
8. B
9. E
10. D
11. A
12. C
13. C
14. C
15. A
16. C
17. D
18. B
19. C
20. C
21. E
22. C
23. B
24. C
25. C
26. B
27. D
28. D
29. D
30. B
31. E
32. D

Exercícios complementares

1. E
2. A
3. A definição do verbo lisonjear, que, segundo o dicionário *Houaiss*, significa “enaltecer com exagero, visando à obtenção de favores” resume o comportamento de Clemente Soares, como pode ser percebido na sua atitude em diversas passagens do texto. Na linguagem atual, como a reproduzida pela tirinha, por exemplo, Clemente poderia ser descrito como um “puxa-saco”.
4. O uso da forma verbal “soube” sugere que o comportamento de Carlotinha era premeditado, ou seja, que ela tratou de modificar

- seu comportamento conforme a situação, encenando o papel de esposa dedicada diante da doença do marido. Caso o autor optasse pela forma “mostrou-se esposa dedicada”, não haveria uma sugestão implícita de encenação; em vez disso, sugeriria um comportamento espontâneo e solidário à condição do marido.
5. Para o narrador, destino “é o nome que se dá à tolice dos homens ou ao concurso das circunstâncias”. Portanto, para ele, os acontecimentos da vida não se devem a alguma força superior que transcende a lógica racional, mas sim às ações humanas e suas consequências e ao produto do acaso.
 6. No segundo quadrinho, o aluno não percebeu que a fala endeçada a ele é uma demonstração da principal característica do “puxa-saco”, ou seja, uma atitude exagerada com a intenção de bajular: “Um aluno como você faz a glória de qualquer professor!”.
 7. B
 8. Sugestão de resposta: Deus me livre compartilhar minhas ideias com você e ouvir as suas...
 9. C
 10. a) O pronome “você” refere-se à professora, em um uso típico da língua coloquial.
 - b) Na fala da professora fica pressuposto um preconceito em relação às empregadas do lar, pois na situação é possível inferir que, se ela fosse uma empregada, a frase do aluno seria justificável.
 11. E
 12. O termo só confere ambiguidade ao título do poema, pois pode pertencer a duas classes gramaticais: adjetivo, com o sentido de “sozinho”, solitário; e advérbio, com o sentido de “somente”.
 13. a) Alguns sentidos da palavra bexiga: órgão reservatório de urina; balão de borracha colorida que se costuma encher de ar; varíola (doença viral) ou a marca por ela deixada.
 - b) Em “subiu 3.350 metros amarrado a 600 balões” a ambiguidade é desfeita, pois fica clara a menção a “balões de ar”.
 - c) Sugestão de resposta: voo em balões.
 14. B
 15. D
 16. a) A representação se refere à expressão “pai dos burros” que é associada aos dicionários. Trata-se de uma representação inadequada, uma vez que utiliza a palavra “burro” de modo pejorativo para estigmatizar pessoas que supostamente carecem de inteligência. Além disso, os dicionários são uma ferramenta que auxilia no conhecimento do sentido das palavras, não estando diretamente relacionados ao aumento ou diminuição da inteligência.
 - b) O humor nasce da ambiguidade de “pra burro”, que nesse contexto funciona como adjunto adverbial de intensidade (muito bom) ou como complemento nominal de “bom”, remetendo, então à expressão “pai dos burros” (bom para quem precisa de dicionário).
 17. No contexto do *slogan*, um dos sentidos da palavra impressão está relacionado à qualidade do trabalho executado pela empresa (no caso, a impressão gráfica); outro sentido está relacionado ao efeito positivo que o material causará no cliente.
 18. a) “[...] porém outras vezes a natureza mostrava-se carrancuda”.
 - b) Figurativamente, a expressão “mau tempo” indica eventuais dificuldades ou adversidades por quaisquer motivos. Literalmente, a expressão “mau tempo” refere-se às condições climáticas.
 19. A
 20. D
 21. E
 22. A
 23. C

24. O gato recebeu, em cima do muro, o aviso da presença do menino. O gato recebeu o aviso da presença do menino em cima do muro. A ambiguidade está presente na segunda alteração, pois “em cima do muro”, colocado no final da frase, tanto pode se referir à posição do gato quanto à posição do menino.
25. B
26. E
27. A passagem que poderia provocar ambiguidade nesse caso é “Quando ele acordar amanhã vai encontrar o cavaliño dentro do sapato dele”. Com o emprego do pronome “seu”, poderia referir-se tanto ao filho de Leduína quanto ao personagem Alonso.
28. Para desfazer a ambiguidade, o advérbio “somente” não deve referir-se ao verbo “aceitar”, mas ao adjunto “funcionário do banco”. Assim, a sentença poderia ser corrigida deste modo: Em caso de dúvida, aceite ajuda somente de funcionário do banco.
29. Uma mulher grávida não encontra um remédio, por ser caro, nos centros de distribuição de São Paulo – este sentido é compatível com o conteúdo da matéria. O outro sentido possível, pela construção da sentença, seria: uma mulher grávida não encontra remédio caro em São Paulo, apenas remédio barato.
30. E
31. C
32. a) O terceiro quadrinho lança luz sobre o que nos dois quadrinhos anteriores era representado apenas pelo fundo escuro e pela palavra “PROTOCOLO” repetida várias vezes, possibilitando a identificação do caráter onomatopaico do termo que reproduz o som do cavalgar de cavalos. Essa revelação é irônica no sentido de que mostra ao leitor que a realidade pode não ser o que aparenta.
- b) A última fala da tirinha reproduz certos tipos de mensagem impessoais e protocolares muitas vezes proferidas por sistemas de atendimento eletrônico. Assim, o efeito do texto é dado pela relação das informações verbais e não verbais, retratando que, diante dessas ocasiões, muitas vezes o ouvinte fica “às escuras”, com pouca percepção acerca de quem está do outro lado ou das falas “automáticas” que nem sempre coincidem com as necessidades do interlocutor.

BNCC em foco

1. Soma: 01 + 08 + 32 = 41
2. A
3. A notícia de 2017 é de que o Presidente da República Portuguesa Marcelo Rebelo de Sousa (1948-) concedeu postumamente naquela data, por proposta do primeiro-ministro, o antigo dirigente do Bloco de Esquerda Miguel Portas (1958-2012) com a grã-cruz da Ordem da Liberdade no dia do aniversário deste, passados cinco anos da sua morte. Para eliminar a ambiguidade sintática, criada estruturalmente sem a intenção do enunciador por meio de uma imprecisão pronominal originada no pronome possessivo “seu” posposto a dois substantivos – “Marcelo” e “Miguel Portas” –, é possível usar sinônimos, como em “Marcelo condecora o aniversariante Miguel Portas”; também se pode utilizar pronomes demonstrativos, como em “Marcelo condecora Miguel Portas no dia do aniversário deste”; ou ainda é possível fazer pequenas mudanças no texto, como em “Marcelo condecora Miguel Portas, o qual faria aniversário”.

Capítulo 6 - Relações de intertextualidade

Revisando

1. F; F; V; V; F; F
2. a) Para defender seu ponto de vista, o autor utiliza diversas citações em uma relação de intertextualidade explícita.

- b) Citações explícitas são comuns em teses e dissertações acadêmicas, pois auxiliam o autor a embasar seu ponto de vista, fornecendo dados, argumentos, esclarecendo ou ilustrando um assunto e situando o leitor no contexto teórico do trabalho
3. A intertextualidade pode ser observada em alguns versos. Entre eles: "Chora, meu filho, chora" " A vida é luta renhida".
4. a) Hemingway faz uma alusão ao texto do poeta inglês no título de sua obra, estabelecendo uma relação de intertextualidade implícita. O fragmento referenciado não é apresentado diretamente ao leitor e, por isso, espera-se um repertório cultural que o permita compreender completamente a mensagem transmitida e sua relação com a obra.
- b) Para total compreensão do sentido do título, o leitor deve não apenas conhecer o texto de Donne, mas também ter informações sobre a comunicação através de sinos, descrita no texto I. Esse costume ainda pode ser visto em alguns bairros ou em pequenas cidades, mas, com o crescimento dos centros urbanos, a prática foi perdendo significado, o que a tornou desconhecida para muitas pessoas. Além disso, é necessário compreender o significado do verbo "dobrar", que nesse contexto significa "soar".
5. a) Para configurar uma relação explícita de intertextualidade, falta uma referência direta ao autor da obra à qual a frase-título faz referência, como é característico no recurso de epígrafe.
- b) O texto de John Donne, cujo fragmento foi utilizado para compor o título da obra de Hemingway, expressa o sentimento de humanidade que faz com que cada ser humano se reconheça no próximo, valorizando a existência e a importância de seus iguais. Essa manifestação de solidariedade contrapõe-se à violência, individualidade, ganância e outras questões que marcam o mundo moderno. Já a obra de Hemingway se passa em um período de violência extrema, durante o conflito travado entre as forças republicanas e o governo franquista na Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Nesse contexto de guerra, em que seres humanos lutam contra seus iguais, essa contraposição fica bastante evidente, o que nos permite fazer um paralelo entre as reflexões propostas pelos dois autores.
6. E
7. E
8. A
9. B
10. E

Exercícios propostos

1. B
2. E
3. E
4. E
5. C
6. C
7. E
8. D
9. A
10. A
11. A
12. B
13. A
14. E
15. B
16. B
17. E

18. D
19. C
20. E
21. C
22. D
23. E
24. D

Exercícios complementares

1. A infância idealizada e retratada de forma saudosista, como o momento da felicidade perdida, é um tema que foi bastante abordado nas obras do Romantismo, como no poema de Casemiro de Abreu, poeta da segunda geração. Já o texto de Carolina foi retirado da obra-diário *Quarto de Despejo* (1960), a qual retrata as memórias de uma moradora da favela do Canindé que apresenta uma visão crítica da infância, sob a ótica da marginalidade socioeconômica. À época, no final da década de 1950, diversos expoentes do Modernismo (terceira geração) e do Realismo já não aceitavam essa visão romântica da infância.
2. C
3. A
4. B
5. B
6. B
7. C
8. C
9. A voz narrativa se utiliza da intertextualidade com o Antigo Testamento. Essa alusão com a passagem bíblica tem como propósito equiparar o sofrimento de Francisco Theodoro com o da personagem Jó, um homem rico que teve a sua fé testada, em uma tentativa de engrandecer, ou enobrecer, esse sentimento.
10. a) Nhô Augusto considera Joãozinho Bem-Bem um ente próximo, um irmão. No entanto, ansioso por garantir sua redenção em um lugar no céu, Nhô Augusto não permite que seu pai Bem-Bem vingue a morte de um de seus capangas.
- b) "o Homem do Jumento" é uma referência religiosa, tanto a José e Maria que, ao fugirem do destino, acabam por cumpri-lo quanto a Jesus Cristo, isto é, aquele que se martiriza por um propósito.
11. E
12. D
13. No trecho do texto de Monteiro Lobato, a Carochinha – uma conhecida personagem dos contos infantis, cuja história é bastante adaptada (associada a uma baratinha que queria se casar e também a uma contadora de histórias) – cita personagens de várias histórias consagradas que passam a ter uma história diferente daquelas que lhes deram origem.
14. C
15. C
16. D
17. C
18. A
19. a) Na relação de sentido entre a imagem e o artigo do código penal, as palavras "analogia" e "análoga" significam "semelhante a" e transmitem a ideia de que o trabalho escravo continua tal qual era antes de 1888, quando foi abolida a escravidão; ou seja, nos dias de hoje muitos trabalhadores ainda são submetidos às mesmas condições de cárcere, castigos físicos, direitos cerceados, entre outros abusos.
- b) Em uma interpretação possível, o fundo preto da imagem faz referência à escravidão da população africana que foi trazida para o Brasil, corroborando a ideia transmitida pelo texto do anúncio, que, como discutido na questão anterior, confirma essa intenção.

- 20. B
- 21. D
- 22. D
- 23. A
- 24. E

BNCC em foco

1. O texto I apresenta um trecho do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, em que se narra a alegoria das tribos famintas, cuja conclusão é “Ao vencedor, as batatas!”. Trata-se de uma luta entre duas tribos em que apenas uma é vitoriosa, ganhando as batatas como recompensa, já que, se as batatas fossem divididas entre elas, é possível que ambas morressem de fome; então, a proposta que traz a alegoria é garantir que ao menos uma tribo sobreviva. O texto II, ao trazer o lema “Ao vencedor, as batatas!” no título de um artigo de divulgação científica, sobre como dois problemas envolvendo batatas estimulam o raciocínio matemático, estabelece a alusão como uma relação implícita de intertextualidade, uma vez que faz uma menção indireta a uma ideia retirada de outro lugar, como é o caso do romance *Quincas Borba*.
2. O trecho do artigo de divulgação científica “Ao vencedor, as batatas!” utiliza no título uma alusão à alegoria presente no romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis. A escolha de se referir a batatas para apresentar dois problemas que estimulem o raciocínio matemático “tanto geométrico quanto algébrico”, conforme menciona Marcos Moricone no artigo, como exemplos de curva e peso, vem do fato de que é necessário utilizar linguagem simples e analogias com assuntos do dia a dia (como o querido tubérculo) para que questões abstratas da matemática se tornem concretas.
3. D

Capítulo 7 - Variação linguística

Revisando

1. A cultura de um povo está fortemente associada com o modo como esse povo se comunica. Em um país tão vasto quanto o Brasil, de proporções continentais, naturalmente as diferentes regiões possuem suas particularidades históricas e étnicas que impactaram os hábitos linguísticos das suas comunidades. Além disso, o isolamento geográfico e os fluxos migratórios próprios de cada região contribuem nesse processo.
2. O uso culto está presente na frase “os fins justificam os meios”; o uso coloquial está presente no diálogo que a antecede.
3. a) Trata-se de uma gíria que significa: fazer algo repentinamente ou espontaneamente por sua própria interpretação, tomar uma atitude dirigida pelos próprios interesses, sem medir consequências, ou sem um propósito definido.
b) As gírias são mecanismos de oralidade da esfera lexical.
c) Não. Publicações, especialmente as com essas temáticas, costumam utilizar a norma-padrão; portanto, não seria adequada a utilização de uma gíria em tal contexto. Já no meme, há maior liberdade para transitar entre as duas formas – no exemplo, o efeito humorístico é produzido justamente pelo contraste entre os dois usos da linguagem.
4. Sugestão de resposta: Às vezes, é preciso tomar uma atitude imediata. / Nicolau, não é possível escrever dessa forma. / Escreva: “os fins justificam os meios”.
5. I. Essa forma é bastante comum na dinâmica oral, pois, ao proferir a sentença, os falantes têm em mente o signo linguístico “pão na chapa” e não a palavra flexionada; assim, cria-se uma construção do plural que prejudica a concordância de número.
II. Na frase, o verbo “passar” foi utilizado no tempo passado para criar um efeito de otimismo e confiança em relação ao bom desempenho na prova.

- III. Apesar de a palavra “gente” designar um conjunto de pessoas, é um termo no singular; portanto, o verbo deveria estar flexionado na 3ª pessoa do singular.
 - IV. Na frase foi utilizado um verbo no tempo presente para marcar uma ação do passado. A opção gera um efeito de dinamismo e constância do acontecimento, como se a ação estivesse acontecendo naquele momento.
6. I. Dois pães preparados na chapa, por favor, sr. Olegário.
II. Depois do bom desempenho no simulado, Léo foi confiante fazer a prova.
III. Ao chegar no local, iremos diretamente para a fila do bondinho que nos levará ao monumento do Cristo.
IV. Pela segunda vez esta semana, Marília faltou à aula.
 7. Em situações que envolvem a comunicação oral.
 8. A palavra “ok”, proveniente da língua inglesa, é frequentemente usada em substituição ao “sim”, com função de confirmação e de manutenção do canal de comunicação. Trata-se de um fenômeno de estrangeirismo – mecanismo de oralidade da esfera lexical.
 9. “Oxente” é uma variante regional do Nordeste do país, ou seja, uma particularidade lexical de uma determinada comunidade linguística, e é utilizada em situações de oralidade. A origem desse vocábulo, assim como sua redução “oxe”, está associada a uma variação histórica, como explicou a etnolinguísta.
 10. A redução que deu origem ao termo “oxe” é decorrente de uma transformação na esfera sonora, ou seja, sons da palavra original “oxente” foram suprimidos para dinamizar a pronúncia.
 11. Não. Como vimos no capítulo, uma das questões centrais do preconceito linguístico é o viés social, que se manifesta na discriminação da forma como determinados grupos se comunicam. No caso do debate em torno da fala do escritor, o viés social não está em questão. Ele expressa sua preocupação em relação aos estrangeirismos presentes no nosso cotidiano, especialmente na modalidade oral. Apesar do conservadorismo do comentário no que se refere à língua, seu objetivo principal foi valorizar a cultura brasileira, defendendo uma expressão que está fortemente associada à sua comunidade linguística, em oposição a outra que é imposta pela influência que a língua inglesa exerce atualmente.

Exercícios propostos

1. A
2. D
3. B
4. B
5. Soma: $02 + 08 + 16 + 32 = 58$
6. A
7. E
8. C
9. C
10. E
11. C
12. B
13. B
14. D
15. A
16. C
17. D
18. A
19. B
20. E
21. C
22. C
23. E

Exercícios complementares

1. E
2. D
3. C
4. D
5. O termo “ladrãozeco” foi constituído por derivação sufixal: o sufixo “-eco” foi acrescentado à palavra-base “ladrão”. Esse sufixo expressa grau diminutivo, portanto, causa efeito depreciativo ao vocábulo.
6. a) Na formação da palavra em questão, utiliza-se o processo de derivação sufixal. No caso, o sufixo é –(t)ivo, que tem a função de criar um adjetivo a partir de um verbo. Além disso, o acréscimo desse sufixo implica um acréscimo de significado: um ato/evento “esculhambativo” teria a função de esculhambatar algo ou alguém, destacando o caráter de ação.
- b) Na expressão “evento esculhambado”, a ideia principal é a de um evento desorganizado. No texto, a expressão “evento esculhambativo”, que se refere à Marcha com Deus e o Diabo na Terra do Sol, constrói a ideia de uma ação direcionada de ridicularização, de desmoralização, de zombaria do outro evento, a Marcha da Família com Deus pela Liberdade.
7. D
8. A
9. B
10. C
11. B
12. B
13. A
14. B
15. D
16. A
17. a) As expressões “pato-mergulhão” e “morfologia da semente da laurácea” exemplificam o “biologuês” mencionado no texto.
- b) A expressão “dar nome aos bois” significa, neste texto, “identificar”, “nomear”.
18. E
19. A
20. D
21. A
22. C
23. Soma: $02 + 16 = 18$
24. Soma: $01 + 02 + 08 = 11$

BNCC em foco

1. D
2. A nova frase, sem as marcas de coloquialidade, poderia ser: “Há um verso do Drummond que diz: ‘A madureza, esta horrível prenda...’. Não sei, Clarice, (nós) ficamos mais capazes, mas também mais exigentes”.
3. Considerando que a língua portuguesa é falada em diferentes países, pode apresentar variação geográfica, uma vez que varia no espaço por meio de vocábulos e expressões diferentes, que refletem uma geografia e uma cultura peculiares, seja de região para região de um mesmo país, seja de país para país. Como a língua é viva e também varia de acordo com o tempo, o grupo social e a situação, pode-se afirmar que também é possível apresentar as variantes histórica, social e situacional entre os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Capítulo 8 - Tipos de questões

Revisando

1. C
2. E
3. B
4. No ensino domiciliar, os principais mediadores do processo de ensino-aprendizagem são os familiares, e essa modalidade consiste em oferecer em casa a educação que a criança teria na escola seguindo rotinas e metodologias específicas para ela. Segundo os apoiadores desse tipo de ensino, o método foca o estudante, baseando-se no ritmo individual e na aprendizagem gradual da criança.
Espera-se que a resposta contemple a crítica da charge, que evidencia a inviabilidade da aplicação desse modelo de ensino às crianças de baixa renda, já que muitas vezes os pais dessas crianças também não reúnem condições mínimas para auxiliar na aprendizagem formal do estudante, que precisa aprender, na prática e nas ruas, as noções mínimas de matemática, como mostra a charge. É possível abordar ainda, como complemento, a exploração do trabalho infantil como forma de “ensinar” a criança desde cedo.
5. A
6. C
7. B
8. C
9. C
10. D

Exercícios propostos

1. B
2. A
3. C
4. E
5. D
6. B
7. D
8. C
9. A
10. E
11. B
12. C
13. D
14. A
15. C
16. B

Exercícios complementares

1. B
2. B
3. No texto, o autor retifica o que se entende por “morte natural”, uma vez que o desenvolvimento de seu raciocínio contrapõe o sentido usualmente empregado nessa expressão. Essa contraposição pode ser percebida a partir dos dois últimos períodos do primeiro parágrafo, pois neles Montaigne postula a ideia de que é pouco usual uma pessoa falecer devido à idade avançada, sendo muito mais comum “quebrar a cabeça numa queda, afogar-se em algum naufrágio, morrer de peste ou de pleurisia”. Além disso, o autor defende, no último parágrafo do texto, a noção de que a morte por velhice, por ser extraordinária, não deve

ser entendida como natural, mas como uma exceção. Dessa forma, é possível observar uma contraposição a essa expressão comumente aceita e difundida.

4. A expressão clichê “Não são todos que podem ter aquele clichê do computador com a estante de livros bonita atrás” faz referência, literalmente, a um cenário físico muito comum nas transmissões *on-line* diante do isolamento social. Contudo, deve-se também compreender a mesma expressão pelo sentido figurado, como uma crítica ao fato de que “computador” e “estante bonita de livros atrás” são privilégios de um grupo específico, o qual possui ferramentas que proporcionam aprendizagem de qualidade.
5. A expressão “cortando as asas antes do voo” articula, no texto, uma imagem figurada de uma advertência. Isso ocorre porque o autor da sentença original (sem as vírgulas) sente-se no direito de se queixar da correção imposta, sendo que, de acordo com a norma-padrão, a alteração era necessária. Assim, o editor responsável pela mudança passa a se encontrar em uma posição de exortação bem-humorada, visto que havia respaldo gramatical para a alteração, o que comprovava, portanto, que as queixas feitas pelo autor eram im procedentes.
6. De acordo com texto, Certeau associa a ideia de gambiarra às ações políticas a partir da dicotomia entre “estratégias” e “táticas”. Essa associação é criada porque, segundo ele, há apenas um grupo que dispõe de poder político para estabelecer regras sociais e impô-las aos cidadãos, enquanto estes se articulam para

obedecê-las ao mesmo tempo em que buscam por modos eficientes de subvertê-las. Para o historiador e teólogo francês, portanto, esse processo de subversão deve ser considerado uma gambiarra porque envolve uma capacidade inventiva da população.

7. B
8. C
9. C
10. C
11. B
12. C
13. A “percepção do contrário” consiste em reconhecer uma situação oposta às expectativas; já o “sentimento do contrário” vai além, uma vez que permite entender os motivos que levaram à situação oposta.
14. A
15. A
16. D

BNCC em foco

1. C
2. D
3. B